

Maria da Conceição Fonseca Silva

**Os discursos do cuidado de si e
da sexualidade em *Claudia, Nova e Playboy***

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Maria da Conceição Fonseca Silva

**Os discursos do cuidado de si e
da sexualidade em *Claudia, Nova e Playboy***

Tese apresentada à Banca Examinadora
do Departamento de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas,
como requisito para obtenção do título de
Doutora em Lingüística, na área de
Análise do Discurso.

Orientador: *Prof. Dr. Sírrio Possenti*

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

2003

05000400690

UNIDADE	<u>BC</u>
Nº CHAMADA	<u>Si38d</u>
V	EX
TOMBO BC	<u>56866</u>
PROC	<u>16/117109</u>
C ☐	D ☒
PREÇO	<u>24,00</u>
DATA	<u>20/09/09</u>
Nº CPD	

CM00193899-1

Bib id 308427

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Si39d

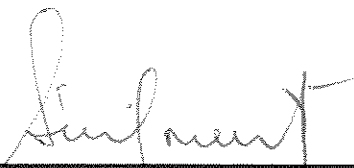
Silva, Maria da Conceição Fonseca

Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em *Claudia, Nova e Playboy* / Maria da Conceição Fonseca. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador: Sirio Possenti

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Sujeito 3. Subjetividade. 4. Periódicos. 5. Sexualidade. I. Possenti, Sirio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sírío Possenti (UNICAMP)
(Orientador)

Profª Drª Maria do Rosário Valecinse Gregolin (UNESP)

Profª Drª Rosa Maria Bueno Fischer (UFRGS)

Profª Drª Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP)

Profª Drª Helena Nagamine Brandão (USP)

Profª Drª Mônica Zoppi-Fontana (UNICAMP)

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo (UNICAMP)

Profª Drª Cristina Vieira Teixeira de Melo (UFPB)

LOCAL E DATA DE DEFESA: Campinas, 22 de setembro de 2003.

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Maria de Conceição

Fonseca Silva

e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/11/2003.



*A meus pais, meus filhos e meu marido,
por tudo.*

A meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes e
o lance a outro; e de outros galos que
com muitos outros galos se cruzem.
Os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

(João Cabral de Melo Neto, *Tecendo a manhã*)

A minha gratidão

Ao Prof. Dr. Sírio Possenti, pela orientação, pelas leituras criteriosas e críticas e pelas discussões das quais resultou este trabalho.

Aos professores do IEL, pela contribuição na minha formação acadêmica.

Às professoras Dr^a M^a do Rosário Valecinse Gregolin e Dr^a Helena Nagamine Brandão, pelos comentários e sugestões no Exame de Qualificação.

Às Prof^{as}. Dr^a M^a do Rosário Valecinse Gregolin e Dr^a Helena Nagamine Brandão Prof^a Dr^a Rosa Maria Bueno Fischer, Dr^a Maria Irma Hadler Coudry, Dr^a Mônica Zoppi-Fontana, Dr^a Cristina Vieira Teixeira de Melo e ao Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo, pela participação na Banca Examinadora.

A meus pais, a meus filhos e a meu marido pela compreensão, pela cumplicidade e pelo carinho e apoio constantes nessa longa caminhada.

A meus irmãos e demais familiares, pela torcida.

A Adriana, Nirvana e Jorge Viana pelas lutas e esperanças, pelo carinho e apoio constantes nos momentos de euforia e de desespero dessa caminhada.

A Gil, Fer, Moniquinha e Be, pelo apoio e carinho nas horas difíceis.

A Cândida, pelo apoio e carinho nas horas finais deste trabalho.

A todos os amigos, pela torcida.

A Luiz, pelo empréstimo da sua coleção da revista *Playboy*.

Aos funcionários dos setores da Pós-Graduação, da Biblioteca e da Informática do IEL, pela boa vontade com a qual sempre me atenderam.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pela minha liberação para cursar o doutorado.

À CAPES, pela bolsa de estudos.

(...) a análise do discurso não vai revelar a universalidade de um sentido, mas trazer à luz do dia a raridade que é imposta, e com um poder fundamental de afirmação. Raridade e afirmação, raridade da afirmação – e de maneira nenhuma uma generosidade continua do sentido ou uma monarquia do significante.

(Michel Foucault, A ordem do discurso)

(...) todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (...) de deslocamento no seu espaço

(Michel Pêcheux, O discurso: estrutura ou acontecimento?)

SUMÁRIO

PARTE I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS	21
1 Começando a Discussão	23
PARTE II – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	35
2 Michel Foucault e a Constituição do Sujeito.....	37
3 Escola Francesa de Análise de Discurso: <i>Construção, Desconstruções e Reconfigurações</i>	91
PARTE III – <i>CLAUDIA, NOVA E PLAYBOY</i> : CONSTITUIÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO	135
4 <i>Claudia</i> : a revista amiga, a revista da mulher.....	137
5 <i>Nova</i> : a revista da nova mulher brasileira	181
6 <i>Playboy</i> : da revista <i>Homem</i> à revista <i>Playboy</i>	207
PARTE IV - O CORPO (RE)SIGNIFICADO: <i>BELEZA-SAÚDE E SEXUALIDADE</i>	233
7 Corpo, beleza, saúde: <i>do cuidado de si ao prazer de si</i>	235
8 Corpo e erotismo encenado: <i>feminilidade e masculinidade como espetáculo</i>	271
9 Corpo: <i>sexo incitado</i>	297
PARTE V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	325
10 Pausa	327
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	333
ÍNDICE REMISSIVO	347

RESUMO

Neste trabalho, discutimos, num primeiro momento, os postulados do quadro teórico construído por Michel Foucault para explicar a constituição do sujeito em sua relação com o saber-poder-ética e os postulados teóricos da Análise de Discurso, procurando mostrar a importância de Michel Foucault na construção, reconstrução e reconfiguração do quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux. Em seguida, mobilizamos postulados dos dois quadros teóricos mencionados, para tentar mostrar como a historicidade do processo de constituição de *Claudia*, *Nova e Playboy* se encontra inscrita no funcionamento discursivo de cada revista, definindo-as como diferentes lugares de dizer sobre as diferentes formas e práticas de si através das quais homem e mulher se constituem como sujeito moral. Por fim, considerando que o corpo funciona como materialidade simbólica de significação, analisamos materialidades lingüísticas e pictóricas das três revistas, a partir de postulados dos dois quadros teóricos, para comprovar que: a) os discursos do cuidado de si são efeitos do dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo, ligado à ordem tecnocientífica industrial; b) os discursos da feminilidade e da masculinidade como espetáculo estão ligados ao discurso do erotismo que visa tanto ao olhar heterossexual masculino quanto ao olhar heterossexual feminino; c) os discursos da sexualidade são efeitos da rede interdiscursiva ou heterogênea de poderes que produzem saberes sobre o sexo e atualiza a obrigação de o indivíduo fazer a confissão (completa e detalhada) dessa verdade, ou seja, das práticas através das quais se constitui como sujeito de desejo.

PALAVRAS-CHAVE

1-Análise de discurso; 2-sujeito; 3- subjetividade; 4-periódicos;
5- sexualidade

RESUMÉ

Dans ce travail, nous discutons, d'abord, les postulats du cadre théorique construit par Michel Foucault pour expliquer la constitution du sujet dans sa relation avec le savoir-pouvoir-éthique et les postulats théoriques de l'Analyse du Discours, en cherchant à montrer l'importance de Michel Foucault dans la construction, la reconstruction et la reconfiguration du cadre théorique de l'Analyse du Discours de ligne française, fondée par Michel Pêcheux. Ensuite, nous mobilisons des postulats des deux cadres théoriques mentionnés, pour tenter de démontrer comment l'historicité du processus de constitution de *Claudia*, *Nova* et *Playboy* se trouve inscrite dans le fonctionnement discursif de chaque revue, les définissant comme des lieux de dire sur les différentes formes et pratiques de soi par lesquelles l'homme et la femme se constituent comme sujet moral. Pour terminer, en considérant que le corps fonctionne comme une matérialité symbolique de signification, nous analysons les matérialités linguistiques et picturales des trois revues, à partir de postulats des deux cadres théoriques, pour prouver que: a) les discours du soin de soi sont des effets du dispositif de contrôle-stimulation de l'embellissement du corps, lié à un ordre techno-scientifique industriel; b) les discours de la féminité et de la masculinité comme spectacle sont liés au discours de l'érotisme qui vise aussi bien le regard hétérosexuel masculin que le regard hétérosexuel féminin; c) les discours de la sexualité sont des effets du réseau interdiscursif ou hétérogène de pouvoirs qui produisent des savoirs sur le sexe et actualisent l'obligation de l'individu à faire la confession (complète et détaillée) de cette vérité, c'est-à-dire, des pratiques par lesquelles il se constitue comme sujet de désir.

MOTS-CLÉ

1-Analyse de discours; 2- sujet; subjectivité;
périodique; sexualité

ABSTRACT

Firstly, in this work we discuss the postulates of Michel Foucault's approach to the subject associated with the knowledge-power-ethics; and, considering the principles of Discourse Analysis, we also try to explain the importance of Foucault's work on the constitution, reconstitution and reconfiguration of theoretical framework of the Discourse Analysis of the French School, founded by Michel Pêcheux.. Secondly, we applied some principles of both the theoretical frameworks referred to above to attempt to show how, in the constitution of *Claudia*, *Nova* and *Playboy*, the historical aspect of the process implicit in the speech operation of each magazine distinguishes them as different enunciation positions about different forms and practice of care of the self, through which men and women assume their moral position. Finally, considering that the body has a material symbolic meaning, and based on previous mentioned frameworks, we analyse linguistic and pictorial forms of the language of the three magazines to substantiate that: a) the care of the self discourses are the result of control-stimulation of body embellishment, associated with industrial techno-scientific order; b) the feminine and masculine discourses are vinculated to the erotic discourse that interests the masculine heterosexual as well as the feminine heterosexual way of life; c) discourses on sexuality are results of the interdiscursive or heterogeneous net of powers that produces knowledge about sex and updates individual obligation to recognize this truth (completely and in detail) or, in other words, accept the practice by which the individual constitutes himself or herself as a subject for desire.

KEY WORDS

1. Discourse Analysis; 2- subject; 3- subjectivity;
4-periodical; 5- sexuality.

PARTE I

CONSIDERAÇÕES INICIAS

1

COMEÇANDO A DISCUSSÃO

Há em muitos, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo semelhante de se encontrar, de imediato, do outro lado do discurso, sem ter de ver do lado de quem está de fora aquilo que ele pode ter de singular, de temível, de maléfico mesmo. A este querer tão comum a instituição responde de maneira irônica, porque faz com que os começos sejam solenes, porque os acolhe num rodeio de atenção e silêncio, e lhes impõe, para que se vejam à distância, formas ritualizadas.

(Michel Foucault, *A ordem do discurso*)

O impulso inicial para desenvolver essa pesquisa veio do instigante desafio que representa penetrar o espaço da mídia ocupado pelas revistas dirigidas às mulheres e aos homens, sobretudo numa época em que se tem ressaltado a centralidade de artefatos de cultura.

Como artefato cultural que circula no nosso cotidiano, as revistas femininas e masculinas funcionam como um campo discursivo constituído por discursos heterogêneos sobre como mulheres e homens se constituem como sujeito moral na nossa sociedade.

Por que as revistas e não outros veículos de comunicação? As revistas brasileiras acompanham há quase duzentos anos a nossa história¹. Elas surgem no mesmo período em que surgem os primeiros jornais brasileiros, confundindo, por vezes, o marco de suas histórias.

Em 1808, surge no Brasil o *Correio Braziliense*, com o subtítulo “Armazém Literário”, editado em Londres por iniciativa de Hipólito da Costa. Em 1812, surge *As variedades ou Ensaaios de Literatura*, editado em Salvador, por iniciativa do editor português Manoel Antonio da Silva Serva. Ambos pareciam livros, mas o primeiro acabou sendo considerado jornal, marco inaugural da imprensa brasileira, e o

¹ Nesses duzentos anos, surgiram mais de oitocentos títulos de revistas no Brasil.

segundo foi considerado revista², marco inaugural das revistas brasileiras.

O século XIX assistiu ao surgimento de mais ou menos 180 revistas brasileiras de interesse geral, que, sob a influência das revistas européias, misturavam jornalismo e literatura. Essas revistas tinham como público principal os homens da elite culta e rica que, na sua maioria, mandava seus filhos para estudar na Europa.

Entre as revistas que surgiram nesse período, destacamos *O patriota* (1813-1814); *Museo Universal* (1837-1844)³; *Revista Trimensal de História e Geographia*, depois *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* (1839)⁴; *Ostensor Brasileiro* (1845-1846); *Ilustração Brasileira* (1854-1855), (1876-1878); *A Marmota Fluminense* (1852-1857)⁵; *Brasil Ilustrado* (1855-1856); *Semana Ilustrada* (1860-1876); *A Vida Fluminense* (1868-1875; 1889-1890); *Revista Ilustrada* (1876-1898); *A Semana* (1885-1895). Essas revistas tratavam de assuntos gerais e político-econômicos do país. Destacamos, também, a revista erótica *Rio Nu* (1898-1916)⁶.

É importante lembrar que o Brasil sai do século XIX com um índice de analfabetismo correspondente a mais ou menos 84/%⁷. O percentual de mulheres alfabetizadas era muito pequeno e, até a metade do século, o analfabetismo no Brasil era símbolo de nobreza e de virtude para as mulheres.

² As revistas começaram a ser publicadas por volta de 1740 na Europa, embora existissem já no século XVII publicações que também se podem aceitar como tal. No século XIX, quando se acrescentaram ilustrações litográficas e em relevo, assim como artigos, anúncios e novelas de ficção, tornaram-se um meio bastante popular. A invenção, em 1880, do processo que permitia a reprodução fotográfica com meios tons desencadeou o nascimento da revista moderna, fortemente baseada em imagem. O gênero atingiu o apogeu no século XX com a massificação dos seus consumidores.

³ Criada pelo conde Jules De Volleneuve, uma das primeiras revistas brasileiras a trabalhar com o desenho. "Era o modelo da imprensa em voga na Europa que chegava ao Brasil" (*A Revista no Brasil*, 2000:67).

⁴ Essa revista é a publicação mais antiga ainda em circulação no Brasil.

⁵ Através dessa revista, Machado de Assis deu prosseguimento a sua carreira literária.

⁶ Essa revista é a primeira publicação do gênero a fazer sucesso no Brasil.

⁷ Esse percentual corresponde à população alfabetizada na França no mesmo período.

Isso não impediu, entretanto, o surgimento de revistas dirigidas às mulheres. Em 1827, ano em que se ditou no país a lei de Instrução Pública que estendia às meninas até 14 anos o direito à alfabetização⁸, o francês Pierre Plancher lança no país a primeira revista que seria o marco das revistas femininas: *O Espelho Diamantino* (1827-1928)⁹, seguida da revista *Espelho das Brasileiras* (1831-1831), editada em Recife pelo francês Adolphe Émile de Bois-Garin. No mesmo século, destacamos o surgimento de outras revistas femininas, tais como: *Gabinete de Leituras*, *Serões das Famílias Brasileiras* (1837-1838); *Espelho das Bellas* (1841-1842); *O Bello Sexo* (1850-1851); *Jornal das Senhoras* (1852-1855); *O Bello Sexo* (1860-1862); *A Estação* (1872-1904); *O Sexo feminino* (1873-1876); *Echo das Damas* (1879); *A mulher* (1881); *A família* (1888-1894); *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889-1890); *A Cigarra* (1895-1896); *A mensageira* (1897-1900).

Dessas revistas, *Jornal das Senhoras*, editada pela argentina Joana Paulo Manso de Noronha e, depois, pela baiana Violante Ataliba Ximens de Bivar; *Echo das Damas*, editada por Mélia Carolina da Silva Couto; *O Sexo Feminino* e, posteriormente, *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, editadas pela Francisca Senhorinha de Mota Diniz, *A família*, lançada por Josephina Álvares de Azevedo; *A mensageira*, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, são registros

⁸ A partir da segunda metade do século XIX, algumas mulheres brasileiras tentam mudar a situação. Em 1874, Maria Augusta Generosa Estrella deixou o Rio de Janeiro para estudar medicina nos Estados Unidos. Em 1878, ingressou no New York Medical College and Hospital for Women. A ela se juntou Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira. As duas publicaram, em New York, no ano de 1881: "A mulher". Somente em 1879, o Governo Brasileiro abriu as Instituições de Ensino Superior do país às mulheres e a educação superior começou a deixar de ser um privilégio dos homens. Na discursividade desse período, havia pressões e desaprovação social para as jovens que buscavam educação superior. Em 1880, chegaram no Brasil as primeiras mulheres graduadas em direito. Em 1897, uma mulher recebe pela primeira vez o grau de médica no Brasil. Todas essas mulheres encontram muitas dificuldades em exercer a profissão.

⁹ Em editorial da primeira edição dessa revista aparece a seguinte formulação "pretender manter as mulheres em um estado de estupidez (...) pouco acima dos animais domésticos (...) é uma empresa tão injusta como prejudicial ao bem da humanidade" (cf. *A Revista no Brasil*, 2000:157).

de publicações feministas do século XIX. As discursividades dessas revistas estavam relacionadas à moda, à literatura, às belas artes e, principalmente, à emancipação da mulher nos aspectos físico, moral e intelectual¹⁰. Nos discursos materializados nessas revistas, a educação era condição básica para a emancipação da mulher. Nas demais revistas, as discursividades diziam respeito a questões domésticas.

Num contexto de mutações político-econômico-sociais da sociedade, as primeiras décadas do século XX são marcadas pelo surgimento de outras revistas. Entre as que tratavam de assuntos gerais entrelaçando jornalismo e literatura, podemos citar: *Revista da Semana* (1900-1959)¹¹; *Ilustração Brasileira* (1901-1902), (1903-1905), (1909-1959); *Kósmos* (1904-1909)¹², *O Cruzeiro* (1928-1975). Essa última, destinada à família (homens, mulheres, adultos e jovens), foi criada por Assis Chateaubriand com o objetivo de levar Getúlio Vargas ao poder. Para além do empreendimento político, consagrou a reportagem

10 O movimento pelos direitos da mulher coincidiu, em parte, com o movimento sufragista e estava vinculado a uma classe de mulheres cultas que tinham acesso à escolaridade e participavam de forma limitada dos círculos políticos. O fermento da agitação republicana no fim da década de 1880 fortaleceu o desejo feminista por direitos políticos. As mulheres começavam a ter direito a voz ativa no cenário nacional, embora ainda não tivessem conseguido os seus verdadeiros objetivos. No final do século XIX, algumas mulheres não mais queriam apenas respeito, tratamento favorável dentro da família ou direito à educação, mesmo educação universitária, mas sim o desenvolvimento pleno de todas as suas faculdades, dentro e fora do lar. Vinculavam a causa pelo sufrágio à igualdade da mulher e aos direitos humanos gerais. E o direito ao voto constituía parte intrínseca de seus direitos. Assim, com a proclamação da República e a constituinte de 1891, muitas mulheres acreditaram que seriam inseridas no novo processo eleitoral. Esta exigência foi expressa pela primeira vez na Assembléia Constituinte de 1891, mas negada sob argumentos preconceituosos. À medida que se tomava conhecimento da aquisição do direito de voto pelas mulheres na Europa e nos Estados Unidos, surgiam organizações formais, em setores da elite brasileira, em defesa pelos direitos da mulher e pela causa sufragista. Somente com o advento da Revolução de 30, as feministas se colocaram ao lado de Vargas e na discussão para o anteprojeto da Constituição, em 1932, conseguiram com que o presidente indicasse Bertha Lutz, única mulher a discutir o parecer. Houve uma manobra no anteprojeto e foi retirado o direito de voto às mulheres. O presidente, entretanto, antecipou à divulgação do anteprojeto e decretou o novo código através de lei, garantindo o voto feminino.

¹¹ É a partir dessa revista que se fixa o fotojornalismo nacional.

¹² Revista de cultura, teve como colaboradores Olavo Bilac, João do Rio, Coelho Neto, Artur de Azevedo, Euclides da Cunha, entre outros.

ilustrada¹³, realizando a transição entre as revistas em que jornalismo e literatura se confundiam e as que viriam a ser produzidas nos moldes culturais a partir dos anos 60 do século XX. Tornou-se a revista de maior vendagem nas décadas de 30, 40 e 50. Do mesmo gênero, em 1952, Adolpho Bloch lança a revista *Manchete* (1952) que, mesmo privilegiando mais a cobertura fotográfica do que a reportagem escrita, fazia sucesso pelas reportagens de impacto.

Em relação às revistas femininas desse período, merecem destaque: *Fon-Fon!* (1907-1958); *O Sexo feminino* (1914-1956); *Revista Feminina* (1914-1936); *A Cigarra* (1914—1956); *Jornal das Moças* (1914-1961); *Vida Doméstica* (1920-1963); *Frou-Frou...* (1923-1935); *Jornal da Mulher* (1930-1946).

Nos discursos presentificados nesses periódicos, o casamento, a maternidade, ou seja, o papel de esposa-mãe-dona de casa é colocado como destino natural traçado para todas as mulheres, além de moda, saúde e beleza. Os produtos de beleza (batons, cremes) são permitidos, mas o “exagero” é condenado. As jovens de “família” devem ser bem educadas, recatadas e bem comportadas e devem conter sua sexualidade para serem respeitadas e escolhidas pelos homens como esposas. As jovens mais liberais são consideradas “levianas ou garotas de programas”: *escolhidas* para namorar, mas não para casar.

Em se tratando do mercado de revistas masculinas, destacamos algumas eróticas: *O Nabo* (1900-1900); *O Ferrão* (1990-1904); *O Malho* (1902-1954); *Está bom, Deixa...* (1902-1902); *O Empata* (1906-1906); *A maçã* (1922-1929)¹⁴; *A banana* (1923-1923); *Shimmy* (1925-1933). Essas revistas apresentavam nus integrais, contos eróticos,

¹³ A revista *O Cruzeiro* que, inicialmente usava fotos com simples ilustração, implementou, a partir de 1943, uma linguagem visual que davam “às reportagens ar de grandiloquência, às vezes sensacionalista” (A Revista no Brasil, 2000:95).

¹⁴ Com a revista *A Maçã*, revista editada por Humberto de Campos, membro da Academia Brasileira de Letras, as revistas masculinas ganharam impulso no Brasil.

piadas e cartuns com incontinência verbal. A pornografia era temperada com humor. O mercado dessas revistas¹⁵ se desenvolveu até ser censurado pelo Estado Novo (1937-1945).

Com o aparecimento da televisão em 1950, o mercado de consumo editorial começa a oferecer os mesmos assuntos de interesse geral que a maioria das revistas oferecia. Em consequência, as revistas são obrigadas a mudar.

A reconfiguração das revistas inicia-se justamente num período de grandes mudanças no contexto sócio-econômico-político no Brasil e no mundo, tais como: modernização da economia; aumento da industrialização e da urbanização; ascensão da classe média; “democratização” da educação; mudanças de comportamento decorrentes da revolução sexual no final da década de 60; crescimento da indústria cultural.

A lógica da indústria cultural é a lógica do mercado. Assim, seguindo a tendência mundial das sociedades capitalistas, a indústria cultural no Brasil intensifica a segmentação de mercado e as revistas tornam-se cada vez mais especializadas¹⁶, apresentando-se com projetos e pautas diferenciadas para grupos de consumidores específicos, ou seja, consumidores segmentados no tocante ao gênero, ao sexo, à idade, à raça e, também, à classe social.

Entre as revistas que surgiram a partir da década de 60 e que são dirigidas a mulheres e homens adultos, destacamos:

¹⁵ No lugar dessas revistas, surgiram, no final da década de 50, publicações pornográficas, tais como catecismos, revistas clandestinas de quadrinhos, etc. Essas publicações fizeram sucesso até os anos 70. Interessante curiosidade a respeito dessas publicações é que a identidade do artista do gênero Carlos Zéfiro foi mistério por mais trinta anos. Tal identidade foi revelada na revista *Playboy* somente em 1991. O autor de mais ou menos seiscentos “catecismos” era septuagenário, pai, avô; chamava-se Alcides Aguiar Caminha; e era um comportado funcionário público aposentado do Ministério do Trabalho no Rio.

¹⁶ As revistas que surgiram a partir da década de 60 são cada vez mais especializadas, tipo: esporte, lazer, gastronomia, informática, personalidades/gente, profissões, negócios, turismo, casa/decoração, beleza e saúde, artesanatos, moda, automobilismo, informação, feminina, masculina, etc.

a) revistas de informação, tais como: *Realidade* (1966-1976)¹⁷, *Veja* (1968); *IstoÉ* (1976); e *Época* (1998).

b) revistas femininas,¹⁸ tais como: *Claudia* (1961); *Você Mulher* (1971-1972); *Mais* (1973-1982); *Nova* (1973); *Vogue Brasil* (1975); *Elle* (1988); *Marie Claire* (1991); *Mulher de Hoje* (1980-1998); *Mulher Atual* (1990-1990); *Atrevida* (1994)¹⁹; *Bárbara* (1994); *Nova Beleza* (1997); *Íntima & Pessoal* (1999)²⁰; *Uma* (2000).

c) revistas masculinas, tais como: *Farplay* (1966-1971)²¹; *Ele Ela* (1969)²²; *Status* (1974-1987)²³; *Playboy* (1975); *Sexy* (1993); *Vip* (1994); *Sui Generis* (1995-2000)²⁴; *Brasil Sexy Magazine* (1996); *G Magazine* (1997)²⁵.

Dessas revistas, algumas tiveram vida breve, algumas sobrevivem até os dias atuais. Concordamos com Mira (2001) que afirma: “para sobreviver uma revista tem de acompanhar rapidamente as mudanças do seu público, característica que a torna muito reveladora” (p.11).

Criadas como segmento de mercado, alimentadas por intensa manipulação tecnocientífica empresarial e por uma multiplicidade de estratégias discursivas, as revistas que circulam no cotidiano feminino e masculino e que, aparentemente, são banais, através de sua dimensão simbólica, participam das práticas sociais, reproduzindo e publicizando

¹⁷ Os discursos materializados na revista refletiam a inquietação cultural e de costumes da década de 60 e início da década de 70.

¹⁸ Revistas femininas que surgiram na década de 50 do século XX: *Capricho* (1952); *Manequim* (1959); *Jóia* (1957-1969), *Garotas* (1959-1973).

¹⁹ Revista para mulher adolescente.

²⁰ Revista de nu masculino destinada às mulheres.

²¹ *Flairplay* marca uma nova forma de fazer revista masculina no Brasil.

²² Revista para ser lida a dois. Nasceu com o objetivo de falar sobre os temas relacionados a homem e mulher, tais como orgasmo feminino, casamento com homem desquitado, mostrar a nudez feminina, etc.

²³ Com fórmula baseada na nudez feminina e na ficção de excelência, teve como maior concorrente a revista *Playboy*.

²⁴ Primeira revista masculina dirigida a homens homossexuais.

²⁵ Segunda revista masculina dirigida a homens homossexuais.

o que existe nas relações sociais e os modos de vida ou de existência dos indivíduos na sociedade de consumo.

As práticas e as representações do corpo na sociedade de consumo são atravessadas por estratégias multiformes da regulação dos fluxos, das matérias, das energias a incorporar, a canalizar e a eliminar. O senso agudo do comércio percebeu que o corpo é um mercado. Por isso, à tríade saúde/beleza/sexualidade é que se dedica boa parte das páginas das revistas femininas e masculinas.

Considerando que a análise dessas revistas pode nos ajudar a compreender como mulheres e homens se constituem como sujeito moral na nossa sociedade, os modos de ocupar de si mesmo e de revelar a verdade dos indivíduos, optamos por trabalhar com *Claudia*, por ser a revista que consolida a imprensa feminina no Brasil e ser a revista feminina mais vendida no território brasileiro e na América Latina; com *Nova*, por ser a versão brasileira da revista feminina mais vendida no mundo; e com *Playboy*, por ser a versão brasileira da revista masculina mais vendida no mundo. Além do mais, essas três revistas foram colocadas no mercado como diferentes segmentos pela mesma editora.

Nessas revistas, saúde, beleza e sexualidade são o capital. Corpo é o investimento. Todos são mercadorias cujo valor de troca vem crescendo ao longo das quatro últimas décadas do século XX e continua crescendo no início do século XXI, como demonstraremos nas partes III e IV deste trabalho.

Considerando, pois, que as revistas femininas e masculinas articulam mecanismos de autolegitimação que as credenciam diante dos leitores; que as revistas femininas e masculinas representam vozes de autoridades que administram o dizer e o silenciamento; que as revistas femininas e masculinas participam e fazem parte das práticas sociais e discursivas do nosso cotidiano; que as revistas femininas e masculinas

ligam-se a uma rede heterogênea de formações discursivas que determinam o que as revistas podem e devem dizer sobre as formas e as práticas de si mediante as quais homem e mulher devem se constituir como sujeito moral, perguntamos:

Como se constituem as revistas femininas *Claudia* e *Nova* e a revista masculina *Playboy*? Ao se constituírem as revistas femininas e a revista masculina em questão funcionam como diferentes ou semelhantes lugares de dizer? Mediante quais formas e práticas de si mulher e homem se constituem como sujeito moral nas revistas? Como se dá, nas revistas, o funcionamento discursivo de um *eu* que está atento a *si mesmo* e ao *outro*? De que poderes-saberes-ética tratam os discursos do cuidado de si? De que poderes-saberes-ética tratam os discursos do sujeito de desejo nas três revistas?

Sem nos esquecermos de que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos, em culturas e em épocas diversas; de que sociedades diferentes têm diferentes concepções de homem e de mulher; de que no interior de uma sociedade temos diferentes formas de masculinidade e feminilidade, levantamos as seguintes hipóteses para responder às questões acima:

1. As revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy* constituem-se seguindo diferentes critérios de modo de existência ligada a um *ethos* que visa a individualizar e a definir cada revista como um diferente segmento de mercado que organiza filiações de sentido sobre as diferentes formas e práticas de si mediante as quais mulher e homem se constituem como sujeito.
2. Os discursos do cuidado de si que circulam nas três revistas são efeitos do que denominamos *dispositivo* de

controle-estimulação do embelezamento do corpo, ligado à ordem tecnocientífica industrial, que atualiza a antiga necessidade de transformar o corpo.

3. Os discursos de feminilidade e de masculinidade como espetáculo nas três revistas estão ligados ao discurso do erotismo que visa tanto ao olhar heterossexual feminino quanto ao olhar heterossexual masculino
4. Os discursos que circulam nas revistas sobre sexualidade são efeitos da rede interdiscursiva ou heterogênea de poderes que produzem saberes sobre o sexo e atualizam a obrigação de o indivíduo fazer a confissão (completa e detalhada) da verdade sobre o *si* ou seja das práticas através das quais se constitui como sujeito de desejo.

As questões formuladas e as hipóteses propostas nos levam, no plano teórico-metodológico, a retomar a discussão dos postulados de dois quadros teóricos que consideramos fundamentais na prática de análise de discursos.

Dessa forma, na parte II deste trabalho, discutimos: a) no capítulo 2, o quadro teórico construído por Michel Foucault para explicar a constituição do sujeito em sua relação com o saber-poder-ética; b) no capítulo 3, o quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux. Nessa discussão, tentamos mostrar a importância de Michel Foucault na construção, reconstrução e reconfiguração do quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa.

Alguns dos princípios e postulados teóricos dos dois quadros teóricos discutidos na parte II são mobilizados nos capítulos que

constituem as partes III e IV para interpretarmos o *corpus* discursivo definido, aqui, como um conjunto de materialidades simbólicas que englobam formulações verbais, formulações não-verbais e formulações em que há interdependência da linguagem verbal e não-verbal, de edições da revista *Claudia*, desde 1961; de edições da revista *Nova*, desde 1973; e de edições de *Playboy* (*versão brasileira*), desde 1975²⁶.

Na parte III, constituída pelos capítulos 4, 5, e 6, tentamos mostrar o processo de constituição e discursivização de *Claudia*, *Nova* e *Playboy*.

Na parte IV, constituída pelos capítulos 7, 8 e 9, analisamos *os discursos do cuidado de si, os discursos da feminilidade e da masculinidade como espetáculo e os discursos da sexualidade* materializados nas três revistas.

Por fim, na parte V, constituído pelo capítulo 10, tecemos considerações finais deste trabalho.

²⁶ quando a revista era denominada *Homem*.

PARTE II

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2 MICHEL FOUCAULT E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

As controvérsias de ontem se acalmaram. O tempo não é mais aquele em que era necessário ser a favor ou contra Foucault, repeti-lo ou esquecê-lo, desmontar, por toda parte, a seu exemplo, insidiosas máquinas de poder ou denunciar nessa obra o perigoso nihilismo do pensamento 68. Novos problemas surgiram que deslocam o espaço das leituras possíveis, colocam a seus textos questões inéditas, convidam-nos a lançar um olhar inquieto sobre o que têm sido nossas maneiras de ler Foucault.

(Jean-Jacques Courtine, *Entre la vie et la mort*)

Se para efeito de argumentação dizemos que ele está louco, então eu preferia ser louco a ser sensato... gosto de todos os homens que mergulham. Qualquer peixe pode nadar perto da superfície, mas é preciso ser uma grande baleia para descer a cinco milhas ou mais...

(Melville, In: Deleuze, *Conversações*).

2.1 A ARQUEOGENEALOGIA DO SUJEITO

Neste trabalho, há um olhar inquieto sobre alguns conceitos estabelecidos por Foucault. Esse olhar decorre do ponto de vista de uma pesquisadora que se entusiasma no meio de uma vasta e inacabada bibliografia de um filósofo (que deve muito à filosofia do conceito de Bachelard, de Canguilhem²⁷, e de Cavaillès²⁸), tributário de uma

²⁷ A filosofia de Canguilhem, cujas pesquisas tematizam “as ciências da vida” (biologia, fisiologia, patologia,) e as ciências sociais e políticas, é uma epistemologia regional, seguindo a filosofia de Bachelard, cujas pesquisas tematizam as ciências da natureza ou da matéria (física e química). Canguilhem analisa a cientificidade sem aceitar a existência de critérios universais ou exteriores de racionalidade ou de cientificidade para todos os tempos; procura explicitar os fundamentos de um setor particular do saber científico. Para ele, as ciências não podem ser estudadas por redução ao tempo cronológico ou social e cada ciência é um objeto específico discursivo com suas características, seus critérios e sua historicidade. A história epistemológica privilegia o conceito, a descontinuidade e a recorrência. O objeto da análise epistemológica desse teórico não se encontra em nenhuma ciência, não é dado e não se encontra no real natural ou social; ao contrário, é a historicidade do discurso científico que se manifesta na interrelações de *conceitos* que não conhecem fronteiras epistemológicas, podendo se situar em uma mesma teoria de uma mesma ciência, em diferentes ciências, ou mesmo em saberes não-científicos. Essa interrelação conceitual salienta o aspecto sincrônico, estrutural e sistemático do discurso científico, mas falta o histórico. Para Canguilhem, assim como para Bachelard, a ciência é afetada pelo progresso que é descontínuo, dialético, caracterizado por rupturas sucessivas e parciais; e a formação de conceitos não está subordinada à instauração da cientificidade, mas à sua condição de possibilidade. O que interessa é estabelecer as filiações descontinuas que constituem a história do(s) conceito(s), ou seja, que assinalam o nascimento e qualificam o desenvolvimento progressivo dos conceitos. Além disso, respeitando a lógica conceitual dos sistemas teóricos do passado, recorre e analisa o passado enquanto passado, para descobrir o que há de positivo em suas formulações, a partir da atualidade científica que funciona como norma de julgamento. Machado (1982) faz uma interessante discussão sobre essas questões.

herança teórica que, desde as primeiras décadas do século XX, contesta um certo tipo de história, principalmente no que concerne à história das ciências. A história que esse autor postula não traça linearidades, não se contenta com as grandes causalidades, não se ocupa dos fatos, não se identifica com as *histórias das idéias*.

O sujeito é a grande questão apresentada por Foucault em seu projeto que “tem consistido em criar uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura” (Foucault, 1982:231). Esse projeto constitui-se da tentativa de fazer uma arqueogenealogia do sujeito, dividido em três domínios: 1) o sujeito em sua relação com a verdade e conhecimento ou saber; 2) o sujeito em sua relação com a força e ação sobre os outros, ou seja, com o poder; 3) o sujeito em sua relação com a ética e agentes morais.

A divisão do sujeito nesses três domínios justifica-se porque, para Foucault, a noção de sujeito é histórica e tem diferentes usos em diferentes *epistemes*, evitando, assim, o que ele chamou de “sono das filosofias antropologizantes”²⁸. A forma como aborda o tema sujeito é consequência da sua crítica às analíticas da finitude: *a fenomenologia, o positivismo e o marxismo*. Essas analíticas, segundo o autor, caíram no “sono antropológico”, ao tentarem tecer a trama de um sujeito livre e universal, a partir da análise da finitude do homem, do que o determina, da história de sua produção, do que ele é em sua essência, em sua existência corporal e transcendental.

Diferentemente do que propõem essas analíticas, para Foucault, o sujeito é *constituído pelos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos*. Dessa forma, o autor problematiza questões do sujeito em sua

²⁸ Cavaillès se interessou por Wittgenstein, Frege e Canarp e, assim como Bachelard e Canguilhem, repudiou a filosofia da consciência e se afastou da fenomenologia.

²⁹ Nietzsche é o responsável pelo despertar desse sono das filosofias antropologizantes. É a partir dele que Foucault tenta mostrar que o sujeito é historicamente construído. Nietzsche fala da morte de Deus. Foucault fala da morte do Sujeito (do autor). Maneiras de falar da morte do *Cogito* ou do fim da metafísica.

relação com o *saber* em *A história da loucura na Idade Clássica*³⁰ (1961), em *O nascimento da clínica*³¹ (1963), em *As palavras e as coisas*³² (1966), em *A arqueologia do saber*³³ (1969), e em *A ordem do discurso*³⁴ (1971). Nesses estudos, chamados *arqueológicos*³⁵, o autor privilegia dois recortes na cultura europeia ocidental: a *episteme* clássica (séculos XVII-XVIII) e a *episteme* moderna (séculos XIX-XX). Tentando verificar que tipo de questões, de conceitos, de saberes perdem sentido, e que maneiras de pensar tomam seu lugar, mostra que não se pode ir da Idade Clássica à Modernidade em linha reta.

O autor discute a questão do sujeito em sua relação com o *poder* em *Vigiar e punir: nascimento da prisão*³⁶ (1975), e em *História da sexualidade I: a vontade de saber*³⁷ (1976). E, por fim, problematiza a questão do sujeito em sua relação com a *ética* em *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*³⁸ (1984) e *História da sexualidade III: o cuidado de si*³⁹ (1984).

³⁰ *Histoire de la folie à l'âge classique.*

³¹ *Naissance de la clinique*

³² *Les mots et les choses*

³³ *L'archéologie du savoir.*

³⁴ *L'ordre du discours.*

³⁵ A arqueologia de Foucault se situa com relação à epistemologia, ao mesmo tempo em que se distancia desta, pois retoma alguns princípios da análise epistemológica, produzindo uma série de deslocamentos metodológicos para dar conta da especificidade de seu objeto (objeto da análise arqueológica) situado no nível dos saberes. Assim, se é verdade que a epistemologia é o ponto de referência que permite situar a contemporaneidade da arqueologia, é verdade, também, que esta assume uma posição diferente daquela, respeitando a sua especificidade: “enquanto a epistemologia, pretendendo estar à altura das ciências, postula que a ciência ordena a filosofia, como diz Bachelard, a arqueologia reivindica sua independência com relação a qualquer ciência, pretende ser uma crítica da própria idéia de racionalidade; enquanto a história epistemológica, situada basicamente ao nível dos conceitos científicos, investiga a produção de verdade na ciência, que ela considera como processo histórico que define e desenvolve a própria racionalidade, a história arqueológica, que estabelece intercorrelações conceituais ao nível do saber, nem privilegia a questão normativa da verdade nem estabelece uma ordem temporal de recorrências a partir da racionalidade científica atual” (Machado, 1982:11).

³⁶ *Surveiller et punir: naissance de la prison.*

³⁷ *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir.*

³⁸ *Histoire de la sexualité II: l'usage des plaisirs.*

³⁹ *Histoire de la sexualité III: le souci de soi.*

Foucault (1983:262) afirma que todos os três domínios, ou seja, o saber, o poder e a ética já “estavam presentes, embora de forma confusa, em a História da Loucura”. A divisão que apresentamos foi feita considerando a ênfase dada a cada domínio na obra. Sabemos que tal divisão é problemática, mas resolvemos correr o risco, sem nos esquecermos de que todos os domínios perpassam a obra do autor.

Nesses trabalhos, Foucault se interessa pelo limite, pelas fronteiras, pelas dobras, pelo indefinido. E, nas palavras de Revel (1992:52), “da *Introdução* de 1954 aos últimos volumes da *História da sexualidade*, em 1984, alguma coisa, precisamente, permanece, para além das rupturas, para além das mudanças metodológicas – alguma coisa que eu acredito ser um certo pensamento da experiência como experiência-limite, ou como experiência do limite”.

2.1.1 A ARQUEOLOGIA DO SABER: O SUJEITO EM SUA RELAÇÃO COM A VERDADE E CONHECIMENTO OU SABER

Em seus trabalhos denominados arqueológicos, Foucault provoca uma ruptura com as concepções estruturalistas e marxistas althusserianas⁴⁰, e propõe a descrição de *epistemes*, o que não o faz ou o torna um epistemólogo, pois seu objeto não é a ciência⁴¹, nem outro saber em particular, mas determinar por que aparecem determinados enunciados e não outros em seu lugar.

Inicia sua arqueologia com *Historia da loucura* na Idade Clássica (1961). Nessa obra, partindo das questões do conceito, da

⁴⁰ Conforme Eribon (1994:188), Foucault “sempre esteve longe dos althusserianos, no sentido em que jamais caiu na lógica da devoção, do ‘culto’ e do comentário sacro, aos quais Althusser e seus discípulos se consagraram. Para Foucault, a obra de Marx é um instrumento entre outros que ele faz funcionar em seu trabalho. Ele não é ‘marxista’ e não se preocupa em sê-lo”.

⁴¹ Ver nota 9.

descontinuidade e da normatividade, o autor inaugura o primeiro momento de seus estudos arqueológicos, estabelecendo as condições históricas de possibilidades dos discursos e das práticas relacionadas ao louco considerado como doente mental. Ao mostrar as diversas configurações históricas dos saberes (psiquiátricos ou não, sistemáticos ou não, teóricos ou não) sobre a loucura, sustenta a tese de que a constituição da psiquiatria como ciência, no século XIX, deve-se antes ao acúmulo de saber adquirido através das práticas institucionais e dos saberes a elas intrinsecamente relacionadas, que a uma "evolução" do saber médico sobre a loucura.

A obra evidencia a "transformação" da loucura em doença mental, bem como o deslocamento dos poderes que atuam sobre os loucos e os conseqüentes espaços a que são relegados pela sociedade: na Renascença⁴², os loucos são errantes, vivem soltos e são lançados à deriva nas "naus dos insensatos"; na Idade Clássica, a loucura é vista como desrazão⁴³, o estatuto de louco é conferido (a partir de critérios que dizem respeito à transgressão às leis da razão e da moralidade) pela percepção social que é produzida por diferentes instituições sociais, tais como polícia, família, igreja, etc., e os loucos são acorrentados nos hospitais gerais; na Modernidade, no século XIX, a loucura é alienação, é patologia e os loucos são tratados como doentes mentais, em asilos ou hospitais psiquiátricos. O que fica claro é que o discurso psiquiátrico é construído a partir dos discursos sobre a loucura no período histórico que compreende Renascimento ao século XIX.

Em Nascimento da clínica (1963), Foucault dá prosseguimento às análises arqueológicas. Nesse trabalho, seu objeto de estudo deixa de ser a loucura e passa a ser a própria doença e a medicina moderna. Ele

⁴² A análise da loucura nesse período é feita a partir de tanto de formulações lingüísticas quanto de formulações pictóricas.

⁴³ Foucault assinala que esse momento é marcado pela filosofia de Descartes.

mostra que não há continuidade entre o conhecimento médico da Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e a medicina clínica, destacando que esta se desenvolve nos níveis dos signos e dos sintomas, impondo a articulação do olhar (percepção) e da linguagem (estrutura falada do percebido), ou seja, a articulação da espacialização e da verbalização do patológico.

Assim, na análise arqueológica da doença e das condições de possibilidade da medicina moderna (século XIX), Foucault, ao analisar a linguagem em sua relação intrínseca com a experiência médica e seu objeto, contesta as concepções da história factual e da história epistemológica, defendendo a tese de que, na ruptura que inaugura a medicina moderna, ou seja, o nascimento desta desloca-se do espaço de representação, taxonômico, superficial, para o espaço objetivo, real, profundo; de um espaço de configuração da doença, considerada como espécie nosográfica, para um espaço de localização da doença, o espaço corpóreo individual. Nesse deslocamento, o que ele tenta mostrar é que houve uma transformação do modo da existência do discurso médico no sentido em que este não se refere mais às mesmas coisas, nem se utiliza a mesma linguagem da medicina clássica. Esclarece, por exemplo, que, somente a partir do século XIX, o médico foi requisitado a ocupar o lugar de sujeito nos enunciados sobre a loucura nos discursos da psicopatologia.

Em *As palavras e as coisas* (1966), por sua vez, Foucault objetiva fazer a arqueologia das ciências humanas, mostrando a descontinuidade dos saberes. Para tanto, analisa saberes acumulados em três épocas diferentes da história da humanidade: a Renascença (século XVI), a Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e a Modernidade (séculos XIX e XX), indicando uma descontinuidade e uma ruptura, um corte epistemológico, de uma época para outra.

Com relação à configuração do saber na Renascença, o autor observa que os textos estavam à disposição para ser interpretados, adivinhados e comentados. Essa *episteme* é marcada pela semelhança, ou seja, as palavras duplicavam os sinais das coisas que eram tramadas entre si por parentesco e analogias.

No tocante à Idade Clássica, a obra apresenta um quadro geral, indicando que se trata do universo da ordem e da representação, o universo infinito. Nessa época, as palavras e as coisas se distanciam. Foucault (1966) assinala a passagem do *texto*, que está à disposição para ser lido e interpretado, para o *discurso*, que se basta a si mesmo, ou seja, o mundo deixa de ser *texto* indefinidamente interpretável e a verdade se dá na transparência do *discurso*. Os clássicos analisam a linguagem, a distribuição linear, sucessiva, dos signos, mas também o pensamento. O autor analisa a *História Natural*, a *Gramática Filosófica* ou Geral, e a *Análise das Riquezas*, mostrando que se constituíram fundamentadas em uma ciência universal da ordem em que o signo incorpora a idéia e a própria noção de idéia; e linguagem e pensamento se sobrepõem. Para Foucault, essa é a *idade da representação* que, por sua vez, funcionava como as condições de possibilidades desses saberes.

No que se refere à Modernidade, Foucault (1966) mostra que há uma reorganização da *episteme*, configurando-se uma nova disposição do saber, a partir do final do século XVIII e começo do século XIX. A representação deixa de ser objeto das ciências empíricas e das ciências filosóficas; e a verdade deixa de habitar o universo transparente das idéias. Na nova disposição epistêmica, salienta-se a historicidade, o condicionado, a finitude. Os modernos fundam o saber no finito e engajam-se numa tarefa marcada pelo tempo, pela dispersão, pela destruição, ao se situarem na historicidade de seus objetos. Se, por um lado, o autor aponta que é nesse contexto epistemológico que emergem

novos objetos das ciências empíricas (economia, biologia e filologia) próprios da Modernidade: a produção, a vida, a linguagem; por outro lado, indica que no final do século XVIII nasce uma outra maneira de fazer filosofia, uma filosofia transcendental, que ousa interrogar a possibilidade mesma da representação.

Foucault mostra, em suas análises, que ciências empíricas e filosofia transcendental constituem um espaço epistemológico tal que, de seu próprio interior, impõe-se uma terceira figura: o homem, que é requerido pela contextura do saber moderno. Este homem tem dupla posição na configuração do saber: homem como objeto do saber e homem como sujeito do saber. Não se trata, entretanto, de uma volta ao humanismo, mas acentuação de uma filosofia *antropológica*, na qual Kant tem um lugar simbólico. E esse lugar se localiza na distinção kantiana entre o empírico e o transcendental. Isso não significa que seja uma filosofia kantiana, mas em consequência de sua crítica, dois tipos de filosofia se constituem na Modernidade: *a positivista*, que se inicia com Comte; e *a dialética*, que se inicia com Hegel. E se Kant separa o duplo empírico e transcendental, a filosofia pós-Kantiana confunde os dois níveis; e o homem (como empírico e transcendental) ocupa a questão central.

Criticando as analíticas da finitude, o autor postula que o homem é um efeito de uma modificação nas disposições fundamentais do saber e que assim como ele nasceu como objeto e sujeito do conhecimento, no processo de formação das ciências humanas, um dia desaparecerá:

O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de

*nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo (Foucault, 1966:536).*⁴⁴

Enfim, em *As palavras e as coisas* (1966), Foucault toma a especificidade do objeto de análise como *episteme* definindo-a como a ordem específica do saber. Assim, a arqueologia de Foucault analisa semelhanças e diferenças (estas consideradas como superficiais) dos saberes, estabelecendo a *episteme* de uma determinada época, a partir do *a priori* histórico que se realiza no nível da profundidade. Nesse sentido, conforme o autor, numa cultura e num dado momento há uma única *episteme* organizando as condições de possibilidade de todos os saberes.

Essa noção de *episteme* vai ser reformulada, posteriormente, em *A arqueologia do saber* (1969a) onde Foucault sistematiza teoricamente seu projeto. Para refutar seus críticos, o autor faz uma revisão das pesquisas por ele realizadas (em diferentes momentos e a partir de diferentes instrumentais, mas com pressupostos críticos que se articulam), explicitando e explicando as categorias que faz funcionar na arqueologia do saber para descrever e fazer análise conceitual da construção e formação dos diferentes saberes.

A arqueologia do saber, nas palavras de Machado (1982:174), “é um livro intrinsecamente relacionado com as pesquisas históricas realizadas por Foucault, no sentido em que sem referência a elas é

⁴⁴ Essa afirmação de Foucault foi e ainda continua sendo mal compreendida. Em resposta àqueles que o acusaram e àqueles que o acusam de ter negado ou matado o homem, esclarecemos com as próprias palavras do autor em um debate sobre “Qu’ est-ce qu’ un auteur?”, traduzido para o português como “O que um autor?": “a morte do homem é um tema que permite esclarecer a maneira como o conceito funcionou no domínio de saber. E se fosse mais longe que a leitura, evidentemente austera, das primeiras ou das últimas páginas do que escrevi, perceber-se-ia que essa afirmação reenvia para a análise de um funcionamento. Não se trata de afirmar que o homem está morto (ou que vai desaparecer, ou que será substituído pelo super-homem), trata-se, a partir desse tema, que não é meu e que não cessou de ser repetido desde o final do século XIX, de ver de que maneira e segundo que regras se formou e funcionou o conceito de homem. Fiz a mesma coisa para a noção de autor. Contenhamos, pois, as lágrimas (1969b:81).

impossível compreender o seu significado”. Tomo emprestado esse argumento para justificar a referência que fiz às obras precedentes do autor.

Para comentar essa obra, parto da seguinte formulação de Foucault:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso a longínqua presença de origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (Foucault, 1969a:28).

Para entender essa formulação, é preciso compreender as noções de *acontecimento*, de *enunciado*, de *sujeito*, de *formação discursiva*, de *discurso*, de *prática discursiva*, de *arquivo* e de *interdiscurso*, postuladas pelo autor. Tais noções são fundamentais na prática de Análise de Discurso e, como veremos, vão ser retomadas e deslocadas para funcionar no quadro epistemológico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, que apresentaremos no capítulo 3, e que também vai funcionar na análise do *corpus* deste trabalho.

O que seria o *acontecimento* para Foucault? Podemos dizer que o autor entende o acontecimento como a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção. A noção de acontecimento implica a noção de atualidade que não é idêntica à noção de presente, mas é construída a partir de um certo tipo de

temporalização deste⁴⁵. E o campo dos acontecimentos discursivos é definido como

o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas seqüências lingüísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda a capacidade de registro de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (Foucault, 1969a:31)

Daí o autor precisar que, enquanto na análise da língua a questão que se põe, a propósito de qualquer fato de discurso, é saber segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos⁴⁶, na descrição de acontecimento do discurso a questão que se apresenta é saber como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar, pois

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua intenção; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta

⁴⁵ A noção de acontecimento é retomada e deslocada para o quadro teórico da terceira fase da chamada Escola Francesa de Análise de discurso, como veremos no capítulo. 3

⁴⁶ A noção de língua a que o autor se refere diz respeito àquela postulada por Chomsky.

que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?
(Foucault, 1969a:31-2).

Nesse sentido, para Foucault, o enunciado é um acontecimento⁴⁷ estranho que nem a língua e nem o sentido podem esgotar; que se, por um lado, está ligado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, por outro abre para si uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; *que é único mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; que está ligado não apenas a situações que o provocam, e às conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem* (cf. Foucault, 1969a:32). Assim, diferentemente de Ducrot e de Benveniste⁴⁸, por exemplo, para o autor, o enunciado

não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apóia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. Em seu modo de ser singular (nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de

⁴⁷Para Ducrot, a realização de um enunciado é um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de falar e que não existirá mais depois. O autor afirma ainda que o enunciado é diferente da frase, que é uma construção do lingüista e que permite dar conta dos enunciados. O autor afirma que a separação entre a entidade observável (enunciado) e a entidade teórica (frase) não diz respeito a uma diferença empírica entre estas duas entidades, em que uma seria da ordem perceptiva e a outra da ordem intelectual, mas há uma diferença de estatuto metodológico, relativo ao ponto de vista da pesquisa (cf. Ducrot, 1984:166-8)

⁴⁸ O enunciado, para Ducrot, é representação da enunciação; e para Benveniste, atualização da enunciação.

acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado. (...) O enunciado não é uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou intuição, se eles 'fazem sentido' ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (Foucault, 1969a:98-9).

O autor esclarece, pois, que um enunciado não está no mesmo nível de uma frase, de uma proposição ou de um ato de linguagem e não constitui uma unidade ao lado destas. Mas, para falar em frase, proposição ou ato de linguagem, é preciso que haja enunciado, que as faz existir em tempo e espaço determinado, funcionando, portanto, como função de existência.

A questão que se coloca a essa definição de enunciado é: qual a função de existência de enunciados que não chegam a constituir uma unidade? Conforme Foucault, há uma função de existência de enunciados e essa função é o próprio enunciado que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis, sendo preciso descrevê-lo em seu exercício, em suas condições, em suas regras de controle e em seu campo de realização (cf. Foucault, 1969a:99).

Assim, o enunciado, como função de existência, relaciona as unidades de signos, que podem ser frases ou proposições, com aquilo a que o autor chama de “um ‘referencial’ que não é constituído de ‘coisas’, de ‘fatos’, ou de ‘seres’, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram

afirmadas ou negadas” (Foucault, 1969a:104). O *referencial* é, pois, a condição de possibilidade de aparecimento, delimitação e desaparecimento do que “dá à frase seu sentido e à proposição seu valor de verdade” (p.104). Neste sentido, o autor afirma que a descrição do nível enunciativo da formulação deve ser feita pela análise das relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação, em que ele mesmo faz aparecer as diferenças, e não por análise formal, investigação semântica ou verificação.

O enunciado, como função de existência, tem um *sujeito*, mas não um sujeito transcendental ou antropológico, idêntico ao indivíduo-autor da formulação, que vive no tempo sem esquecimento e sem rupturas. O sujeito do enunciado de que trata Foucault é uma posição como uma função determinada e vazia que pode ser ocupada por diferentes indivíduos, sob certas condições. É definido como

uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, diferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (Foucault, 1969a:107)

Essa função é definida como um lugar cuja dimensão caracteriza toda formulação enquanto enunciado. E “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 1969a:109). Dessa forma, uma frase ou

uma proposição podem ser enunciado se se puder assinalar *a posição de sujeito*⁴⁹.

Outra condição de existência do enunciado é o domínio a ele associado. Se uma frase ou uma proposição podem existir isoladamente, o mesmo não acontece com o enunciado, pois este tem que supor outros enunciados que estejam no mesmo campo associado, constituído pelo conjunto de formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve como um elemento; às quais o enunciado se refere para reatualizá-las (repetindo, modificando, opondo-se); e que o caracterizam com um tipo determinado de discurso. Dessa forma, o enunciado delinea-se “em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. (...) Se se pode falar de enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola” (Foucault, 1969a:113-4).

Por fim, o enunciado tem existência material repetível que lhe é constitutiva e é da ordem da Instituição, ao mesmo tempo em que “entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transformações e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (Foucault, 1969a:121). É simultaneamente invisível e não oculto. E não pode ser confundido com a enunciação que tem sua individualidade e singularidade situadas no espaço-temporal e que não é repetível.

⁴⁹ Essa noção de sujeito é retomada e reconfigurada dentro do quadro da Análise de Discurso de linha francesa por Courtine (1981), como veremos no capítulo 3. Deslocamos essa noção e fizemos operar na análise do corpus deste trabalho.

Entendendo o enunciado dessa forma, para o autor, a análise de enunciados corresponde a um nível específico de descrição que, segundo uma dimensão de certa forma vertical, dirige-se às condições de existência dos diferentes conjuntos significantes. Daí que descrever um enunciado é descrever uma função enunciativa, ou seja, uma função de existência. O autor afirma que a análise enunciativa é histórica, mas se mantém fora de qualquer interpretação do não-dito, pois

sob uma formulação visível pode reinar outra que a comande, desordene, perturbe, lhe imponha uma articulação que só a ela pertence; enfim, que, de um modo ou de outro, as coisas ditas dizem bem mais que elas mesmas. Mas, de fato, esses efeitos de redobramento, esse não-dito que se encontra dito, apesar de tudo, não afetam o enunciado. (...) O enunciado não é assombrado pela presença secreta do não-dito, das significações ocultas, das repressões. (...) por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo (Foucault, 1969a:127-8).

O autor afirma, ainda, que, mesmo diferentes em sua forma, dispersos no tempo, os enunciados formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto. Surge daí a noção de *formação discursiva*⁵⁰:

⁵⁰ A noção de formação discursiva postulada por Foucault é fundamental na reconfiguração do quadro teórico da Análise de Discurso nas fases segunda e terceira, como veremos no capítulo 3

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção que se trata de uma formação discursiva. (...) Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (Foucault, 1969a:43-4).

Isso significa que não é pelas palavras e nem pelas coisas que se definem os objetos característicos de uma formação discursiva, pois

“As palavras e as coisas” é o título – sério – de um problema; é o título – irônico – do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 1969a:56).

Partindo do princípio de que a formação discursiva é a própria lei de coexistência dos enunciados, ou seja, é o *princípio de dispersão e de repartição*⁵¹ dos enunciados, Foucault afirma

um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo. Mas enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva. A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e a mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência (Foucault, 1969a:135).

Dessa forma, as formações discursivas têm suas próprias regras que liberam e restringem o campo e as condições do discurso que constitui a fonte do sentido e o lugar de dispersão do sujeito, pois “o campo de relações que caracteriza uma formação discursiva é o lugar de onde as simbolizações e os efeitos podem ser percebidos e determinados” (Foucault, 1969a:187). Analisar as formações discursivas, por sua vez, é buscar estabelecer a lei de raridade dos enunciados, ou seja, é descrever os enunciados em sua especificidade, a fim de apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu para reencontrar sua incidência de *acontecimento*. A

⁵¹ Como veremos no capítulo 3, o retorno à noção de formação discursiva de Foucault e à noção do *princípio de dispersão e de repartição* constitutivo de uma formação discursiva é fundamental para que a Análise de Discurso saia do impasse criado na segunda fase.

descrição dos enunciados conduz à individualização das formações discursivas.

Estabelecidas essas concepções, podemos precisar a noção de discurso que Foucault adota em seu trabalho⁵². Num primeiro momento, ele afirma que

o discurso (...) não é a manifestação (...) de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz: é, ao contrário, um conjunto em que se podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (Foucault, 1969a:61-2).

Ao tentar definir o que é discurso, o autor põe a questão do sujeito tal como funciona em suas pesquisas. Como já vimos, o sujeito de que fala Foucault não é o sujeito transcendental nem psicológico, pois na análise dos enunciados “não coloca a questão de quem fala, se manifesta ou se oculta no que diz, quem exerce tomando a palavra sua liberdade soberana, ou se submete sem sabê-lo a coações que percebe mal” (Foucault, 1969a:141), mas o sujeito enquanto posição vazia que qualquer indivíduo ou indivíduos diferentes podem ocupar. Sobre isso, esclarece: “é preciso reconhecer (...) que não é nem pelo recurso a um sujeito transcendental nem pelo recurso a uma subjetividade psicológica que se deve definir o regime de suas enunciações” (Foucault, 1969a:62). A suspensão do sujeito falante justifica-se pelo fato de, na arqueologia, o autor pretender “definir as posições e as funções que o sujeito pode ocupar na diversidade dos discursos”

⁵² A princípio, o autor destaca a polissemia do termo discurso em seu trabalho: ora significa domínio geral de todos os enunciados; ora grupo individualizável de enunciados; ora prática estabelecida para explicar um certo número de enunciados; ora se confunde com o enunciado (cf. Foucault, 1969a:90).

(Foucault, 1969a:227), ou seja, na dispersão. Num segundo momento, o autor chama de discurso a

um conjunto de enunciados, na medida em que se opõem na mesma formação discursiva. (...) é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de existência. (...) é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (Foucault, 1969a:135-6).

Se o discurso é um conjunto de enunciados que têm seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva, os discursos devem ser analisados no nível dos enunciados, no nível do sistema de relações que constituem o discurso como uma prática.

Nesse sentido, segundo o autor, o discurso coloca a questão do poder que é objeto de uma luta política. Ao precisar essa definição, Foucault esclarece que o discurso no seu trabalho não é tomado como conjunto de signos que remetem a conteúdos ou representações, mas como *prática discursiva*⁵³ definida como

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 1969a:136).

⁵³ Consideramos que essa noção de discurso é importante e operacional na análise de discursos.

A noção de prática discursiva é materialista (mas não materialista no sentido de Althusser)⁵⁴ e implica que o discurso não pode ser definido fora das relações materiais que o estruturam e o constituem, ou seja, fora das relações discursivas ou das regularidades discursivas. Para designar as normas ou estrutura dessa prática, são necessárias as noções de regra ou regularidade.

O autor denomina de *a priori* histórico o conjunto de regras que caracterizam as práticas discursivas cuja densidade é marcada por sistemas que instauram os enunciados como *acontecimentos* e *coisas*. Esses sistemas constituem o *arquivo*⁵⁵, definido como a lei do que pode ser dito; como o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares; como o que faz com que todas as coisas ditas agrupem-se em figuras distintas, componham-se umas as outras segundo relações múltiplas, mantenham-se ou esfumem-se segundo regularidades específicas; como o sistema de enunciabilidade, do *enunciado-acontecimento*; como o modo de atualidade, ou seja, do sistema de funcionamento do *enunciado-coisa*; como o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria; como o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados, não podendo ser descrito na sua totalidade. (cf. Foucault, 1969b:149-150).

⁵⁴O conceito de prática postulado por Foucault aproxima a arqueologia do materialismo histórico althusseriano e ao mesmo tempo distancia-os. A compreensão dessa tensão é fundamental para a compreensão da configuração e reconfiguração dos postulados que fundamentam o quadro teórico apresentado no capítulo 3.

⁵⁵ Em entrevista com Jean-Jacques Brochier, publicada em *Magazine littéraire*, nº 18, Foucault (1969c) afirma: “Por arquivo entendo o conjunto de discursos efetivamente pronunciados; e esse conjunto é considerado não somente como um conjunto de acontecimentos que teriam ocorrido uma vez por todas e que permaneceriam em suspenso nos limbos ou no purgatório da história, mas também como um conjunto que continua a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o rompimento de outros discursos. Salientamos que a noção de arquivo postulada por Foucault em *A arqueologia do saber* é reinterpretada em vários trabalhos que se inscrevem no quadro da Análise de Discurso de linha francesa, criada por Pêcheux. Algumas interpretações se aproximam do que foi postulado por Foucault e outras se afastam. O que queremos salientar com isso é que esse conceito opera seja repetido, seja transformado.

Nesse sentido, a arqueologia proposta por Foucault objetiva descrever os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo, pois interessa-se pelo já-dito ou o enunciado no nível de sua existência, considerando a função enunciativa que nele se exerce, a formação discursiva a que pertence e o sistema geral de arquivo de que faz parte.

Vale ressaltar que a arqueologia analisa as regras de formação dos discursos para estabelecer o tipo de positividade que os caracteriza, ou seja, descreve uma formação discursiva para definir os elementos formados de forma regular por uma prática discursiva, denominados de *saber*⁵⁶:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada (...); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (...); um saber é também o campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (...); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (...). Há saberes que são independentes das ciências (...); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma (Foucault, 1969a:206-7).

É, pois, o saber (*domínio em que o sujeito é necessariamente situado e dependente, sem que jamais possa ser considerado titular como o sujeito transcendental ou como consciência empírica*) que funciona como campo de análise da arqueologia. Esse saber ao qual o autor se refere não é

⁵⁶ A noção de *saber* também é reinterpretada no quadro teórico que discutimos no capítulo 3.

uma exclusividade da ciência, pois não está investido apenas em demonstrações, mas também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas, etc. O autor afirma, por exemplo, que “o território arqueológico da Gramática geral compreende tanto os devaneios de Fabre d’Olivet (que jamais receberam status científico e se inscrevem antes no registro do pensamento místico) quanto a análise que faz proposições atributivas (que era então aceita com a luz da evidência e na qual a gramática gerativa pode reconhecer sua verdade prefigurada)” (Foucault, 1969a:208).

Se os saberes são independentes da ciência, esta, por seu turno, localiza-se em um campo de saber e nele exerce um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica conforme suas mutações. No saber da loucura, por exemplo, na época clássica, aquilo que era considerado como conhecimento médico das doenças da mente ocupava um lugar limitado; e, no século XIX, aquilo que era considerado conhecimento científico das doenças mentais desempenhou um papel diferente e mais importante no saber da loucura. Quando a arqueologia se interessa pela ciência, é para mostrar como esta se inscreve e funciona no elemento de saber.

Ao tratar das relações *da ideologia com as ciências*⁵⁷, Foucault (1969) afirma que a questão da ideologia pode ser proposta à ciência porque esta se localiza no saber, estrutura alguns de seus objetos, sistematiza algumas de suas enunciações, formaliza alguns de seus conceitos e algumas de suas estratégias; porque esta encontra seu lugar numa regularidade discursiva, desdobrando-se e funcionando em todo campo de práticas discursivas e não discursivas; é porque aquela

⁵⁷ Foucault, na realidade, crítica as teses de Althusser sobre as relações entre ideologia e ciência, que utilizam as noções de corte ou ruptura da epistemologia Bachelardiana. Para o autor, essas noções têm conotações antropologistas e pouco valor descritivo.

(ideologia) existe como prática discursiva e funciona ao lado de outras práticas (discursivas e não discursivas).

Com isso, o autor põe em questão a distinção entre ciência e ideologia feita por Althusser, que faz da ideologia o reverso da ciência. Foucault (1969a) faz um deslocamento e postula que a ideologia deve ser pensada na categoria do saber como sistema de relações, investido em práticas, argumentando que

(...) a ideologia não exclui a cientificidade (...). As contradições, as lacunas, as falhas teóricas podem assinalar o funcionamento ideológico de uma ciência (...); podem permitir determinar em que ponto do edifício esse funcionamento se dá. Mas a análise de tal funcionamento deve ser feita no nível da positividade e das relações entre as regras de formação e as estruturas da cientificidade.(...) Corrigindo-se, retificando seus erros, condensando suas formulações, um discurso não anula forçosamente sua relação com a ideologia. O papel da ideologia não diminui à medida que cresce o rigor e que se dissipa a falsidade.(...) Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo (...) é colocá-la novamente em questão como formação discursiva; é estudar (...) o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos, escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas (Foucault, 1969a:210-11).

Dessa forma, a ideologia é pensada, em sua constituição e funcionamento, como uma instância material de toda formação social determinada historicamente.

Estabelecidos os conceitos teóricos que funcionam em sua arqueologia, Foucault esclarece que a análise arqueológica se diferencia da história das idéias no que se refere à determinação da

novidade, à análise das contradições, às descrições comparativas e à demarcação das transformações.

Em relação à determinação da novidade, o autor afirma que a história das idéias trata o campo dos discursos como um domínio de dois valores, pois todo elemento pode ser caracterizado como antigo ou novo, como inédito ou repetido; tradicional ou original. A descrição arqueológica, por sua vez, não estabelece hierarquia de valor, busca somente a regularidade dos enunciados que se abre em duas direções de pesquisa: a) uma em que as homogeneidades e heterogeneidades enunciativas se entrecruzam com continuidades e mudanças lingüísticas, com identidades e diferenças lógicas, sem que umas e outras caminhem no mesmo ritmo ou se dominem necessariamente (na arqueologia, uma prática discursiva nova pode surgir através das formulações verbais que permanecem lingüisticamente ou logicamente equivalentes, ou através de formulações verbais lingüisticamente ou logicamente diferentes); b) outra em que as hierarquias internas às regularidades enunciativas são elucidadas, pois todo campo enunciativo é regular e vigilante, já que os enunciados colocam em prática o jogo das regras segundo as quais são formados e essas regras atravessam e constituem para as formulações um espaço de coexistência.

Em se tratando da análise das contradições, a história das idéias, que Foucault refuta, busca no discurso o princípio de coesão que o organiza e lhe restitui uma unidade oculta. As contradições, nesse sentido, funcionam como princípio organizador, lei fundadora e secreta, aparências a transpor que se exercem em todos os níveis do discurso da mesma forma.

A arqueologia, por seu turno, considera as contradições como objetos que devem ser “descritos por si mesmos, sem que se procure saber de que ponto de vista se podem dissipar ou em que nível se

radicalizam ou se transformam de efeitos em causas” (Foucault, 1969a:174). O que interessa a esta é analisar: a) os diferentes tipos de contradição, tais como: *contradições arqueologicamente derivadas* (que aparecem no limite de uma formação discursiva), *contradições extrínsecas* (que ultrapassam os limites de uma formação discursiva), *contradições intrínsecas* (que se reparte em diferentes planos de uma formação discursiva); b) os diferentes níveis segundo os quais se pode demarcar a contradição: *inadequação dos objetos*, *divergência da modalidade enunciativa*, *incompatibilidade de conceitos*, *exclusão de opções teóricas diferentes*; c) as funções que a contradição pode exercer: assegurar um desenvolvimento adicional do campo enunciativo, induzir uma reorganização do campo discursivo, por a existência e a aceitabilidade da prática discursiva.

Assim, a análise arqueológica postulada por Foucault (1969a) revela

o primado da contradição que tem seu modelo na afirmação e na negação simultânea de uma e mesma proposição. (...) Trata-se (...) de demarcar, em uma prática discursiva determinada, o ponto em que elas se constituem, definir a forma que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam. Em suma, trata-se de manter o discurso em suas asperezas múltiplas e de suprimir, em consequência disso, o tema de uma contradição uniformemente perdida e reencontrada, resolvida e sempre renascente, no elemento indiferente do Logos (Foucault, 1969a:179).

No que concerne às descrições comparativas, enquanto a história das idéias tem um efeito unificador, a análise arqueológica tem um efeito multiplicador, pois se destina a repartir a diversidade do

discurso em figuras diferentes: individualiza e descreve formações discursivas para que nelas se reconheça a *configuração ou a rede interdiscursiva*⁵⁸, ou seja, as relações internas e externas no conjunto interdiscursivo. A análise arqueológica busca, ainda: libertar o jogo das analogias e das diferenças que aparecem no nível das regras de formação e fazer aparecerem relações entre formações discursivas e domínios não-discursivos. Enfim, tenta descobrir o domínio de existência e de funcionamento das práticas discursivas.

No que se refere à demarcação das transformações, diferentemente da história das idéias, para a arqueologia, por mais que as regras estejam investidas e sejam reutilizadas em cada enunciado, não se modificam a cada oportunidade, pois podem ser reencontradas em funcionamento em enunciados ou grupos de enunciados dispersos no tempo. Dessa forma, na arqueologia, as diferenças são analisadas e diferenciadas.

Distinguem-se, na própria densidade do discurso, planos de acontecimentos possíveis que não se apóiam uns nos outros, tais como: plano dos próprios enunciados em sua emergência singular; plano de aparecimento dos objetos, dos tipos de enunciação, dos conceitos, das escolhas estratégicas (ou das transformações que afetam as que já existem); plano da derivação de novas regras de formação; plano de substituição de uma formação discursiva por outra que implica, por sua vez, diversos tipos de transformações.

Para o autor, uma formação discursiva substitui outra quando acontece uma transformação geral de relações que não altera necessariamente todos os *elementos*; e os enunciados obedecem a novas regras de formação, a partir das quais podem ser descritos e analisados fenômenos de continuidade, de retorno e de repetição.

⁵⁸ O conceito de interdiscurso ou interdiscursividade, operacional na arqueologia de Foucault, é reinterpretados no quadro da Análise de Discurso de linha francesa, apresentado no capítulo 3.

Quanto aos elementos, um ou vários podem: a) permanecer idênticos, mas pertencerem a sistemas diferentes de dispersão e obedecerem a leis distintas de formação; b) constituir-se, modificar-se e organizar-se em uma formação discursiva, e, depois de estabilizados, figurar-se em outra; c) aparecer como derivação última em uma formação discursiva e ocupar uma posição dominante em uma formação ulterior; d) reaparecer após período de desuso, de esquecimento ou validação (cf. Foucault, 1969a:199).

Conforme Foucault, a arqueologia desarticula a sincronia dos cortes como desfez a unidade abstrata da mudança e do acontecimento. Por isso, quando se fala de época, de tempo em suas análises, é a propósito de práticas discursivas determinadas. A época, assim como a ruptura, não é unidade de base, nem objeto de análise da arqueologia. A época é nome dado ao emaranhado de continuidades e descontinuidades, de formações discursivas que aparecem e desaparecem; e a ruptura é o nome dado às transformações que se referem ao regime geral de uma ou várias formações discursivas (cf. Foucault, 1969a:200).

Por fim, Foucault retoma a questão da *episteme*. Se, em *As palavras e as coisas* (1966), o autor a entendia como espaço geral do saber, como portadora da historicidade do saber, como configuração de possibilidades nas quais um determinado saber podia emergir, na dimensão de globalidade e profundidade; em *A arqueologia do saber* (1969a), ele a define como

conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma das formações discursivas, se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à

cientificidade, à formalização; a repartição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estarem defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida que se prendem a práticas discursivas vizinhas ou distintas. (...) conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas. (...) conjunto indefinidamente móvel de escansões, defasagens, coincidências, que se estabelecem e se desfazem (Foucault, 1969a:217).

Podemos afirmar, depois do exposto, que em *A arqueologia do saber*, Foucault precisa as categorias que faz funcionar em seu projeto teórico e deixa claro que as análises arqueológicas são *análises de discursos em sua dispersão*.

Em *A ordem do discurso* (1971a), aula inaugural que Foucault pronunciou no Collège de France, em dezembro de 1970, ao assumir a cátedra vacante pela morte de Hyppolite (o seu maior mestre), considerado um texto de ligação entre suas obras, dos anos sessenta, o autor esclarece a relação existente entre as práticas discursivas e o poder, partindo da hipótese de que toda sociedade dispõe de procedimentos para controlar a produção discursiva por temer seus efeitos:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1971a:8-9).

Com relação a esses procedimentos de controle e delimitação do discurso, o autor afirma que em nossa sociedade há três grupos. O primeiro é constituído por procedimentos externos aos discursos, que funcionam como sistemas de exclusão, colocando em jogo o poder e o desejo: *a interdição (proibição da palavra), a segregação da loucura, e a vontade de saber*; o segundo é constituído por procedimentos internos aos discursos, que funcionam como princípios de classificação, de ordenação e de distribuição, e submetem a dimensão do discurso ao acontecimento e ao acaso: *o princípio do comentário, o princípio de autor, princípio da disciplina*; e o terceiro é constituído por procedimentos que determinam as condições e exigências para que os indivíduos possam entrar na ordem do discurso: *os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários, e as apropriações sociais*.

No que se refere à *interdição*, o autor afirma que não podemos falar qualquer coisa em qualquer lugar e a qualquer um, pois há três tipos de interdição que se cruzam: tabu do objeto, ritual da circunstância e direito de falar. Ele chama a atenção para o fato de as regiões da sexualidade⁵⁹ e da política serem os lugares em que a interdição é mais cerrada, revelando sua ligação com o desejo e o poder, ou seja, o discurso está ligado ao desejo e ao poder e por este se luta, pois

o discurso - como a psicanálise nos mostrou -, não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e(...) - a história não

⁵⁹ Em *História da sexualidade I*, como veremos mais adiante, o autor contesta a hipótese da sexualidade reprimida, afirmando que a interdição nessa região não é o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se pode construir a história do sexo.

cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 1971a:10).

Em se tratando da *segregação da loucura*, o autor salienta que da Idade Média até o final do século XVIII, o discurso do louco era aquele que não pode circular: ou era excluído ou investido pela razão, mas nunca registrado. Dito em outras palavras, ou não era ouvido, por não ter verdade e nem importância; ou era considerado como uma palavra de verdade por ter o poder “de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar, com toda a ingenuidade, aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (Foucault, 1971a:12). Assim, as palavras, que não eram escutadas, nem registradas, funcionavam como o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. Ao louco, a palavra só era permitida simbolicamente no teatro, exercendo o papel de verdade mascarada. Atualmente, a separação se exerce de outro modo e com efeitos diferentes através de uma rede de instituições que permite a escuta de um discurso, investido de desejo e carregado de “terríveis poderes”. Como afirma o autor: “se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece” (Foucault, 1971a:13).

No que diz respeito à *vontade de verdade*, Foucault observa que “no nível de uma proposição, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta” (1971a:14). Entretanto, no nível da vontade de verdade, a separação que rege a nossa vontade de saber talvez seja “algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, modificável, institucionalmente constrangedor)” (1971a:14). Para ele, essa separação é historicamente

constituída. Se as grandes mutações científicas podem ser lidas como conseqüências de uma descoberta ou como aparecimentos de novas formas da vontade de verdade. A vontade de verdade no século XIX não coincide com a vontade de saber que caracteriza a cultura clássica. Como as outras formas de exclusão, a vontade de verdade apóia-se numa base e numa distribuição institucional, exercendo sobre os outros discursos pressão e um certo poder de constrangimento.

A vontade de verdade atravessa os outros dois princípios de exclusão. Além disso, é reforçada pelos procedimentos de controle internos aos discursos já mencionados: princípio do comentário, do autor e da disciplina.

Ao tratar do princípio do comentário, Foucault observa que nas sociedades há discursos que passam com o próprio ato que os pronunciou; e há “discursos que, indefinidamente e para além da sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos, e estão ainda por dizer” (Foucault, 1971a:22), ou seja, são reatualizáveis e abrem a possibilidade para o comentário, cuja função é “dizer pela primeira vez aquilo que já tinha sido dito e repetir incansavelmente aquilo que (...) nunca tinha sido dito” (p.25). Esse princípio limita o acaso do discurso com o jogo de uma *identidade* que tem a forma da *repetição* e do *mesmo*, um jogo de um sentido que deve ser redescoberto e uma identidade que deve ser repetida. Assim, o novo está no acontecimento do retorno do que é dito.

A respeito do princípio do autor, Foucault esclarece que não se trata do autor como indivíduo que fala, pronunciou ou escreveu um texto. Reconhece, entretanto, que seria absurdo negar a existência do indivíduo que escreve e que inventa. Mas o autor interessa a Foucault “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem das suas significações, como foco de sua coerência” (p.26). Nesse

sentido, ele fala do autor como uma *função*⁶⁰ que não está em toda parte e nem de modo constante, pois há textos que precisam de signatários (conversas cotidianas, decretos, contratos), mas não de autores. Além disso, a função autor não se exerce em todos os domínios e em todas as épocas da mesma forma. Na ordem do discurso científico, por exemplo, a atribuição de um autor era um indicador de verdade, na Idade Média; mas, a partir do século XVII, a função autor é enfraquecida e o autor só funciona para dar nome a um teorema, um efeito, um exemplo, uma síndrome. Por outro lado, ordem do discurso literário, a partir do século XVII, a função autor ganha relevância e o autor passa a funcionar como aquele “que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (p.28). Esse princípio limita o acaso do discurso com o jogo de uma identidade que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.

O princípio da disciplina, por sua vez, é entendido como um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpo de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos necessários para a construção de novos enunciados. Para que uma proposição pertença à botânica, à patologia, à medicina, à gramática, por exemplo, é preciso que responda a condições que, em certo sentido, são mais estritas e mais complexas do que a pura e simples verdade, ou seja, “antes de se poder dizê-la verdadeira ou falsa, ela deve estar, como diria Canguilhem, ‘no verdadeiro’” (Foucault, 1971a:34). Dessa forma, o princípio da disciplina controla a produção dos discursos, fixando-lhes limites, através do jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.

Além dos procedimentos de controle externos e internos aos discursos, Foucault aponta quatro procedimentos de controle que

⁶⁰ Sobre essa questão ver também a obra de Foucault (1969b): “O que um autor?”.

determinam as condições e exigências para que os indivíduos possam entrar na ordem do discurso. O primeiro é a *prática do ritual da palavra*, que determina para os sujeitos falantes propriedades singulares e papéis preestabelecidos. O segundo são as *sociedades de discursos*, que conservam ou produzem os discursos para circular num espaço fechado e distribuir segundo regras estritas. O terceiro é a *doutrina*, que, por um lado, efetua a sujeição dos sujeitos falantes ao discurso, ligando os indivíduos a certos tipos de enunciação e proibindo-lhes todos os outros; e, por outro lado, efetua a sujeição dos discursos ao grupo dos indivíduos falantes, servindo-se de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si, diferenciando-os de todos os outros. O quarto é a *apropriação social dos discursos*, que se refere ao fato de que todo sistema de educação mantém ou modifica a apropriação dos discursos, com seus saberes e poderes.

Depois de tratar dos procedimentos de controle da produção discursiva que devem ser considerados na análise de discursos, Foucault (1971a) argumenta que a análise deve ser regulada pelas noções de *acontecimento, de série, de regularidade e de condição de possibilidade*.

Os discursos devem ser tratados enquanto conjuntos de acontecimentos discursivos, pois é preciso atentar para sua raridade. O acontecimento se efetiva e é *efeito no nível da materialidade*; consiste e tem o seu lugar na relação, na coexistência, na dispersão, no recorte, na acumulação e na seleção de elementos materiais; produz-se como efeito de uma dispersão material, e produz-se numa dispersão material.

Os *discursos ou acontecimentos discursivos* devem ser tratados como *práticas, séries discursivas e descontínuas de acontecimentos que se cruzam, mas também se ignoram ou se excluem*. A descontinuidade de que fala Foucault trata-se de censuras que quebram

o instante e o dispersam numa pluralidade de *posições* e de *funções* possíveis.

Cada série discursiva e descontínua de acontecimento tem a sua regularidade e são as condições de possibilidade que dão lugar à série de acontecimentos e que fixa suas fronteiras.

Para o autor, a análise de discursos deve levar em conta ainda o aspecto genealógico que diz respeito à formação efetiva dos discursos (no interior ou exterior dos limites de controle), que é simultaneamente dispersa, descontínua e regular, procurando apreender o discurso em seu poder de afirmação, ou seja, em seu poder de constituir domínios de objetos em relação aos quais se poderá afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas.

Enfim, podemos dizer que em *A ordem do discurso* o autor começa a explicitar a relação do saber com o poder, ou seja, do sujeito em sua relação com o poder-saber.

2.1.2 GENEALOGIA DO PODER: O SUJEITO EM SUA RELAÇÃO COM A FORÇA E AÇÃO SOBRE OS OUTROS, OU SEJA, COM O PODER

Como vimos, a genealogia do poder, ou seja, a relação do sujeito em sua relação com o poder-saber começa a ser explicitada por Foucault, em *A ordem do discurso*. Essa relação é acentuada, principalmente, nas obras *Vigiar e Punir* (1975a) e *História da sexualidade I* (1976a).

É preciso salientar, entretanto, que é a partir do artigo *Nietzsche, a Genealogia e a História*⁶¹ (1971b), escrito em homenagem a Jean Hyppolite, que Foucault lança suas bases para os estudos genealógicos.

⁶¹ "Nietzsche, la généalogie, l'histoire", publicado originariamente em *Hommage à Jean Hyppolite*, PUF, 1971.

Essas bases podem ser observadas, também, nos cursos *Teorias e instituições penais* (1971-1972), *A sociedade punitiva* (1972-1973), *O poder psiquiátrico* (1973-1974), *Os anormais*⁶² (1974-1975), *Em defesa da sociedade*⁶³ (1975-1976), cujos resumos estão incluídos no livro *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*, publicado em 1989 na França e traduzido em 1997 no Brasil; nas conferências proferidas no Rio de Janeiro em maio de 1973 e incluída na coletânea *A Verdade e as Formas Jurídicas* (1974a); em *Sobre a justiça popular*⁶⁴ (1972a), *Os Intelectuais e o poder*⁶⁵ (1972b), *O nascimento da medicina social* (1974b) e *O nascimento do hospital* (1974c), incluídos no livro *Microfísica do poder* (1979), entre outros.

Podemos dizer que nos artigos, nas conferências e nos cursos que antecedem as obras *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade I*, Foucault começa a explicar o “aparecimento dos saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes” (Machado, 1979:10; 1982:187).

Nos trabalhos denominados genealógicos⁶⁶, os saberes são considerados peças de *relações de poder*, ou seja, a questão do poder⁶⁷

⁶² Publicada originalmente em francês com o título “Les anormaux” por Éditions du Seuil/Gallimard em 2001; traduzida no Brasil como “Os anormais” e publicada pela Martins Fontes em 2001.

⁶³ Publicada originalmente em francês com o título “Il faut défendre la société” por Éditions du Seuil, em 1997; traduzida no Brasil como “Em defesa da sociedade” e publicada pela Martins Fontes em 1999.

⁶⁴ “Sur la justice populaire”, publicado originariamente em *Les Temps Modernes*, nº 310 bis, 1972.

⁶⁵ “Les intellectuels et le pouvoir, publicado originariamente em *L’Arc*, nº 49, 1972”.

⁶⁶ Além da leitura dos textos que antecedem essa obra, a leitura dos textos *A casa dos loucos* (1975b), *Sobre a prisão* (1975c), *Poder-corpo* (1975d), *Genealogia e poder* (1976b), *Soberania e disciplina* (1976c), *Sobre a geografia* (1976d), *A política da saúde no século XVIII* (1976e), *Verdade e poder* (1977a), *O olho do poder* (1977b), *Não ao sexo rei* (1977c), *Sobre a história da sexualidade* (1977d) são fundamentais para a compreensão dos deslocamentos sobre o poder-saber feitos pelo o autor nesse período.

⁶⁷ “A analítica do poder” desenvolvida por Foucault em *Vigiar e punir* e em *A vontade de saber* é dirigida, em grande parte e de modo evidente, contra a teoria althusseriana dos “Aparelhos ideológicos do Estado...” (Eribon, 1994:199). Em *O Olhar do poder*, Foucault (1977b:221) afirma: “A questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição, ou somente em termos de Estado ou de aparelho de Estado. O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado.

é colocada como instrumento de análise que pode explicar a produção dos saberes.

Em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975a), a genealogia dos poderes aparece mais explicitamente na obra de Foucault. O autor desenvolve uma crítica sobre a concepção contratualista de poder, poder soberano e a concepção marxista-lenista do poder⁶⁸, tomando como objeto as tecnologias sociais que se configuram enquanto tecnologias do poder em relação ao corpo como alvo do poder e algo analisável e manipulável pelo poder⁶⁹.

A partir da invenção do "Panopticon" por Bentham⁷⁰ (séc. XVIII), a prisão-modelo cuja arquitetura denota uma nova tecnologia do poder, o autor mostra como o poder soberano do Antigo Regime, implantado no exército com a utilização das armas de fogo, dá lugar ao poder disciplinar, que passou a imperar nas prisões, hospitais, fábricas, conventos e escolas, aperfeiçoando gradativamente seu alcance, estendendo seus tentáculos até os indivíduos, tornados dóceis e úteis à sociedade na Modernidade. Com isso, novos saberes surgiram, tais como: a criminalística, a medicina hospitalar, a medicina social, a moderna pedagogia. Para o autor, os dispositivos do poder disciplinar que compreendem saberes, poderes e instituições recobrem todos os

⁶⁸ Se, num certo momento, Foucault foi solidário a Althusser no esforço para renovar o pensamento marxista, em outro momento, separando-se do engajamento esquerdista que praticou entre 1969 e 1975, ataca o procedimento de Althusser, que, segundo ele, equivale a exonerar o marxismo dos crimes de Stalin, pregando uma volta ao "verdadeiro marxismo", tentando opor o "marxismo-verdade", o "marxismo-texto" ao "stalinismo-erro", o que significa pôr a teoria "face a face com o real que a imita e de esfregar seu nariz nesse sangue que ela reprova, absolve e justifica" (Edibon, 1994:199). Vale ressaltar que as divergências políticas nunca comprometeram a amizade dos dois: nem em 1954, quando Foucault deixou o Partido Comunista; nem em 1966, depois da publicação de *As palavras e as coisas*, quando os procedimentos dos dois se tornam incompatíveis, mesmo tendo referências comuns sobre a história das ciências (Canguilhem); nem em meados dos anos 70, quando Foucault começou a denunciar ativamente o marxismo (cf. Edibon, 1994).

⁶⁹ Deleuze (1986a), em uma de suas homenagens póstumas a Foucault, comparou-o a um 'novo Marx', devido à sua forma revolucionária de entender o Poder. Para Deleuze, Foucault foi o principal teórico da contracultura, derrubando, em seu livro *Vigiar e Punir* uma série dos postulados tradicionais do pensamento de esquerda: postulado da propriedade; postulado do atributo; o postulado da subordinação; o postulado da localização; o postulado da modalidade; o postulado da legalidade.

⁷⁰ A esse respeito ver também *O olho do poder* (1977b), onde Foucault afirma que Jeremy Bentham é "um dos inventores de tecnologia de poder mais exemplares" (p.218) e onde também explica o funcionamento do *Panopticon*.

domínios da sociedade moderna. Instaure-se assim uma nova tecnologia do poder que se torna cada vez mais complexa e abrangente. Passa-se, então, do *panopticom* ao *panoptismo*.

O centro conceitual dessa obra é a noção de microfísica do poder, noção relacional do poder, segundo a qual o poder se exerce, a partir de inumeráveis pontos, sem existir um *locus* privilegiado como o Estado ou as classes dominantes; por relações de forças⁷¹; por redes que instauram em um espaço polivalente com multiplicidade de pontos de resistência⁷². Dessa perspectiva, o poder é repressivo e enclausurante, mas produz práticas, instituições, objetos, sujeitos (*enclausurados e sujeitados*) e estados de verdade, ou seja, saberes.

Foucault desloca o conceito de *disciplina*⁷³. Essa agora consiste na articulação do poder-saber, abarcando as formações discursivas e as formações não-discursivas. A disciplina se materializa em noções e conceitos, configurando um controle social que se efetua por normas e regras, por vigilância e por exame⁷⁴. Dessa perspectiva, o poder disciplinar faz funcionar relações de saber e poder que produzem a verdade do sujeito sujeitado por práticas disciplinares.

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1976a), Foucault contesta a hipótese da sexualidade reprimida, defendendo que

⁷¹ O poder em Foucault, assim como a potência em Nietzsche, não se reduz à violência, ou seja, à relação da força com um ser ou com um objeto. Ao contrário, consiste na relação da força com outras forças que ela afeta ou que a afetam. (cf. Deleuze, 1986b:145)

⁷² Essa noção relacional de poder, tal como postulada por Foucault, também vai ser importante para que a Análise Discurso de linha francesa saia do impasse criado na segunda fase, como veremos no capítulo 3.

⁷³ Os cursos ministrados na primeira metade da década de 70 são dedicados à questão das disciplinas ou das práticas disciplinares.

⁷⁴ Deleuze (1994) reafirma que uma das teses essenciais de *Vigiar e Punir* diz respeito aos dispositivos de poder. Para ele, tal tese lhe parecia essencial no que diz respeito a três aspectos: 1) em si mesma e em relação a certo esquerdismo, há uma profunda novidade política dessa concepção de poder, por oposição a toda teoria do Estado; 2) em relação a Foucault, pois lhe permitia ultrapassar a dualidade das formações discursivas e das formações não-discursivas, que subsistia em *A arqueologia do saber*, e explicar como os dois tipos de formações se distribuíam ou se articulavam segmento por segmento (sem que um fosse reduzido ao outro, sem que fossem levados a se assemelharem etc.); 3) os dispositivos de poder não procederam por repressão e nem por ideologia, mas por normalização e disciplina.

a sexualidade é um dispositivo histórico sustentado por discursos, saberes e poderes⁷⁵.

O autor não nega que o sexo vem sendo reprimido, mas afirma que essa interdição não é o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se pode escrever a história do sexo. Para ele, historicamente, existem dois procedimentos para produzir a verdade do sexo: *ars erotica*, própria de civilizações como Roma, Índia, China, etc., buscavam no saber sobre o prazer formas de ampliá-lo, era um saber de dentro, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber; e *scientia sexualis*, que, desde a Idade Média, configurou-se no ocidente onde a confissão tem sido central na produção de saberes sobre o sexo. A nossa civilização foi levada a internalizar a obrigação de confessar tudo, expor seus prazeres.

Dessa forma, o autor formula a hipótese repressiva numa economia geral dos discursos sobre sexo a partir do século XVII, quando a vida sexual começa a se constituir como objeto de saber. Até o século XVII, a moral reinante prescrevia o silêncio sobre a sexualidade. Mostra que a Contra-Reforma deu início, em todos os países católicos, ao processo de incitação dos discursos sobre sexo, ao estimular o aumento das confissões ao padre e também a si mesmo. As "insinuações da carne" (pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, etc), como aponta Foucault (1976a), devem ser ditas em detalhes. O bom cristão deve procurar fazer de todo o seu desejo um discurso. O século XVII fez desse colocar o sexo em

⁷⁵ Deleuze (1992) observa que em *A Vontade de Saber*, pode-se perceber a queda de pelo menos dois postulados tradicionais: o postulado do recalçamento, segundo o qual a sociedade reprime os desejos e instintos dos indivíduos. Para Foucault, não existe repressão sexual, o que há é uma 'interdição', onde o sexo é proibido e escondido apenas para ser incitado e incessantemente revelado, ou seja, as categorias de 'repressão/interdição' são substituídas pela de 'controle'; e o postulado hermenêutico do desejo, segundo o qual há, por detrás de qualquer ação humana, um sentido oculto a ser descoberto. Foucault rebela-se contra a confissão como 'um critério de verdade' e acredita que ela constitui uma estratégia do poder.

discurso “uma regra para todos” (p.24). Mesmo que tenha havido uma interdição de certas palavras, a decência das palavras é apenas um dispositivo secundário em relação a essa grande sujeição, é apenas uma maneira de tornar o discurso sobre sexo moralmente aceitável e tecnicamente útil.

O autor tenta mostrar que todos os elementos negativos ligados ao sexo (proibição, repressão etc.) têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber. Considerando os séculos XVIII, XIX e XX em suas transformações, o autor salienta:

Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em quais situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram assim regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e descrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. Ela se integra nessa política da língua e da palavra... (Foucault, 1976a:21-2).

Na instância discursiva e em seus domínios, entretanto, a partir do século XVIII, sob interesses diversos, nasceu uma incitação política, econômica e técnica a falar sobre o sexo. Para o autor, “a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para obter que fale

de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz” (Foucault, 1976a:35)

A proliferação de diferentes discursos incitada pelo próprio poder, através de instituições como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico não visava à proibição ou à redução da prática sexual, visava a produzir verdades sobre sexo e ao controle do indivíduo e da população, pois os discursos religiosos, filosóficos e médicos tinham por alvo a população, as famílias e, principalmente, as mulheres. A prática sexual passou a ser, então, analisada, contabilizada, classificada, especificada, através de pesquisas quantitativas ou causais.

No século XIX, surgem novas ciências, como a demografia e a sociologia. No século XX, em consequência dos avanços da medicina, da psicologia, da psicanálise, aparece uma nova disciplina: a sexologia; e novos especialistas: os sexólogos. Assim, a sexualidade torna-se cada vez mais objeto de saberes e poderes, de análises minuciosas, pesquisas, estatísticas e classificações.

Essa explosão de discursos sobre sexo, a partir do século XVIII, tomou forma nas diversas disciplinas: a medicina, a psiquiatria, a justiça penal, a demografia, a crítica política. Foucault considera que, a partir desse período, a proliferação dos discursos está ligada a quatro estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade: *a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso"*. Esses discursos são moralistas, mas revelam a necessidade reconhecida de superar esse moralismo. Supõe-se que se deve falar de sexo publicamente de uma maneira não ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito; deve-se falar de “sexo não apenas como uma coisa que se deve simplesmente coordenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade,

regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, mas administra-se” (Foucault, 1976a:27). Portanto, regula-se o sexo não pela proibição, mas por meio de discursos úteis e públicos, visando a fortalecer e a aumentar a potência do Estado (que significa a República, mas também cada um dos membros que a compõem).

Foucault (1976a) salienta, ainda, que um dos exemplos práticos dos motivos para regular o sexo foi o surgimento da população como problema econômico e político no século XVIII (população-riqueza, população mão-de-obra, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe), sendo “necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas” (p.28). Pela primeira vez, a sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados à maneira como cada pessoa usa o seu sexo. Isso significa que o aumento dos discursos sobre sexo pode ter almejado à produção de uma sexualidade economicamente útil.

O sexo tornou-se um problema para a demografia, mas despertou, também, as atenções de pedagogos e psiquiatras. Na pedagogia, há a elaboração de um discurso acerca do sexo das crianças, enquanto, na psiquiatria, há o estabelecimento do conjunto das perversões sexuais.

No século XIX, por sua vez, o procedimento da confissão extrapola a penitência, extrapola o domínio religioso. Há interferência de duas modalidades de produção da verdade: os procedimentos da confissão e a discursividade científica. O discurso médico, sob uma aura de neutralidade científica, produziu verdades sobre o sexo, que estava ligada a uma moral da assepsia e da conexão entre o

"patológico" e o "pecaminoso". A medicina do sexo se associa fortemente à biologia (evolucionista) da reprodução. Essa associação do discurso sobre o sexo com o discurso científico deu a ele maior legitimidade.

Segundo o autor, desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo generalizado, pois em toda parte foram criadas incitações a falar, dispositivos para ouvir e escutar, procedimentos para observar, interrogar e formular. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico, o controle familiar, que aparentemente visam apenas a vigiar e a reprimir essas sexualidades periféricas, funcionam, na verdade, como mecanismos de dupla incitação: prazer de exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; prazer de escapar a esse poder; e poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue.

Dessa forma, pode-se afirmar, então, que um novo prazer surgiu: o de contar e o de ouvir. É a obrigação da confissão, que se difundiu tão amplamente, que já está tão profundamente incorporada a nós, que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage. A confissão se diversificou e tomou novas formas: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas.

Na hipótese de Foucault, muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, o que se observa nos três últimos séculos é a colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes. Quanto a este último, afirma

não quero significar 'o Poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. (...) não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas,

atravessem o corpo social inteiro. (...) Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; (...) O poder está em toda parte; (...) porque provém de todos os lugares. (...) é o nome a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (Foucault, 1976a:88-89).

Assim, ao tratar das estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade, Foucault mostra que a vida e a subjetividade são tidas, pois, como objeto do *biopoder* e o poder como multiplicidades de forças, nas quais as resistências ao poder também presentificam-se

O autor não estudou a sexualidade somente nos limites do saber e do poder, mas também no limite da ética, domínio melhor explicitado em *História da sexualidade* I e II, como veremos a seguir.

2.1.3 A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: O SUJEITO EM SUA RELAÇÃO COM A ÉTICA

Se nas obras mencionadas, Foucault centrava na questão do sujeito em sua relação com o saber e com o poder, um novo elemento vai ser introduzido em sua trajetória: a questão do sujeito em sua relação com a ética. Trata-se da constituição do sujeito mediante *práticas de si*. Conforme Deleuze (1994), ocorre o ressurgimento da

subjetividade, do 'lado de dentro', 'uma dobra' não como uma entidade cognoscente, mas como uma auto-referência discursiva diante do poder e dos seus duplos, os discursos.

Para introduzir esse novo elemento, Foucault, depois de 1976, nos cursos⁷⁶ do Collège de France, efetua, primeiramente, um deslocamento teórico no eixo do poder, objetivando dar voz à resistência e manter o poder sobre o controle. Assim substitui o conceito de poder pelo de governo, o que torna possível a temática do *governo de si*, ou seja, o deslocamento teórico no eixo do sujeito. Assim, a *governabilidade*⁷⁷ definida pelo autor é a relação entre as técnicas de governo dos outros e as do governo de si, ou seja, *a governabilidade é o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si* (cf. Foucault, 1982).

O que se pode perceber é que o projeto inicial da História da sexualidade, como foi concebido em *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1976), tomou outro caminho. Após oito anos, Foucault apresenta, em *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* (1984a), em *História da sexualidade III: o cuidado de si* (1984b), o resultado dos seus estudos das tecnologias de si na Antiguidade, onde encontrou o *sujeito-forma*, suscetível de ser atualizado, apontado para o processo de sua constituição entre o *sexo e si mesmo*. Sobre esse deslocamento, afirma o autor:

Gostaria de mostrar, agora, de que maneira, na Antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através das práticas de si, pondo em jogo os critérios de 'uma estética da existência' (Foucault, 1984a:16).

⁷⁶ *Segurança, território e população* (1977-1978), *Do governo dos vivos* (1979-1980), *Subjetividade e verdade* (1980-1981); *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982).

⁷⁷ Podemos encontrar nas traduções brasileiras também a palavra *governamentalidade*.

Foucault propõe fazer a genealogia do homem de desejo, buscando, na Antiguidade Clássica até os primeiros séculos do cristianismo, estudar as formas e modalidades de relação consigo, pelas quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito ético por meio de diversas práticas de si (cf. Foucault, 1984a, 1984b, 1984c).

A ética, para Foucault, é a possibilidade de apontar o sujeito que constitui a si próprio como sujeito das práticas sociais. É o momento para refletir o motivo pelo qual o homem moderno constitui critérios de um modo de subjetivação em que a liberdade tenha espaço.

Em *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* (1984b), Foucault faz referência à Grécia no século IV a.C, para mostrar, a partir de textos de Xenofontes, Platão, Aristóteles e Hipócrates, que entre os gregos foram alvo de preocupação ética os prazeres (e não a sexualidade⁷⁸). Isso não significa que a moral cristã estava pré-formada na moral grega, mas esta já contava com o sujeito do desejo.

Nessa obra, a partir da noção de *chrèsis aphrodisíon* (uso dos prazeres) e de suas diferentes formas de subjetivação, são analisadas técnicas ou práticas de si que seguem os critérios de uma estética da existência, a partir da problematização moral das ações sexuais. A moral grega dependia de uma estilização do comportamento, de uma estetização da vida pelo uso da prudência, da razão, da moderação, seguindo guias práticos de conduta. A ética sexual grega, cujo alvo era o homem jovem ou maduro, mas livre e cidadão, que para comandar a *polis* precisava *dominar a si* e aos seus prazeres, refletia o jogo social e político das diferenças entre homem e mulher, entre homem e escravo, entre homem e menino, ou seja, baseava-se na constituição de um *si* como sujeito moral que instaurava em *si mesmo* uma estrutura de virilidade.

⁷⁸ O termo sexualidade surge mais tarde.

Assim, o autor, partindo da prática do regime de saúde, da gestão da casa e dos prazeres com os rapazes, mostra que a estética da existência é uma questão de *ethos*, que visa a individualizar as ações do indivíduo, a fim de que ele se constitua como sujeito moral através de exercícios de *domínio de si* que é fundamental para o exercício de liberdade, condição ontológica da ética: só os que *cuidam de si* não são escravos de seus desejos e paixões; e aquele que comanda a *si mesmo* poderá comandar os *outros*.

Para ser sujeito moral, era preciso ser sujeito de conhecimento, pois não há temperança sem a verdade, que permite distinguir o uso adequado, a ocasião apropriada, e a ação mais propícia.

Foucault observa que, na Grécia Clássica, através do regime de saúde, que era associado à medicina, regulava-se toda a vida, toda a maneira de se constituir como sujeito que tem cuidado necessário com o seu corpo. O regime era uma prática de si que se estendia à alimentação, à bebida, ao sono, às relações sexuais, aos exercícios, nos quais interessa intensidade, medida e natureza, variando conforme o local, duração e temperatura.

O regime das relações sexuais se justificava pelo jogo da vida e da morte. A idéia era que, na atividade sexual, gastava-se energia que devia ser controlada, pois a semente da vida era limitada. Logo, não se devia colocar em risco a sobrevivência da espécie. Por isso, os prazeres deveriam ser rareados pelo domínio de si, iniciando-se a vida sexual na idade conveniente, na justa medida e na ocasião propícia (inverno de preferência, por exemplo).

No que diz respeito à gestão da casa e do casamento, o cuidado moral estava ligado ao domínio do homem sobre a propriedade, as mulheres e os escravos. A mulher deveria desempenhar bem as tarefas domésticas, cuidar bem dos filhos, ser recatada e simples, ter autodomínio e ser fiel, pois estava sob o domínio do marido, a quem

cabia a responsabilidade de manutenção da casa. O esposo, por sua vez, poderia ter relacionamentos extraconjugais, mas tais relacionamentos não poderiam resultar em filhos, pois estes perderiam o direito à cidadania. O homem (esposo) deveria, pois, ter moderação e temperança, que não tem por alvo a esposa, mas o *status* na *polis*.

No que se refere aos prazeres com os rapazes, Foucault (1984a) observa que, na Grécia Clássica, a discussão do amor verdadeiro era feita no domínio do amor com os rapazes. Os gregos amavam o corpo belo e jovem (rapaz ou mulher). O amor homossexual não era patologizado e nem condenável. A relação se dava entre um cidadão mais velho e um rapaz, que, se não fosse escravo, ficava livre para escolher. O que estava em jogo era a honra do rapaz, que devia ser preservada para que ele se tornasse um futuro cidadão. Dessa forma, o amante amava através do rapaz, ou seja, amava o belo em si; o poder do amante não deveria anular o domínio de si do amado, que deveria desejar o prazer do outro e não seu; e o amado deveria amar a sabedoria do amante, que acabaria renunciando aos prazeres pelo domínio de si; enfim, o amor se transforma em amizade.

Em *História da sexualidade III: o cuidado de si* (1984b), Foucault analisa os textos dos estóicos e epicuristas para mostrar como se dava a constituição do sujeito moral a partir das ações sexuais na cultura greco-romana dos dois primeiros séculos da Era Cristã. O autor salienta as mudanças que ocorreram na forma de constituição do sujeito nessa época a que ele denomina de cultura de si, definida como “a idade de ouro do cuidado de si”. Diferentemente da época grega, o cuidado de si não serve mais à vida na *polis* e ao desempenho do poder político, pois tem um fim em si mesmo; e representa uma forma de vida que abrange a totalidade da existência.

O conhecimento de si presente na época greco-romana contém os mesmos elementos que a ética sexual grega, mas houve alguns

deslocamentos. Essa época é caracterizada pela moral da renúncia, pela valorização da mulher e do casamento, pelo fato de o amor pelos rapazes ser de interesse secundário, pela estética da existência baseada na reciprocidade, na fidelidade e na meditação dos próprios atos. A cultura greco-latina, na qual estava presente também o sujeito de desejo, problematizou o ato sexual, a fidelidade no casamento e o homossexualismo. A conduta sexual era submetida a uma forma universal fundada na razão e na natureza humana.

A constituição do sujeito ético nos séculos I e II na Era Cristã é mais complexa que na Grécia Clássica. O problema era conciliar o domínio sobre os outros com o domínio de si. A cultura de si valorizava o sujeito pelo que ele era e não pelo que ele possuía. A ética de si compreendia o equilíbrio entre a desigualdade e a reciprocidade no casamento e na vida política e social.

Se na Antiguidade Clássica valorizava-se o amor sexual como meio de buscar a verdade e o casamento cumpria somente a função de transmitir o patrimônio e assegurar a descendência, nos séculos I e II da Era Cristã valorizava-se o casamento, que passa a ser regulado por medidas legislativas, e toda uma estética de existência do relacionamento a dois é elaborada. Nessa estética, deve haver reciprocidade, amor, afetividade, “igualdade”, lealdade; valorização do outro (a mulher/esposa) como o parceiro idêntico; fidelidade (não como prescrição, mas opção do homem virtuoso; a infidelidade do homem não era condenada).

Se, na Grécia Clássica, os prazeres eram guiados pela justa medida, nos séculos I e II da Era Cristã, eram regrados por regimes para que a fragilidade do corpo não sofresse as consequências da atividade sexual, ou seja, era preciso ter um trabalho da alma sobre o corpo e domínio dos desejos, já que se considerava que o princípio vital era despendido na relação sexual; que a relação sexual não devia

perturbar a *relação do si para si*; e que a relação sexual devia ter seu lugar no casamento.

O sexo não era visto, pois, como um mal a ser evitado e vigiado. A história de proibições, castigo, temores e renúncia ao sexo como condição para a vida moral, inicia-se somente no final do século II da Era Cristã, quando começa a se constituir um novo sujeito moral, uma nova ética de si: a cristã, tema tratado por Foucault em “Confissões da Carne”, obra que seria o IV volume do projeto História da Sexualidade, mas que não foi e não será publicada por expresse pedido do autor à família, antes de morrer.

Em *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* e em *História da sexualidade III: o cuidado de si*, Foucault trata da constituição do sujeito em sua relação com a ética, através da qual este se constitui como agente moral, mediante práticas de si, o que significa auto-referência discursiva diante do poder e dos seus duplos, os discursos, nas palavras de Deleuze, ou seja, que o sujeito não se constitui somente num sistema simbólico, pois “não é somente no jogo dos símbolos que o sujeito é constituído. Ele é constituído em práticas verdadeiras – práticas historicamente analisáveis. Há uma tecnologia da constituição de si que perpassa os sistemas simbólicos ao utilizá-los” (Foucault, 1983:275).

Em resumo, nos três livros em que trata da história da sexualidade, Foucault tenta traçar a genealogia do sujeito de desejo, a partir das práticas discursivas em seus efeitos de saber e poder. Ao percorrer os textos filosóficos e médicos da Grécia Clássica e dos dois primeiros séculos da Era Cristã para estabelecer a relação entre sexo e a procura da verdade, o autor procura mostrar que o dispositivo da sexualidade não existia nem nos clássicos nem nos cristãos. Mas isso não significa, como vimos, que os clássicos e os cristãos não tivessem

se constituído como sujeito do desejo, que os clássicos e os cristãos não tivessem tido experiências sexuais. Para o autor, na genealogia do sujeito, as experiências sexuais passam pelos seguintes “estágios”: os *aphrodisia* para os gregos, a carne para os cristãos e a sexualidade para o homem moderno (cf. Foucault, 1984d:305).

Na Grécia Clássica, o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito ético por meio de diversas práticas de si: o cuidado de si serve à vida na *polis* e ao desempenho do poder político que envolve o exercício do domínio de si e do domínio dos outros. A moral na época greco-romana contém os mesmos elementos que a ética sexual grega, mas é mais austera: o sujeito se constitui e se reconhece pelo que é não pelo que possui, pois o cuidado de si tem um fim em si mesmo, representando uma forma de vida que abrange a totalidade da existência, na qual o domínio sobre os outros com o domínio de si é conciliado, e a desigualdade e a reciprocidade no casamento e na vida política e social são equilibradas.

Com a pastoral cristã surge uma nova moral que diz o que se deve fazer, pensar e sentir, ou seja, uma moral como obediência a um sistema de regras; *as práticas de si* visam à carne: o problema da verdade sexual se manifesta pela confissão e pelo testemunho. O sexo deve ser colocado em discurso pelo bom cristão.

A prática confessional, inaugurada com a pastoral cristã, torna-se, desde os séculos XVII e XVIII, a técnica de trabalho de si sobre si na Modernidade, onde a região da sexualidade e do sexo, atada às práticas da ciência, da medicina, da pedagogia, da psicologia, da psicanálise, da demografia, da sociologia, da justiça penal, da sexologia, etc., sofre a injunção de ter que ser dita, ser decifrada, ser confessada, ser analisada. Há uma incitação generalizada a falar sobre a sexualidade e sobre sexo, que são regulados por meio de discursos úteis e públicos. Conforme Foucault (1976a:63), pela primeira vez,

sem dúvida uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confidência dos prazeres individuais”

Enfim, na genealogia do sujeito, o desejo é apresentado como objeto de preocupação ética, religiosa e médica. Foucault tenta mostrar que o sujeito em sua relação com a *ética* se transforma, mas os códigos morais se repetem e as interdições se assemelham.

2.2 A ARQUEOGENEALOGIA DO SUJEITO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA ESTE TRABALHO

Não encontraria melhores palavras para justificar esse retorno a Foucault do que as palavras Deleuze:

Quando as pessoas seguem Foucault, quando tem paixão por ele, é porque têm algo a fazer com ele, em seu próprio trabalho, na sua existência autônoma. Não é apenas uma questão de compreensão ou de acordo intelectuais, mas de intensidade, de ressonância, de acorde musical (Deleuze, 1992:108).

Assim, a presença deste capítulo se justifica porque Foucault tem algo a dizer neste trabalho.

Em primeiro lugar, tentamos mostrar que, ao traçar a arqueogenealogia do sujeito, ou seja, explicar a constituição do sujeito⁷⁹ em sua relação com o saber (verdade), com o poder e com a ética, e postular, que “o sujeito se constitui através de práticas de assujeitamento, ou, de uma maneira mais autônoma, através de práticas

⁷⁹ Para o autor “não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que se encontra em qualquer lugar” (Foucault, 1984c:733).

de libertação, de liberdade, como na Antiguidade, desde (bem entendido!) de um certo número de regras, estilos, convenções que se encontra no meio cultural” (Foucault, 1984c:733), o autor problematiza a atualidade na questão de saber *o que se passa, o que somos, o que fazemos e o que estamos nos tornando*.

Em segundo lugar, buscamos localizar alguns dos postulados teóricos do quadro da arqueogenealogia do sujeito que são fundamentais tanto na construção, quanto na reconstrução e reconfiguração do quadro teórico da Análise de Discurso, por terem aberto possibilidades e saídas para os impasses dessa disciplina nas fases primeira, segunda e terceira, e por continuarem abrindo possibilidades para novos impasses, como veremos no capítulo 3;

Por fim, entendendo que tanto os postulados teóricos quanto as práticas de leitura desenvolvidos nos trabalhos de Foucault foram e continuam sendo fundamentais na prática de análise de discursos, pretendemos deslocar alguns desses postulados, juntamente com alguns postulados teóricos do quadro da análise de discurso, que discutiremos no capítulo 3, e fazer funcionar na prática de análise do *corpus*, para tentar responder às questões e comprovar as hipóteses deste trabalho.

3 ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DE DISCURSO

CONSTRUÇÃO, DESCONSTRUÇÕES E RECONFIGURAÇÕES

Nunca foi mais verdadeira a palavra de Nietzsche de que os grandes acontecimentos chegam sobre patas de pombo.

(Émile Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I*)

3.1 CONTEXTOS EPISTEMOLÓGICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO⁸⁰

A segunda metade do século XX, e, mais precisamente, a década de 60, é marcada por uma conjuntura intelectual em que diversos estudiosos se propõem a fazer uma releitura do estruturalismo, principalmente no que diz respeito à sua base unificadora, ou seja, à

⁸⁰ O contexto epistemológico a que se refere este trabalho diz respeito ao nascimento da Análise do Discurso na França. Quando falamos em Análise de Discurso de linha francesa, estamos tomando como referência os trabalhos cujos fundamentos vamos expor neste capítulo. É necessário esclarecer que, embora na França exista uma concepção particular de Análise de Discurso diferente da concepção que circula na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos (onde o termo “*discourse analysis*” compreende os trabalhos sobre a conversação, os diálogos, as interações socialmente situadas, co-construção do sentido, a organização textual, a situação de comunicação), não significa que quando se fala em Análise de Discurso de linha francesa, atualmente, haja aí uma unidade de um campo específico. De acordo com Maltby (1988), o termo discurso é objeto de enfrentamentos teóricos divergentes, principalmente depois da chegada da pragmática, da filosofia da linguagem, da análise da conversação, do apogeu da lingüística da enunciação e da recepção dos trabalhos de Bakhtin, possibilitando re-filiações e favorecendo a emergência de novos objetos. Em consequência, como salienta Maingueneau (1995), atualmente na França, não se fala em Análise de Discurso, mas em análises de discursos. São colocadas em evidência uma diversidade de pesquisas que são denominadas de Escola Francesa, indicando estudos conjuntos com a história, com a sociolingüística, com a etnolingüística, com a semiolingüística, com a análise da conversação, com as teorias da argumentação e da comunicação, etc., apontando para um deslocamento com a tradição francesa de Análise de Discurso que iremos tratar no item 3.2 deste capítulo. Por extensão, assiste-se, também, no Brasil, à tensão causada por essa heterogeneidade de disciplinas que toma o discurso em diferentes acepções, o que nos leva a argumentar que, na diversidade dos diferentes grupos de pesquisa, há diferentes análises de discursos. Mas uma concepção particular de Análise de Discurso, cujo quadro teórico foi fundamentado a partir da lingüística, do materialismo histórico e da psicanálise, continua produzindo efeitos tanto na França quanto no Brasil. É, pois, na reconfiguração desse quadro teórico que pretendemos trabalhar.

Linguística, colocada no centro do dispositivo das ciências, ou seja, promovida a ciência-piloto pelo estruturalismo francês. Isto significa que os estruturalistas tomaram como referência a Linguística para tentar definir os seus métodos, transferindo “todo um conjunto de conceitos lingüísticos para quase todos os domínios das ciências humanas e sociais” (Henry, 1969:27).

Na releitura do estruturalismo, a dicotomia *langue/parole* postulada por Saussure⁸¹ é questionada de várias maneiras nas pesquisas lingüísticas. Nos Estados Unidos, testemunha-se o apogeu do gerativismo chomskiano e da sociolingüística laboviana; e, na Europa, da lingüística da enunciação influenciada por Benveniste e pela filosofia analítica de Oxford, da lingüística textual e da semiótica imanentista.

⁸¹ No *Curso de Lingüística Geral* organizado, postumamente, por Charles Bally e Albert Séchehay, a partir de anotações das conferências de seus cursos ministrados entre 1907 e 1911, e publicado em 1916, Saussure defende que, para a lingüística conquistar o *status* de ciência, precisa definir seu objeto e um método próprio. Para tanto, no conjunto dos fenômenos que constituem a linguagem, ele tenta conceber um objeto propriamente lingüístico, argumentando que a linguagem é multiforme e heteróclita, estendendo-se sobre vários domínios, físicos, fisiológicos e psíquicos, individuais e sociais; que a linguagem não é classificável em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não sabemos onde está sua unidade. A fim de precisar esse objeto lingüístico, afirma que a linguagem tem uma face social (língua) e uma face individual (fala) e que uma face não pode ser concebida sem a outra, mas institui a língua como o único objeto que pode dar lugar a uma racionalização científica, definindo-a como algo adquirido e convencional. Ele levanta o seguinte dilema: “ou nos debruçamos sobre uma só face de cada problema, e nos arriscamos a perder de vista as dualidades (...); ou então, se estudamos a linguagem em várias perspectivas simultâneas, o objeto da lingüística surge-nos como um amálgama confusa de coisas heteróclitas sem ligação entre si” (Saussure, 1916:34). Logo em seguida, apresenta solução: “é preciso colocarmo-nos em primeiro lugar no terreno da língua e tomá-la como norma para todas as outras manifestações da linguagem. Com efeito, no meio de tantas dificuldades só a língua parece ser suscetível de uma definição autônoma, só ela oferece um ponto de apoio para o espírito” (Saussure, 1916:34). Em consequência, surge o questionamento se Saussure é o fundador da lingüística. Para Gadet (1989) e Barthes (1973), há um corte entre a concepção do período pré-saussuriano e a que Saussure inaugurou. Para Normand (1990), há um corte, mas este não é marcado pela noção de sistema, pois já estava presente nos trabalhos da dialectologia, e nem pela tese da arbitrariedade do signo, da qual os comparativistas já estavam convencidos no final do século XIX, rejeitando o modelo naturalista e adotando o modelo convencionalista. Para ela, a ruptura situa-se no plano do princípio semiológico, ou seja, na teoria de valor. Milner (1978), por sua vez, argumenta que é em Bopp que se encontra a base da constituição da gramática que sai da Idade Clássica, da representação. Para ele, tudo que está na lingüística sincrônica já está na gramática comparada e o que faz pensar que Saussure instituiu uma ciência inédita é o fato de os conceitos de língua, de signo, etc., por ele elaborados, autorizarem outras abordagens por terem um alcance mais geral.

Esses diferentes campos, objetivando complementar o que falta à lingüística postulada por Saussure (cujo objeto é a língua enquanto ordem própria), diluem a língua nos domínios bio-psico-sociais, retomando a fala sob diversas formas, tais como: *sujeito falante, referente, contexto, situação, locutor, enunciador, atos de linguagem*, etc. O estatuto do sujeito que perpassa esses domínios é a do sujeito idealista como origem, essência ou *causa de si*⁸².

Ao mesmo tempo, na França, uma corrente filosófica, epistemológica e politicamente heterogênea se constitui e se institui pela referência à releitura das obras de três nomes fundadores: Marx, Freud e Saussure. Essa tríplice aliança⁸³ colocava ao lado da Lingüística e da Psicanálise a antropologia, a história, a política, a escrita literária (cf. Pêcheux, 1982a).

Assim, enquanto a exterioridade da língua é retomada em diferentes formas nos estudos lingüísticos, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, várias tentativas de renovação teórica, em que o maior questionamento se dava em torno do estatuto da concepção idealista do sujeito como centro e causa de si, começavam a circular no contexto filosófico e político na França.

Foucault, como vimos no capítulo anterior, tentando definir um novo caminho que poderia renovar a história das idéias, projeta “criar uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura” (Foucault, 1982:231), postula que o sujeito é constituído pelos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos, ou seja, o sujeito é da ordem do discurso⁸⁴. Derrida, objetivando renovar a filosofia, postula que não há sujeito fora da ordem do

⁸²Termo usado no sentido do filósofo racionalista Spinoza (em *A Ética*), para quem Deus é a substância única e causa de si. E, nesse sentido, o homem é o Deus do próprio homem.

⁸³ Em Foucault (1967), encontramos a tríplice aliança Nietzsche, Freud e Marx.

⁸⁴ Ver *A arqueologia do saber* (1969a).

signo⁸⁵. Lacan, buscando renovar a psicanálise, afirma que o sujeito desta é o sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem e, portanto, falado pelo simbólico⁸⁶. Assim, os sujeitos postulados por Foucault, por Derrida e por Lacan estão ligados à linguagem e colocam em causa a transparência da língua. Althusser, por sua vez, objetivando renovar o marxismo e o materialismo histórico de Marx, não estava interessado pela linguagem e postula que o sujeito é o da ideologia, que a ideologia não existe senão por e para os sujeitos, e que não há outro sujeito senão este da ideologia; enfim, que o sujeito se constitui pela sua sujeição à ideologia.

O projeto da disciplina Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD) nasce, no final da década de 60, dentro dessa conjuntura intelectual filosófica e política, numa dupla fundação, em torno do lingüista francês Jean Dubois, que, na época, participava ativamente dos trabalhos que manifestavam “o espírito de conquista da lingüística: da elaboração de dicionários e da criação de revistas” (Maldidier, 1988:174), a exemplo da revista *Langages*, criada em 1966; e do filósofo francês Michel Pêcheux, que, situando-se no campo da história das ciências, participava dos debates teóricos que aconteciam na rua d’Ulm sobre marxismo, psicanálise e epistemologia⁸⁷.

A dupla fundação é marcada pelo fato de os dois estudiosos (ligados pelo espaço comum do marxismo e da política) terem buscado na lingüística novas formas de abordar a política, partindo de pontos

⁸⁵ Ver Derrida (1967). *L’écriture et la différence*

⁸⁶ Ver Lacan (1964, 1966).

⁸⁷ Na rua d’Ulm, sob a liderança de Althusser, um grupo de trabalho informal se reunia para discutir questões teóricas relacionadas ao marxismo, à psicanálise e à epistemologia. Entre os que tiveram uma participação constante, podemos destacar Étienne Balibar, Michel Pêcheux, Roger Establet, Pierre Macherey, Jacques Rancière, Michel Fichant, François Regnault, Alain Badiou, Robert Linhart, Yves Douroux, Nicos Poulantzas, Jacques-Alain Miller, Régis Debray, Dominique Lecourt, Saul Karsz, Bernard-Henri Levy. A convite de Althusser, Jacques Lacan teve o seu seminário na École Normale. Alunos de Althusser como Foucault, Derrida, Pierre Bourdieu, Michel Serres, Jacques Bouveresse, André Comte-Sponville estavam próximos.

diferentes para teorizar a relação da lingüística com um exterior, a fim de romper com a forma tradicional de explicação de texto ou de comentário. A questão da constituição do sujeito e, conseqüentemente, do sentido torna-se, desde então, um dos pontos de maior dificuldade da AD.

Dubois, de um lado, rompeu com o comentário literário, argumentando que a AD devia substituir a subjetividade do leitor pelo aparelho da gramática. Para ele, o progresso permitido pela lingüística seria a passagem do estudo das palavras para o estudo do enunciado, ou seja, do estudo da lexicologia para a análise do discurso que se apresentava como uma extensão natural a permitir a incorporação do sujeito e do contexto nos estudos lingüísticos. Dessa forma, como observa Mالدیدیر (1988), ele tentava articular um modelo lingüístico e um modelo sociológico (ou histórico) e psicológico, oscilando, às vezes, entre uma posição estruturalista estrita e uma posição integracionista em que via *a revolução chomskiana como esperança de uma teoria do sujeito e da situação na analítica do discurso*⁸⁸.

Pêcheux, de outro lado, rompeu com as práticas de explicação de texto e com os métodos estatísticos que vigoravam nas ciências

⁸⁸ O gerativismo chomskyano, inicialmente designado de gramática transformacional, foi introduzido na França por Nicolas Ruwet, a partir de 1966. Entre seus divulgadores na terra francesa, destaca-se Jean Dubois que desde 1965 dedicara-se à aplicação de certos aspectos do distributivismo de Harris. Vale ressaltar que o sucesso da obra de Chomsky, no final da década de 60, na França, é conseqüência de um mal entendido, como explica Dosse (1991): “se (...) o movimento de maio de 1968 vai, em grande parte, fragilizar o paradigma estruturalista, o chomskysmo encontra-se, pelo contrário, em consonância, em simbiose com os acontecimentos do final dos anos 60 na base de um mal-entendido” (p.21), que resulta do fato de Chomsky ter se apresentado como a própria expressão da postura crítica, já que era considerado como um radical na acepção norte-americana, por ter contestado a guerra do Vietnã; do fato de os franceses terem entendido o termo *gerativo*, ou melhor, transformacional, no sentido de engendrar, fecundar, movimentar, dissociando-o do estruturalismo conservador, contrariando aos objetivos da gramática gerativa que pretendia tentar explicitar a competência lingüística (inata) dos sujeitos falantes por meios de regras; pelo fato de os franceses não terem levado em conta que Chomsky não designava em suas críticas o estruturalismo europeu, mas o estruturalismo americano de Bloomfield que vigorava na década de 50: se inicialmente, seus trabalhos filiaram-se ao distributivismo de Harris, posteriormente, apoiaram-se no racionalismo cartesiano do século XVII, retomando o inatismo desse período, ou seja, orientaram-se na direção da gramática gerativa, cuja base se encontra na tradição européia que remonta à Gramática de Port-Royal.

humanas, tomando a leitura dentro de uma teoria não-subjetiva da linguagem. A Análise de Discurso, nessa perspectiva, foi instituída na ruptura epistemológica com a ideologia que dominava nas ciências humanas, principalmente na psicologia. Dessa forma, tomou o discurso na sua relação com a língua como objeto de estudo, pensando a Análise de Discurso em relação a uma teoria do discurso que considerava, por sua vez, uma interpretação althusseriana do materialismo histórico. Para tanto, Pêcheux questionou a lingüística e as extensões da ciência piloto, ou seja, os campos das pesquisas lingüísticas, que diluíram a língua nos domínios bio-psico-sociais, decorrentes de diferentes formas de humanismo, que consideram a forma de sujeito de direito, coberto pela subjetividade moral e psicológica; *percebeu a existência de uma jogada teórica fundamental no corte saussuriano; e tomou como base a teoria de valor, que coloca a língua como sistema formal, para construir o objeto discurso* (cf. Maltidier, 1988) no confronto teórico da articulação entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia.

Se as posições teóricas distanciavam Dubois e Pêcheux na dupla fundação da AD, as posições metodológicas os aproximavam. Ambos apoiaram-se na metodologia distribucionalista de Harris, lingüista americano que estendeu o mesmo método de análise de morfemas e frases para a análise lingüística de texto.

Para além das divergências teóricas, na virada da década de 60 do século XX, os trabalhos desenvolvidos por lingüistas, em torno de Dubois; e por pesquisadores em ciências humanas e sociais, em torno de Pêcheux, materializaram uma prática de Análise de Discurso na França

Interessa-nos, neste capítulo, discutir a construção, as desconstruções e as reconfigurações da Análise de Discurso fundada

por Pêcheux que, inspirado em Althusser⁸⁹ ajudou definir a Escola Francesa de Análise de Discurso.

A Análise de Discurso fundada por Pêcheux em 1969 se desenvolveu no embate teórico, demarcado, segundo o autor, em três épocas, e não cessou de produzir efeitos, como veremos a seguir. Por isso, concordamos com Maltidier (1988:181) que afirma: “a história da constituição da AD pode, talvez, ser vista como uma amostra da história das ciências dentro de um domínio, onde a ruptura é sempre lugar de recobrimentos”, ou um lugar possível de recobrimentos, acrescento.

Ressaltamos que, nos recobrimentos e reconfigurações possibilitados pelas rupturas, pelas fissuras, pelas falhas constitutivas na construção do saber da AD, além de Althusser, Foucault, Lacan e Derrida, outros estudiosos são conclamados, como veremos a seguir.

3.2 A ANÁLISE DE DISCURSO E SEUS EFEITOS: *CONSTRUÇÃO, DESCONSTRUÇÕES E RECONFIGURAÇÕES*

3.2.1 PRIMEIRA FASE DA AD

A primeira fase da AD é marcada pela *Análise automática do discurso (AAD-1969)*.

⁸⁹ Conforme Evangelista (1984), a intervenção filosófica de Althusser foi decisiva na cena francesa para promover o que se tornou conhecido como *um (re)começo do Materialismo Dialético*, marcado por estratégias que abrangem dois grandes momentos. No primeiro, que culmina em 1965, a cientificidade do Materialismo Histórico, que se achava encoberto por ideologias, mostrou-se de modo vigoroso, e foi decisivo o recurso à categoria bachelardiana de *ruptura*, assumida por Althusser sob a forma do conceito de *corte epistemológico*. Assim, nessa primeira, fase a luta de classes foi relegada a segundo plano, pois a Filosofia, ao assimilar-se à Epistemologia e ao definir-se como Teoria das práticas teóricas, concentrou-se na oposição Ciência X Ideologia. No segundo momento, por sua vez, que tem início em 1967 e auge em 1974, a Filosofia é redefinida como *Política na teoria*. Em consequência, a luta de classes, que havia sido relegada no primeiro momento, retoma seus direitos.

Pêcheux (1969) salienta que, antes do advento da ciência lingüística, a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo a ciência da expressão e a ciência dos meios desta expressão, ou seja, estudar uma língua significava estudar textos ou o conteúdo desses textos, colocando questões provenientes, de um lado, do que a prática escolar denomina de compreensão de texto (*De que fala o texto x?*; *O que quer dizer o texto x?*; *Quais as idéias principais do texto x?*, *O que o autor quis dizer no texto x?*); de outro lado, da atividade do gramático sob modalidades normativas ou descritivas (*O texto x está em conformidade com as normas da língua na qual ele se apresenta?*; *Quais são as normas próprias do texto x?*).

Essa homogeneidade entre a prática e a teoria da linguagem, segundo o autor, é separada pelo deslocamento conceptual introduzido por Saussure, que distingue no todo da linguagem duas faces que não podem ser concebidas uma sem a outra: a língua (face social) e a fala (face individual).

Ao fazer tal distinção, como sabemos, Saussure separa o que é social e o que é individual, definindo a língua como uma teia de relações entre os elementos lingüísticos, formando um sistema em que cada um dos elementos componentes só se pode definir relativamente aos outros com os quais forma sistema. Para ele, a língua, enquanto sistema de signos lingüísticos, é o único objeto que pode dar lugar a uma racionalização científica e não pode ser compreendida como função do sujeito falante. Dessa perspectiva, o texto não pode ser o objeto para a ciência lingüística, como observa Pêcheux (1969), pois o que funciona é a língua, que se opõe à fala.

Ao discutir o objeto da ciência lingüística, Pêcheux (1969) observa que no *Curso Geral de Lingüística* há duas formas de definição do conceito de língua. A primeira trata das propriedades do objeto, ou seja, a língua é definida como a parte social da linguagem,

exterior ao indivíduo, que, por si, não pode nem criá-la, nem modificá-la. A segunda define a língua por uma dupla relação: por um lado, assinala que a língua enquanto instituição social se distingue de outras instituições, a exemplo dos sistemas institucionais jurídico e político; por outro lado, assinala que a língua é o mais importante de todos os sistemas semiológicos e é comparável aos outros sistemas semiológicos que tem um estatuto científico potencialmente equivalente. Pêcheux (1969) aponta duas exclusões teóricas da ciência lingüística: a fala e as instituições “não-semiológicas”.

Quanto a essa questão, vale ressaltar que, ao separar da língua tudo o que é alheio ao seu organismo, ao seu sistema, tudo o que se designa pelo termo “lingüística externa”, Saussure não deixa de reconhecer que essa lingüística (externa) ocupa-se de aspectos importantes. Observa que há relação entre a história de uma língua e a de uma raça ou de uma civilização; que os costumes de uma nação incidem sobre a sua língua e que a língua faz a nação; que há relação entre língua e história política; que há relação entre língua e as instituições de todos os tipos. Argumenta, principalmente, que o estudo dos fenômenos lingüísticos externos é fecundo, *mas que é falso afirmar que sem ele não se pode conhecer o organismo interno, postulando que a língua é um sistema que só aceita a sua própria ordem*⁹⁰ (cf. Saussure, 1916:51-5), questão teórica fundamental da obra póstuma que marca o início da ciência lingüística.

Na crítica que faz a Saussure com relação a essa dicotomia, Pêcheux (1969) não discorda do fato de que a língua tenha uma ordem própria, mas defende que a separação língua/fala autoriza a reaparição do conceito filosófico de sujeito livre, como causa e origem de si, fazendo emergir o sujeito falante como subjetividade em ato, ou seja, como

uma unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a lingüística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece da liberdade humana” (Pêcheux, 1969:71).

Por não conceber um sujeito como indivíduo livre, fonte do dizer e senhor de sua língua na base de toda atividade lingüística, propõe um nível intermediário entre a língua e a fala, entre a universalidade e a singularidade individual, um nível que “define ‘contratos’ lingüísticos específicos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes e normas mais ou menos localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminar-se uns sobre os outros” (Pêcheux, 1969:74).

Nesse nível a que Pêcheux (1969) chama de intermediário situa-se o que ele denomina de *discurso*, definido não como objeto empírico, mas dentro da relação com a história e como efeito de sentido produzido entre os interlocutores. Na primeira fase, apoiando-se no ponto de vista de Althusser, para quem os sujeitos são assujeitados a um sujeito-estrutura, ele afirma que

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus suportes (Pêcheux, 1983a:311).

⁹⁰ Essa concepção de língua funda o princípio de imanência.

Dessa forma, Pêcheux introduz no quadro teórico da ADD a noção de *sujeito-estrutura*, lugar determinado na estrutura social, e a noção de *sujeito-assujeitado*, *que funciona como suporte-porta voz do discurso*, para definir o sujeito do discurso com *um efeito de assujeitamento de um lugar na estrutura social*.

A noção de discurso como efeito de sentido e a recusa da noção de sujeito livre são elementos da crítica de Pêcheux a Saussure. Essa crítica é reforçada pela noção de *condições de produção* (reformulação das noções descritivas de circunstância e situação) do discurso, noção que o autor desloca do marxismo, para ser explicada através do quadro de formações imaginárias, elaborado a partir do quadro ou esquema informacional de comunicação de Jakobson.

No quadro de formações imaginárias apresentado pelo autor, não há lugar para mensagem como transmissão de informação, nem para emissor e receptor. O que se busca evidenciar é que as posições dos protagonistas do discurso se relacionam através de um jogo de imagens que designa o lugar do qual falam, a imagem que fazem desse lugar e do referente⁹¹. Dessa forma, o sujeito “se encontra representado, isto é, presente, mas transformado... funciona nos processos discursivos como uma série de formações imaginárias” (Pêcheux, 1969:82). O sujeito que interessa à Análise de Discurso de linha francesa é desde o início um lugar social, um lugar na estrutura. Além desse sujeito, o referente e a historicidade estão também representados, como a exterioridade que não se confunde com a realidade empírica.

Nessa época, a concepção de língua que sustenta a proposta de Pêcheux é “fortemente marcada pela ideologia estrutural: a base invariante (sintaxe) vs a seleção combinação (léxico)” (Maldidier,

⁹¹ Entre as críticas ao quadro de formações imaginárias e à AAD, destaco Courtine (1981) e Courtine e Marandin (1981).

1988:179). E o dispositivo analítico é denominado de “maquinaria-discursivo-estrutural”. Apoiando-se na metodologia distribucionalista de Harris, o autor objetivava

reunir um conjunto de traços discursivos empíricos ('corpus de seqüências discursivas') fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva (por exemplo um mito, uma ideologia, uma episteme) e construir, a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos lingüisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços: a construção efetiva desse espaço constitui um gesto epistemológico de 'ascensão' em direção à estrutura desta máquina discursiva que supostamente as engendrou. (Pêcheux, 1983a:312)

Com esse quadro conceptual teórico, supõe-se que não se pode analisar “um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (Pêcheux, 1969:79). Podemos observar, entretanto, que o discurso fica restrito a um conjunto de enunciados fechados, que se relacionam entre si pela justaposição, sendo passíveis de ser analisados por uma máquina lógico-semântica, *em que o outro subordina-se ao mesmo, ou seja, o “outro da alteridade discursiva empírica” é reduzido ao mesmo e o “outro alteridade 'estrutural' só é (...) uma diferença entre mesmos”* (cf. Pêcheux, 1983a:313).

A ADD objetivava evidenciar, portanto, em *corpus* fechado, o caráter institucional do discurso, buscando as particularidades das seqüências discursivas, selecionadas num espaço discursivo,

denominado por condições de produção supostamente estáveis e homogêneas. O fechamento do *corpus* discursivo, a homogeneidade do *corpus* e a dissociação entre descrição e interpretação tornaram-se objeto de críticas tanto de analistas de discurso quanto de lingüistas e de pesquisadores de outras áreas, já que o mesmo quadro teórico que dava existência à AD do primeiro período colocava-lhe limites e bloqueios.

Apesar de reconhecer tais limites e bloqueios, Malidier defende que a irrupção da AD na virada da década de 60 foi um acontecimento tanto na história das práticas da lingüística, por propor aos lingüistas um modo de abordar a relação entre língua e história, ou melhor, por fazer pensar a *exterioridade* no interior do objeto *língua*, podemos acrescentar, quanto na história dos questionamentos dos marxistas sobre a linguagem, por tê-los feito sair do discurso da filosofia marxista da linguagem (cf. Malidier, 1988:182).

As críticas tanto de lingüistas quanto de pesquisadores de outras áreas impulsionaram o deslocamento teórico que resultou em desconstruções e reconfigurações do quadro teórico da ADD, como veremos a seguir.

3.2.2 SEGUNDA FASE DA AD

Na segunda fase da AD, o dispositivo analítico continua sendo a “maquinaria-discursivo-estrutural”, mas ocorre um deslocamento no “nível de construção dos *corpora* discursivos”, que deixam de se relacionar entre si pelo efeito de justaposição.

Assiste-se, nesse momento, ao deslocamento do conceito de formações discursivas (FD), de Michel Foucault, para quem as condições de produção não são estáveis e homogêneas, pois são

invadidas por elementos que vêm de outro lugar, para fazer funcionar dentro do quadro materialista de (de)subjetivação da linguagem, juntamente com o conceito de formação ideológica (FI)⁹²:

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força que se confronta com outras forças, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, num dado momento; cada formação ideológica constitui assim um complexo conjunto de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito, umas em relações a outras. (...) as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas, interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.) a partir de uma dada posição numa dada conjuntura: (...) as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam; (...) as palavras 'mudam de sentido' ao passar de uma formação discursiva para outra (Haroche, Henry e Pêcheux, 1971:102)

A formação ideológica (elemento suscetível de intervir como uma força que se confronta com outras forças) e a formação discursiva (um dos componentes da formação ideológica e lugar da constituição dos sentidos), postuladas dessa forma, colocam em discussão a

⁹² A noção de formação discursiva de Foucault, como vimos no capítulo 2, não se inscreve no quadro materialista no qual Pêcheux está inserido, ou seja, no materialismo althusseriano. Daí a tensão na relação de Pêcheux com Foucault.

validade da maquinaria discursiva-estrutural fechada da primeira fase da AD, indicando que as relações entre as “‘máquinas’ discursivas estruturais” são relações de forças desiguais, apontando, pois, para uma reavaliação da questão do sujeito e do sentido, como veremos mais adiante.

Em *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, Pêcheux e Fuchs (1975) apresentam o quadro epistemológico da AD, articulando três regiões do conhecimento atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica: a) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações e da ideologia (superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada); b) a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo (a língua constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido e “essa materialidade da língua” implica o *funcionamento* em oposição a *função*, no sentido saussuriano); c) e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (processos discursivos como fonte da produção dos efeitos de sentido) (cf. Pêcheux e Fuchs, 1975:163-4).

Ao se referirem às teorias da enunciação, os autores afirmam que tais teorias reproduzem a ilusão necessária do sujeito:

(...) elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da idéia de um enunciador portador de escolhas, decisões, etc. na tradição de Bally, Jakobson, Benveniste (Pêcheux e Fuchs, 1975:175)

A crítica dos autores é que as teorias da enunciação teorizam sobre um sujeito como origem do significado, que fala em uma dada

situação, que é centralizado no enunciado, atribuindo conteúdos psicológicos ao enunciado. Em outras palavras, o questionamento que eles fazem diz respeito à evidência da existência espontânea do sujeito e às evidências fundadoras em torno das quais se constitui a semântica no que se refere ao sentido.

Num segundo momento, Pêcheux (1975) se apropria da teoria de Althusser sobre o sujeito para tentar formular uma teoria semântica ou uma teoria materialista do discurso que propõe um deslocamento da reflexão teórica sobre a forma-sujeito e as ilusões de transparência ou evidência do sentido afirmando que todo o seu trabalho encontra “*sua determinação, pela qual a questão da constituição do sentido junta-se à (sic) da constituição do sujeito*” (p. 153).

Em outro trabalho, assinalamos que o autor revê a distinção que Althusser faz entre ideologia em geral (que é subjacente às ideologias particulares, que não se realiza nos aparelhos ideológicos do estado, que é eterna como o inconsciente⁹³, que não tem história) e ideologias particulares (que tem uma história determinada pela luta de classes). Salientamos, também, que o autor reconhece que as categorias *ideologia* (no sentido de Althusser) e *inconsciente* (no sentido freudiano) não estão aí por acaso, e que há necessidade de uma articulação conceptual entre ambas, que pode ser melhor entendida pela metáfora de interpelação, ou seja, pela própria tese althusseriana de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos ou seja, “(...) o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para submeter-se às ordens

⁹³ “A história é um imenso sistema ‘natural humano’ em movimento, cujo motor é a luta de classes. (...) É no interior desse processo ‘natural-humano’ da história que a ‘Ideologia é eterna’ (omnê-histórica) – enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: ‘o inconsciente é eterno’” (Pêcheux, 1975:152).

do Sujeito para aceitar, portanto, livremente sua submissão...” (Althusser, 1970:104).⁹⁴

Observamos em Silva (1999; 2000) que através do deslocamento da noção de interpelação althusseriana, Pêcheux (1975) faz corresponder conceitos de Althusser, Freud e Lacan para explicar o que vem a ser sujeito do discurso, reconfigurando tal noção.

O primeiro ponto de reconfiguração da noção de interpelação está ligado ao fato de o autor fazer intervir o discurso e o sentido, concebidos em relação à materialidade histórico ideológica, mostrando que os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes ou em sujeitos

⁹⁴ Althusser (1970) afirma que “a ideologia ‘age’ ou ‘funciona’ de tal forma que ela ‘recruta’ sujeitos dentre os indivíduos (ela recruta a todos), ou ‘transforma’ os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através dessa operação muita precisa que chamamos de interpelação, que pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: ‘ei, você aí!’” (p. 96). Essa teoria da ideologia levanta um questionamento: se o indivíduo humano ainda não é um sujeito, como reconhece e responde ao “chamamento” que faz dele um sujeito? Althusser argumenta que somos “sempre-já-sujeitos” mesmo antes do nosso nascimento, pois a nossa chegada já foi preparada, e respalda-se no fato de Freud já ter demonstrado que o bebê tem um lugar no desejo da mãe antes de nascer. Dessa perspectiva, como assinalamos em Silva (2000), o sujeito humano, para Althusser, transcende seu verdadeiro estado de difusão ou descentração e encontra uma imagem de si mesmo (eu imaginário que para Lacan implica uma alienação do sujeito), refletida no “espelho” de um discurso ideologicamente dominante. Assim, a ideologia é constitutiva do sujeito. Do ponto de vista althusseriano, há fusão do conceito de espelho (estrutura narcísica) com o de ideologia, ou seja, *a estrutura de toda ideologia, ao interpelar os indivíduos enquanto sujeitos em nome de um Sujeito Único e universal é especular, isto é, funciona como espelho, e duplamente especular: este desdobramento especular é constitutivo da ideologia e assegura o seu funcionamento* (Althusser, 1970:102). Essa estrutura especular duplicada da ideologia, segundo o autor, garante ao mesmo tempo a interpelação dos “indivíduos” como sujeitos; sua submissão ao Sujeito; o reconhecimento mútuo entre sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo; e a garantia absoluta de que tudo está bem assim, e sob a condição de que se os sujeitos reconhecerem o que são e se conduzirem de acordo, tudo irá bem: ‘assim seja’ (p.102-3). Pelo menos dois problemas podem ser levantados, conforme assinalamos em Silva (1999; 2000). O primeiro diz respeito ao fato de Althusser tomar como base somente a primeira forma organizada do processo de constituição subjetiva proposta por Lacan que é o “estádio do espelho”. Com isso, ele faz intervir só a ordem imaginária e deixa de lado a ordem simbólica, que mediatiza a relação do imaginário com a ordem do real. O sujeito lacaniano, “como um todo”, pertence à ordem do imaginário, à ordem do simbólico e à ordem do real (cf. Lacan, 1949; 1964; 1966, 1973; 1975a; 1975b). O segundo problema se refere à interpretação, feita por Althusser, do “grande” Sujeito, ao lado do sujeito “pequeno” ou individual. Com relação à interpelação dos indivíduos como sujeitos, ao lado do sujeito “pequeno” individual, o autor formula o conceito de “Grande sujeito”, constituído pelos significantes ideológicos dominantes com os quais o indivíduo se identifica. Esse “Grande sujeito”, na leitura do autor, é equivalente ao *supereu* freudiano pelo poder censor que nos mantém obedientes, em lugares determinados. Esse é um dos aspectos da teoria freudiana que perde a ênfase do decorrer da obra de Lacan.

dos seus discursos através das formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

O segundo ponto de reconfiguração se refere à questão de o autor postular que o sujeito é constituído pelas estruturas-funcionamentos: ideologia e inconsciente. Para Pêcheux (1975), o *Sujeito* (com S maiúsculo, absoluto e universal) pode ser identificado como o que Lacan designa como o *Outro* (O maiúsculo)⁹⁵. Conforme o autor, se aceitarmos a tese lacaniana de que “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente interligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realizam as chamadas condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (Pêcheux, 1975:133-4). Nesse terceiro ponto, as noções de ideologia e inconsciente são (re)significadas para serem pensadas como materialmente ligadas pela língua.

O terceiro ponto de reconfiguração diz respeito à noção de pré-construído formulada por Henry. O pré-construído é elemento da interpelação ideológica que irrompe na superfície discursiva como se estivesse sempre “já aí”. Para Pêcheux “o efeito do pré-construído é a

⁹⁵ Sabe-se que Lacan distingue o “pequeno” *outro*, cuja dimensão envolve o lugar e a função daqueles em relação aos quais se formam o desejo da criança: pai, mãe, irmãos e irmãs, do “grande” *Outro*, cuja noção é introduzida no Seminário II como aquele que não é semelhante, ao contrário, é enigmático e situa-se como lugar, detendo as chaves de todas as significações inacessíveis ao sujeito que “se parece servo da linguagem; ele é o mais ainda de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde o seu nascimento, ainda que sob a forma de seu nome próprio” (Lacan, 1966:226). Essa dupla dimensão da alteridade pode nos levar a pensar que o papel do “grande” *Sujeito* althusseriano é o mesmo desempenhado pelo “grande” *Outro* lacaniano. Mas a noção de “grande” *Outro*; opondo-se a noção de “pequeno” *outro*, não é semelhante. Apesar de, na visão de Lacan, o inconsciente ser um campo elusivo e traiçoeiro, em que nada fica propriamente no lugar e as relações entre o inconsciente e o sujeito individual serem mais frágeis do que o modelo postulado por Althusser, na formulação lacaniana citada acima, é possível perceber a idéia de um condicionamento do sujeito pelo *Outro*. Isso nos leva a ver o motivo pelo qual Pêcheux (1975) aproxima Lacan e Althusser e postula a necessidade de articular *ideologia* e *inconsciente* (cf. Silva, 2000).

modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito ao mesmo tempo em que é ‘sempre-já-sujeito’” (1975:156).

O quarto ponto de reconfiguração relaciona-se às formulações sobre os “*esquecimentos*” inerentes ao discurso, entendendo que o sujeito do discurso se constitui pelos esquecimentos que o determinam.

O conceito de “*esquecimento*” da AD está inicialmente ligado à terminologia usada por Freud de “*primeira tópica*”, na qual as instâncias são o inconsciente, de um lado, e o consciente e o pré-consciente, de outro lado. Pêcheux e Fuchs (1975) definem dois tipos diferentes de “*esquecimentos*”.

De um lado, os autores recorrem ao ‘sistema pré-consciente para caracterizar “*esquecimento nº 1*”, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode se encontrar no exterior da formação discursiva. Esse “*esquecimento*” é o ponto de articulação entre inconsciente e ideologia. É o lugar constitutivo da subjetividade, inacessível ao sujeito-falante que cria a ilusão de ser um e de que é a origem do sentido.

De outro lado, apelam para um funcionamento do tipo pré-consciente-consciente para tratar do “*esquecimento nº 2*”. Esse “*esquecimento*” é caracterizado como o ponto de articulação entre o lingüístico e a teoria do discurso. É a zona dos processos enunciativos que fica no domínio do sujeito-falante, criando a ilusão da transparência de sentido, isto é, dá ao sujeito-falante a ilusão de que o discurso reflete seu conhecimento objetivo da realidade. O falante faz uma operação de seleção lingüística entre o que é dito e o que deixa de ser dito, ou seja, ele elege algumas formas ou seqüências lingüísticas que se encontram em relação de paráfrase e “*esquece*” outras, isto no interior da formação discursiva que o domina.

Pêcheux (1975) revê essa questão dos “esquecimentos”, inerentes aos discursos, criticando a interpretação da “primeira tópica” freudiana, que ele e Fuchs haviam feito, argumentando que as formulações precedentes sobre os esquecimentos são *“insuficientes, na medida em que levam a fazer do pré-consciente-consciente uma zona autônoma com relação ao consciente, delimitado pela barreira do recalque e da censura”* (1975:174-5). Dessa forma, retoma o problema do pré-consciente, através da reelaboração lacaniana, afirmando:

(...) o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente. É esse vínculo entre as duas representações verbais em causa que é restabelecido na discursividade, na medida em que ambas podem ser unidas à mesma formação discursiva (podendo, então, uma remeter à outra por reformulação parafrástica ou por metonímia. Esse vínculo entre as duas representações procede da identificação simbólica e, como tal, é representada através das leis da língua” (lógica e gramática), de modo que, também aí, fica claro que todo discurso é ocultação do inconsciente (1975:175).

Nesse contexto, o autor afirma, ainda, que o “*esquecimento n.º 2*” cobre “*exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na formação discursiva que o domina, e que é aí (...) que se apóia a sua ‘liberdade’ de sujeito-falante*” (1975:175); e que o efeito da forma-sujeito do discurso é o de mascarar o objeto do “*esquecimento n.º 1*”, pelo viés do funcionamento do “*esquecimento n.º 2*”. Assim, o sujeito

assume uma posição com “toda liberdade”, mas essa tomada de posição é o efeito da formação discursiva e da formação ideológica que são exteriores ao sujeito. Esse exterior fica fora do campo de visão do sujeito pelo “esquecimento nº 1”. Além disso, o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva dada aparece como o lugar de constituição do que é chamado de “imaginário lingüístico” (cf. Pêcheux, 1975:177).

Essa questão da constituição do sujeito está vinculada à questão da constituição do sentido. Pêcheux (1975) defende a não transparência da linguagem, afirmando que o caráter material do sentido consiste na dependência constitutiva do *“todo complexo das formações ideológicas”* (p.160). Essa dependência é explicada pelo autor através de duas teses:

Na primeira tese, reafirma que a formação discursiva é o lugar de constituição do sentido, ou seja, um efeito-sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. Isso significa que as palavras, expressões, proposições, etc., adquirem seu sentido em referência às posições sustentadas por aqueles que as empregam, ou seja, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Nessa tese, articula-se a lingüística com os processos ideológicos, o que resulta em considerar a língua como a base lingüística de *processos discursivos ou processos de significação articulados com processos sócio-históricos* (relações de metáfora: sistema das relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc, funcionando entre elementos lingüísticos, em uma formação discursiva) que se desenvolve sobre esta base.

O autor postula que o sistema da língua, (enquanto estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas), que constitui o objeto da Lingüística, funciona como a base material comum, ou seja, a

materialidade lingüística, tanto para o materialista quanto para o idealista, tanto para o revolucionário quanto para o reacionário, tanto para aquele que dispõe de um conhecimento dado quanto para aquele que não dispõe de um certo conhecimento; mas isso não significa que esses diferentes personagens tenham o mesmo discurso, onde se dá o encontro entre língua e ideologia. Dessa forma, *significar* está na ordem do discurso, que tem uma ordem diferente da ordem da língua, sua base material, que, do ponto de vista da AD, é opaca e não-transparente.

Na segunda tese, a partir do deslocamento da noção de interdiscurso postulada por Foucault (1969) e redefinida no campo da AD, como “todo complexo com dominante” das formações discursivas, argumenta que “*o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal*” (Pêcheux, 1975:162).

Dito de outra forma, o sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina e pela interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso que se efetua pelo processo de identificação (do sujeito falante) com a formação discursiva na qual ele é constituído como sujeito, o que significa que o sujeito falante identifica-se com a forma-sujeito, que regula o que pode e o que não pode; o que deve e o que não deve ser dito, no âmbito de uma determinada formação discursiva.

Esse processo de identificação do sujeito com a formação discursiva envolve os seguintes elementos do interdiscurso: “pré-construído” (“sempre-já-aí” da interpelação ideológica) e “processo de sustentação” ou “articulação” (sujeito em sua relação com o sentido ou seja, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito), que constituem os traços da formação discursiva dominante que veicula a

forma-sujeito. Assim é que se pode dizer que o interdiscurso enquanto discurso-transverso (“articulação”)

atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece (...) a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito-falante’ com a formação discursiva que o assujeita (Pêcheux, 1975:167).

Dessa forma, a metáfora constitutiva do efeito-sentido é determinada por uma região do interdiscurso.

Segundo o autor, no processo de identificação do sujeito, ocorre o processo de “tomada de posição”. Num primeiro momento, salienta que esta deve ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso enquanto discurso-transverso; e que

resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito - como “tomada de consciência” de seus “objetos” - é uma reduplicação da identificação... (Pêcheux, 1975:172).

Esse desdobramento do sujeito pode, conforme o autor, assumir diferentes modalidades de tomada de posição:

A primeira caracteriza o discurso do “bom sujeito”, que reflete espontaneamente o Sujeito: consiste, pois, numa *superposição* entre o

sujeito do discurso e o sujeito universal, indicando a *identificação* plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito, “*de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do ‘livremente consentido’*” (p. 215).

A segunda caracteriza o discurso do “mau sujeito”, que se contrapõe ao sujeito universal, à forma-sujeito, ou seja, *contra-identifica-se* com a formação discursiva, que lhe é imposta pelo interdiscurso (distancia-se, duvida, questiona, contesta, revolta-se).

Essas duas tomadas de posição são antagônicas e instauram a *contradição* no interior da forma-sujeito “*na medida em que o efeito do interdiscurso é quem determina a identificação ou contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou a rejeite*”⁹⁶ (p.216).

A estas duas modalidades o autor acrescenta uma terceira, que toma a forma de uma tomada de posição não-subjetiva, ou seja, a forma de um efeito de *desidentificação* que constitui o trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito de uma formação discursiva para a forma de um efeito de identificação com outra formação discursiva.

⁹⁶ Para explicar as duas modalidades de tomada de posição, Pêcheux (1975) inspira-se em Althusser que, mesmo sem levar em conta a ordem do simbólico e a ordem do real propostas por Lacan, ao fazer distinção entre “bons sujeitos” e “maus sujeitos”, afirma que a maioria dos ‘bons sujeitos’ caminham por si, isto é entregues à ideologia, mas deixa escapar que nem sempre o “chamamento” do sujeito ao “grande” Sujeito é bem sucedido, pois “*envoltos neste quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos ‘caminham’, eles ‘caminham por si mesmo’ na imensa maioria dos casos, com exceção dos ‘maus sujeitos’ que provocam a intervenção de um ou outro setor do aparelho (repressivo) do Estado*” (Althusser, 1970: 103). Dessa forma, ao admitir a existência dos “maus sujeitos”, Althusser admite a possibilidade de falha do assujeitamento, ou seja, admite a possibilidade de o sujeito resistir ao “grande” Sujeito. Isso significa que o modelo que está por trás da tese da sujeição, isto é, a sujeição do *eu* ao *supereu* freudiano, poder censor que nos mantém obedientes, em lugares determinados, não funciona sempre, pois na teoria freudiana o *eu* rebela-se contra o seu senhor imperioso quando suas exigências tornam-se por demais insuportáveis (cf. Silva 2000).

Convém assinalar que, no todo complexo com dominante das formações discursivas, uma delas é apresentada como a dominante. Assim, a tomada de posição nas modalidades de *identificação*, *contra-identificação* e *desidentificação* ocorre em relação à forma-sujeito dominante.

O que se pode observar é que, nessa reconfiguração do quadro teórico da AD, tanto a formação discursiva quanto a forma-sujeito são homogêneas. A interdiscursividade e a heterogeneidade acontecem na instância da formação ideológica, constituída por uma ou mais formações discursivas que mantêm relações de força desiguais com seu exterior, ou seja, com outras formações discursivas.

Assim, a problemática da segunda fase da AD, segundo Pêcheux (1983a), decorre da relação desigual das formações discursivas; do fechamento da maquinaria discursiva, mesmo sendo concebido como resultado paradoxal da irrupção de um além exterior e anterior; do sujeito do discurso continuar sendo concebido “*como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da formação discursiva à qual ele se identifica*”; enfim, da insistência da alteridade na identidade discursiva que coloca em causa o fechamento desta identidade, da noção de maquinaria discursiva e da noção de formação discursiva tal como reformulada dentro da AD (cf.1983a:314-315). Esses problemas dão impulso a um outro momento.

3.2.3 TERCEIRA FASE DA AD

3.2.3.1 MOMENTOS DE DÚVIDAS E INCERTEZAS

Em consequência da problemática posta pela AD da segunda fase, novas formulações vão ser postas em jogo para reconfigurar o

quadro epistemológico da AD na terceira fase, marcado pela acentuação *do primado do outro sobre o mesmo e pela desconstrução das maquinarias discursivas*.

O início dessa nova fase é marcado pelas dúvidas e incertezas que giram em torno de dois períodos. Como assinala Maldidier (1990), no primeiro, entre 1976 e 1977, Pêcheux e os althusserianos conduzem a batalha teórico-política contra o reformismo.

No que se refere à lingüística e ao discurso, em consequência da chegada tardia da pragmática, da filosofia da linguagem, da análise da conversação, da crise da lingüística formal, do apogeu da lingüística da enunciação e da recepção dos trabalhos de Bakhtin na França, novas questões sobre a língua e o sujeito se impõem e as discussões se acentuam em torno das tendências da lingüística, problemática abordada no primeiro capítulo de *Verité de La Palice* como três tendências, reduzida a duas: *o logicismo* e *o sociologismo*. A questão que se recoloca é a necessidade de trabalhar a língua como base comum de processos discursivos diferenciados, sem ceder nem ao logicismo, nem ao sociologismo.

Entre as discussões dos lingüistas marxistas, destaca-se o debate que anunciava a importância que Volochinov (Bakhtin) iria ter no campo francês da lingüística no círculo dos marxistas. A discussão sobre *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra de Volochinov (Bakhtin), publicada em 1929 e traduzida na França em 1977, girava em torno da relação da linguagem e da ideologia e do signo assimilado a um objeto ideológico e de como o autor pensava a unidade da linguagem dentro da luta de classes, indicando que a teoria marxista poderia apreender os fenômenos ideológicos através dos estudos das formas da linguagem e do discurso.

A recepção, entretanto, não foi a mesma para todos. Como assinala Maldidier (1990), para Pêcheux e seu grupo, Volochinov

(Bakhtin) não podia ser referência pela proximidade teórica com a psicologia social de Plekhanov. Sua obra, no sentido de Pêcheux, não podia abrir uma perspectiva aos lingüistas marxistas inquietos com a relação linguagem/sociedade, pois representava um retorno ao estado pré-teórico, já que a crítica que esse autor faz ao formalismo saussuriano anula a dimensão própria da língua, a sua ordem própria e sua autonomia relativa⁹⁷; e já que “*o fenômeno social de interação verbal, realizado através da enunciação conduz a fusão da lingüística numa vasta semiologia*” (p.52).

A questão posta por Pêcheux e seu grupo diz respeito à questão do sujeito e a do sentido postulados por Volochinov (Bakhtin): o sujeito psicológico e o sentido determinado pela interação social. A crítica, portanto, refere-se ao sociologismo, ao dialogismo sociologista e à problemática de o sentido ser pensado na esfera das relações individuais e sociais, ou seja, na interação de indivíduos humanos⁹⁸.

Ainda em 1977, do interior do marxismo, Pêcheux (1977), numa conferência no México, intitulada *Remontons de Foucault à Spinoza*, inicia o retorno a Foucault e começa a delinear uma nova reconfiguração no quadro da AD, operando o deslocamento das noções de “formas de repartição” e de “sistemas de dispersão” para fazer funcionar, na sua reflexão sobre a categoria marxista da contradição, as noções de “identidade e divisão do sentido do enunciado” e de formação discursiva dividida, não idêntica a si mesma, que se organiza na contradição, etc., anunciando uma maneira nova de pensar a contradição, como veremos mais adiante: a heterogeneidade. Essa reflexão permite uma reorientação da problemática das ideologias dominantes.

⁹⁷ Pêcheux e seu grupo contestam a lingüística esvaziada em favor do social, ou seja, a dissolução da língua no social.

⁹⁸ Ver sobre essa questão a discussão de Gadet e Pêcheux (1981).

Apesar de a relação não ser tão evidente, essa discussão que vai permitir a reorientação da problemática das ideologias dominantes, acontece logo após Foucault ter desenvolvido uma crítica sobre a concepção contratualista de poder, poder soberano e a concepção marxista-lenista do poder⁹⁹ e, mais precisamente, sobre a teoria althusseriana dos “Aparelhos ideológicos do Estado”, postulando que o poder é relacional e que se exerce a partir de inumeráveis pontos, sem existir um *locus* privilegiado como o Estado ou as classes dominantes; que o poder se exerce por relações de força e por redes que se instauram em um espaço polivalente com multiplicidade de pontos de resistência, como já vimos no capítulo anterior.

Como relação ao segundo período, marcado entre 1978 e 1989, a crise do marxismo é acentuada e um novo “inverno político” se delineia. Em *“Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”*, Pêcheux (1978)¹⁰⁰ reconhece que a Tríplice Aliança teórica que se configurou sob os nomes de Althusser, Lacan e Saussure, na França, na década de 60, com o objetivo de articular entre si o campo do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística, é problemático. E na tentativa de ajustamento ou de retificação do que escreveu em 1975, afirma que *“é preciso discernir o que falha não por pretender com isso se amparar definitivamente o verdadeiro(!), mas para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça (Pêcheux, 1978:299)*, reconhecendo que algo falhou na relação ao mecanismo ideológico de interpelação-assujeitamento e à Psicanálise:

Tudo se passa, em Les Vérités de la Palice, como se o que foi dito do sujeito se confundisse tendencialmente com o que foi

⁹⁹ Em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975) e em *A vontade de saber* (1976).

¹⁰⁰ Anexo 3, de *Les Vérités de la Palice* (Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio).

posto ao ego como “forma-sujeito” da ideologia jurídica, a ponto de que o funcionalismo, expulso politicamente pela porta, pudesse, apesar de todas as denegações, ter voltado a tambolirar pela janela psicanalítica, sob a forma de uma espécie de gênese do ego; à força de levar exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência (Pêcheux, 1978:299).

Como já observamos em Silva (2000), no anexo 3, Pêcheux (1978) revê o que escreveu em 1975, em *Les verités de La Palice* sobre a questão do sujeito e aponta para “um novo inverno político”, no qual *“não há dominação sem resistência: o primado da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’”* (p.304), o que nos faz lembrar dos “maus sujeitos”, de Althusser; e, no qual, *“ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”* (p.304), o que nos remete ao registro do real e à vontade e ao desejo do sujeito de sair do Outro, postulados por Lacan, apontando para o desembaraço das análises sem a “necessária ilusão da subjetividade”.

3.2.3.2 DO SINGULAR AO PLURAL, DO DISCURSO ÀS DISCURSIVIDADES: O PRIMADO DO OUTRO SOBRE O MESMO

Nessa fase, o trabalho de Marandin (1979) aponta para uma nova maneira de trabalhar em análise de discurso. A referência é Deleuze, mas, principalmente, Foucault. A primeira contribuição desse trabalho diz respeito ao deslocamento da noção de formação discursiva como elemento das formações ideológicas, integrada à teoria do discurso, para o campo onde Foucault havia formulado: o campo de saberes

discursivos. Tal retorno permitiu a reorientação da análise para a singularidade do acontecimento discursivo. A partir de Deleuze, questiona-se a questão da repetição, mostrando a necessidade de refletir o intradiscurso como lugar heterogêneo de rupturas. A noção de heterogeneidade, assim, é introduzida nesse trabalho, fazendo oscilar a noção de intradiscurso, o conceito teórico de *fio do discurso*, na relação com o interdiscurso, e fazendo emergir a questão da discursividade.

O lugar de desconstrução e reconfiguração dessa fase vai ser marcado, entretanto, em 1980, no Colóquio *Matérialités Discursives*¹⁰¹, cujas questões são colocadas em torno do real da língua, da história e do inconsciente. Os trabalhos apresentados possibilitam uma maneira nova de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de confrontação de diferentes disciplinas: a lingüística, a história e a psicanálise.

Assim, nesse colóquio, dois nomes vão se engajar no terreno mesmo da AD: Marandin, como vimos, por ter aberto possibilidades e ter forçado desbloqueios para a problemática do discurso, através de suas referências lingüísticas e filosóficas, que se ancoram fora do marxismo; e Authier-Revuz, que, desde 1978, através de suas reflexões sobre a questão do sentido e da enunciação, põe em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso, apresentando os elementos decisivos para a problemática da *heterogeneidade do discurso outro no discurso do mesmo*. Dito de outra forma, partindo de uma concepção

¹⁰¹ Organizado por Bernard Conein, Jean-Jacques Courtine, Françoise Gadet, Jean-Marie Marandin e Michel Pêcheux, esse colóquio foi realizado na Université Paris X, Nanterre, entre os dias 24 e 26 de abril de 1980 e publicado pela Press universitaires de Lille, em 1981. Além dos organizadores, participaram do colóquio Pierre Kuentz, Ernesto Laclau, Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Alain Lecomte, Paul Henry, Jacqueline Authier, Claudine Haroche, Jean-Michel Rey, Françoise Davoine, Jean Max Gaudillière, Évelyne Gutman, Alain Manier, Antoine Culioli, Jean-Pierre Faye, Jacques Rancière, Elisabeth Roudinesco. As discussões giraram em torno dos temas, a saber: 1) Objeto da Análise de Discurso; 2) Discurso e história; 3) Discurso e lógica; 4) Discurso e Lingüística; 5) Discurso e psicanálise; 6) Discurso, história e língua.

dialógica da linguagem postulada por Bakhtin¹⁰² e mantendo um diálogo com a Psicanálise, através do conceito de heterogeneidade, tema da presença do outro no discurso do mesmo, Authier-Revuz simboliza o lugar que *este tema*¹⁰³ vem mantendo na AD. Ao tratar da heterogeneidade discursiva, essa autora a divide em constitutiva ou mostrada. A primeira está relacionada aos processos de constituição do discurso, ou seja, ao seu funcionamento real, pois não se mostra no fio do discurso; a segunda, por seu turno, diz respeito à voz do outro inscrita no discurso, alterando sua aparente unicidade.

Em síntese, no colóquio, as discussões giram em torno da problemática que se refere à contradição e a heterogeneidade, pensando o exterior do discurso não mais como um além de uma fronteira, mas como um aquém sem fronteira assinalado como presença-ausência do outro no mesmo; da leitura como um trabalho de trituração; do discurso como um acontecimento, como uma irrupção e uma emergência, acontecimento funcionando como intervenção de um sujeito reformulando a irrupção. A partir de então, o que era estudado sobre a categoria da contradição marxista ou falhas de assujeitamento ou da interpelação ideológica é deslocada para a categoria de heterogeneidade, ou seja, do primado do outro sobre o mesmo, e de acontecimento (cf. Pêcheux et. al., 1981:199-202).

¹⁰² Lembramos que para Bakhtin, a língua só existe na interação concreta dos indivíduos. O autor critica o formalismo saussuriano anulando a dimensão própria da língua, a sua ordem própria e sua autonomia relativa. É necessário pontuar que apesar de Authier-Revuz partir da concepção dialógica da linguagem para desenvolver seu trabalho no campo enunciativo, ela recusa a anulação da língua no social, onde não se reconhece a língua como estrutura, como ordem própria e nos seus últimos trabalhos aproxima-se mais da Psicanálise, especialmente de Lacan.

¹⁰³ Esse tema é tratado por Authier-Revuz em vários outros trabalhos, entre os quais podemos citar: **las formes du discours rapporté**, publicado na revista DRLAV (17), pela Universidade de Paris VIII, em 1978; **“Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours”**, publicado na revista DRLAV (26), pela Universidade de Paris VIII, em 1982, traduzido no Brasil como **“Heterogeneidades enunciativas”** e publicado na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*, (19), do Instituto de Estudos da linguagem da UNICAMP, (1990). **“Le Non-Coincidence du Dire et Leur Représentation Méta-énonciative”**, publicado pela Universidade de Paris VIII, em 1992, traduzido no Brasil como **“Palavras incertas: as não-coincidências do dizer”** e publicado pela Editora da UNICAMP, em 1998.

Dessa forma é que Courtine (1981) retoma as reflexões de Pêcheux (1977) e propõe a releitura de Foucault para fazer funcionar alguns conceitos que vão redirecionar a teoria do discurso. Assim, na análise do discurso político, apóia-se na categoria de contradição e, a partir da elaboração das noções de enunciado dividido e de sentido dividido, questiona o fechamento de uma formação discursiva, introduzindo a noção de fronteira que se desloca em função dos jogos ideológicos. A forma-sujeito aparece como organizando o saber de uma forma discursiva, mas fragmentada, em consequência da dispersão das posições de sujeito em que a *forma-sujeito* se divide, numa heterogeneidade em relação a ela mesma.

É interessante a retomada e a releitura que o autor faz das propriedades que delimitam a função de existência do enunciado, postuladas por Foucault, para fazer funcionar no quadro da AD da seguinte forma:

O enunciado se relaciona com um referencial, ou seja, com leis de possibilidade, o que significa que é no enunciado que se constrói a *estabilidade referencial dos elementos de saber de uma formação discursiva*.

O enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada, ou seja, mantém uma relação com uma posição de sujeito (vazia apenas na aparência), concebida como uma relação de identificação (cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso) que se estabelece numa formulação entre um sujeito enunciadador e o sujeito de saber, ou seja, a forma-sujeito de uma formação discursiva, funcionando duplamente como *um princípio de aceitabilidade* discursiva para um conjunto de formulações, ou seja, determinando “o que pode e deve ser dito”, e como um *princípio de exclusão*, determinando “o que não pode e o que não deve ser dito”.

O enunciado pertence a um domínio associado, constituído pelo conjunto ou rede de formulações, no interior das quais o enunciado se situa como um elemento numa seqüência discursiva, ou seja, numa relação horizontal, ou *intradiscursiva*, em relação a outros enunciados; ao mesmo tempo em que se situa numa *relação vertical* ou interdiscursiva de formulação de uma formação discursiva, sob a forma de relações de repetição, refutação, transformação, redefinição que se estabelecem entre enunciados que relevam de formações discursivas distintas, a partir de posições ideológicas dadas (cf. Courtine, 1981:44).

Por fim, o enunciado tem existência material repetível que lhe é constitutiva, ou seja, é da ordem da materialidade repetível, diferente da existência material da enunciação, que é um acontecimento não repetível. O enunciado dessa forma governa a repetibilidade no seio de uma rede de formulações.

Courtine (1981) opera, ainda, o deslocamento da noção de memória, resultado do campo associado, postulado por Foucault, para fazer funcionar no seu trabalho, intervindo nas materialidades no eixo vertical, ou seja, no nível do interdiscurso. No seu trabalho, a noção de memória discursiva concerne à *existência histórica do enunciado* no seio de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos. Assim, os enunciados, em cuja formação se constitui o saber próprio de uma formação discursiva, são tomados no *tempo longo de uma memória*, e as formulações, no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*. O efeito de uma memória discursiva na atualidade de um acontecimento se dá, pois, na relação entre interdiscurso e intradiscurso.

Um outro aspecto importante da terceira fase é que a noção de discurso, de sujeito e de língua são desestabilizados a partir do momento em que se começa a considerar a tese de Milner (1979) de

que a língua suporta o real da *lalangue*¹⁰⁴: o impossível de achar, o equívoco, o deslize, a falha e a ambigüidade constitutivos da língua, inscritos na própria língua. Por isso o sentido escapa sempre.

Nessa reconfiguração, a língua é tomada como estrutura, mas uma estrutura em que o ponto da falta, ou seja, *o real da língua*¹⁰⁵ se manifesta como uma série de equívocos cuja representação é situada na própria língua (lugar de análise dos processos discursivos).

Pêcheux (1982a, 1983b) estabelece a distinção entre os universos discursivos estabilizados, aqueles que se inscrevem nos espaços das matemáticas e das ciências da natureza, no das tecnologias industriais e bio-médicas, e na esfera dos dispositivos de gestão-controle administrativos, e os universos não estabilizados logicamente, aqueles próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética e também dos registros do cotidiano não estabilizado. Argumenta que *o campo da Análise de Discurso se determina por esses últimos* (cf. Pêcheux, 1983c:15). Afirma que, nos universos não estabilizados,

a ambigüidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável: o jogo das diferenças, alterações, contradições não pode aí ser concebido como o amolecimento de um núcleo duro lógico: 'A heterogeneidade constitutiva' da língua não se

¹⁰⁴ Esse termo foi elaborado por Lacan para dar conta do equívoco constitutivo da língua, e, posteriormente, retomado e desenvolvido por Milner em *o Amor da língua*, onde define a articulação do desejo à língua. A tese de Milner é sustentada pela noção de signo e pela pesquisa dos anagramas que Saussure desenvolve. Se para alguns, há aí dois Saussure, para Milner há aí dois lados de um mesmo fenômeno. Gadet e Pêcheux (1981) concordam com Milner, mas afirmam que esse autor não tira proveito da teoria de valor (pedra de toque da teoria saussuriana) que funciona como espaço “de uma sistemática capaz de subversão, onde em última instância, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa” (p.58). Para os autores, Saussure não exclui *lalangue* do horizonte da língua, pois a descoberta dos anagramas representa o reconhecimento do equívoco, da falta, da falha.

¹⁰⁵ O real da língua é, segundo Gadet e Pêcheux (1981:51), atravessado por fissuras, atestadas pela existência do lapso e do *Witz*.

confunde com a manipulação ostentatória da 'heterogeneidade mostrada' (cf sobre esta questão os trabalhos de J. Authier-Revuz, 1982). (Pêcheux, 1982a:24).

Isso significa que o real da língua, conforme essa posição teórica, é atravessado por uma divisão discursiva entre

o espaço de manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o das transformações do sentido, escapando à toda norma a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no lance indefinido de interpretações (Pêcheux, 1982a:25).

A terceira fase aponta, assim, para desenvolvimentos teóricos voltados para a heterogeneidade enunciativa. Dentro dessa perspectiva, são tematizadas as formas lingüístico-discursivas do “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro (...), mas também e sobretudo a insistência de um ‘além’ interdiscursivo” (Pêcheux, 1983a:316-7), cujo controle escapa ao sujeito. Esse deslocamento faz surgir nos acontecimentos discursivos um sujeito que se encontra fora das redes de legitimidade.

Como resultado das reflexões que marcam as desconstruções e reconfigurações da terceira fase, Pêcheux (1983b) revê o tratamento que vinha dando a alguns dos seus postulados teóricos, chamando atenção para o estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento (ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória), entrecruzando proposições de aparência logicamente estável e formulações irremediavelmente equívocas (materialidades léxico-sintáticas opacas que, imersas em uma rede de relações implícitas,

funcionam sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável).

Conforme o autor, nos espaços discursivos designados como “logicamente estáveis”, tais como os administrativos (jurídico, econômico e político), supõe-se que todo falante (sujeito pragmático) sabe o que diz, “pois todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação”. Segundo ele, “o que unifica, na aparência, esses espaços discursivos é uma série de evidências lógico-práticas” em que um mesmo objeto não pode estar em duas localizações diferentes; não pode ter a ver com a propriedade P e a propriedade não-P, ao mesmo tempo; e um mesmo acontecimento não pode acontecer e não acontecer (cf. Pêcheux, 1983b:31). Assim, nos espaços discursivos “logicamente estáveis”,

tudo se passa como se, face a essa falsa-aparência de um real natural-social-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas, nenhuma pessoa tivesse o poder de escapar totalmente, mesmo, e talvez sobretudo, aqueles que se acreditam ‘não simplórios’: como se esta adesão de conjunto devesse, por imperiosas razões, vir a se realizar de um modo ou de outro (p. 32).

Dito de outra forma, tudo se passa como se as pessoas nunca pudessem subverter e nunca pudessem pensar por si mesmas, assujeitando-se sempre a uma estrutura sem resto e sem falhas.

Acontece, porém, que esta homogeneidade lógica é aparente. Segundo Pêcheux (1983b), nós, ‘simples particulares’, face às diversas urgências de nossas vidas, somos marcados pela multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão desde a gestão cotidiana da existência até as ‘grandes decisões’ de vida social e afetiva,

passando por todo o contexto sócio-técnico dos ‘aparelhos domésticos’. E nos espaços de necessidade equívoca, é possível colocarmos em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis em todo tipo de nossas conversas, cobrindo regiões heterogêneas do real.

Portanto, não adianta negar nem essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas, nem que esta necessidade de fronteiras coincide com a construção de laços de dependência face às ‘coisas-a-saber’, que representam tudo o que arrisca faltar à felicidade do ‘sujeito pragmático’ e que são tidas como reservas de conhecimento acumuladas (conhecimentos a gerir e a transmitir socialmente), aliadas a um outro tipo de saber que não é reduzido à ordem das “coisas-a-saber” ou a um tecido de tais coisas, mas que diz respeito a um *real impiedoso*, um conhecimento “*constitutivamente estranho à univocidade lógica (...) que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos*” (p.43).

Com base nessas considerações, Pêcheux propõe um projeto de aproximação das práticas de “análise da linguagem ordinária”¹⁰⁶ e das práticas de “leitura” de arranjos discursivos-textuais (oriundas de abordagens estruturalistas), afirmando que essa aproximação teórica e de procedimentos engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido. Mas salienta que esse projeto tem que ficar distanciado de qualquer ciência régia (quer se trate de positivismos ou de ontologias

¹⁰⁶ As práticas de análise da linguagem ordinária a que o autor se refere dizem respeito àquelas feitas da perspectiva anti-positivista que se pode tirar da obra de Wittgenstein (cf. Pêcheux, 1983b:49).

marxistas) para dar certo, além de ter que obedecer a algumas exigências.

A primeira exigência diz respeito ao primado dos gestos de descrição das materialidades discursivas. Nessa perspectiva, descrever supõe o reconhecimento de um *real específico* sobre o qual a descrição se instala: *o real da língua*, equívoca e constitutivamente heterogênea. O autor alerta:

Eu disse bem: a língua. Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos lingüistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan (Pêcheux, 1983b:50).

A língua, assim considerada, é atravessada pela divisão discursiva entre dois espaços, como já vimos: o espaço da manipulação de significações estabilizadas e espaço de transformações do sentido.

A segunda exigência é consequência do primado dos gestos de descrição das materialidades discursivas. Conforme o autor, toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua. E por isto todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para outro, desde que não haja proibição explícita de interpretação própria ao logicamente estável. Em outras palavras, toda descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca em jogo

o discurso-outro que, enquanto espaço virtual de leitura ou presença virtual na materialidade descritiva, marca, no interior desta materialidade, a insistência do outro como lei

do espaço e de memória histórica, como o próprio princípio do real sócio- histórico) (Pêcheux, 1983b:55)..

A terceira exigência, por sua vez, fecha a questão do tratamento dado à discursividade como estrutura e acontecimento, posição de certa forma já apontada por Foucault (1969), como vimos no capítulo 2. Pêcheux (1983b) afirma que todo discurso, pela sua existência, marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação de redes de memória e de trajetos sociais. E que

através de descrições regulares de montagens discursivas se pode detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como efeitos de identificação assumidas e não negadas (p.57).

Depois do exposto, podemos concordar que a Análise de Discurso situa-se no conjunto das disciplinas da interpretação, mas não se institui como especialista do sentido de textos. Ao contrário, objetiva, principalmente a partir da terceira fase, construir procedimentos para expor

o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (Pêcheux, 1983c:14).

Dáí o autor argumentar que em sua relação necessária com a língua, com o inconsciente e com a história, a Análise de Discurso não se satisfaz “*nem com os observáveis ‘discursivos’ comportamentais, nem com as estruturas do sujeito epistêmico da psicologia cognitiva*” (p.15); e nem se institui pelos universos dos campos discursivos estabilizados logicamente, mas pelos universos dos campos discursivos não estabilizados logicamente.

Dessa forma, podemos postular que, na tentativa de esclarecer pontos obscuros e desestabilizar certezas que tendem a se cristalizar, o quadro epistemológico da Análise de Discurso se constitui nesse jogo de interrogações, desconstruções e reconfigurações, mas sem pretensão de dar fim a interminável série de conflitos. Conforme Pêcheux (1983c), a questão principal da Análise de Discurso, a partir da terceira fase, “*é construir interpretações sem jamais neutralizá-las nem no ‘não-importa-o-que’ de um discurso sobre o discurso, nem em espaço lógico estabilizado com pretensão universal*” (p.16).

3.3 O DISCURSO COMO UMA PRÁTICA

A Análise de Discurso, como vimos, situa-se no conjunto das disciplinas da interpretação. Pêcheux afirma que o projeto da AD, criado na terceira fase, para dar certo tem que ficar distanciado de qualquer ciência régia (quer se trate de positivismos ou de ontologias marxistas), além de ter que obedecer a algumas exigências.

A primeira exigência, já mencionada, diz respeito ao primado dos gestos de descrição das materialidades discursivas, no qual descrever supõe o reconhecimento de um *real específico* sobre o qual a descrição se instala: *o real da língua*, ou seja, a descrição das materialidades discursivas deve se instalar somente no real da língua,

que é equívoca, sujeita à falha, à falta, possibilitando o movimento no qual é marcado a insistência do outro como lei do espaço e de memória histórica, como o próprio princípio do *real sócio histórico*.

Uma questão se impõe, pois, a este trabalho: que Análise de Discurso estaremos fazendo se considerarmos que descrever as materialidades discursivas supõe o reconhecimento do real da língua, mas também o reconhecimento de outro(s) real(is)? Quais são as implicações para o quadro da AD, se consideramos que quando falamos em materialidade simbólica, estamos falando tanto de materialidade lingüística quanto de materialidade pictórica (entre outras)?

Argumentamos que, se defendermos que a descrição das materialidades discursivas deve se instalar somente no real da língua, estaremos reduzindo a significação ao lingüístico, ou seja, estaremos assumindo uma visão redutora da significação. O que queremos dizer é que *assim como o discurso é uma das formas de materializar a ideologia a língua é apenas uma das formas de materializar o discurso e não a única*.

Não queremos negar a importância do real da língua e, muito menos, que determinadas descrições só podem se instalar nesse real. O que queremos defender é que a Análise de Discurso, enquanto disciplina de interpretação, deve construir procedimentos para expor o olhar-leitor à opacidade tanto da língua quanto de outros domínios semióticos, pois consideramos que as materialidades discursivas não se restringem ao verbal.

Pêcheux (1983d) indica que além do real da língua ou reais podem ser descritos. Da perspectiva da Análise de Discursos, materialidades não-verbais como a imagem, por exemplo, não é conforme o autor, conforme o autor, legível na sua transparência, “porque um discurso a atravessa, mas a imagem opaca e muda, quer

dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições)” (p.55).

Com relação ao encontro da materialidade verbal com a materialidade não-verbal, Pêcheux (1983d:55) pergunta:

no entrecruzamento desses dois objetos, onde estamos tecnologicamente e teoricamente, hoje, com relação a esse problema que, após Benveniste, Barthes designou com o termo ‘significância’? (...) Em que pé estamos com relação a Barthes?

Essa questão continua aberta na Análise de Discursos de linha francesa. Apesar de ter inquietado alguns analistas de discursos, continua ainda sendo um problema.

Para Foucault (1969), como vimos no capítulo 2, o discurso é *um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos; é um conjunto de enunciados, na medida em que se opõem na mesma formação discursiva, ou seja, é um conjunto de enunciados que têm seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva; e deve ser analisado no nível do sistema de relações que constituem o discurso como uma prática discursiva.*

A partir de Foucault, Maingueneau (1984) define o discurso como uma prática discursiva, que funciona como a unidade de análise pertinente e que pode integrar domínios semióticos variados: enunciados, quadros (tabelas), obras musicais, etc. O autor afirma que se limitarmos o universo discursivo apenas aos objetos lingüísticos, por um lado, não correremos riscos inerentes a qualquer tentativa “intersemiótica”; mas, por outro lado, correremos o risco de “deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos

outros, estando submetidos às mesmas escanções históricas, às mesmas restrições temáticas, etc” (p.157-8).

Concordamos que os diversos domínios semióticos estão submetidos às mesmas escanções históricas, as mesmas restrições temáticas. Por isso, postulamos que na descrição de materialidades discursivas de determinados gêneros textuais é necessário o reconhecimento somente do real da língua. Mas na descrição de materialidades discursivas de gêneros textuais que entrecruzam o verbal e o não-verbal, como demonstraremos na parte III e IV deste trabalho, se reconhecermos somente o real da língua, estaremos negando o *outro*, enquanto domínio semiótico, como lugar de interpretação.

Com relação a segunda exigência, Pêcheux (1983b) argumenta que toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua. Reconfigurando essa exigência, postulamos que nem toda descrição está intrinsecamente exposta somente ao equívoco da língua, pois é possível fazer, também, descrições expostas ao equívoco de domínios semióticos que incluem o verbal e o não-verbal, colocando em jogo o *outro* enquanto espaço real de leitura, o que significa que os diversos domínios semióticos, assim como a língua, não são transparentes.

A terceira exigência, com a qual concordamos, diz respeito à discursividade como estrutura e acontecimento, posição de certa forma já apontada por Foucault (1969a). As formulações verbais e não-verbais serão analisadas no nível do sistema de relações que constituem o discurso como uma prática discursiva.

Tomaremos o discurso também uma prática discursiva, acreditando que essa noção permite que a questão da descrição das

materialidades discursivas se instale tanto no real da língua quanto no real de outros domínios semióticos¹⁰⁷.

Isto significa que, pensando o discurso na opacidade da linguagem verbal, na opacidade da linguagem não-verbal, e na opacidade interdependente da linguagem verbal e não-verbal, deslocaremos postulados do quadro teórico da AD discutido neste capítulo e do quadro teórico discutido no capítulo 2, para responder as questões e comprovar as hipóteses levantadas neste trabalho, como mostraremos na parte III e IV deste trabalho.

¹⁰⁷ E por isso, considerada por Maingueneau como uma prática intersemiótica.

PARTE III

CLAUDIA, NOVA E PLAYBOY: CONSTITUIÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

4

**CLAUDIA: A REVISTA AMIGA,
A REVISTA DA MULHER BRASILEIRA**

"Que quer uma mulher?"
(Freud)

"A mulher não existe"
(Lacan)

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Consideramos que as revistas femininas e masculinas funcionam como práticas discursivas institucionais, entendendo a institucionalização na dimensão de normatização e disciplinarização constitutivas da ordem de possibilidades do discurso, tal como postulado por Foucault.

Segundo Foucault (1984a, 1984b), como vimos no capítulo 2, a estética da existência é uma questão de *ethos*, que visa a individualizar as ações do indivíduo a fim de que ele se constitua como sujeito moral. Neste trabalho, postulamos que os periódicos, em análise, também, constituem-se seguindo diferentes critérios de modo de existência ligada a um *ethos* que visa a individualizar e a definir cada revista como um diferente segmento de mercado, que organiza filiações de sentidos sobre as diferentes formas de constituição do sujeito.

Partindo do pressuposto de que uma prática institucional não existe sem a história que a constitui, tentaremos mostrar neste capítulo que, no processo de sua constituição, a revista feminina *Claudia* legitima-se e resignifica-se discursivamente no jogo entre o *outro* e o *mesmo*, a partir de critérios ou normas do modo de existência que

define o *ethos* que a individualiza como um segmento de mercado e a diferencia da revista feminina *Nova* e da revista masculina *Playboy*.

A partir de formulações ou redes de formulações (verbais e não-verbais) dos diversos gêneros textuais que compõem as edições de *Claudia*, procurarmos identificar posições de sujeito dos domínios de saber que organizam as formações discursivas que determinam o que a revista, na construção discursiva de sua identidade, pode e deve dizer e o que não pode e o que não deve dizer sobre as *formas e as práticas de si* mediante as quais a mulher se reconhece e se constitui como sujeito moral. Para tanto, mobilizaremos alguns dos pressupostos teóricos discutidos nos capítulos 2 e 3.

4.2 A REVISTA AMIGA, A REVISTA DA MULHER BRASILEIRA: CONSTITUIÇÃO O E DISCURSIVIZAÇÃO

A revista feminina *Claudia*, da Editora Abril, surge em outubro de 1961 e consolida a imprensa feminina no Brasil, num momento de forte discursividade de identidade nacional. Sofre, por isso, o abasileiramento de uma fórmula de revista feminina que era aplicada há anos nos Estados unidos (*Mc Call's*; e *Ladies Home Journal*) e na Europa (*Arianna*, *Marie Claire*¹⁰⁸ e *Elle*¹⁰⁹).

Adaptada às condições brasileiras, essa revista se desenvolve ao mesmo tempo em que se constitui, no país, a chamada sociedade de consumo, cuja lógica é a mesma em todas as sociedades capitalistas¹¹⁰; e em que ocorre a ascensão das classes médias.

¹⁰⁸ Criada em 1937 e introduzida no Brasil em 1991.

¹⁰⁹ Criada em 1945 e introduzida no Brasil em 1988.

¹¹⁰ Para Ortiz (1998:42), "la lógica de la sociedad de consumo es la misma en todas as partes, pero esta sociedade de consumo se ha enraizado históricamente en territorios distintos."

Esse acontecimento se dá num período em que produtos nacionais ou internacionais estão em busca de seus compradores, entre os quais a dona de casa, responsável pela economia doméstica e pertencente a um segmento de mercado que pode comprar os produtos. Por isso é que, em editorial enviado para os anunciantes em 1961, a revista fala sobre os objetivos da revista e define o público leitor através das seguintes formulações:

'Por que Claudia?

O Brasil está mudando rapidamente. A explosiva evolução da classe média torna necessária uma revista para orientar, informar e apoiar o crescente número de donas de casa que querem (e devem) adaptar-se ao ritmo da vida moderna.

Claudia será dirigida a estas mulheres e será dedicada a encontrar soluções para seus novos problemas. Claudia não esquecerá, porém, que a mulher tem mais interesse em polidores do que em política, mais em cozinha do que em contrabando, mais em seu próprio corpo do que em outros planetas... Claudia entenderá que o eixo do universo da mulher é seu lar' (apud Bassanezi, 1996:38) (grifo nosso).

Nas formulações desse editorial, podemos assinalar ou identificar uma posição de sujeito que indica uma moral em que, de um lado, a mulher da classe média vive fora dela e *para os outros* (marido e filhos), submetida à ordem do lar e marcada pela felicidade consumista, a ela cabe a gestão da casa e do espaço privado; de outro lado, o homem de classe média vive fora do lar, a ele cabe a gestão do público e a manutenção da casa.

No saber que configura a formação discursiva que está determinando o dizer desse editorial, tanto os produtos domésticos (fogão a gás, máquina de lavar, aspirador, refrigerador, alimentação em conserva) quanto os produtos cosméticos capazes de conservar a juventude e a vida do casal constituem as novas obrigações da mulher, esposa-mãe moderna, investida de uma missão produtiva: gerir a casa, economizar, cuidar da saúde e da educação dos filhos, ficar bela para o marido, a quem cabe a responsabilidade da manutenção da casa.

O discurso que aparece na pontualidade das formulações desse editorial aparece disperso na pontualidade de outras formulações que constituem um campo associado, no sentido de Foucault (1969b) e retomado por Courtine (1981).

Sacralizado no século XVIII e, principalmente, no século XIX, em que a mulher é a força civilizadora dos costumes e o seu *poder* é confinado no campo do imaginário e na vida doméstica (no pedestal instalado no trono: o lar), esse discurso entra em redes de formulações verbais e não-verbais da revista *Claudia*, onde é atualizado, repetido e *transformado*, ao longo de quatro décadas, como veremos a seguir.

Ao se constituir, a revista coloca-se como um lugar de dizer num jogo intersemiótico em que há uma interdependência entre materialidades verbais e materialidades não-verbais, cujos sentidos estão submetidos às mesmas determinações histórico-ideológicas, no sentido de Maingueneau (1984).

Nas primeiras edições da década de 60, a revista apresenta capa com o nome *Claudia* na parte superior da página, um desenho de rosto de uma mulher sorridente e chamadas ou formulações verbais (sobre os assuntos a serem tratados) que margeiam o desenho à direita ou à esquerda.



(fig.1)¹¹¹



(fig.2)¹¹²



(fig.3)¹¹³

Além disso, organiza-se em torno de diversos gêneros textuais (matérias, artigos, cartas, contos, testes, reportagens, e as seções “A arte da mulher”, “Direito, mulher e lei”, “Ponto de vista” e o “Ponto de vista dele”, anúncios publicitários) que, em geral, materializam em suas formulações discursos que reafirmam a responsabilidade/obrigação da mulher com os afazeres domésticos (ainda que trabalhe fora), a educação e o cuidado dos filhos em casa e a harmonia conjugal. Política e economia, só as domésticas, como observa Bassanezi (1996).

Ao verificar as edições que circularam entre 1961 a 1964, Bassanezi (1996) aponta para o fato de o *novo* surgir nos artigos de uma das editoras mais importantes da revista, Carmem da Silva¹¹⁴, responsável pela coluna “A arte de ser mulher”.

As discursividades que aparecem nos textos dessa coluna dizem respeito a “viver melhor sem medos, fantasias ou preconceitos”;

¹¹¹ *Claudia*, outubro de 1961.

¹¹² *Claudia*, março de 1962.

¹¹³ *Claudia*, abril de 1963.

¹¹⁴ Carmem da Silva escreveu uma seção fixa “A arte de ser mulher” no período que compreende 1963 a 1985, ano de sua morte.

posicionamento da mulher no que diz respeito a relacionamento familiar, condição feminina, trabalho, independência; sexo, amor e moral; solidão; relação com os homens, juventude. No jogo entre o outro e o mesmo, os discursos materializados nos textos de Carmem da Silva criam tensões com outros discursos materializados em outros textos veiculados na revista, apontando a constituição de uma posição de sujeito que indica uma moral em que as mulheres domésticas e consumidoras estão sofrendo influências de mudanças de comportamento decorrentes do movimento feminista dos agitados anos 60.

A partir de 1964, *Claudia* reconfigura o padrão gráfico da capa, trazendo, no centro da página, não mais um desenho, mas uma fotografia de um rosto de uma mulher; e, ora abaixo do nome, ora abaixo da fotografia, poucas formulações lingüísticas:



(fig.3)¹¹⁵

¹¹⁵ *Claudia*, 1968.

Essa reconfiguração ocorre, também, na linha editorial. Em 1965, *Claudia* estréia a seção “Jornal de cozinha”, com receitas, dicas e dietas da cozinha. Além disso, publica uma matéria sobre amor e sexo no casamento e os prós e contras do divórcio. Das formulações do texto, destacamos a seguinte:

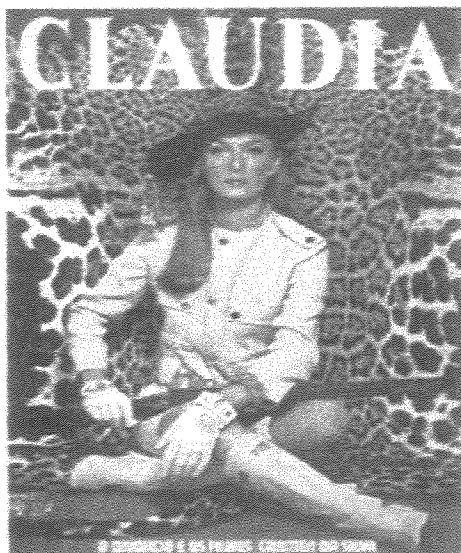
- “*Antes da separação, reflitam. Pensem nos filhos. Depois decidam com serenidade*” (*Claudia*, julho de 1965).

No saber dessa formação discursiva, nessa moral, casais com filhos não devem se separar. Na época, essa prática discursiva impera na ordem social, apesar de existirem outras práticas discursivas que defendam o desquite e/ou o divórcio mesmo entre casais com filhos.

No final da década de 60, podemos identificar em *Claudia* uma posição de sujeito que pode ser ocupada por mulheres de classe média que estão *no* e *fora* do lar. Surgem na revista discursos referentes à profissionalização feminina¹¹⁶, a exemplo da edição que circulou em março de 1967, abordando alguns dos problemas enfrentados pelas mulheres que trabalham fora de casa: preconceitos, pressões, conflitos, competição agressiva dos homens e tratamento dado à mão de obra feminina¹¹⁷.

¹¹⁶ É preciso lembrar que, nas sociedades pré-industriais, tanto no campo quanto na cidade pai, mãe e filhos se entregavam a atividades produtivas. O casamento funcionava como uma instituição que exigia o trabalho produtivo de cada cônjuge. A partir do século XIX, o processo de industrialização favoreceu a extensão do trabalho feminino assalariado, surgindo novas discursividades. De um lado, discursos em que o trabalho das mulheres era associado à “licença” sexual e, por isso, desonroso, além de ser, para a burguesia, sinal de pobreza. De outro lado, discursos em que não era desonroso nem incompatível que uma mulher trabalhasse e recebesse salário para complementar os recursos da família. Nesse discurso, o trabalho da mulher tem um caráter complementar e não põe em questão o papel fundamental de esposa e mãe. Assim, o verdadeiro lugar da mulher é o lar. Ela só deve trabalhar se o marido não pode suprir as necessidades da família.

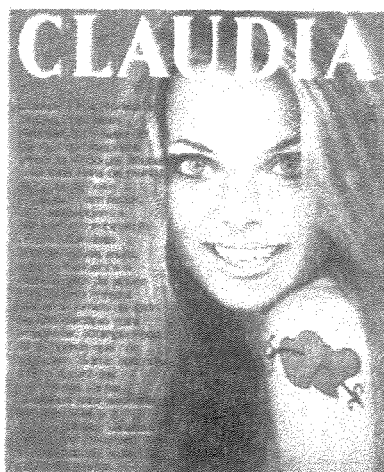
¹¹⁷ A constituição de 1967 concede aposentadoria integral às mulheres, após trinta anos de trabalho. Em 1968 é regulamentado no Brasil o trabalho feminino. A partir de então é proibida a discriminação de sexo para nomeação em repartições públicas, autarquias ou entidades paraestatal.

(fig.5)¹¹⁸

No ano de 1969, ocorre nova reconfiguração no padrão gráfico da revista; os temas abordados continuam os mesmos; os discursos que se materializam nos artigos de Carmem da Silva continuam criando tensões entre outros discursos sobre a mulher veiculados na revista; a linha editorial muda e a revista, dois meses depois de publicar uma matéria intitulada “*Como conservar seu marido*”¹¹⁹, perpassada pela discursividade de auto-ajuda, abre espaço para a participação da leitora na produção da revista através da seção fixa “*Como salvei meu casamento*”, com relatos ou confidências de leitoras que superaram as crises conjugais, inaugurando outro espaço destinado ao discurso de auto-ajuda. Nessa moral, cabe à mulher resolver tanto os problemas domésticos quanto os problemas conjugais e desempenhar bem o papel de esposa.

¹¹⁸ *Claudia*, 1967¹¹⁹ *Claudia*, janeiro de 1969.

Na década de 70, as modelos das capas aparecem mais sorridentes. As formulações lingüísticas, que margeiam a fotografia ora à direita, ora à esquerda, ora à direita e à esquerda, aparecem em maior quantidade e materializam discursos sobre os mesmos temas:



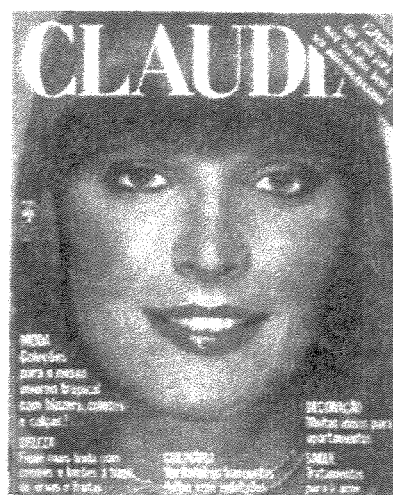
(fig.6)¹²⁰



(fig.7)¹²¹



(fig.8)¹²²



(fig.9)¹²³

¹²⁰ Claudia, 1970.

¹²¹ Claudia, 1972.

¹²² Claudia, 1976.

¹²³ Claudia, 1978.

Nessa mesma década, a revista ganha o espaço “Aqui, entre nós” (que, na década de 90 até fevereiro de 2003, passa a se chamar “Entre nós”, e a partir de março de 2003 “Eu e você”), um espaço reservado às opiniões do(a) diretor(a) da revista sobre assuntos que são tratados nos exemplares. Na edição de setembro de 1972, nesse espaço é reafirmado o discurso que afazeres domésticos são de responsabilidade/obrigação da mulher, através da seguinte formulação:

- “no nosso número de agosto, iniciamos uma campanha que dava novas perspectivas às mulheres que querem fazer alguma coisa, além de seus deveres domésticos.” (Claudia, setembro de 1972). (grifo nosso).

Somente a partir da segunda metade da década de 70, década em que o movimento feminista se fortalece no Brasil (e não no fim dos anos 60 e nos anos 70, como nos Estados Unidos e na Europa), *Claudia*, absorvendo a primeira corrente do movimento feminista¹²⁴, assume uma postura mais definida em relação à emancipação e à inserção da mulher no mercado de trabalho, à mudança na relação homem/mulher e nas relações familiares.

¹²⁴ O primeiro movimento feminista, segundo Kristeva (1979), baseando-se no princípio de identificação com os valores da racionalidade dominante dos estados-nações propõe o *igualitarismo* de direitos entre homens e mulheres. O segundo movimento, pós-68, com base nos movimentos de contracultura e nos postulados da diferença e alteridade contraposta à univocidade dos padrões de modernidade iluminista e desenvolvimentista, propõe a diferença radical e/ou especificidade entre identidade feminina e identidade masculina, uma oposição antagônica entre os sexos, ou seja, uma prática feminista separatista e sexista. A terceira geração, prevista por Kristeva em 1979, mas instaurada a partir de 1983-1984, critica a universalidade de uma diferença radical entre os sexos e postula a instauração simbólica de uma multiplicidade de diferenças e alteridades entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, rejeitando a compreensão do feminino no mundo exclusivamente feminino, já que este se definia em relação ao masculino.

As discursividades sobre a emancipação da mulher ganham espaço gradualmente na revista. E os discursos quanto à emancipação da mulher e ao fortalecimento do movimento feminista no Brasil revelam contradições de uma edição para outra ou mesmo dentro de uma edição. Conforme Castro (1994),

se por um lado, não podemos afirmar que a revista omitiu-se diante das conquistas e transformações do mundo feminino, tendo somente reforçado a ideologia machista e patriarcal – como fazem vários estudos sobre revistas femininas –, por outro, não podemos igualmente afirmar que a publicação tenha assumido plenamente a bandeira feminista, imprimindo definitivamente esta direção (p. 53).

Assim, a partir da metade da década de 70, podemos assinalar, em formulações dos textos das edições da revista, de um lado, posições de sujeito que indicam que a revista não fica indiferente à emancipação da mulher e ao fortalecimento do movimento feminista no Brasil, e de outro lado, a posição de sujeito em que as tarefas domésticas e o planejamento familiar são de responsabilidade da mulher, como pode ser observado na seguinte formulação:

- “E já que o controle de tudo em casa está em suas mãos, vamos falar de mais um assunto sério: planejamento familiar” (Claudia, abril de 1978).

No saber da formação discursiva em que se pode identificar a posição de sujeito dessa formulação, a mulher deve cumprir antes de tudo, seus “deveres” de mãe e dona de casa.

No final da década de 70, “a categoria de ‘mulher brasileira’ criada para viabilizar a primeira revista feminina no Brasil não se adequava mais a um momento em que o mercado aumentava seu grau de diversificação”, como observa Mira (2001:60). Assim, em 1978, o formato da revista é reduzido e novas seções são introduzidas, mas a revista continua com as preocupações da mulher de classe média, dona de casa, preocupada com o lar e o consumo, acompanhando a sua geração em termos de moda, decoração e estilo.

Na década de 80, podemos identificar mudanças no funcionamento discursivo das capas de *Claudia*: na sua maioria, são apresentadas com uma fotografia do rosto de uma modelo com um olhar mais firme; as cores são mais fortes; e as formulações lingüísticas materializam velhas e novas discursividades:


 (fig.9)¹²⁵

 (fig.10)¹²⁶

¹²⁵ *Claudia*, abril de 1986.

¹²⁶ *Claudia*, julho de 1986.



(fig. 10)¹²⁷



(fig. 11)¹²⁸

Numa década de tantas transformações e rupturas, numa década em que a atividade profissional feminina ganha cada vez mais legitimidade e a recusa da identidade feminina constituída exclusivamente pelas funções esposa-mãe fortalece-se na sociedade, a revista não podia ficar indiferente às novas discursividades. Salienta-se a importância dos artigos de Carmem da Silva nessa trajetória.

Nas formulações lingüísticas e pictóricas das edições dos anos 80, principalmente das edições no final da década, podemos identificar uma posição de sujeito que indica mudança na forma da constituição moral sexual. São materializados discursos sobre a opção de casais que optam por não ter filhos; sobre a participação masculina na anticoncepção; sobre mudança nas relações homem-mulher; sobre o culto ao corpo, com mais dicas sobre exercícios físicos, tratamentos estéticos, ginásticas da moda, etc¹²⁹; sobre a sexualidade de filhos

¹²⁷ *Claudia*, novembro de 1987.

¹²⁸ *Claudia*, novembro de 1989.

¹²⁹ Na década de 80 inaugura uma *Nova* tendência de beleza: é culto ao corpo. Dietas alternativas e a multiplicação de academias durante os anos 80 refletem essa tendência.

adolescentes; sobre a necessidade de conhecer o próprio corpo para obtenção do prazer sexual; sobre a iniciativa sexual por parte da mulher; sobre relacionamentos de mulheres mais velhas com homens mais novos, etc.

Mas a revista vai se consolidando com as contradições externas e internas. Em 1987, dois anos após a morte de Carmem da Silva, *Claudia* traz uma reportagem sobre o feminismo no Brasil e faz uma retrospectiva sobre a vida de Carmem da Silva, publica resultado de pesquisa sobre sexualidade, em que trata de orgasmo, aborto, homossexualidade, etc, e conclui que a família está mais liberada.

No mesmo ano, após uma matéria sobre o sucesso de mulheres micro-empresárias, incentivando outras mulheres a criar sua independência financeira, é apresentado um artigo em que a leitora confidencia:

- “Aprendi que pode ser divertido limpar a casa e lavar o quintal, e não fiquei rabugenta... Meu marido, aliviado com meu comportamento, que ele previa histérico, me premiou com um microondas” (Claudia, abril de 1987).

Na formulação lingüística acima, podemos assinalar uma posição de sujeito em que o trabalho do lar é promovido, dignificado, e a mulher do lar é realçada e premiada com um aparelho doméstico que funciona como instrumento simbólico de sua libertação, ou seja, a *moral da renúncia de si* é substituída pela magia da novidade de consumo.

No início da década de 90, assim como nas décadas de 60, 70 e 80, a revista esboça, no centro, uma foto em que o foco é a beleza e a maquiagem do rosto de uma modelo; e, à direita e à esquerda da foto, formulações lingüísticas sobre os assuntos tratados na edição:



(fig. 12)¹³⁰



(fig. 13)¹³¹



(fig. 14)¹³²



(fig. 15)¹³³

¹³⁰ Claudia, março de 1991.

¹³¹ Claudia, abril de 1991.

¹³² Claudia, janeiro de 1992.

¹³³ Claudia, abril de 1992.

(fig. 16)¹³⁴(fig. 17)¹³⁵

Os discursos apreendidos na pontualidade das formulações dos textos de *Claudia* no início dessa década dizem respeito aos saberes sobre casa, decoração, filhos, dinheiro, trabalho, “atualidades”, moda de vestuário, corpo (beleza, saúde), emoções e sexo. Nas formulações, podemos identificar uma posição de sujeito que pode ser ocupada pela leitora que vive *no* e *fora* do lar; que vive para os outros (marido, filhos) e também para ela.

Nesse período, a revista acentua os discursos sobre o culto ao corpo, com ênfase nos tratamentos estéticos para rejuvenescimento do rosto; sobre a sexualidade de filhos adolescentes, sobre sexo e prazer sexual no relacionamento.

A partir de 1994, *Claudia* sofre novas reconfigurações. Na capa, encontramos como materialidade pictórica uma fotografia em que não só o rosto é valorizado, mas o conjunto do corpo de uma modelo bonita, alegre e insinuante (não tão insinuante como as modelos da

¹³⁴ *Claudia*, fevereiro de 1993.

¹³⁵ *Claudia*, abril de 1993.

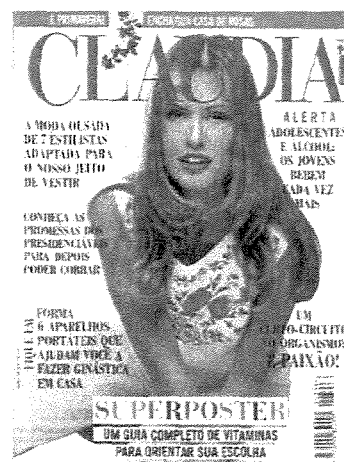
revista *Nova*, no entanto, como veremos no capítulo 5; com um rosto de frente ou quase de frente; com olhar ora firme e sério, ora firme e insinuante; com cabelos ora retos, ora esvoaçantes, ora curtos, ora compridos; com roupas ora sérias, ora insinuantes.



(fig. 18)¹³⁶



(fig. 19)¹³⁷



(fig. 20)¹³⁸



(fig. 21)¹³⁹



(fig. 22)¹⁴⁰



(fig. 23)¹⁴¹

¹³⁶ *Claudia*, julho de 1994.

¹³⁷ *Claudia*, março de 1995.

¹³⁸ *Claudia*, setembro de 1995.

¹³⁹ *Claudia*, agosto de 1996

¹⁴⁰ *Claudia*, maio de 1997.

¹⁴¹ *Claudia*, janeiro de 1998.

(fig. 24)¹⁴²(fig. 25)¹⁴³(fig. 26)¹⁴⁴(fig. 27)¹⁴⁵(fig. 28)¹⁴⁶(fig. 29)¹⁴⁷

No jogo intersemiótico das capas, podemos assinalar a posição de sujeito que indica a constituição do sujeito de desejo entre o sexo e o *si mesmo*. Essa mudança da capa aponta para a resignificação discursiva da revista nesse período. Os discursos materializados nas formulações da capa e dos diversos gêneros textuais sobre as formas e

¹⁴² *Claudia*, setembro de 1998.

¹⁴³ *Claudia*, junho de 2000.

¹⁴⁴ *Claudia*, novembro de 2000.

¹⁴⁵ *Claudia*, março de 2001.

¹⁴⁶ *Claudia*, Junho de 2002.

¹⁴⁷ *Claudia*, janeiro de 2003.

as práticas de si pelas quais a mulher deve se reconhecer como sujeito moral na revista são determinados por um domínio de saber reconfigurado, como veremos a seguir.

Apesar de *Claudia* continuar discursivizando sobre os mesmos temas, diminui o percentual de páginas dedicadas a *casa e cozinha* e a *filhos*; mantém o percentual dedicado a “atualidades”; aumenta o percentual de páginas dedicadas a *dinheiro e trabalho*, a *corpo (moda, beleza, saúde, sexo)* e a *relacionamentos*. O aumento percentual de páginas dedicado a esses últimos assuntos funciona, também, como um lugar de interpretação, indicando uma posição de sujeito que indica os elementos de maior relevância na moral da revista nesse período.

Nas formulações dos textos das edições de *Claudia* do período que compreende a segunda metade da década de 90 a fevereiro de 2003, podemos assinalar, de um lado, a constituição de uma posição de sujeito que pode ser ocupada pela leitora que é casada ou descasada, exerce o papel de mãe, é independente financeiramente, divide as despesas com o marido e está mais preocupada com o corpo e com o prazer; e, de outro lado, a constituição da posição de sujeito que pode ser ocupada pela leitora que é descasada ou solteira, exerce o papel de mãe, é independente financeiramente, é livre, busca novos relacionamentos com homens mais velhos ou mais novos, está mais erotizada, liberada e preocupada com o corpo e o prazer.

Entre as formulações lingüísticas que aparecem como chamadas nas capas, destacamos quatro redes que indicam reconfiguração no domínio de saber que determina o que a revista pode e deve dizer sobre divórcio e relacionamentos com os filhos, relacionamentos homem e mulher, casamento, tarefas domésticas.

(1)

- “Como se pode garantir contra as armadilhas financeiras quando o assunto é divórcio” (Claudia, julho de 1996).
- “Divórcio. O que você precisa saber para sair inteira e recomeçar a vida sem arranhões. As crises mais comuns. Os seus direitos. Como contar aos filhos” (Claudia, maio de 1997).
- “Especialistas respondem às 20 principais perguntas de quem separa” (Claudia, agosto de 1999).
- “Separados, mas não dos filhos: casais adotam a guarda compartilhada” (Claudia, dezembro de 2001).
- “30 anos de pesquisa revelam que o divórcio é mais positivo do que se pensa (inclusive para as crianças)” (Claudia, agosto de 2002).

(2)

- “Como administrar o triângulo amoroso: Eu, meus filhos e meu namorado. E sair inteira!” (Claudia, fevereiro de 1997).
- “Mulheres revelam quantos parceiros sexuais tiveram” (Claudia, setembro de 1998).
- “Sonhos de consumo: quarenta homens que fazem a gente pensar em cometer loucuras” (Claudia, outubro de 2001).
- “Começo de namoro: apaixonada sim, mas sem perder a individualidade” (Claudia, outubro de 2002).
- “Paixão ultrajovem: as mulheres deixam o preconceito de lado e assumem o amor por homens cada vez mais novos. Elas dizem que eles têm mais pique, são mais divertidos e solidários. E o melhor: fazem um bem enorme à auto-estima (Claudia, janeiro de 2003).

(3)

- “Novo amor. Homens e mulheres contam o que aprenderam com o primeiro casamento e aplicaram no segundo” (Claudia, fevereiro de 1998).
- “A gente se declara marido e mulher: aumenta o número de casamentos informais – sem padre e nem papel passado” (Claudia, novembro de 2001)

(4)

- “Maridos multiuso: eles assumem – e curtem – as tarefas domésticas” (Claudia, agosto de 2002).
- “Viver a dois. Dá sim para dividir as despesas numa boa” (Claudia, outubro de 2002).

Se, nas formulações das edições das décadas anteriores, assinalamos uma posição de sujeito que indica a moral segundo a qual casais com filhos devem pensar sobre os efeitos negativos da separação, na rede de formulações (1), podemos assinalar a constituição de uma posição de sujeito que indica que o divórcio é um fato, não causa tantos efeitos negativos sobre mulheres e crianças, e que a guarda dos filhos por pais separados pode ser compartilhada sem conflitos.

Na rede de formulações (2), podemos assinalar uma posição de sujeito de um domínio de saber em que mulheres separadas buscam outros relacionamentos; vêem os homens como objetos de desejo e de consumo; buscam preservar a individualidade; e admitem, sem preconceitos, relacionamentos com homens mais jovens.

Na rede de formulações (3), podemos assinalar que, ao lado da posição de sujeito na qual o casamento implica condições apropriadas para sua realização, como estar diante de um juiz ou no altar para que os atos performativos “*eu vos declaro marido e mulher*” e “*eu aceito*” se afirme como verdade, constitui-se outra posição de sujeito que desloca a performatividade do casamento para um espaço particular independente do discurso jurídico e do religioso.

Na rede de formulações (4), podemos assinalar a constituição de uma posição de sujeito em que as tarefas domésticas são compartilhadas ou assumidas pelos maridos e em que as despesas domésticas são divididas entre o casal.

Em se tratando dos discursos sobre *dinheiro e trabalho*, há um aumento gradual do percentual de páginas destinadas a textos que materializam tais discursos nesse período: passa de 1,7%, em 1991, para 8,0%, em 2002, o que indica a independência financeira da mulher para a qual a revista se dirige.

Nas décadas anteriores, a identidade da mulher de classe média, em *Claudia*, é constituída fortemente pelos papéis familiares, ainda que trabalhe fora. Na última década do século XX e, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, podemos assinalar nas formulações lingüísticas que aparecem nas capas a constituição de uma posição de sujeito em que o comprometimento com a vida e a formação profissional é um fato e o trabalho é uma exigência de afirmação de identidade da mulher. No domínio de saber que organiza a formação discursiva que determina o que a revista deve dizer, a mulher de classe média casada ou separada está no mercado de trabalho e o eixo do seu

universo é *fora e dentro* do lar¹⁴⁸, como podemos assinalar nas formulações abaixo:

- “As mulheres que lutaram para ocupar cargos e venceram em um mundo quase exclusivamente masculino” (Claudia, novembro de 1991).
- “Trabalho. Você ficou parada? Enfrente o desafio de retomar sua carreira. Com planejamento e otimismo você chega lá” (Claudia, março de 1995).
- Histórias de maridos que abandonaram o emprego para trabalhar com a mulher” (Claudia, março de 1997).
- “LER, a doença do trabalho. Oito em cada dez mulheres são vítimas de LER (lesões por esforço repetitivo) no Brasil” (Claudia, maio de 1998).
- “Profissão: autônoma: vantagens e desvantagens de trabalhar por conta própria. Planos de saída” (Claudia, junho de 1998).
- “Quanto mais feliz na carreira, mas feliz no amor. Sente prazer com o que faz. Trabalharia mesmo sem precisar. Seu salário é essencial em casa” (Claudia, dezembro de 1998).
- “Ser confiante é fundamental para a carreira” (Claudia, junho de 1999).
- “Faça o mercado disputar você. Os profissionais mais cobiçados são aqueles que multiplicam seu tempo, investindo na própria carreira sem deixar o emprego ou a vida pessoal de lado” (Claudia, novembro de 1999).
- “As mulheres conquistam o mercado de trabalho, mas só agora começam a sentir menos culpa quando deixam os filhos para viajar a negócios” (Claudia, maio de 2000).

¹⁴⁸ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres já representam 42% da população economicamente ativa do país. Se na década de 60 a proporção de mulheres com trabalho remunerado era de apenas 23%, em 1998 somava 42% - o que representa mais de 30 milhões de mulheres atuando fora de casa no Brasil.

- “Quem paga o quê? Dá para se dividir as despesas de casa numa boa. A palavra chave é planejamento. Decidindo antes a parcela de cada um, a vida fica mais fácil (e pode até sobrar dinheiro em caixa...)” (Claudia, maio de 2001).
- “Negócios em família: as vantagens de trabalhar com os parentes” (Claudia, novembro de 2001).
- “Você pode conseguir o seu emprego usando a internet” (Claudia, junho de 2002).
- “Sem emprego? É uma boa hora para repensar sua vida profissional e ir à luta” (Claudia, setembro de 2002).

Nessa nova historicidade, os discursos sobre a mulher e a mão de obra feminina não aparecem mais como último recurso, mas como exigência, um meio de auto-afirmação, recusa de dependência, busca de autonomia e segurança para o futuro. Salientamos que no domínio de saber que origina o discurso de conquista de identidade profissional da mulher, uma nova posição de sujeito está se constituindo, como podemos identificar na seguinte formulação lingüística:

- “Amor, você me faz um empréstimo? Mais da metade das mulheres com o nome sujo na praça está endividada por causa dos maridos ou namorados” (Claudia, janeiro de 2002).

A posição de sujeito assinalada na materialidade lingüística acima indica o funcionamento de um discurso em que a mulher não separa as questões financeiras das questões afetivas. Embora consiga independência financeira, afirmando-se cada vez mais profissionalmente, não consegue independência emocional, e, por isso, é vítima fácil de golpes financeiros de marido e namorado.

Nas páginas destinadas aos assuntos *dinheiro e trabalho*, chama a atenção o fato de as raras páginas que tratam de economia mostrarem um jornalismo econômico que não se constrói a partir dos temas do dia, mas a partir da promoção e de conselhos de consumo, como se pode observar nas formulações linguísticas abaixo:

- “Olhos abertos na compra do imóvel. Não deixe o entusiasmo da casa própria adiar as precauções que devem ser tomadas antes de fechar o negócio” (Claudia, março de 1995).
- “É arriscado investir em carro e em telefone. As novas leis do mercado colocaram esses serviços no devido lugar de utilitários e prestadores de serviço” (Claudia, novembro de 1996).
- “Bom, bonito e barato: eletrodomésticos, roupas, móveis e até salgadinhos com descontos em 180 pontos de estoque e lojas de fábrica em seis estados “ (Claudia, novembro de 1997).
- “Imobiliárias facilitam financiamento de casas até em outro país” (Claudia, abril de 1998)”.
- “Fundos: Renda fixa X variável. Quem for aplicar dinheiro em fundos de investimento deve saber como eles funcionam” (Claudia, junho de 1999).
- “Os cuidados para fazer compras pela TV” (Claudia, março de 2000).
- “Antes de tomar decisão de comprar algo a prazo, veja se seu banco não oferece um canal de bens de consumo e serviços. É menos burocrático. Pode sair até mais barato” (Claudia, fevereiro de 2001)”.
- “Economia dos detalhes. Se você planeja guardar dinheiro para investir em uma viagem, um carro novo, ou quer sair do vermelho, terá que diminuir gastos do dia-a-dia. Aí vão dez truques que podem dar uma boa ajuda” (Claudia, novembro de 2001).
- “10 passos para a casa própria” (Claudia, julho de 2002).

Nas formulações acima, podemos identificar uma posição de sujeito que acentua a relação da mulher e consumo, não cabendo a esta discutir a agenda econômica do país e compreender os fatos, mas somente discutir a economia que diz respeito ao consumo (como gastar melhor, como economizar, como comprar uma casa, como fazer um bom negócio, etc), melhores formas de poupança e rendimento.

No que se refere aos discursos relacionadas ao corpo, podemos salientar que, de 1994 a 2002, há aumento percentual significativo de páginas dedicadas à moda de vestuário (mais ou menos de 11% para 18%), à beleza e saúde (mais ou menos de 11% para 18%) e à sexualidade (mais ou menos de 13% para 25%), na revista *Claudia*.

Com relação à moda de vestuário¹⁴⁹, não podemos dizer que a revista *Claudia* está na origem do movimento contemporâneo, haja vista que é um fenômeno simbólico localizado na modernidade¹⁵⁰, e que se desenvolveu gradualmente até tornar-se um fenômeno com força na atualidade, atingindo todas as classes sociais antes não alcançadas. Conforme Lipovetsky (1989:12), “a moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular”.

A moda de vestuário como tal exige a constância das variações que têm uma lógica própria ao seu desenvolvimento. Por isso, nas páginas de *Claudia*, a mudança de vestuário é remetida a mudanças nos valores estéticos de cada época. Nos novos discursos da moda, o vestuário constitui também um fator estético já que seu efeito

¹⁴⁹ As primeiras revistas de moda datam do século XVIII: “*Le cabinet des modes*” ou “*Les modes nouvelles*” (1785), “*Le journal des dames et des modes*” (1797). Reservadas a uma clientela elegante, elas se multiplicaram no século XIX e no começo do século XX. Algumas começaram a se dirigir aos costureiros que podiam reproduzir os modelos por elas apresentados. Das 180 revistas lançadas entre 1871 e 1908, cerca de 30 eram específicas para profissionais do ramo, como observa Bailleux (1995).

¹⁵⁰ A moda como fenômeno da modernidade tem sua origem nas cortes européias e por muito tempo ficou restrita aos estratos sociais das classes dominantes.

acompanha a nova estética do corpo feminino: esguio, esbelto e em movimento, enfim, pronto para ser exibido. É nas construções simbólicas e especialmente nas metáforas existentes dentro delas que se faz movimentar o significado de um objeto para outro.

A revista *Claudia* não está na origem desse movimento da moda de vestuário, mas não há dúvida de que é um meio eficaz de propagação dos gestos que embelezam. A moda, como um desses gestos, tem historicamente criado uma associação forte entre feminilidade e busca do “estar na moda”. Nessa última década do século XX, a revista reforça a importância da aparência na construção social da feminilidade e fortalece tanto o espetáculo do *outro* quanto o espetáculo de *si*, como veremos na parte IV deste trabalho.

Nas edições de *Claudia* da década de 80, as representações estão atravessadas pelo imaginário em que a nova tendência de beleza é cultuar o corpo, através da discursividade sobre a importância da boa alimentação aliada às ginásticas, dietas alternativas, cabelos bem tratados, valorização do corpo. Nas edições da última década do século XX e do início do século XXI, por sua vez, as representações estão atravessadas pelo imaginário em que *a moda é o corpo*: as cirurgias plásticas, as lipoaspirações, as próteses de silicone, as técnicas de embelezamento do rosto se popularizam cada vez mais, como podemos ver na rede de algumas formulações lingüísticas que aparecem como chamadas nas capas:

- Aparelhos de ginástica: na academia ou em sua casa, eles ajudam (mesmo!) a esculpir o seu corpo” (*Claudia*, abril de 1996).
- “Acido retinóico, ácido glicólico ou vitamina C. Afinal qual o melhor para sua pele” (*Claudia*, março de 1997).

- “7 mulheres mudaram o corpo em 3 meses. Milagre? Não! Ginástica com Personal Trainer” (Claudia, março de 1998).
- “Estrias: 8 dermatologistas indicam as melhores técnicas para cada tipo (existem 4)” (Claudia, outubro de 1998).
- “Seios novos. Cirurgias que aumentam, diminuem e reconstroem as mamas (nossa repórter acompanhou uma delas)” (Claudia, maio de 1999).
- “Alimentos que combinam com a vida que você leva, cuidam da sua saúde e ainda por cima deixam você mais bonita” (Claudia, novembro de 1999).
- “As ginásticas e as técnicas mais recentes de lipo e meso que afinam a cintura” (Claudia, julho de 2001).
- “Os hormônios comandam nossa libido, saúde e humor. E agora já dá para repor todos eles” (Claudia, outubro de 2001).
- “As melhores técnicas para fazer escova e ficar com os cabelos mais lisos por mais tempo” (Claudia, abril de 2002).
- “A depiladora da Malu Mader, a dermato da Xuxa, o personal da Adriane Galisteu. Os segredos de 11 especialistas de mulheres famosas” (Claudia, maio de 2002).
- “SORRISO PODEROSO: métodos para clarear os dentes a partir de 400 reais” (Claudia, maio de 2002).
- “Salve seu pescoço! Cremes, lipo, botox: tudo para deixá-lo sempre jovem” (Claudia, agosto de 2002).

Nessa rede de formulações, os discursos sobre o cuidado com o corpo passa pela ginástica, pela higiene, pela medicina, pela cosmoteologia, etc. Essa rede de formulações indica que é pela repetição que se fortalece a cultura do espaço íntimo, no qual o corpo feminino ganha lugar de destaque na revista. Voltaremos a essa questão no capítulo 7.

No tocante à sexualidade, embora as mudanças que afetam a sexualidade da mulher tenham se fortalecido na década de 70, somente no final da década de 80 os discursos sobre sexo começam a ganhar destaque nas capas de *Claudia*.

Mas é a partir do final da segunda metade da década de 90 que podemos identificar, nas formulações tanto pictóricas (como pode ser observado nas figuras de 18 a 29) quanto lingüísticas das capas, uma posição de sujeito que aponta uma moral sexual em que a mulher administra o corpo e o prazer, está mais erotizada e mais liberada:

- “Etiqueta sexual de A a Z, um guia divertido para você desfrutar do prazer sem perder a pose (Claudia, agosto de 1996).
- “Homens e sexo. O mapa do desejo deles: zonas erógenas, carícias preferidas, fantasias”(Claudia, novembro de 1997).
- “As surpreendentes respostas de 30 mulheres e homens sobre o momento mais gostoso do sexo”(Claudia, maio de 1998).
- “Sexo: as mulheres descobrem os homens de 20 anos e APROVAM”(Claudia, abril de 1998).
- “Deixe-o louco de desejo: 9 receitas de sedução para uma noite única” (Claudia, agosto de 1998).
- “Sex shop: entre, o prazer é todo seu” (Claudia, novembro de 1998);
- “Pesquisa sexo: do que elas mais gostam na cama (não é da penetração)” (Claudia, fevereiro de 1999).
- “Sexo oral: esse toque muito íntimo pode ficar mais gostoso”¹⁵¹ (Claudia, junho de 1999).
- “SEXO QUENTE: Nunca imaginei fazer aquilo. Mas foi bom demais” (Claudia, março de 2000).

¹⁵¹ *Claudia*, junho/1999

- “Os 22 pontos mais eróticos do nosso corpo e ... novas maneiras de exercitá-los” (Claudia, julho de 2001).
- “As mulheres e o sexo hoje. Estamos mais liberais, seguras e muito mais felizes” (Claudia, outubro de 2001).
- “Tremedeira, loucura, explosão. Mulheres contam o que sentem na hora do orgasmo” (Claudia, novembro de 2001).
- “Pênis; o que você queria saber sobre o melhor amigo homem” (Claudia, dezembro de 2001).
- “Sexo: o que a gente gosta de ouvir e falar na cama (e no carro, no elevador)” (Claudia, junho de 2002).
- “Faça o melhor sexo da sua vida. Aos 20, aos 30 e aos 40” (Claudia, setembro de 2002).

Essa rede de formulações materializa discursos sobre práticas de sexualidade que não são mais segredos para as mulheres. O que era segredo passa a ser um segredo aberto, ou seja, passa a ser sugerido às leitoras, passa a ser incitado. A revista, assim, funciona como um dos recursos que indica o caráter aberto da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo.

A rede de formulações sobre sexo, que aparece como chamadas nas capas da revista desse último período observado, assemelha-se à rede de formulações que aparece nas capas da revista *Nova* desde a década de 70, como mostraremos no capítulo 5.

Enfim, em *Claudia*, os discursos sobre a sexualidade feminina na última década do século XX giram em torno da busca de maior prazer, do sensual e do erótico¹⁵². Nessa nova construção dos significados simbólicos investidos na construção da sexualidade feminina, o sexo é desconfinado, e “despervertido”, como veremos no capítulo 9. Na

¹⁵² Conforme Prost e Vicente (1992:353), “o grande acontecimento na vida privada dos ocidentais, nestas últimas décadas, foi talvez o surgimento de um erotismo totalmente estranho ao sistema cultural judaico-cristão.”

moral sexual da revista nesse período, a mulher é casada, mas também descasada e independente financeiramente.

Para além desses discursos, não podemos deixar de destacar que, nesse último período, a revista acentua a discursividade da feminilidade como espetáculo e do erotismo ligado ao consumo simbólico das imagens, assunto que discutiremos no capítulo 8.

Ressaltamos que a contradição observada em outras décadas aparece, também, na última década do século XX. Essa contradição é decorrente das diferentes posições de sujeito assinaladas nas materialidades discursivas da revista. Em Silva (1999) observamos, por exemplo, que, em março de 1998, *Claudia* veicula uma matéria intitulada “Uma ofensa à mulher”, que materializa um discurso em que a imagem da mulher tem sido degradada e aviltada por anúncios publicitários, a exemplo das peças publicitárias da *Duloren*. Um mês depois, na edição de abril, entretanto, a revista veicula um anúncio publicitário de meia-calça *Pulligan*, que materializa o discurso em que a parte da mulher mais importante são as nádegas e as pernas. O anúncio apresenta a seguinte organização: na parte superior do lado esquerdo, apresenta a formulação lingüística “*O nosso produto só cobre metade do seu corpo. Mas é a metade mais importante*”; no lado direito, uma fotografia de uma mulher em forma de sereia, vestida com sutiã e meia-calça, objeto fetichizado: a parte que está coberta pela meia aparece em destaque e a cabeça é desproporcional ao corpo, ou seja, é pequena. No saber da formação discursiva em que é originado o discurso materializado no anúncio, a mulher é inferior, desprovida de razão, incapaz, etc. Assim, a discursividade da matéria e a discursividade da peça publicitária são determinadas por formações discursivas diferentes, gerando, assim, contradição.

Dessa forma, na construção da identidade de *Claudia*, podemos destacar a heterogeneidade em que o *mesmo* e o *outro* funcionam como

espaços de leitura. Se, por um lado, podemos identificar em algumas formulações a constituição de posições de sujeito que indicam a reconfiguração de saberes sobre o universo da mulher de classe média, por outro lado, podemos identificar posições de sujeito que indicam práticas que permanecem, a exemplo da discursividade do pouco interesse da mulher pela vida pública e política, como indicam as formulações do “guia que ajuda a mulher a entender os cargos políticos e a votar melhor”, da edição de setembro de 2002:

- “Você sabe exatamente o que faz um senador? E o presidente da República? As eleições estão chegando e nós mulheres já somos mais da metade do eleitorado. Que responsabilidade, não? Este guia ajuda você a entender como funciona o país e mostra por que é importante ir às urnas consciente e bem informada” (Claudia, setembro, 2002).

No saber da formação discursiva que está determinando o discurso materializado nessas formulações, apesar de o universo da mulher não compreender somente o lar, ela não sabe como funciona a vida pública e política do país, não sabe como funciona os poderes executivo, legislativo e judiciário, como são organizados e por quem são ocupados.

Essa posição de sujeito em funcionamento na revista chama a atenção, principalmente se considerarmos que, no Brasil, os movimentos a favor do voto feminino tiveram início no final do século XIX¹⁵³; que, em 1928, o Estado do Rio Grande do Norte incluiu em sua

¹⁵³ As primeiras reivindicações femininas pelo direito ao voto aconteceram em 1848, nos Estados Unidos, durante a Convenção dos Direitos da Mulher. Mas esse desejo só virou realidade 72 anos depois, em 1920. No Brasil, as primeiras reivindicações datam, como vimos na nota 7, tiveram início no final do século XIX. Em 1910, a professora Deolinda Daltro fundou, no Rio de Janeiro, o Partido

constituição o direito ao sufrágio feminino e elegeu no mesmo ano, em Lajes, Alzira Soriano, a primeira prefeita da América do Sul; que, em 1932, o presidente Getúlio Vargas promulgou o decreto de sufrágio às mulheres e cerca de dez Estados já permitiram que elas votassem; que, em 1934, as mulheres intensificaram sua participação nas questões políticas do país, elegendo a primeira Deputada Federal brasileira que atuou até 1937, quando Getúlio Vargas fechou o Congresso Nacional; que, depois da revolução sexual dos anos 60, a participação política da mulher na vida pública tem se intensificado cada vez mais; que, embora em número pequeno, 2.792 mulheres se candidataram para concorrer a cargos públicos nas eleições de 2002. Por outro lado, a revista utiliza o instrumento de pesquisa para traçar e atualizar o perfil da leitora para a qual vai se dirigir (?!).

Para tentarmos compreender esse jogo entre o *mesmo* e o *outro* em *Claudia* entre práticas discursivas que permanecem e entre práticas discursivas que mudam, é preciso pensar a revista como uma instituição que não existe sem a historicidade que a constitui e, por isso, deve ser pensada na dimensão da *estrutura*, mas também na dimensão do *acontecimento*. E é nesta dimensão que podemos perceber a repetição, a reativação ou a transformação de práticas e de sentidos que podem ou não ser absorvidos pela memória histórica (ver Foucault, 1869a; Courtine, 1981; Pêcheux, 1983b).

Por isso, se não podemos afirmar que a revista fica indiferente diante das conquistas e das diferentes discursividades sobre a mulher, tendo apontado somente posições de sujeito de discursos instituídos, não podemos afirmar, também, que a revista assinala em suas formulações os mesmos discursos sobre a mulher e todos os discursos sobre a mulher.

Republicano Feminino. Outras organizações foram criadas com o mesmo objetivo, como a Liga pela Emancipação da Mulher, fundada por Bertha Lutz em 1919.

É importante observar que até a década de 90, *Claudia* era definida editorialmente como a revista amiga. De março de 1999 a fevereiro de 2003, *Claudia* se constitui numa “crise” de identidade, assinalada nas variadas formulações “fixas” que aparecem nas capas: de março a junho de 1999, “*Leia e use*”; de julho de 1999 a junho de 2001, “*A revista de informação da mulher*”; de julho de 2001 até agosto de 2002, “*A revista da mulher*”; de setembro de 2002 a fevereiro de 2003, “*A revista da mulher brasileira*”.

A partir de março de 2003, *Claudia* reconfigura novamente o projeto gráfico. Entre as reconfigurações, o espaço destinado às opiniões da diretora da revista passa a se chamar “Eu e você”. Nesse espaço, destacamos as seguintes formulações linguísticas:

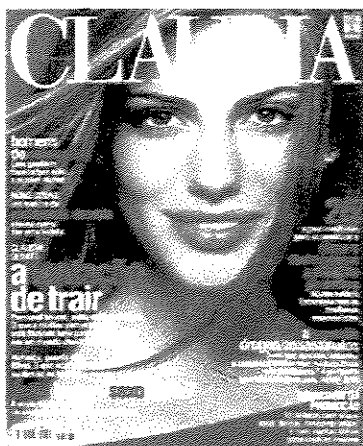
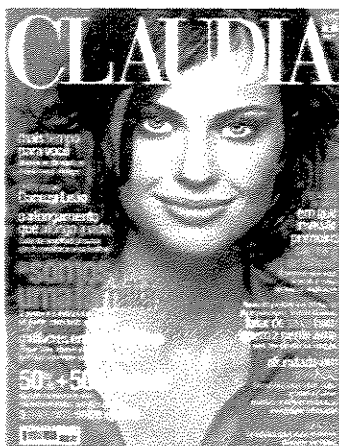
- “(...) CLAUDIA é líder. E tem que ser líder em tudo. Tem que ser a mais útil, a mais bonita, a mais completa, a mais polêmica, aquela que anda a frente do seu tempo. (...) Não, não se assuste. Você não perderá nada do que sempre gostou na revista. Ao contrário, Nossa intenção é trazer ainda mais informação, reportagens de impacto, soluções de moda, beleza, decoração e culinária, respostas para seu dilema de mãe, incentivo para seus projetos, idéias para melhorar seus relacionamentos, estreitar laços familiares, se aproximar dos amigos. Sem esquecer de ajudar você a ter mais sucesso na carreira, ganhar mais dinheiro, consumir com mais consciência, realizar os seus sonhos. Mas, como toda mulher antena que se olha no espelho e diz: “Preciso dar uma virada”, nós queremos fazer uma revolução principalmente no projeto gráfico. Tudo o que você sempre gostou está aqui, mas em nova ordem, com outro visual. Estamos também reformulando as seções fixas, tentando outra linha de capa...” (Claudia, março de 2003).

- “As questões sexuais são outro ponto nevrálgico para as mulheres hoje. Ter uma vida sexual ajustada pode fazer toda a diferença na nossa felicidade. Para assinar a seção “Sexo Bem Resolvido”, convocamos uma craque: Maria Helena Brandão Vilela, orientadora sexual, enfermeira, diretora do Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan. “Meu trabalho tem sido criar a consciência de que o sexo é importantíssimo, deve ser feito com responsabilidade e só assim traz felicidade”(Claudia, abril de 2003).

Nessas formulações lingüísticas, podemos assinalar uma posição de sujeito configurado no saber que reafirma que os interesses da mulher de classe média estão relacionados à família (marido, filhos, casa, cozinha), ao consumo, à beleza, ao trabalho, ao sexo.

Nessa reconfiguração *Claudia* muda a capa. Se, na última década do século XX, a capa da revista materializa a constituição de um sujeito voltado para si, para o seu corpo e para o prazer, a partir de março de 2003, a capa materializa a constituição de um sujeito que atualiza o discurso da importância dos laços familiares e produz nova verdade sobre o sexo.

De 1994 até fevereiro de 2003, como vimos, as capas de *Claudia* valorizam o conjunto do corpo de uma modelo bonita e insinuante, assemelhando-se às capas de *Nova*, mas, a partir de março de 2003, a revista volta a esboçar uma fotografia em que se valoriza o rosto, como se pode ver abaixo:

(fig. 30)¹⁵⁴(fig. 31)¹⁵⁵(fig. 32)¹⁵⁶(fig. 33)¹⁵⁷(fig. 34)¹⁵⁸(fig. 35)¹⁵⁹

Na configuração gráfica da capa, o nome da revista, que antes mudava de cor de uma edição para outra, é apresentado com a cor branca, e a seção fixa que aparecia nas capas a partir de março de 1999 é retirada. Na interdependência da materialidade fotográfica e das materialidades lingüísticas que aparecem do lado direito e do lado esquerdo da capa, podemos identificar a mudança de discursividade principalmente em relação à ética sexual:

¹⁵⁴ *Claudia*, março de 2003.

¹⁵⁵ *Claudia*, abril de 2003.

¹⁵⁶ *Claudia*, maio de 2003.

¹⁵⁷ *Claudia*, junho de 2003.

¹⁵⁸ *Claudia*, julho de 2003.

¹⁵⁹ *Claudia*, agosto de 2003.

(1)

- “A tentação de trair. Personal trainer, colegas de trabalho... O que a mulher comprometida está fazendo hoje para continuar fiel em um mundo cheio de atrações” (Claudia, março de 2003).
- “Somos uma família”. O poder e a delícia de se sentir conectada por amor” (Claudia, abril de 2003).
- 50% + 50% = amor. Aposte na fórmula dos relacionamentos que dão certo: a parceria entre iguais (Claudia, abril de 2003).

(2)

- “Amor longo = sexo curto? A visão bem humorada de uma mulher que sabe das coisas” (Claudia, março de 2003).
- “Nada de problemas embaixo do travesseiro. O jeito ideal de falar com quem a gente ama sem terremoto na relação (Claudia, abril de 2003).

Nas formulações lingüísticas de (1) e de (2), podemos assinalar a posição de sujeito em que família, amor, fidelidade no casamento, relacionamento estável e reciprocidade e igualdade no casamento são alvos de preocupação ética. O sujeito de desejo está presente nessa ética, mas transformado, diferente da forma que aparece nas edições da revista na década anterior.

Nessa reconfiguração, a revista reformula as seções fixas, mas mantém os mesmos temas. Diminui, significamente, o número de páginas dedicadas a sexo. Relaciona o tema amor e o tema sexo, criando duas seções fixas para tratar da questão: “Ele x Ela” e “Sexo bem resolvido”. A criação dessa última seção indica que a mulher investida da moral sexual das edições da última década do século XX e

do início da primeira década do século XXI vive mal a sua sexualidade.

Ressaltamos ainda que, a partir da última década do século XX, *Claudia* acentua a discursividade de auto-ajuda que funciona com receitas de como ter sucesso e ser feliz e de como resolver problemas de ordem prática (família, trabalho, relacionamentos, sexo).

O discurso de auto-ajuda¹⁶⁰ na revista perpassa as matérias de comportamento, materializando-se nas formulações onde são comuns o emprego do advérbio *como* e das formas verbais imperativas:

- “Valorize seu estilo e seu corpo” (*Claudia*, abril de 1996).
- “É possível!. **Como** administrar o triângulo: eu, meus filhos e meu namorado. E sair inteira” (*Claudia*, fevereiro de 1997).
- Ser feliz! Os recursos que você tem (e não sabia) para começar hoje mesmo a ficar cada vez mais de bem com a vida” (*Claudia*, junho de 1997).
- “**Como** prevenir e controlar o vírus que ataca 1 em cada 4 mulheres” (*Claudia*, janeiro de 2002).
- “**Como** equilibrar o corpo, a mente e o espírito” (fevereiro de 2002).
- “**Pense positivo! Inspire-se** nas lições de três gurus para ficar de auto-astral” (*Claudia*, julho de 2002).

Perpassa os guias:

- “Um guia de 25 páginas para você compreender melhor seu filho” (*Claudia*, julho de 1993).

¹⁶⁰ Ao lançar nos anos 30 a máxima “*Acredite que você pode mudar sua vida, e isso se concretizará*”, Dale Carnegie deu origem à literatura de auto-ajuda.

- “Um guia das maneiras mais práticas e elegantes de resolver cada situação” (Claudia, abril de 1996);
- “Um guia para realizar seu maior sonho: a compra da casa própria” (Claudia, agosto de 1996).
- “Um guia prático para você sair vitoriosa em várias situações” (Claudia, março de 1998);
- “Um guia para orientar sua cirurgia plástica” (Claudia, maio de 1998);
- “Um guia completo do que o laser pode fazer por você” (Claudia, julho de 2000);
- “Com o nosso guia sua ginástica vai render muuuito mais” (Claudia, abril de 2002);
- “Um guia para a sua pele ficar linda” (março de 2002);
- “Um guia para ajudar a entender os cargos políticos e votar melhor” (Claudia, setembro de 2002).

E os relatos pessoais ou confidências das leitoras:

- “Tive que mandar minha mãe para um asilo: uma história de sofrimento, dúvida e amor” (Claudia, abril de 1996);
- “Alcoolismo: confissões de três mulheres que escaparam desse pesadelo” (Claudia, setembro de 1996);
- “É ótimo ser dona do próprio nariz: o depoimento de 4 profissionais autônomas” (Claudia, junho de 1998);
- “3 sexólogos revelam sua vida na cama...” (Claudia, novembro de 1998).

Além disso, os discursos de auto-ajuda perpassam as seções “Lei e direitos”, “Modos e maneiras”, “Interpessoal” e “Sexo”, “Sexo bem resolvido”, através das quais especialistas (advogados, psicólogos,

psiquiatras, psicoterapeutas, terapeutas, sexólogos, ginecologistas, etc) respondem as cartas de leitoras para dar conselhos e tirar dúvidas.

A revista consolida-se, também, com a participação das(os) leitoras(es) que manifestam suas opiniões a respeito dos editoriais veiculados em outros exemplares e escrevem enviando cartas à especialistas (advogados, psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas, terapeutas, sexólogos, ginecologistas, etc.) para pedir conselhos e tirar dúvidas. Essa interatividade é fundamental tanto na constituição de *Claudia* quanto na constituição de outras revistas.

Salientamos, ainda, que a discursividade do consumo permeia todas as edições da revista, desde a sua primeira edição. As páginas dedicadas ao jornalismo de serviço¹⁶¹ e às propagandas aparecem sempre relacionadas aos temas abordados e entremeadas às reportagens, planejadas em função de um esquema publicitário subjacente, em que a revista procura adequar-se às exigências da indústria de cosméticos, da indústria têxtil, de confecção, de complementos de vestuário, de produtos de higiene e saúde, etc. Além do jornalismo de serviço e dos anúncios publicitários, que quase se confundem com o conteúdo editorial, são apresentadas as páginas com endereços onde as leitoras podem encontrar as roupas, os acessórios, os objetos e os produtos que aparecem nas fotos ou reportagens das edições.

¹⁶¹ Jornalismo de serviço é um termo incorporado ao jargão jornalístico, principalmente pelas pessoas que trabalham em revistas. O jornalismo de serviço possui uma pesquisa anterior e poupa trabalho a quem vai escolher, neste caso o leitor, está ligado à economia de consumo.

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao identificar as diferentes posições de sujeito nas formulações verbais e não-verbais de edições de *Claudia* das quatro últimas décadas do século XX e do início da primeira década do século XXI, tentamos mostrar que, enquanto prática discursiva institucional, a revista se constitui regulada por um complexo de formações discursivas que determinam não só o que pode e o que deve ser dito, mas por que se diz desse modo e não de outro.

A partir das posições de sujeito identificadas nas formulações, podemos postular que os sujeitos morais são constituídos na revista por diferentes práticas de si.

Na década de 60, a mulher esposa-mãe moderna é investida de uma missão produtiva como gerir a casa, economizar, cuidar da saúde e da educação dos filhos, ficar bela para o marido a quem cabe a responsabilidade da manutenção da casa, como vimos. Nessa década, o cuidado moral está ligado ao domínio do homem, compreendendo desigualdade no casamento, nos relacionamentos homem e mulher.

Na década de 70, essas práticas de si permanecem nas formulações da revista, mas, a partir de 75, a mulher esposa-mãe moderna, além de ser investida de uma missão produtiva como gerir a casa, economizar, cuidar da saúde e da educação dos filhos, ficar bela para o marido, começa a participar da manutenção da casa. Mas mesmo dentro e fora do lar, participando da manutenção da casa, o cuidado moral ainda está ligado ao domínio do homem, permanecendo a desigualdade nos relacionamentos, no casamento e no trabalho.

Na década de 80, os discursos materializados indicam que a mulher esposa-mãe moderna continua gerindo a casa, economizando, cuidando da saúde e da educação dos filhos. Trabalha fora de casa e participa da manutenção casa. Cultua o corpo para o marido e para ela.

O planejamento familiar passa a ser responsabilidade também do homem. No final dessa década, a mulher esposa-mãe começa a administrar o corpo e a buscar prazer sexual. A ética de si ou o cuidado moral que estava ligado ao domínio homem começa a se ligar também ao domínio da mulher.

No início da década de 90, podemos observar em *Claudia* as mesmas práticas de si do final da década de 80. Mas, no período que compreende a metade da última década do século XX a fevereiro de 2003, os discursos materializados nas diversas formulações indicam um domínio de saber em que a mulher mãe é casada, mas também não casada ou divorciada e independente financeiramente; divide as despesas da casa com o marido ou assume sozinha a manutenção da casa; divide as tarefas domésticas com o marido; preocupa-se com o corpo e com o prazer; é liberada, sensual e erotizada; busca novos relacionamentos com homens mais velhos ou mais novos; e tem pouco interesse pela vida pública e política.

Os discursos apreendidos na pontualidade das formulações indicam que o cuidado moral, nesse período, está ligado ao domínio do homem e ao domínio da mulher. Nessa ética, o casamento independe do discurso jurídico e religioso; o divórcio não prejudica o relacionamento dos pais com os filhos; as mulheres são independentes financeiramente; homens e mulheres são responsáveis pelas tarefas domésticas; homens e mulheres são mantenedores da casa; homens e mulheres cuidam dos filhos; homens e mulheres se constituem como sujeito de desejo; a mulher independente financeiramente administra seu corpo e seu prazer; a relação sexual ocorre *no* casamento e *fora* do casamento.

Essas observações sobre os discursos apreendidos na década de 60, 70, 80 e 90 nos levam a pontuar que, apesar de as mudanças sobre a sexualidade da mulher terem se fortalecido na década de 70, somente

a partir do final da década de 80 é que identificamos, nas edições da revista, posições de sujeito em que a mulher se constitui como sujeito de desejo entre o sexo e o *si*. Nessa reconfiguração do domínio de saber, a mulher se constitui como sujeito do desejo, sujeito que governa seu corpo e seu prazer, porque se constitui como sujeito livre e independente financeiramente. Nesse sentido, podemos observar que os discursos da sexualidade de *Claudia*, nesse período, assemelham-se aos discursos da revista *Nova*, como veremos no próximo capítulo.

A partir de março de 2003¹⁶², ocorre uma reconfiguração nos domínios de saber das formações discursivas que determinam o que a revista, na construção de sua identidade, pode e deve dizer. Nos discursos apreendidos na pontualidade das formulações das edições desse período, a mulher mãe está fora do lar, mas voltada para a família (marido, filhos); cuida do corpo e busca prazer vinculado ao amor no relacionamento estável. Nessas edições, família, amor, fidelidade no casamento, relacionamento estável e reciprocidade e igualdade no casamento são alvos de preocupação ética. Essa moral parece indicar a atualização da verdade sobre o sexo dentro de relacionamentos estáveis e sobre família. Nesse período, a revista reativa os códigos morais que a sustentam, reafirmando sua identidade, cujo eixo é a família, distanciando-se, pois, de *Nova*.

Assim, postulamos que não podemos afirmar que *Claudia* fica indiferente ou distante das mudanças de comportamento, pois há reconfiguração gradual nas *formas-sujeito* que organizam os saberes das formações discursivas que determinam o que a revista, na construção discursiva de sua identidade, pode e deve dizer e o que não pode e o que não deve dizer sobre as *formas e as práticas de si* mediante as quais a mulher se reconhece e se constitui como sujeito moral.

¹⁶² Última edição analisada: agosto de 2003.

Mas, não podemos afirmar, também, que *Claudia* revoluciona e que “*anda à frente do seu tempo*”, pois legitima-se sem discursivizar sobre outras *práticas de si* que passaram a fazer parte, também, do universo feminino, antes somente do universo masculino.

Dessa forma, a revista constitui o *ethos* que a individualiza como um segmento de mercado diferente, por exemplo, da revista feminina *Nova* e da revista masculina *Playboy*, como veremos nos capítulos 5 e 6. Enfim, dirigida a mulheres brancas, entre 30 e 40 anos, mães, consumidoras da classe média, a revista feminina *Claudia* é a publicação mensal de maior abrangência de assuntos (“atualidades”, moda, corpo, sexo, economia doméstica, trabalho, casa, cozinha e filhos), é a maior revista feminina da América Latina, é a revista feminina mais vendida no Brasil e a segunda mais vendida entre outras revistas, oferecendo em média 150 a 200 páginas por edição.

5 NOVA: A REVISTA DA NOVA MULHER BRASILEIRA

La mujer está por completo en su derecho, e incluso cumple una especie de deber aplicándose en parecer mágica y sobrenatural; es necesario que asombre, que hechice; ídolo, debe adornarse para ser adorada. Debe, pues, tomar de todas las artes los medios de elevarse por encima de la naturaleza para subyugar mejor los corazones y el artificio sean conocidos por todos, si el éxito es seguro y el efecto siempre irresistible.

(Charles Baudelaire, *Eloge du Maquillage*)

La seducción es lo que sustrae al sentido y lo aparta de su verdad.

(Jean Baudrillard, *De la seducción*)

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, tentaremos mostrar como a revista *Nova*, enquanto prática institucional, constitui-se, legitimando-se a partir de um modo de existência que define o *ethos* que a individualiza como um segmento de mercado diferente de outros segmentos como *Claudia* e *Playboy*, por exemplo.

Partimos da hipótese de que os discursos sobre a mulher na qual *Nova* investe são determinados pelos domínios de saber das formações discursivas que determinam o que a revista pode e não pode dizer para garantir o seu *ethos*.

Para tentar comprovar essa hipótese, procuramos identificar as diferentes posições de sujeito dos domínios de saber das formações discursivas que determinam o que *Nova*, na construção discursiva de sua identidade, pode e deve dizer e o que não pode e não deve dizer sobre as *formas e as práticas de si* pelas quais a mulher se reconhece e se constitui como sujeito moral na historicidade dessa revista.

5.2 A REVISTA DA NOVA MULHER BRASILEIRA: CONSTITUIÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO:

A revista feminina *Nova*, lançada no Brasil pela Editora Abril em outubro de 1973 (doze anos depois de *Claudia*), é a versão brasileira da maior revista feminina do mundo, *Cosmopolitan* (1965¹⁶³), com circulação em mais de 80 países. O nome *Cosmopolitan* teve que ser usado pelos editores brasileiros como subtítulo porque, na época de lançamento da revista, o título já havia sido registrado por outra empresa brasileira do setor de eletrodoméstico.

Diferentemente da revista *Claudia*, a revista *Nova* se desenvolve num período em que está desaparecendo a discursividade sobre construção de uma identidade nacional, em consequência do enfraquecimento do Estado-nação¹⁶⁴. Nesse momento, as grandes revistas querem se dirigir ao leitor brasileiro, mas, ao mesmo tempo querem encontrar “o que ele tem em comum com outros leitores de produtos similares no mundo” (Mira, 2001:97).

¹⁶³ A revista *Cosmopolitan* foi lançada em Nova York no ano de 1886 com o objetivo de apresentar a literatura internacional para o público norte-americano. Conforme Braithwaite (1995), a revista sobreviveu nos anos de guerra, mas na década de 60, do século XX, a popularidade da revista começou a cair. Entretanto, em 1965 a revista estreou uma nova fórmula, graças a Helen Gurley Brown, autora do *beste-seller* “Sex and the single girl”, no qual a autora dá conselhos às garotas norte americanas de como melhorar a si mesmas, as suas carreiras e de como viver suas vidas, ou seja, dá conselhos à mulher solitária e solteira para que consiga trabalhos e homens interessantes através da disciplina da maquiagem, das roupas, dos exercícios e das cirurgias plásticas; e do *beste-seller* “Sex and the office”, no qual a autora faz apologia da beleza artificial, mostrando como a mulher pode ficar sedutora. A nova fórmula da revista foi baseada na filosofia dos livros de Helen que como editora promoveu total reforma editorial, e montou um novo padrão de texto cuja preocupação era ajudar a leitora que procurava crescimento pessoal, autoconfiança, emprego, bons relacionamentos com homens e uma boa vida sexual.

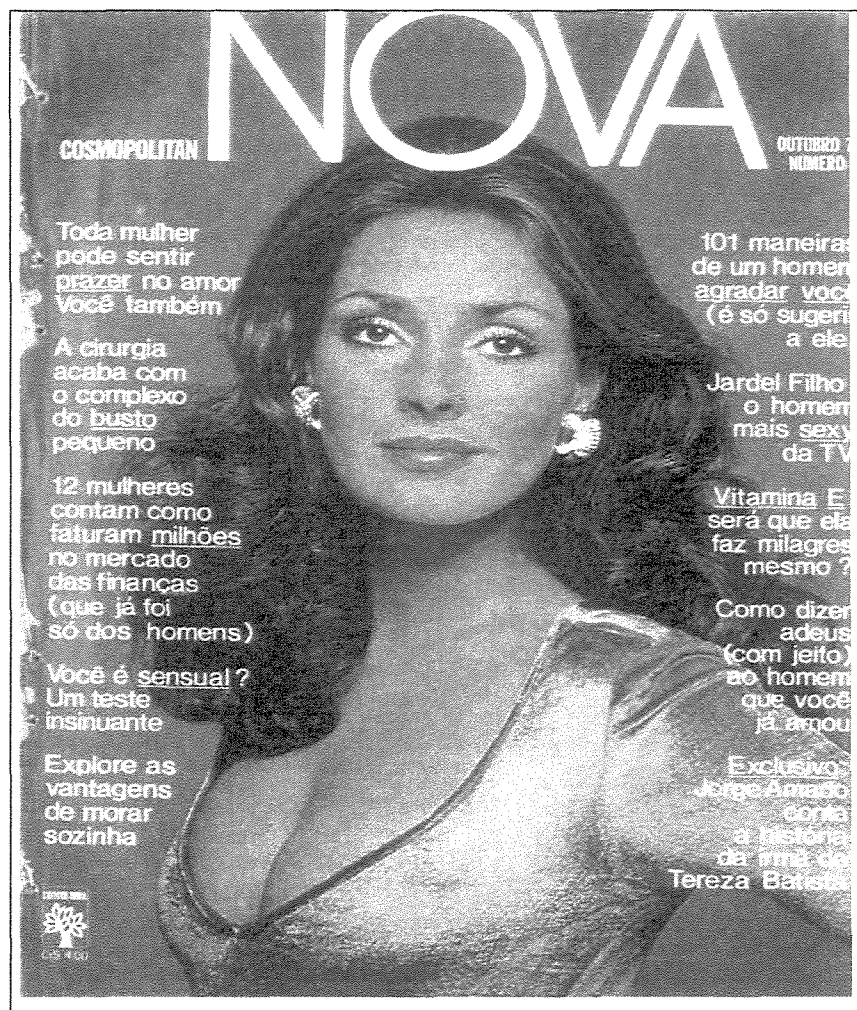
¹⁶⁴ O alcance mundial do capitalismo só vai ser percebido depois da Segunda Guerra Mundial, quando a emergência de estruturas mundiais de poder, decisão e influência anunciam a redefinição e o declínio do Estado-Nação, cujo papel era proteger as economias nacionais, em face das forças externas perturbadoras, de modo a garantir adequados níveis de emprego e bem-estar nacionais. Nas últimas décadas, a prioridade modificou-se, no sentido de adaptar as economias nacionais às exigências da economia mundial. (cf. Ianni, 1995). O Brasil, a despeito dos surtos de nacionalismo e das realizações do capitalismo nacional, ingressa no século XXI como província do capitalismo global.

Assim, na década em que estoura a revolução da liberação feminina, não só no campo sexual, mas em todos os campos e conceitos; em que as discursividades sobre a mulher começam a girar em torno da busca de possibilidades pessoais e profissionais; em que as mulheres da classe média em ascensão estão começando a ingressar no mercado de trabalho; em que a pílula anticoncepcional já havia entrado no mercado de consumo brasileiro, a revista *Nova* surge no Brasil, objetivando conquistar um público de mulheres brasileiras que se diversificava cada vez mais: mulheres que se distinguiam por diferentes estilos de vida; mulheres que tinham novas expectativas de vida, em decorrência da liberação sexual; mulheres casadas, mas, principalmente não casadas (solteiras e descasadas), cujas preocupações não eram mais o lar, mas a *sexualidade* e a *independência financeira*.

Na constituição da revista, desde a sua primeira edição, podemos observar um padrão de capa: na parte superior da capa, aparece sempre o nome da revista com o mesmo tipo de letra que muda de cor em cada edição; do lado superior esquerdo, o nome *Cosmopolitan*, escrito verticalmente; ao centro uma fotografia de uma modelo; em volta da fotografia da modelo, várias formulações lingüísticas que aparecem como chamadas sobre os assuntos tratados.

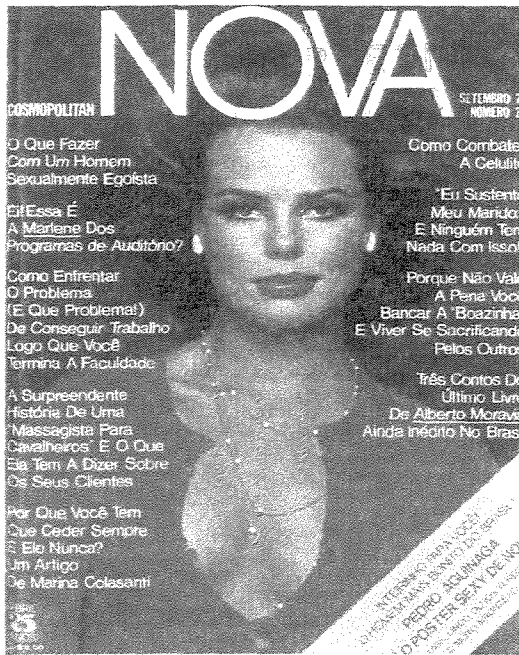
No jogo intersemiótico entre a materialidade verbal (as chamadas) e a materialidade pictórica (fotografia de uma modelo, atriz ou alguma personalidade famosa) que aparece na capa, podemos identificar a moral em que se constitui a “nova mulher brasileira”, na qual *Nova* investe.

Na capa da primeira edição da revista, ao centro estampa-se a foto de uma modelo bonita e insinuante, com um rosto de frente, um olhar firme e seguro, cabelos esvoaçantes, decotes ousados explorando os seios, sem inibições.

(fig.1)¹⁶⁵

Essas características vão permanecer na revista e, aos poucos, as mulheres das capas (modelos, atrizes ou mulheres famosas que, geralmente, aparecem também na capa da revista *Playboy*) começam a aparecer com roupas transparentes ou seminuas, valorizando outras partes do corpo.

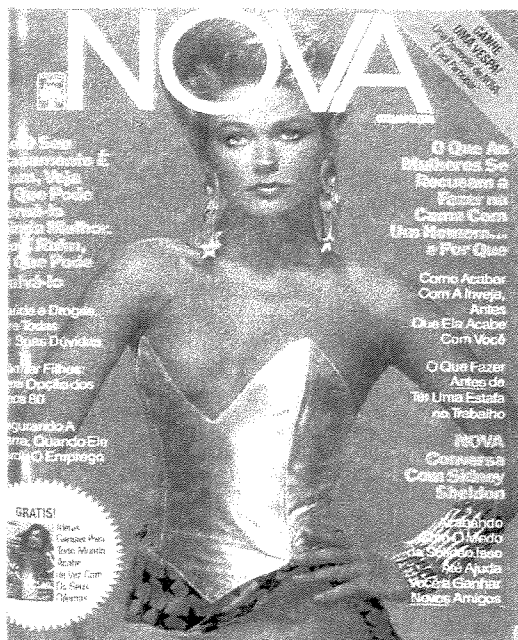
¹⁶⁵ Nova, outubro de 1973.



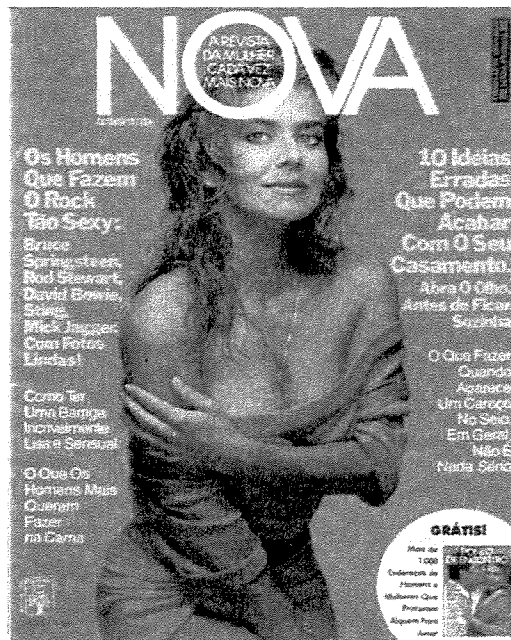
(fig.2)¹⁶⁶



(fig.3) ¹⁶⁷



(fig.4)¹⁶⁸



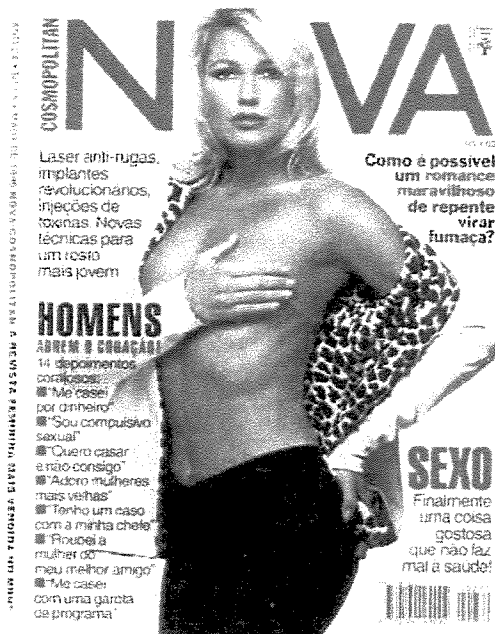
(fig.5)¹⁶⁹

¹⁶⁶ *Nova*, novembro de 1975.

¹⁶⁷ Nova, setembro de 1977.

¹⁶⁸ Nova, agosto de 1986.

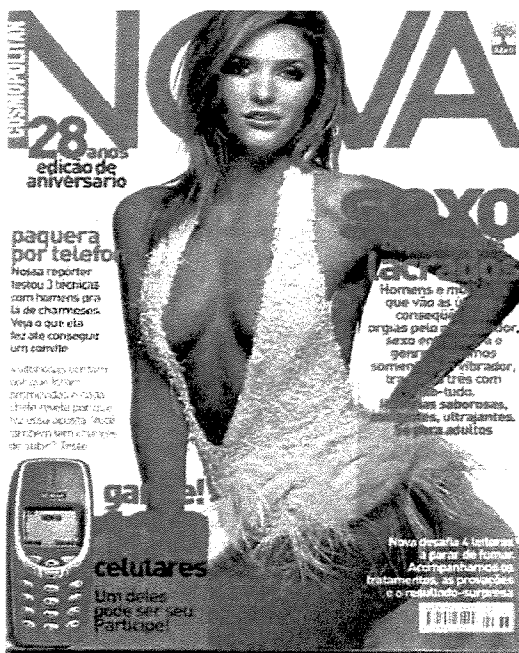
¹⁶⁹ *Nova*, outubro de 1989.



(fig.6)¹⁷⁰



(fig. 7)¹⁷¹



(fig. 8)¹⁷²



(fig.9)¹⁷³

¹⁷⁰ *Nova*, maio de 1996.

¹⁷¹ Nova, fevereiro de 1999.

¹⁷² *Nova*, setembro de 2001.

¹⁷³ Nova, fevereiro de 2003.

O apelo sexual das capas é condizente com o *ethos* de *Nova*, que, desde a primeira edição, dedica espaço privilegiado à sexualidade e à independência financeira da mulher, elementos fundamentais da moral sexual em que está investida a leitora da revista.

Na capa da primeira edição, além da foto de uma modelo bonita e insinuante, com um rosto de frente, um olhar firme e seguro, cabelos esvoaçantes, decote ousado explorando os seios, sem inibições, como já mencionamos, são apresentadas as seguintes formulações lingüísticas:

- “Toda mulher pode sentir prazer no amor. Você também” (Nova, outubro de 1973).
- “101 maneiras de um homem agradar você (é só sugerir a ele)” (Nova, outubro de 1973).
- “Como dizer adeus (com jeito) ao homem que você amou” (Nova, outubro de 1973).
- “Explore as vantagens de morar sozinha” (Nova, outubro de 1973).
- “12 mulheres contam como faturam milhões no mercado das finanças (que já foi só dos homens)” (Nova, outubro de 1973).

Nessas formulações lingüísticas, podemos assinalar a constituição de uma posição de sujeito que aponta para uma moral sexual em que a mulher recusa a constituição tradicional de feminilidade; constitui-se como sujeito de desejo; busca prazer sexual; toma iniciativa no relacionamento sexual, busca independência financeira e familiar. Esses discursos, que aparecem na primeira edição da revista em outubro de 1973, são retomados e atualizados na pontualidade de diversas formulações das edições de *Nova* até o início da primeira década do século XXI.

Desde o início a revista publica pelo menos três matérias sobre sexualidade em cada edição. Mas *Nova* sofre interdições e não passa despercebida pela censura. Em 1974, enfrenta problemas por causa da matéria "*A tirania do orgasmo*" e suas ilustrações; em 1976, são proibidas as matérias intituladas "*Como despertar a sexualidade*" e "*Mulheres que vivem cercadas de homossexuais*"; no mesmo ano, a revista é tirada de circulação em todo território nacional por causa da matéria intitulada "*O orgasmo masculino*"; em 1978, com ameaça de restrição de vendas para menores de 18 anos, a censura libera as matérias intituladas "*A primeira pode não ser a melhor*" e "*Amor de uma só noite*", como observa Mira (2001:127).

Na construção de identidade de *Nova*, nas capas das edições das décadas de 80, e 90, do século XX, e início da primeira década do século XXI, os discursos sobre sexualidade indicam que a mulher na qual a revista investe é dona do seu corpo e da sua sexualidade e, por isso, busca o prazer no sexo, como podemos exemplificar com a rede de formulações que são apresentadas como chamadas :

- "Temperos para um bom casamento sexual" (*Nova*, setembro de 1983).
- "Sexo mais gostoso? Guarde um certo mistério, vá devagar, meio à antiga. Dê trabalho a ele!" (*Nova*, janeiro de 1985)
- "Você me deixa louco quando usa..." (*Nova*, julho de 1989).
- "100 idéias para apimentar a sua vida sexual" (*Nova*, junho de 1994).
- "Quando você quer muito mais sexo que ele" (*Nova*, novembro de 1997).
- Ele quer fazer sexo a três. E agora? As histórias de quem topou, de quem disse não, o que rolou na hora e o que aconteceu depois"(*Nova*, janeiro de 1998).

- Sexo. Sexo, sexo! 94 idéias para aumentar seu orgasmo, realizar suas fantasias, ir à loucura. Prove hoje”(Nova, dezembro de 1998).
- Sexcreto. A respiração que garante mais orgasmo, o jeito de usar o travesseiro, truques, explosivos de gente especializadíssima”(Nova, fevereiro 1999).
- “O dia em que comprei meu vibrador. As aventuras de uma repórter muito ousada” (Nova, fevereiro de 1999).
- “O nosso Kama Sutra. Escolhemos as 5 melhores posições para você tentar hoje, tudo explicado tintim por tintim (inclui versão de bolsa para ter sempre à mão)” (Nova, abril de 1999).
- *Sex Shop. 5 leitoras fazem compras, testam os produtos e contam tudo para você*” (Nova, agosto de 1999).
- “Ele em suas mãos. 6 maneiras deliciosamente pecaminosas de acariciar a parte mais sensível do seu amor: o pênis. É infalível” (Nova, outubro de 1999).
- Sexo. Especial lacrado. Só para mulheres experientes! (ou para aquelas que querem ser experts): um divertido jogo de aquecimento, uma verdadeira aula de física, biologia e história que vai mudar a sua vida sexual; os truques do cinema para um cenário perfeito; o mapa para tocar o corpo de um homem nu; o manual da especialista em pênis com fatos didáticos e realistas; as superposições para quem é craque no assunto” (Nova, julho de 2000).
- “Guia de sexo lacrado. A revolução feminina chega aos acessórios sexuais (minivibradores, calcinhas “movidas” à distância por controle remoto...). O Kama Sutra 2001 com 3 novas posições quentíssimas (para os superdotados, as gordinhas, os rapidinhos). Cardápio especial para noites tórridas (com cenário, sugestões afrodisíacas, roteiro para chegar ao ápice). Sexo anal: respostas nuas e cruas para

dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso). Você é o melhor presente erótico!” (Nova, janeiro de 2001).

- Provocação! 365 acessórios eróticos. Guia divertido com idéias muito loucas. Que tal experimentar o periscópio, a calcinha comestível, o colar de mamilos, a borboletinha vibratória, o cordão de bolinhas, o pufe da sala, o capô do carro... Será um ano inesquecível” (Nova, dezembro de 2001).
- “Pacotão de verão. Sexo sem limites! Momentos perigosos na garagem do edifício, ação total em pleno show... Casais felizes revelam qual foi a melhor noite da vida deles (...)” (Nova, fevereiro de 2002).
- Sexo: mulheres que adoram realizar o desejo nº 1 dos homens. O que elas (e o seu namorado) já sabem e você ainda não descobriu (Nova, outubro de 2002).
- Sexo é bom! Transar no elevador, no escritório, no avião... Nós ensinamos a transformar as cenas mais calientes do cinema em realidade. Ouse, se for mulher! (Nova, abril de 2003).

A rede de formulações acima indica um corpo feminino (re)significado. Nas posições de sujeito assinaladas na rede, a dupla moral sexual é desconstruída e incorporada pela indústria cultural que reproduz o que existe nas relações sociais: a discursividade do direito de a mulher tomar a iniciativa, viver com liberdade a própria sexualidade, governar e cuidar de si.

Segundo Foucault (1976a:48), “talvez o ocidente não tenha sido capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres...”. Nos discursos da sexualidade em *Nova*, essas regras fazem parte do imaginário da mulher liberada.

Essa liberdade sexual faz parte da emancipação do feminino que fez com que as mulheres entrassem em uma lógica nova, a que

Lipovetsky (1997) chama de indeterminação. Para esse autor, a revolução do feminino, fato mais importante do século XX, cria uma mulher indeterminada voltada ao livre governo de si mesma, que pode se cuidar e inventar sua própria identidade. Mas, os discursos sobre homens e mulheres continuam a defini-los em posições de sujeitos diferentes. Por exemplo, na sedução, o funcionamento dessas posições não é semelhante.

Mesmo quando trata de assuntos como trabalho, economia e negócios, esportes, política, assuntos tidos como tipicamente masculinos, a revista aborda tais temas de forma caracteristicamente feminina. Nos discursos da sedução, a erotização da mulher também está no ambiente de trabalho, nos relacionamentos com os colegas, com o chefe, etc; e a preocupação com o sucesso profissional não é desvinculada da sexualidade, como podemos ver nas formulações abaixo:

- “Por que é importante saber seduzir no trabalho (não tem nada a ver com sexo)”(Nova, novembro de 1997).
- “Sexo e carreira. O que está acontecendo nas empresas, o que é tolerado e o que acaba em demissão. Não estamos falando de assédio”(Nova, junho de 2001).
- “Beleza ajuda a subir na carreira? (Especialistas, mulheres de sucesso falam a verdade (e só a verdade) sobre o que rola na hora de uma contratação” (Nova, dezembro de 2001).
- “Sexo no trabalho. Os perigos, as confusões, as delícias. Como conciliar tesão, relatórios sem prejudicar a carreira” (Nova, junho de 2001).

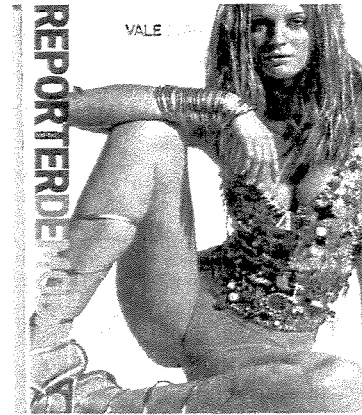
O discurso do erotismo na revista está também na cozinha, a exemplo das receitas:

- “Receitas divertidas de uma bruxa. Pratos deliciosos que ajudam a realizar os sonhos e encontrar o amor”(Nova, junho de 1994).
- Sushi é sexy. Delicado, leve, com o visual todo especial, o sushi é um ótimo começo para uma noite de amor...” (Nova, novembro de 1998).
- “Prazer ardente: com pimenta verde e brandy, um filé que é como uma viagem por um mundo de efeitos especiais”(Nova, abril de 1999).
- “Cálido desejo: um clafoutis de pão, pêra e chocolate, que seduz pelo visual, vira paixão instantânea” (Nova, outubro de 1999).
- “Pecado original. Além da maçã, bolas de sorvete. Acrescente uma pitada de aveia e de canela, e o mix vai ficar bem crocante e.... ultraprovocante!” (Nova, março de 1999).
- “Derrete, coração. Agarre seu amor pelo estômago com pêssago e cacau derretido” (Nova, março de 2001).
- “Ouro em calda: uma banana flambaz capaz de arrancar suspiros” (Nova, maio de 2001).

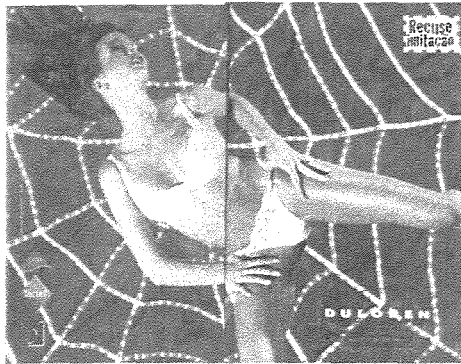
Ao tratar da moda de vestuário, a revista presentifica tanto na materialidade pictural (imagens de modelos vestidas)



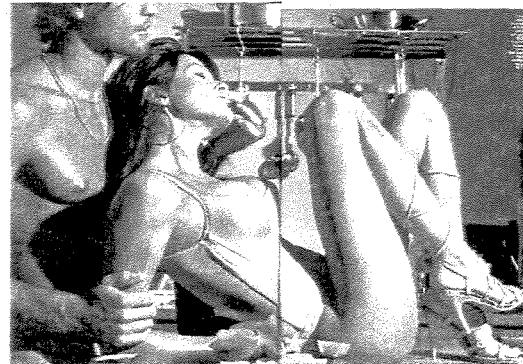
(fig.10)¹⁷⁴



(fig.11)¹⁷⁵



(fig.12)¹⁷⁶



(fig.13)¹⁷⁷

quanto na materialidade lingüística, a discursividade do erotismo e da sedução. São comuns formulações do tipo:

- Você quer vê-lo louco de desejo? Então vista uma leggeng de renda stretch, uma regata de paetês cor-de-rosa, uma saia vermelha, uma lingerie cor da pele ... e deixe a imaginação dele voar bem alto” (Nova, agosto de 1998).

¹⁷⁴ Nova, junho de 1999..

¹⁷⁵ Nova, outubro de 2002.

¹⁷⁶ Nova, dezembro de 2002.

¹⁷⁷ Nova, março de 2003.

- “Risco de incêndio. Vestir vermelho é ousado, luxuoso, emergente. Transforma a bela adormecida num vulcão em erupção. Não é o que você quer?” (Nova, janeiro de 1999).
- Chique é escolher peças básicas que podem ser usadas em várias situações e sair de casa de manhã preparada para o que rolar” (Nova, março de 1999).
- “Os biquínis que deixam você com um corpo de dar água na boca” (Nova, novembro de 1999).
- “Roupas e acessórios dourados para você aumentar ainda mais seu brilho” (Nova, agosto de 2000).
- “Roupas coladinhas para você valorizar as suas curvas” (Nova, outubro de 2000).
- “Os tecidos e acessórios que fazem o jogo da sedução” (Nova, maio de 2001).
- “Poder de fogo. Aposte no terno masculino com acessórios femininos” (Nova, junho de 2001).
- “Feitiçaria. As cores, as estampas, os tecidos e as peças que vão trazer sua sensualidade à tona na próxima estação” (Nova, outubro de 2001).
- “Calor humano. Use o vermelho e atice o seu querido até ele ficar derretido no meio de tanto ardor” (Nova, janeiro de 2002).
- “Com fendas profundas, saias curtíssimas, você vai antecipar as tendências do verão e arrasar corações” (Nova, agosto de 2002).

Assim, a discursividade da moda de vestuário em *Nova* é fortemente investida de desejo e sexualidade. É a encenação do próprio corpo, tomado no processo de significação erótica em que o próprio desejo também está na moda. Nas formulações, é possível perceber a materialização de um discurso no qual a roupa se desfaz diante do jogo

do corpo e este se desfaz diante do jogo da roupa que funciona, também, como artefato de desejo seu próprio e dos outros.

Vimos que, nas capas de *Nova*, pode ser apreendido o discurso em que projeta a mulher liberada, provocante e conquistadora é uma mulher que procura prazer e, principalmente, homens. São inúmeras as chamadas com formulações do tipo:

- “Sem namorado? Consulte nossa seção ‘Ponto de Encontro’” (Nova, janeiro de 1985).
- “Uma ajuda para recém descasadas que estão com medo de começar de novo o jogo do namoro” (Nova, fevereiro de 1985).
- “Procurando o bom de cama – Fantasias bastante comuns sobre a relação sexual” (Nova, fevereiro de 1985).
- “Como fazer os homens morrerem de paixão por você” (Nova, julho de 1989).
- “8 táticas para você conseguir que o homem que você está de olho decida se aproximar de você” (Nova, novembro de 1997).
- “Homem! Manual de instruções para entender, seduzir e conquistar a cobiçada Nova linha 98” (Nova, janeiro de 1998).
- “Guia de Nova para paquerar no trânsito (em segurança)” (Nova, outubro de 1998).
- “50 coisas que deixam os homens loucos de desejo” (Nova, outubro de 1998).
- “O mapa nacional da paquera. Uma reportagem exclusiva em 9 grandes cidades brasileiras com os lugares quentes para encontrar o tipo de namorado perfeito para você” (Nova, abril de 1999).
- “Para ser a mulher que todo homem deseja” (Nova, março, 2000).
- “7 truques espertos que derretem qualquer um” (Nova, março 2000).

- “5 maneiras de fazer o cerco, ocupar, trancar o coração dele (e jogar a chave fora)” (Nova, maio de 2001).
- “Paquera por telefone. Nossa repórter testou 3 técnicas com homens para lá de charmosos. Veja o que ela fez até conseguir um convite” (Nova, setembro de 2001).
- “25 maneiras de puxar uma conversa picante com um estranho” (Nova, outubro de 2001).
- “20 maneiras certas de encontrar um cara legal” (Nova, dezembro de 2001).
- “10 homens revelam por que marcaram o segundo encontro. Agora você vai saber direitinho o que fazer para garantir o esperado telefonema” (Nova, janeiro de 2002).
- “Nossa repórter testa um visual programado para fazer chover homem. Será que ela arranjou um namorado?” (Nova, fevereiro, de 2002).
- “Você é boa de paquera? Faça o teste e aumente as suas chances” (Nova, agosto de 2002).

Com relação à discursividade sobre o homem a ser seduzido e que deve estar ao lado da mulher presentificada no imaginário dessa revista, são fundamentais o desempenho sexual e as condições financeiras. Esse homem se parece com o representado na revista *Playboy*.

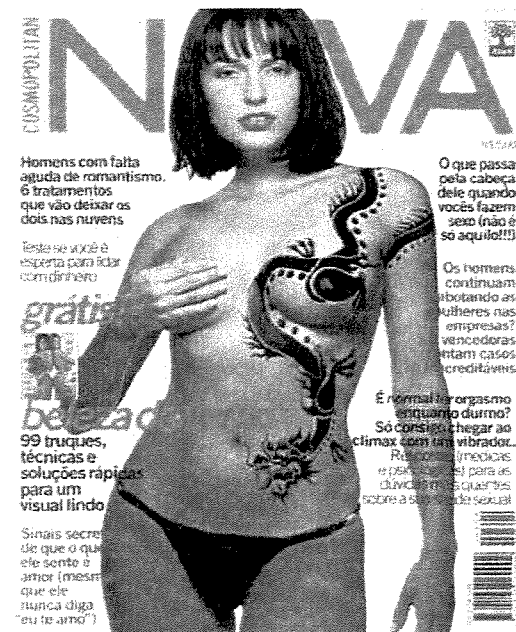
Por outro lado, a mulher presentificada em *Nova* se parece com a que o homem de *Playboy* deseja, como veremos no capítulo 6. Segundo Moraes (1980:42), “não tão despida, a mulher-*Nova* assemelha-se às mulheres fotografadas nas revistas masculinas”.



(fig. 14)¹⁷⁸



(fig. 15)¹⁷⁹



(fig. 16)¹⁸⁰



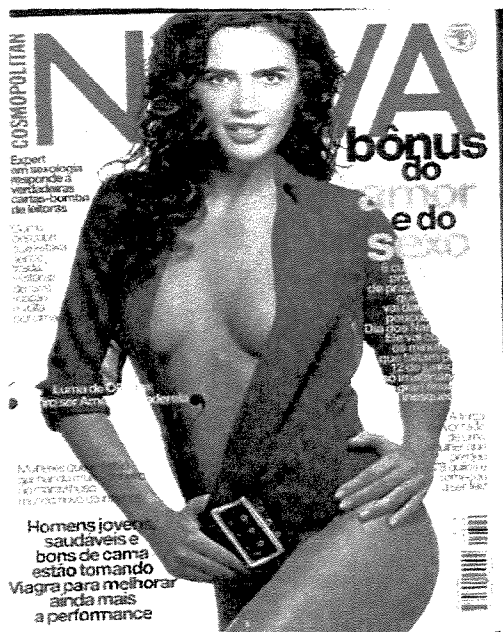
(fig. 17)¹⁸¹

¹⁷⁸ *Nova*, maio de 1990.

¹⁷⁹ *Nova*, outubro de 1995.

¹⁸⁰ *Nova*, janeiro de 1999.

¹⁸¹ *Nova*, abril de 2000.

(fig.18)¹⁸²(fig.19)¹⁸³

Diferencia-se, por outro lado, porque, na moral sexual de *Nova*, a mulher provoca não porque o homem deseja, mas porque ela se assume como sujeito e objeto de desejo, como objeto sexual que gosta de seu papel.

Mas, ao mesmo tempo em que se afirma sexualmente como mulher que deseja e quer, reitera-se como objeto de prazer do homem. Veste-se, maquia-se, embeleza-se, despe-se, cozinha para atraí-lo, para agradá-lo, para conquistá-lo. Nessa moral sexual, o olhar masculino é central, mas não é o único, como veremos no capítulo 8.

Na construção da identidade da feminilidade em *Nova*, o corpo sempre esteve na moda. No que tange ao governo e controle de si, além da sexualidade, as discursividades sobre o corpo dizem respeito, também, à beleza e à saúde.

¹⁸² *Nova*, maio de 2000.

¹⁸³ *Nova*, maio de 2002.

Nos anos 70, podemos assinalar a busca da estética e da beleza do corpo. Mas nos anos 80 e 90 a discursividade do valor e a do controle de si aparecem cada vez mais associadas. O corpo, mais que a roupa, está na moda e exige maquiagem, produtos para cabelo, cosméticos, tratamento de pele (como bronzamento, combate à celulite e à flacidez), lipoaspiração, cirurgia plástica, dietas e exercícios, cuidados odontológicos e ginecológicos, entre outros, a exemplo dos discursos que podem ser apreendidos na pontualidade das formulações abaixo:

- “O jeito de perder quilinhos e não ter que fazer regime nunca mais” (Nova, setembro de 1983).
- “A dieta para quem só quer emagrecer em determinados lugares” (Nova, janeiro de 1985).
- “Corpo e mente em forma! O Melhor spa para a sua necessidade. Verdade sobre antidepressivos e produtos diet. As últimas novidades da ciência para rejuvenescer o rosto” (Nova, dezembro de 1990).
- “Autocolágeno, ácidos, máscaras. Verdades e mentiras sobre o rejuvenescimento (Nova, junho de 1994)”.
- “Os potentes cosméticos noturnos dão duro na hora do seu descanso. NOVA desvenda, aqui, os segredos dessa sessão coruja” (Nova, agosto de 1998).
- “200 truques de beleza para você ser a musa deste verão. Cabelo, maquiagem, pele, corpo, dentes, depilação, dieta, flacidez, celulite, nutrição. Tudo fácil, rápido e eficiente” (Nova, janeiro de 1999).
- “Cirurgia plástica: o que há de mais novo, mais seguro, mais eficiente para levantar o bumbum, empinar o seio, diminuir o nariz, tirar dez anos do rosto, acabar com a barriga, fazer uma reforma geral” (Nova, março de 1999).

- “Com a odontologia descomplicada, você faz o tratamento de uma só vez” (Nova, abril de 2000).
- “100% linda. Cabeleleiros, maquiadores, dermatologistas, esteticistas, atrizes e modelos revelam 1000 segredinhos de beleza”(Nova, agosto de 2002).

Os discursos sobre o culto ao corpo (sexualidade, beleza e saúde), e o cuidado de si em exposição aos outros em termos de sua corporalidade serão tratadas nos capítulos 7 e 8. Esses discursos estão presentificados nas posições de sujeitos ocupadas por especialistas de várias áreas (médicos, sexólogos, psicanalistas, psicólogos, nutricionistas, dermatologistas, esteticistas, terapeutas, consultores, cabeleireiros, maquiadores, *personal trainer*), que aparecem nas entrevistas, nas respostas de cartas de leitoras, nos conselhos, etc; além de estarem presentificados, também, em anúncios publicitários, que se adequam ao conteúdo editorial que trata de cada tema, indicando que os laços entre consumo e identidade feminina se estreitam cada vez mais.

Na construção da identidade da revista, para além do que já foi observado, o discurso da literatura de auto-ajuda também é fundamental em *Nova*. Na natureza reflexiva do corpo, a mulher deve pensar primeiro nela mesma, deve pensar em *si*, deve se preocupar com o seu *eu*:

- “Pense primeiro em você. Ele vai ficar ainda mais apaixonado” (Nova, junho de 1994).
- “O bem que faz você amar loucamente a sua vida” (Nova, agosto de 1998).
- “Vista-se de sensações. O importante não é só lavar. É o que você sente ao vestir suas roupas” (Nova, fevereiro de 2001).

O corpo está impregnado de reflexividade. Por isso, os discursos sobre auto-estima e autoconfiança são presentificados nas matérias de comportamento, onde é comum o uso do advérbio *como*:

- “Como perder o medo de vencer” (Nova, novembro de 1997).
- Como superar a falta de treino e ganhar uma performance das mil e uma noites” (Nova, abril de 1999).
- “Como tirar da cabeça esses sabotadores de auto-estima e construir agora uma visão auto-astral de si mesma” (Nova, abril de 1999).
- “Como se produzir para uma entrevista de emprego ou um jantar com os futuros sogros” (Nova, outubro de 1999).
- “Como dar a volta por cima nas pequenas mancadas que acontecem na hora do sexo” (Nova, abril de 2000).
- “Como ser a estrela de sua própria vida” (Nova, dezembro de 2000).
- “Como torná-lo mais romântico” (Nova, janeiro de 2001).
- “Como conseguir aumento em tempo de crise” (Nova, agosto de 2002).

e onde é comum as formas verbais imperativas:

- “Seja feliz! Sua beleza depende disso. Cabelo brilhante, pele de seda, maquiagem perfeita e uma atitude positiva. Você já pensou que pode haver uma conexão?” (Nova, outubro de 1998).
- “Dê um basta nos velhos bloqueios e tome a iniciativa para conquistar o coração (e todo o resto) daquele homem especial” (Nova, outubro de 1999).

- “Aprenda a transferir a segurança que demonstra em algumas áreas de sua vida para outros – e seja feliz” (Nova, dezembro de 2000).
- “Descubra o que a empolga e dê um novo fôlego ao cotidiano” (Nova, abril de 2001).
- “Assuma as rédeas da sua vida” (Nova, fevereiro de 2001).

A discursividade da literatura de auto-ajuda pode ser observada ainda nos guias:

- “O Guia de maquilagem de NOVA” (Nova, fevereiro de 1985).
- “Guia de beleza: Tudo para você ficar toda linda, saudável e cheia de vida” (Nova, julho de 1989).
- “Guia astrológico 1991” (Nova, dezembro de 1990).
- “Guia de dinheiro” (Nova, junho de 1994).
- “Guia de vitalidade, saúde e bem estar...” (Nova, agosto de 1998).
- “Guia de Nova para paquerar no trânsito (em segurança)” (Nova, outubro de 1998).
- “Um guia para quem tem medo de tomar a iniciativa. Você vai ser uma mulher mais forte, segura de si e disputada” (Nova, outubro de 1999).
- “Guia para fazer o amor acontecer” (Nova, outubro de 1999).
- “Guia astrológico 2000” (Nova, dezembro de 1999).
- “Guia astrológico 2001” (Nova, dezembro de 2000).
- “Guia astrológico 2002” (Nova, dezembro de 2001).
- “Guia de sexo lacrado” (Nova, janeiro de 2001).
- “Um guia de sobrevivência para lidar com os imprevistos” (fevereiro, 2002).
- “Guia de cabelos” (Nova, junho de 2002).
- “Guia lacrado Sexy!” (Nova, julho de 2002).

e nos relatos ou confidências das leitoras:

- “Como rolou minha paquera na internet” (Nova, novembro de 1999).
- “Eu matei minha melhor amiga” (Nova, março de 1998).
- “Eu tentei me matar duas vezes” (Nova, abril de 1999).
- “Minha melhor amiga roubou meu namorado” (Nova, agosto de 1999).
- “Virei garota de programa para agradar meu namorado” (Nova, dezembro de 1999).
- “Larguei meu filho de 5 anos para trabalhar no exterior” (Nova, janeiro de 1999).
- “Provei do meu próprio veneno – conquistei um homem casado e fui traída por ele” (Nova, fevereiro de 2001).
- “Fiquei paraplégica, mas vivo o melhor momento da minha vida” (Nova, março de 2001).
- “Vivi quase um ano com amnésia” (Nova, maio de 2002).
- “Meu marido teve um filho com a minha nora” (Nova, junho de 2002).
- “Como pedi meu namorado em casamento” (Nova, julho de 2002).

Os depoimentos e relatos narrados de experiências próprias ou alheias, enviados pelas leitoras através de cartas enviadas à redação, justificam-se pelo fato de a narrativa, na cultura de massa, marcar a influência da oralidade como forte estratégia de comunicabilidade estabelecida pelos produtores culturais, além de indicar o interesse feminino por esse tipo de gênero textual.

A revista se constitui interagindo com as leitoras que escrevem para contar experiências pessoais (fazer confidências), para dar opinião sobre a revista, para dar opinião sobre algum assunto tratado em edições anteriores e para tirar dúvidas. Conforme Mira (2001:145), desde 1984, a revista ancora-se em pesquisas de comportamento, mais aprofundadas do que as realizadas anualmente monitorando o perfil do leitor. Não podemos deixar de observar que essas pesquisas funcionam como estratégias de marketing próprias das sociedades de consumo.

Assim como em *Claudia*, o discurso do consumo em *Nova* perpassa o conteúdo editorial. Destacamos que, além do jornalismo de serviço e dos anúncios publicitários, essa revista veicula cartões que oferecem os mais variados serviços, incluindo, muitas vezes, *cartões de motéis*, e, no final, uma seção de endereços onde as leitoras podem encontrar as roupas, os acessórios, os objetos e os produtos que aparecem na capa, nas seções de moda, de beleza e de sexo.

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se constituir como um lugar de dizer institucional, como uma prática discursiva, *Nova* desloca práticas e sentidos da moral sexual presentificada em *Claudia*, e muda pouco durante as três últimas décadas do século XX e início da primeira década do século XXI.

A revista sofre poucas reformulações no projeto gráfico e editorial. Os temas abordados não mudam: sexo, relacionamentos homem e mulher, trabalho, moda, beleza e saúde, culinária e decoração. Esses temas aparecem também em *Claudia*, como vimos no capítulo 4, mas, em *Nova*, são discursivizados no eixo da *sexualidade* e da *independência financeira*.

Na historicidade do processo de constituição dessa revista como segmento de mercado, as representações estão ligadas à moral em que a mulher branca, de classe média, entre 20 a 35 anos e liberada, busca prazer sexual e todo o universo ligado ao corpo e a sua sexualidade; é independente financeiramente; e recusa a constituição tradicional de feminilidade, como casamento, maternidade e família.

Assim, diferenciando-se por um *ethos* em que a mulher investida é independente financeiramente, livre, liberada, sensual, erotizada, dona de seu corpo e de sua sexualidade, “voraz”, sedutora, conquistadora, amante, *Nova* se consolida como a revista feminina de circulação no território brasileiro que é mais lida, que fica mais tempo na mão da leitora, que é mais colecionada.

6 *PLAYBOY: DA REVISTA HOMEM À REVISTA PLAYBOY*

No corpo feminino, esse retiro
- a doce bunda - é ainda o que prefiro.
- A ela, meu mais íntimo suspiro,
- Pois tanto mais a apalpo quanto a miro.

(Carlos Drumond de Andrade, *O corpo*)

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos capítulos 4 e 5, tentamos mostrar que as revistas femininas *Claudia* e *Nova* da editora Abril são práticas discursivas institucionais que se constituem e se legitimam a partir de diferentes modos de existência, ou seja, a partir de *ethos* que as individualizam como diferentes segmentos de mercado. Vimos que os discursos sobre *as formas e as práticas de si* mediante as quais a mulher se constitui e se reconhece como sujeito moral se diferenciam na historicidade de cada revista.

Neste capítulo, mostraremos que a revista masculina *Playboy* da editora Abril, considerada também como uma prática discursiva institucional, constitui-se e se legitima a partir de um modo de existência que a individualiza e a diferencia das revistas femininas e de outras revistas masculinas.

Para apreender os discursos sobre *as formas e as práticas de si* através das quais o homem no qual a revista investe se reconhece como sujeito moral, tentamos identificar, nas formulações (verbais e não verbais) dos diversos gêneros textuais das edições de *Playboy*, posições de sujeito dos domínios de saber das formações discursivas que determinam o que a revista pode e deve dizer e o que não pode e

não deve dizer na construção discursiva de sua identidade, como veremos a seguir.

6.2 DE *HOMEM* A *PLAYBOY*: CONSTITUIÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

A revista masculina se consolida no Brasil com *Playboy*, lançada com o título *Homem* pela editora Abril, em 1975¹⁸³ (quatorze anos depois de *Claudia* e dois anos depois de *Nova*). No momento em que a revista foi lançada, o título internacional estava proibido de circular no Brasil. O processo de globalização ainda era incipiente.

Em 1978, a *Editora Três* ganha a disputa com a *Editora Abril* pelo título *Homem* que passa a circular como revista do gênero pornô *hard*¹⁸⁴, com edição de qualidade inferior e preço mais barato, e a dirigir-se à classe média baixa. No mesmo ano, entretanto, a *Abril* adota o título americano, mostrando que *Homem é Playboy*, a versão brasileira da revista masculina de maior circulação no mundo.

A internacional *Playboy*, lançada por Hugh Hefner, nos Estados Unidos, em dezembro de 1953, com a foto de Marilyn Monroe nua,

¹⁸³ A pornografia vivia em rigorosa clandestinidade por causa dos valores da moral burguesa. *Senhor*, lançada pela Editora Delta, do Rio de Janeiro, em 1959, foi a primeira revista dirigida para homens, no Brasil. Caracterizada como uma revista de arte e cultura que abordava assuntos como mulher, de interesse masculino, sem obter sucesso, trocou várias vezes de editor, deixou de circular em 1963 e foi relançada em 1970, mas igualmente sem sucesso. *Flairplay*, da editora Efecê, foi pioneira. Lançada em 1966, como uma revista de *pin-ups*, transforma-se em uma revista de boa qualidade que conseguiu reunir articulistas consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manoel Bandeira e Nelson Rodrigues e atrizes em começo de carreira que disputavam o privilégio de aparecer em suas páginas. Mas, era forte o preconceito com relação à nudez. Assim, sem anunciantes que temiam identificar seus produtos a esse tipo de circulação deixou de circular em 1971. *Ele & Ela*, da Editora Bloch, revista erótica, que se dirigia a homens e mulheres, foi lançada em 1968, nessa lacuna de mercado. Em 1974, a revista *Status*, da Editora Três, dirige-se ao público masculino. Em 1975, com o lançamento de *Homem*, pouco depois *Playboy*, consolida-se as revistas eróticas, estilo *soft*, no Brasil.

¹⁸⁴ Revistas desse gênero são caracterizadas pela exposição de ações sexuais explícitas: imagens dos genitais femininos, simulações do ato sexual, sexo em grupo, violência sexual, enfim, um pornô sem limites. No Brasil, destacaram-se no gênero as Editoras Três e Grafipar.

inaugura a série de "coelhinhos do mês", que faz o sucesso da publicação até hoje:



(fig.1)¹⁸⁵



(fig.2)

A revista inaugura o gênero conhecido como pornô *soft*¹⁸⁶, numa época em que a sociedade norte-americana, nascida do ascetismo puritano, começa a viver a transformação, pós-guerra, da moral e dos costumes, ou seja, os discursos, legados do século XIX, sobre as práticas e valores tradicionais em relação ao sexo, ao casamento e à família começavam a mudar.¹⁸⁷

É um momento em que a sociedade americana começa a assistir ao declínio do casamento formal, ao aumento de divórcios, à

¹⁸⁵ *Playboy* (capa nº 1), dezembro de 1953.

¹⁸⁶ Revistas desse gênero surgem num momento posterior ao gênero pornô *hard* (ou *hard core*) e são caracterizadas como revistas eróticas que apresentam ensaios fotográficos, considerados artísticos, de corpos nus.

¹⁸⁷ Esse clima da liberação da moral sexual, na sociedade norte-americana, possibilitou o surgimento de outras revistas, sendo que a mais conhecida é a *Penthouse*, maior concorrente da revista *Playboy*.

diminuição do desejo de ter filhos, a relações sexuais antes do casamento, etc.

Conforme Hobsbawm (1994:316), “a crise da família estava relacionada a mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governavam a conduta sexual, a parceria e a procriação”. Por isso, vários grupos religiosos e civis não poupam críticas à revista que, nos primeiros dois anos, veicula editoriais em que o editor discute os aspectos da censura, o credo da revista, os argumentos dos grupos civis e religiosos, o puritanismo norte-americano, a pornografia, o perfil do leitor, etc, como assinala Wolseley (1969:291).

Em editorial da primeira edição, a revista começa a definir o seu *ethos* e, conseqüentemente, a moral sexual da qual deverá estar investido o homem para o qual a revista se dirige:

“Se você é um homem, se você tem entre 18 e 80 anos, então Playboy é para você. Se você gosta de se divertir, se você aprecia um pouco de humor, de refinamento e de pimenta na sua vida, você irá fazer de Playboy sua mais fiel companheira. Que fique claro desde o início: nós não somos uma ‘revista familiar’. Irmã, esposa ou sogra, se você abriu este periódico por acaso, eu lhe peço, entregue-o ao homem de sua casa e retorne ao seu Ladies Home Companion”

Em outro editorial da mesma edição, *Playboy* é não caracterizado como um gastador ou vagabundo elegante, mas como alguém que vive os prazeres da vida:

“Ele pode ser um jovem executivo de mente aguçada, um artista, um professor universitário, um arquiteto ou um engenheiro. Ele pode ser muitas coisas, contanto que possua

um certo tipo de visão. Ele deve ver a vida não como um vale de lágrimas, mas como um tempo feliz, ele deve ter alegria no seu trabalho, sem encará-lo como o fim de todo o viver, ele deve ser um homem alerta, um homem de gosto, um homem sensível ao prazer, um homem que – sem adquirir o estigma de voluptuário ou diletante – pode viver a vida plenamente. Esse é o tipo de homem que nós temos em mente quando usamos a palavra Playboy”

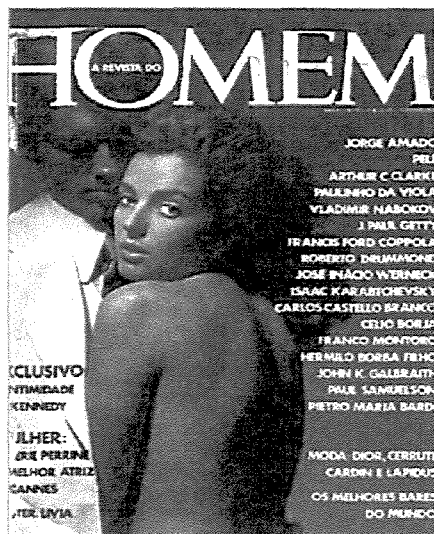
Na discursividade desse editorial não cabe o ócio ou desemprego ao playboy que pode ser qualquer homem que goste de viver os prazeres da vida, goste de viver a vida com intensidade e que pode consumir. Daí a revista aliar a pornografia leve e o consumo pesado.

A versão brasileira da revista *Playboy* entra em cena no processo de segmentação da mídia impressa que começa a se delinear no Brasil na década de 70, com o mesmo *ethos* de sua versão internacional.

Quando a versão da revista masculina Internacional *Playboy* foi lançada no Brasil, podia-se encontrar nas bancas de jornal cartazes com a seguinte chamada: “Nesta banca tem Homem”. Sucesso de venda¹⁸⁸, a revista era uma publicação que usava o material editorial da *Playboy*, mas voltada para o leitor brasileiro.

No período em que é *Homem*, a revista exhibe nas capas das primeiras edições o nome da revista na cor branca, na parte superior; uma foto de um homem e uma mulher nua ou seminua, abraçados de frente ou de costas, em pé ou deitados; e formulações lingüísticas margeando a fotografia.

¹⁸⁸ Esse gênero de revista, a partir da metade da década de 70, é sucesso nacional. Nesse período, apesar de as fórmulas diferirem um pouco, mas se igualarem quanto ao apelo erótico, *Homem* (*Playboy*) disputa o mesmo mercado que as revistas *Ele & Ela* e *Status*.

(fig. 3)¹⁸⁹(fig. 4)¹⁹⁰

A partir de março de 1977, a revista exhibe, na parte superior da capa, com letras pequenas a formulação “Com o melhor de Playboy”, seguida pelo símbolo da internacional *Playboy*: o coelhinho, que aparece, também, em algumas edições no centro da capa; abaixo da formulação, o nome da revista com o mesmo padrão de letra, mas com cores diversificadas de uma edição para outra; uma foto de uma mulher nua ou seminua; e formulações lingüísticas sobre os assuntos tratados na edição, margeando a fotografia.

¹⁸⁹ *Homem*, agosto de 1975.

¹⁹⁰ *Homem*, agosto de 1976.



(fig. 5)¹⁹¹



(fig. 6)¹⁹²

Nas formulações lingüísticas que são apresentadas como chamadas, podemos identificar o nome de mulheres que aparecem nuas e seminuas no interior da revista; nomes de pessoas famosas que contribuem com a edição; entrevistas e reportagens, contos.

Embora a revista pertença ao gênero conhecido como pornô *soft*, as capas não trazem verbalizações sobre sexo como *Claudia*, na última década do século XX, e como *Nova*, desde 1973.

Em julho de 1978, a revista sofre reconfiguração e assume que *Homem* é *Playboy*. Na capa da primeira edição, a revista exhibe o nome *Playboy*, seguindo com o símbolo do coelhinho, na parte superior; a formulação “*A revista do homem*”, com letras pequenas, abaixo do nome da revista e do lado direito da página da capa; uma foto de uma mulher nua, sentada e com cabelos compridos cobrindo os seios e o órgão genital.

A primeira página dessa edição tem a seguinte configuração: na parte superior, é apresentada a formulação “*De Homem para Playboy*”;

¹⁹¹ *Homem*, novembro de 1977.

¹⁹² *Homem*, junho de 1978 (capa de *Playboy* de abril de 1978)

no centro, o símbolo do coelhinho com a formulação “*A revista do homem cresceu tanto que virou Playboy*”; e na parte inferior, a formulação “*E para comemorar isso, tenho grandes surpresas para você. Vire a página*”.

(fig. 7)¹⁹³(fig. 8)¹⁹⁴

E, em editorial, a revista dirige-se ao leitor explicando que *Homem é Playboy*, a revista masculina de maior circulação no mundo; e, também, apresentando a designação do nome *Playboy* no dicionário de Aurélio:

É isso, amigo: A Revista do Homem cresceu tanto que virou Playboy. Agora passamos a ser a versão brasileira –

¹⁹³ *Playboy*, julho de 1978 (capa da versão Internacional de junho 1978).

¹⁹⁴ *Playboy*, julho de 1978.

brasileiríssima – da melhor, maior e mais importante revista masculina do mundo (...). Com a experiência desses três anos da Revista do Homem e com a liderança que conquistamos no mercado, solidificada a partir do momento em que adotamos o símbolo charmoso e vivo do coelhinho (há 16 meses) e que abrimos muitas páginas às garotas internacionais de Playboy – as mais lindas do mundo! –, já alcançamos o tamanho certo para passarmos a ser, daqui para frente, Playboy, A revista do Homem. Aliás, a palavra Playboy também já é brasileira, está até no Aurélio (...). Na segunda coluna de sua primeira página 1109, qualquer um pode ler: Playboy (pleibói). S.m. Homem, geralmente, jovem, rico, ocioso, que se entrega a uma vida social intensa, ao convívio de belas mulheres, aos esportes, etc.” Estamos nessa, Aurélio, exceto pelo ócio, que nunca é tanto quanto nós – e você – merecemos (Playboy, julho de 1978).

Nas formulações desse editorial, a revista atualiza o discurso que define o homem no qual a revista investe. Na ética ou moral sexual da revista, ser playboy é ser homem rico ou ter um bom poder aquisitivo, ter preferência sexual por mulheres, gostar do convívio de belas mulheres, gostar de esportes, etc.

Define-se, dessa forma, como um segmento de mercado mundializado, pois o *ethos* da versão brasileira é, praticamente, o mesmo da *Playboy* americana.

A versão brasileira, desde as primeiras edições até o início do século XXI, sofre mudanças no que tange ao projeto gráfico interno e externo, ao formato, à inserção ou retirada de seções. Mas a moral sexual da revista não muda.

As capas de *Playboy*, assim como as das revistas femininas, a exemplo de *Claudia* e de *Nova*, exibem foto de mulher na capa. Mas

difere destas porque é comum a exibição de foto de uma mulher ou mais de uma mulher nua ou seminua.



(fig. 9)¹⁹⁵



(fig. 10)¹⁹⁶



(fig. 11)¹⁹⁷



(fig. 12)¹⁹⁸

¹⁹⁵ Playboy, novembro de 1979.

¹⁹⁶ Playboy, setembro de 1993.

¹⁹⁷ Playboy, setembro de 2001.

¹⁹⁸ Playboy, abril de 2003.

Como padrão, na parte superior da capa, aparece sempre o nome da revista com o mesmo tipo de letra, que muda de cor em cada edição; ora do lado esquerdo, ora do lado direito, ora do direito e do lado esquerdo, são apresentadas formulações lingüísticas que aparecem como chamadas; no canto superior ou inferior, o logotipo da editora Abril.

Os discursos de *Playboy* giram em torno dos temas *mulheres* (bonitas, sensuais e despidas em poses provocantes), *sexo*, *moda*, *cuidados corporais*, *bebidas*, *viagens*, *esportes*, *lazer*, *carros*, *motos*, *economia*, *fama*, *política*, *cultura*, *gastronomia*; e são tratados a partir da visão histórica do momento, orientado-se pelos lemas da “ambição, rigor, qualidade, elegância, bom gosto”. Nos discursos, faz-se a apologia da vida de solteiro, livre para fazer o que quiser. O casamento é visto não raramente como uma restrição.

Na construção da identidade da revista, os discursos sobre os temas mencionados perpassam os diversos gêneros textuais através dos quais a revista é organizada: reportagens, entrevistas, textos de humor (quadrinhos, piadas), anúncios publicitários, cartas de leitores, perguntas de leitores e respostas de especialistas, fotos gerais com curtos comentários; depoimentos (confidências), contos eróticos, guias, ensaios fotográficos de mulheres nuas. Salientamos que estes ensaios entremeiam as reportagens e as entrevistas, assim como as cenas de sexo interrompem a narrativa do cinema pornô.

A nudez do corpo feminino aparece tanto na capa quanto nas páginas das edições, cujo percentual dedicado a essa prática discursiva corresponde a mais ou menos 20% da revista. Os corpos nus apresentados materializam a sedução e o desejo de ser olhados, encenando o desejo do *eu* e do *outro*, como veremos no capítulo 8.

Os corpos nus na revista são fetichizados e são tomados na significação erótica, revestida da designação do sexo como função,

como podemos ver em algumas formulações linguísticas que funcionam como chamadas nas capas:

- “Esta é Debora, a garota do ano Playboy! (Divirta-se com ela em 10 páginas deslumbrantes); E tem mais: 18 gauchinhas (lindas, Chê!)” (Playboy, julho de 1978).
- “Nuas: a estrelíssima Kátia D’Angelo; 18 garotas perfeitas descobertas por Playboy” (Playboy, agosto de 1979).
- “Na capa e, pela primeira vez, em 10 páginas deslumbrantes, um show com a mulher mais desejada da década: a super-Welch” (Playboy, dezembro de 1979).
- “E toda a nudez da estrela da TV Nádja Lippi” (Playboy, agosto de 1981).
- “Fantasias sexuais entre duas estrelas do erotismo: Aldine Muller e Zaíra Bueno” (Playboy, junho de 1983).
- “Um sonho a mais: Suzana Vieira nua!” (Playboy, abril de 1985).
- “A estrela de ‘Bebê a Bordo’ como ela veio ao mundo: Isabela Garcia” (Playboy, agosto de 1988).
- “Olha só quem abre a nossa festa: Françoise Forton. A atração mais gostosa de “Tieta” (Playboy, agosto de 1989).
- “Presentes inesquecíveis. 25 páginas de loucas fantasias com a nudez da supermodelo Cláudia Liz” (Playboy, agosto de 1991).
- “17 anos de prazer. A nudez inesquecível das musas das capas de aniversário” (Playboy, agosto de 1992).
- “Finalmente! Adriane Galisteu. A deusa brasileira nua na Grécia” (Playboy, agosto de 1995).
- “24 páginas espetaculares! Maitê Proença no Sul da Itália” (Playboy, agosto de 1996).
- “Espetacular. Marisa Orth. A Magda de sai de baixo nua (também no pôster)” (Playboy, agosto de 1997).
- “Cinco delícias! Banana Split” (Playboy, outubro de 1998).

- “Ousadia total! Cléo Brandão. A apresentadora da Band, nua na África” (Playboy, maio de 1999).
- “Alessandra Negreni vive uma fantasia proibida (Playboy, abril de 2000).
- “Ops! Caiu meu veuzinho”. Mostramos o rosto da feiticeira. Quer ver o resto? (Vá á pagina 96)” (Playboy, agosto de 2000)
- “Sobe aí! A malandrinha Livia quer levar você na garupa” (Playboy, setembro de 2001).
- “Nosso docinho de aniversário. Débora Seco dá água na boca” (Playboy, agosto de 2002).
- “Vem babar, momo!!! Manu é ela: a nossa big sister” (Playboy, setembro de 2002).
- “Olha que coisa mais linda! Helô Pinheiro e a filha Ticiane, a garota e a gatinha de Ipanema” (Playboy, abril de 2003).

Essas formulações indicam que corpos de mulheres famosas aparecem nus ou seminus em *Playboy*. Indicam também que aparecer nua é a coroação de um bom momento na carreira dessas mulheres.

Nos discursos da feminilidade, como veremos no capítulo 8, a revista *Playboy* joga com a representação erótico-pornográfica.

Os discursos do erótico-pornográfico materializam-se, também, nos contos eróticos e nos textos de humor (quadrinhos e piadas), alguns dos gêneros textuais presentes na revista e que são característicos da literatura popular que atravessa a cultura de massa.

Ainda com relação à sexualidade, a prática discursiva de falar sobre sexo é legitimada na revista desde o seu surgimento como *Playboy*. Vejamos algumas das formulações linguísticas sobre a questão:

- “Os lugares diferentes onde a brasileira gosta de amar: banheiras, jardins, escadas, etc” (Playboy, julho de 1978).
- “Mordidas, sexo oral, loucuras mil... até onde você deve se soltar na cama” (Playboy, junho de 1979).
- “Massagens eróticas: um guia completo (com fotos sensacionais) para você excitar as garotas com o toque das mãos” (Playboy, março de 1980).
- “O segredo do orgasmo de trinta minutos (confie na gente)” (Playboy, agosto de 1982).
- “Dez musas contam o que fazem quando eles falham na hora H” (Playboy, agosto de 1989).
- “O sexo está de volta. Três anos depois da grande paranóia, os motéis e os single’s bares estão lotados e o consumo de camisinhas estacionou” (Playboy, agosto de 1990).
- “Orgasmo: dicas e truques para você aumentar o seu prazer” (Playboy, agosto de 1994).
- “Perigos e delícias de pular a cerca” (Playboy, agosto de 1996).
- “Conferimos a farra dos clubes de swing”; “As peripécias da troca de casais nas casas de swing” (Playboy, junho de 1999).
- As novas armas do nosso prazer. Do viagra às cirurgias” (Playboy, agosto de 1999).
- “Guia de sexo. Aprenda a dar mais prazer a ela” (Playboy, agosto de 2002).
- “Sexo! Sexo! Sexo! O primeiro mundo nunca transou tanto” (Playboy, agosto de 2002).
- “Sexo. O que rolou de bom no escurinho do cinema” (Playboy, dezembro de 2002).
- Pornô cor-de-rosa. Butiques de sexo para elas” (Playboy, janeiro de 2003).

As formulações acima apontam para a prática discursiva de falar sobre sexualidade. Segundo Foucault (1976a), essa prática discursiva é um legado da civilização ocidental, única a praticar uma *scientia sexualis*, fundada na confissão que foi e ainda é a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Por confissão, o autor entende os procedimentos pelos quais se incita o sujeito a falar sobre sua sexualidade, um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito.

Nos discursos sobre a sexualidade, em *Playboy* (assim como nas edições de *Claudia*, da última década do século XX, e em todas as edições de *Nova*), podemos identificar um sujeito de saber deslocado, transformado, refletido em diferentes práticas discursivas sobre o sexo, construindo o que Foucault chama de “economia política” de uma vontade de saber. As confissões sobre o sexo estão ligadas à obrigação de dizer a verdade sobre o *si*. Voltaremos a falar sobre essa questão no capítulo 9.

Se na discursividade de *Nova*, a mulher liberada é independente e está constantemente procurando homens e prazer, na discursividade de *Playboy*, os homens estão, igualmente, a procura de mulheres e prazer. São recorrentes, na revista, formulações em que podemos assinalar essa posição de sujeito:

- “Nos bares da (boa) vida. Vinte lugares onde encontrar as melhores garotas – dez do Rio e dez de São Paulo” (*Playboy*, agosto de 1984).
- “As cantadas infalíveis: os truques da sedução revelados por elas” (*Playboy*, agosto de 1988).
- “O Guia completo para você saber tudo o que as mulheres querem que você saiba” (*Playboy*, agosto de 1993).

- “Como ser o homem irresistível de que elas gostam” (Playboy, agosto de 1999)
- “Quer se dar bem? O guia da paquera perfeita” (Playboy, março de 2002).
- “Faturando no chat. Quatro histórias que começaram na internet e acabaram no motel” (Playboy, abril de 2002).
- “O que fazer quando elas atacam” (Playboy, junho de 2002).
- “Web azaração. A mulherada dá mole na rede” (Playboy, agosto de 2002).

Nessas formulações, podemos identificar uma posição de sujeito que aponta para a moral sexual em que o homem procura mulheres liberadas e independentes que também estão procurando homens. É a mesma mulher que aparece na discursividade de *Nova*.

Podemos observar que o cuidado do corpo, que era assunto tipicamente feminino, ganha espaço, também, nas páginas de *Playboy*. A partir da década de 80, o corpo está na moda e a discursividade do cuidado de si começa a fazer parte da construção de identidade de uma nova masculinidade. Por isso, nos diversos gêneros textuais em torno dos quais a revista é organizada, podemos encontrar formulações do tipo:

- “Como é a plástica que está tirando a barriga dos homens” (Playboy, abril de 1985).
- Spas: o ranking das clínicas para ficar em forma” (Playboy, agosto de 1988).
- “O Homem no Espelho. Os segredos da ginástica aeróbica e os cuidados do dono do Canecão (...) com o corpo” (Playboy, agosto de 1988).

- “O Homem no espelho. As fragrâncias que estão nos perfumando e as lições de raquetebol para ter um pulso forte” (Playboy, agosto de 1989).
- “A vaidade por um fio. Os cuidados com o corpo sobem à cabeça: os xampus, os cremes... tudo para tratar e deixar seus cabelos em cima” (Playboy, agosto de 1989).
- “O homem no Espelho. Hospede-se num spa e perca peso em ritmo de férias” (Playboy, agosto de 1991).
- “Barriga, meu, celulite. Esmague tudo isso com Halteres” (Playboy, fevereiro de 2002).
- “Os homens estão cada vez mais cuidando do corpo. Olhe a sua volta e conte cinco caras, pelo menos um deles usa algum creme de tratamento. Nos salões de beleza, um quarto da freguesia tem barba e fala grosso. Indústrias de cosméticos já percebeu essa mudança de hábito e lança, todos os dias, novos produtos no mercado. Veja nestas páginas algumas novidades” (Playboy, maio de 2002).

Na atualidade dessas formulações, podemos identificar uma posição de sujeito que aponta para uma moral em que o corpo do homem deve ser submetido ao ideal narcísico de acordo com as regras das novas discursividades. Por muito tempo, as pautas de beleza masculina se resumiram a matérias sobre como fazer bem a barba. Mas houve uma mudança e o discurso sobre a boa forma do corpo está em pauta constante, seja para a conquista de um novo emprego, seja para a conquista mesmo da mulher desejada, seja para agradar a si mesmo.

Se, por um lado, o discurso da boa forma do corpo está relacionado à questão de mercado, por outro lado, também está relacionado à questão sexual. Com o fim do casamento duradouro e com mulheres independentes financeiramente, nas novas

discursividades, os homens precisam se manter atraentes para novas conquistas.

Assim como nas revistas femininas *Claudia e Nova*, entre outras, a revista *Playboy* dedica algumas páginas a matérias e a anúncios publicitários relacionados à indústria cosmética (produtos de beleza) e a novas formas de tratamento do corpo masculino, principalmente a partir da década de 80.

Para além das práticas discursivas sobre o cuidado com o corpo no que tange aos produtos da indústria cosmética e a outras formas de tratamento do corpo masculino, as mudanças de atitudes e de estilos de vida, associadas ao conceito de moda de vestuário masculino, são conseqüências das novas discursividades que despontam na década de 80 sobre o corpo. Se a moda de vestuário era assunto que dizia respeito ao universo feminino, passa a dizer respeito, também, ao universo masculino, como podemos ver nas formulações lingüísticas que aparecem em *Playboy*:

- “Jeans 80, sempre uma boa. Sai década, entra década, mas a moda jeans continua sempre jovem” (*Playboy*, março de 1980).
- “7 roupas que vira 27” (*Playboy*, agosto de 1982).
- “Marcel, campeão do basquete, marca mais pontos – na roupa esportiva” (*Playboy*, junho de 1983).
- “Branco is beautiful. A alegria e os novos materiais da cor que sempre vai bem” (*Playboy*, agosto de 1984).
- “Gravatas, como usá-las até sem paletó” (*Playboy*, abril de 1985).
- “O inverno a seus pés. As solas leves e o designer que fazem a moda deste inverno” (*Playboy*, agosto de 1987).
- “A nova cara do linho. Ele aparece misturado com lã, seda e outras fibras, mas mantém o branco como toque de classe da roupa masculina” (*Playboy*, agosto de 1988).

- “O terno é o traje ideal para um compromisso formal” (Playboy, agosto de 1989).
- “A moda do homem inteligente” (Playboy, agosto de 1990).
- “Vera Fischer, Luciana Vendramini e mais 5 estrelas revelam como preferem que você se vista” (Playboy, agosto de 1991).
- “Fantasias reveladas: Seis homens famosos realizam seus sonhos secretos na hora de se vestir” (Playboy, agosto de 1992).
- “É hora de celebrar a dois. Acompanhe nossas dicas de elegância para uma noite de sonho” (Playboy, agosto de 1993).
- “A boa malha que aquece o corpo e agrada aos olhos” (Playboy, agosto de 1995).
- “Combine a camisa, a gravata, o paletó, a meia” (Playboy, agosto de 1998).
- “Camisas. Entre na moda, sem tilt” (Playboy, agosto de 2001).
- “Seja moderno. Vista-se com roupas casuais” (Playboy, agosto de 2001).
- “Guia completo de moda. Tudo o que você precisa saber para não pagar mico” (Playboy, janeiro de 2002).
- “Moda: 44 coisas de verão” (Playboy, fevereiro de 2002).
- “Como estar bacana, vestindo jeans e malha” (Playboy, maio, de 2002).
- “Clássico e descolado. A moda certa para o seu bolso e estilo” (Playboy, abril de 2002).
- “Para vestir no trabalho e depois dele” (Playboy, junho de 2002).
- “Moda para normais. Nos modelos fica ótimo e em nós” (Playboy, junho de 2002).
- “O que vestir para mandar bem na festa” (Playboy, agosto de 2002).
- “Fashion week. Como ficar na moda sem perder a cara de macho” (Playboy, setembro de 2002).

- “O que vestir na praia sem ficar com cara de paulista” (Playboy, janeiro de 2003).

O consultor de moda que dá dicas e tira dúvidas do leitor, ganha espaço, em 2002, nas páginas da revista:

- “Seu guarda roupa é mais confuso que sua vida sentimental? Nosso consultor de moda resolve” (Playboy, fevereiro de 2002).
- “Xadrez nunca sai de moda?” (Playboy, maio de 2002).
- “Camisa por dentro de calça é bom?” (Playboy, junho de 2002).
- “Botões dourados são um exagero?” (Playboy, agosto de 2002).
- “Nosso editor de moda ensina como ficar elegante até na sala de embarque do aeroporto” (Playboy, setembro de 2002).

Podemos assinalar nessas formulações uma posição de sujeito que aponta para um deslocamento na moral sexual: o corpo do homem também é reinscrito pela moda de vestuário. Nessa moral, o consumo da moda de vestuário associada ao estilo de vida exige conhecimento de novos modelos, de seu valor social e cultural, e de como usá-los de maneira adequada. Nesse sentido, os conceitos de capital cultural e de capital econômico de Bourdieu (1979) são úteis. Segundo o autor, os sinais das disposições e esquemas classificatórios que revelam as origens e trajetória de vida manifestam-se também no corpo.

Assim, a cultura é corporificada e isso não é uma questão só de quais roupas são usadas e de como usá-las. As práticas discursivas de consumo na revista funcionam como um controle ideológico do corpo, que pode ser observado, também, nas formulações sobre esportes:

- Tênis: os segredos, as novidades – daqui e de fora- e os preços do esporte da moda” (Playboy, julho de 1978).
- “A maior jogada de nosso basquete” (Playboy, agosto de 1982)
- “Vaquejada. No sertão, o esporte é assim: duro, violento, um ritual” (Playboy, junho de 1983).
- “Nasceu o raquetebol. O mais novo parente do tênis quer entrar para as olimpíadas” (Playboy, novembro de 1983).
- “A aventura de uma corrida de mountain bike pela aridez da Austrália” (Playboy, novembro de 1999).
- “Alpinismo. Todos os equipamentos de que você precisa para subir na vida. E não cair depois!” (Playboy, agosto de 2000).
- Radical: 24 horas de Lê Mans. Os bastidores da corrida mais alucinante da Terra” (Playboy, agosto de 2001).
- “Coragem, cara. Faça como Gustavo Kuerten e pegue na raquete” (Playboy, setembro de 2001).

sobre gastronomia:

- “Minhas férias inesquecíveis num bistrô francês” (Playboy, agosto de 1987).
- “A saborosa receita italiana do presidente da Embratur; e fondue de queijo que derrete o coração de Belisa Ribeiro” (Playboy, agosto de 1987).
- “A receita de churrasco com cebolas do ministro do “arroz com feijão”, Mailson da Nóbrega” (Playboy, agosto de 1988).
- “O Homem na cozinha. A receita de Badejo de um cidadão do mundo e o frango que Marcos Winter, o jovem do Pantanal, faz para Rose Abdala” (Playboy, agosto de 1990).
- “O homem na cozinha. Surpresas num concurso de receitas diferentes” (Playboy, agosto de 1991).

- “Os melhores restaurantes do Brasil” (Playboy, agosto de 1992).
- “Fotonovela gastronômica. Ela vai se lambuzar com cuscuz marroquino” (Playboy, maio de 2002).
- “Ganhe a gata fazendo um jantar das arábias” (Playboy, maio de 2002).
- “Como caçar a gata com um frango esperto” (Playboy, junho de 2002).

sobre bebidas:

- “Champagne. Segredos para você aproveitar ao máximo as delícias da bebida que melhor desinibe as mulheres” (Playboy, dezembro de 1979).
- “Teste: os melhores uísques do Brasil!. 12 experts classificam nossas melhores (e piores) marcas” (Playboy, junho de 1983).
- “Vinho branco. Por que esta bebida está conquistando o gosto do brasileiro” (Playboy, agosto de 1984).
- “40 truques para fazer vodca no bar e até na comida” (Playboy, abril de 1985).
- “Os melhores champagnes do mundo. Dicas para você curtir seus momentos felizes com a mais nobre das bebidas” (Playboy, agosto de 1997).
- “Champagne. Veja como preparar quatro drinques infalíveis com ele” (Playboy, agosto de 1993).
- “Vinhos de sobremesa. Eles fecham com chave de ouro uma refeição perfeita” (Playboy, agosto de 1994).
- “Drinques clássicos. A história de coquetéis criados em alguns bares mais famosos do mundo” (Playboy, agosto de 1997).
- “Drinques. Monte o seu sem moderação” (Playboy, maio de 2002)

- “Teste da cerveja, Nossos cinco experts tomaram 49 geladas pelo bem da ciência” (Playboy, agosto de 2002).
- “Biritas ao redor do mundo, com charme e história” (Playboy, abril de 2000).

e sobre tipos de automóveis:

- “Os carros que todos querem possuir. Até nisso eles se parecem com as mulheres mais lindas” (Playboy, agosto de 1984).
- “Um tubarão voador chamado Corvette. Um designer de Chicago transforma um mito da década de 50 num carro futurista” (Playboy, agosto de 1988).
- “A jóia do homem. Ah, o carro!... Com ele, felicidade vira sinônimo de velocidade e não há mulher que resista uma cantada (de pneus)” (Playboy, agosto de 1993).
- “Rápidos e charmosos. Seleccionamos oito carros velozes e superlegais para atizar seus sonhos” (Playboy, agosto de 1996)
- “Cerbera, um superbólido com o toque do campeão Nigel Mansell” (Playboy, agosto de 1997).
- “Um mito eterno chamado Cadillac” (Playboy, agosto de 1998).
- “Sierra Ace, a pick-up do próximo século” (Playboy, outubro de 1999).
- “Entenda por que um F1 custa caro” (Playboy, julho de 1999).
- “Ferrari. A fábrica dos carros dos sonhos” (Playboy, dezembro de 1999).
- “Uma superlança de 2 milhões de dólares” (Playboy, dezembro de 1999).
- “A nova Ferrari. Por ela a gente até engole o alemão” (Playboy, maio de 2002).

No conjunto de redes de formulações apresentadas, podemos identificar uma posição de sujeito que nos remete a princípio para o conceito de *habitus*, postulado por Bourdieu¹⁹⁹ (1985). Deslocamos esse conceito e afirmamos que o *habitus* (que se manifesta nas técnicas de manutenção do corpo, nos tipos e marcas dos cosméticos, nos tipos e marcas das roupas, nos tipos de esportes, na comida, na bebida, nos automóveis, no tempo que deve reivindicar para si, etc.) é construído no domínio de saber da formação discursiva que determina o que *Playboy* deve dizer, o que pode dizer e o porque deve dizer.

Esse *habitus* está inscrito no corpo para o qual a revista se dirige, indicando a lógica do capital, a classe social, o gênero, a geração e a raça inscritos nesse corpo. Nesse sentido, o *habitus* está corporificado no homem constituído no *ethos* da revista *Playboy*.

¹⁹⁹ No cruzamento das tradições marxista e weberiana, Pierre Bourdieu, crítico dos privilégios garantidos e transmitidos por instituições, é autor de alguns dos livros sociológicos mais polêmicos dos últimos 40 anos, entre os quais citamos: *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964), *Le sens pratique* (1980); *La Reproduction*, com Jean-Claude Passeron (1970), *A Distinção: crítica social do juízo* (1979), *Homo academicus* (1984), *A Nobreza de Estado: Grandes Escolas e espírito de corpo* (1989), *As Regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1992), *Sobre a televisão* (1996) e *A Dominação masculina* (1998). Bourdieu, considerado como estrutural-marxista, tem o mérito de deslocar o conceito de classe proposto por Marx e defender a tese de que as classes são historicamente construídas, funcionando como conjunto de relações sociais e de que o espaço social é constituído por campos de luta ininterrupta pela afirmação de identidades e legitimação das representações sociais, cujo preço a pagar é o tempo. Se na modernidade o indivíduo estava ligado à estrutura pela identidade por meio da socialização, utilizando todo o tempo e espaço necessários ao processo; na pós-modernidade, as estruturas são deslocadas ou substituídas por uma pluralidade de centros de poder: o sujeito é fragmentado, constituído de várias identidades, e as diferenças e distinções que antes definiam identidade, ficam reduzidas a uma espécie de linguagem geral global, em termos das quais todas as diferenças tradicionais podem ser traduzidas num processo de homogeneização cultural. A esta fragmentação das identidades, o autor responde com o conceito de *habitus* (retomando a noção aristotélica de *hexis*, convertida pela escolástica em *habitus*), como princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis. Para ele, o conceito de *habitus* “exprime a recusa a toda uma série de alternativas em que as ciências sociais se encerrou (...), (permitindo) romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência, a da economia clássica e do seu *homo economicus* que regressa hoje com o nome de individualismo metodológico” (Bourdieu, 1985: 12-13). Segundo esse autor, a organização social não deixou de ser estrutural e os centros do poder continuam existindo através da concentração de capital e dos monopólios financeiros. A presença do *habitus* subsiste na fragmentação identitária. No sentido de Bourdieu, a mídia funciona como campo de luta pela afirmação de identidades e legitimação das representações sociais. A luta se manifesta na grande mídia numa guerra de estereótipos e no espaço público numa guerra de imagens dos grupos para serem vistos e considerados como o desejam, ou seja, para a afirmação de suas identidades a começar pelos discursos.

Importante ressaltar, ainda, que no *habitus* corporificado no homem constituído no *ethos* da revista, a escolaridade não fica de fora. Por isso, desde 1982, *Playboy* faz um dos principais levantamentos sobre a qualidade do ensino superior no Brasil, “despindo” as universidades e faculdades brasileiras para saber qual(is) é(são) a(s) melhor(res).

Não podemos deixar de observar que, assim como na historicidade de *Claudia* e de *Nova*, a discursividade do consumo em *Playboy* está entremeada ao conteúdo editorial, às vezes, se confundindo com ele.

7.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista ontem *Homem* e hoje *Playboy*, versão brasileira da revista masculina de maior circulação no mundo, constitui-se no Brasil, num contexto de uma sociedade de consumo, como um segmento de mercado, mas principalmente como uma prática discursiva, cujo *ethos* visa a sua individualização e diferenciação das revistas femininas e, principalmente, das revistas masculinas do gênero popular e do gênero pornô *hard*.

No *ethos* de *Playboy* estão investidos homens²⁰⁰, maiores de 18 anos, com bom poder aquisitivo para poder consumir mulheres bonitas, viagens, esportes, aventuras, carros, “beleza plástica”, gastronomia, bebida, sexo, cultura e entretenimento.

²⁰⁰ O homem-*Playboy* não tem estado civil.

PARTE IV

O CORPO (RE)SIGNIFICADO: ***BELEZA-SAÚDE E SEXUALIDADE***

7

CORPO, BELEZA, SAÚDE:

DO CUIDADO DE SI AO PRAZER DE SI

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial) volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.

(Michel Foucault, Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do poder)

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”

(Michel Foucault, Vigiar e Punir)

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos capítulos 4, 5 e 6, tentamos mostrar como a historicidade do processo de constituição de *Claudia*, *Nova* e *Playboy* se encontra inscrita no funcionamento discursivo de cada revista, definindo-as como diferentes lugares de dizer sobre *as diferentes formas e práticas de si*, mediante as quais mulher e homem se constituem como sujeitos morais.

Entre as práticas de si através dos quais os sujeitos se constituem como sujeito moral merecem destaque aquelas que dizem respeito ao cuidado com o corpo. Nas três revistas, o corpo funciona como lugar de significação na construção social da feminilidade e masculinidade. Neste capítulo, pensando o corpo como uma “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem)” (Foucault, 1971b:22), tentamos responder a

seguinte questão: De que saberes e de que poderes tratam os discursos do *cuidado de si* nas revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*?

Para responder a essa questão, apoiamos-nos na noção de arquivo postulada por Foucault (1969a). Vimos, no capítulo 2, que o autor define arquivo²⁰¹ como a lei do que pode ser dito; como o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares; como o que faz com que todas as coisas ditas agrupem-se em figuras distintas, componham-se uma as outras segundo relações múltiplas, mantenham-se ou esfumem-se segundo regularidades específicas; como o sistema de enunciabilidade, do enunciado-acontecimento; como o modo de atualidade, ou seja, do sistema de funcionamento do enunciado-coisa; como o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria; como o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados, não podendo ser descrito na sua totalidade (cf. Foucault, 1969a:149-150).

A partir dessa noção de arquivo postulada por Foucault (1969a) e não esquecendo que o arquivo como sistema geral da formação e da transformação dos enunciados não pode ser descrito na sua totalidade, mas que é no arquivo que podem aparecer as regras de uma prática discursiva, seguimos o procedimento de leitura de arquivo proposto por Guilhamou e Maldidier (1986), que postulam a noção de trajeto temático, enquanto dispositivo de leitura de arquivo.

²⁰¹ Segundo Pêcheux (1982b), os profissionais da leitura de arquivo são tradicionalmente “literatos (historiadores, filósofos, pessoas de Letras) que têm o hábito de contornar a própria questão da leitura regulando-a num ímpeto, porque praticam cada um deles sua própria leitura (singular e solitária) construindo seu mundo de arquivos” (p.56). Entendendo o arquivo em sentido amplo como um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, discute os diferentes modos de leitura de arquivo e propõe a constituição de um espaço polêmico das maneiras de ler, ou seja, uma descrição do ‘trabalho de arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho de memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma’. Para o autor, o fato da língua foi, e permanece, consideravelmente subestimado em todos os projetos de leitura de arquivo (cf. Pêcheux, 1982b:57).

Considerando que o efeito de uma memória discursiva na atualidade de um acontecimento se dá na relação entre interdiscurso e intradiscurso, como postula Courtine (1981), acreditamos que a noção de tema²⁰² permite que a formulação “corpo e práticas de embelezamento” seja tomada em trajetos temáticos de *reformulações parafrásticas*²⁰³, ajudando a delimitar as posições de sujeito das formações discursivas no seu movimento de reconfiguração constante determinada pelo interdiscurso.

7.2 CUIDADO DE SI: O CORPO (RE)SIGNIFICADO

O corpo como superfície de inscrição de acontecimentos é marcado por práticas de controle, que podem ser definidas “como esquemas que o indivíduo encontra na sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos e impostos pela sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (Foucault, 1984c:719). Essas práticas através das quais os indivíduos se reconhecem como sujeitos que governam seu corpo constituem-se como um dispositivo de sujeição milenar.

Como vimos no capítulo 2, o autor mostra que, na Grécia Clássica, regulava-se toda a vida, toda a maneira de se constituir como sujeito que tem cuidado necessário com o seu corpo, através do regime de saúde (que se estendia à alimentação, à bebida, ao sono, às relações sexuais), associado à medicina. No discurso do cuidado de si, o

²⁰² Segundo Guilhaumou e Maldidier (1986), a noção de tema em análise do discurso “supõe a distinção entre um “horizonte de expectativa” - o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada - e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades, incluindo o tema como posição referencial” (p.44).

²⁰³ Fuchs e Pêcheux (1975) definem família parafrástica como um conjunto de seqüências relacionadas entre si por operações de substituição. Para os autores uma família parafrástica funciona como matriz de sentido para a produção de novas seqüências que significam a partir de relações de paráfrase que estabelecem com as demais seqüências da família.

governo do corpo tinha como objetivo a vida na *polis* e o desempenho do poder político que envolve o exercício do domínio de si e do domínio dos outros. Na época greco-romana, por seu turno, o cuidado de si tinha um fim em si mesmo, representava uma forma de vida que abrangia a totalidade da existência.

Na Grécia Antiga, a personificação da beleza estava ligada ao corpo do masculino, valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e sua fertilidade. Em Atenas, as práticas de exercícios físicos²⁰⁴ eram valorizadas como educação corporal, terapêutica, estética e moral. Em Esparta, os exercícios físicos eram valorizados como preparação para a guerra ou preparação militar, disciplina cívica, enrijecimento do corpo, energia física e espiritual. Os gregos postulavam que um belo espírito deveria ocupar uma bela morada, daí a expressão mente sã espírito são. O fato de ser a Grécia o berço dos Jogos Olímpicos, disputados 293 vezes durante quase 12 séculos (776 a.C a 393 d.C), demonstra a importância da atividade física nesta época. À mulher era vedada qualquer prática de educação física. Era vedada, também, a participação como expectadora dos jogos. Os gregos foram os responsáveis pela utilização do exercício para aprimorar a beleza física ou seja, ideal de beleza masculina.

Apesar de a beleza viril ter sido mais valorizada do que a beleza feminina, o corpo feminino se impõe como fonte de inspiração para os artistas. Os poetas tanto exaltavam a beleza do corpo feminino (a exemplo de Hera, Ártemis, Afrodite) quanto sublinhavam como algo a

²⁰⁴ Antes do apogeu da civilização grega, outras civilizações já praticavam atividades físicas variadas. As práticas de exercícios físicos confundem-se com a história do homem. Na pré-história, a atividade física tinha papel relevante para sua sobrevivência. O exercício físico de caráter utilitário e sistematizado de forma rudimentar era transmitido através das gerações e fazia parte dos jogos, rituais e festividades. Na Antiguidade Oriental, os exercícios físicos aparecem nas várias formas. No Antigo Egito, a prática dos exercícios físicos (como luta livre, boxe, esgrima com bastão, natação, remo) ocupou lugar importante. Na Mesopotâmia, assírios e babilônios cultivavam a força, a resistência e a agilidade, como forma de preparação para os combates de conquista e defesa de territórios. (cf. Ramos, 1982).

ser temível (a exemplo de Pandora, Helena). Os escultores, por sua vez, exaltavam o corpo feminino ambicionando a sua perfeição. No discurso do cuidado de si, a maquiagem, enquanto prática de embelezamento do corpo feminino, era considerada trapaça e desonestidade pelos gregos.

Na tradição greco-romana da Era Cristã, a beleza do corpo feminino também era temida e associada à mentira, à astúcia, ao engano, à ruína e à perdição. Mas não houve valorização da beleza do corpo masculino como na Grécia. No discurso do cuidado de si, as práticas de exercícios físicos e os jogos Olímpicos eram considerados rituais satânicos. Daí o imperador romano Teodósio I, em nome de Deus e da moral cristã, ter acabado com o culto corporal e ter decretado o fim dos Jogos Olímpicos, em 393 d.C., o que não significa que o povo, diante da tirania, não tenha continuado a se flexionar, às escondidas.

No discurso do cuidado de si da chamada Baixa Idade Média (século V a X), a prática de exercícios físicos tinha como objetivo a preparação militar e a prática de atividades desportivas (como as corridas de carros e os combates de gladiadores que estavam sempre ligados às questões bélicas). No discurso do cuidado de si da chamada Alta Idade Média (séculos XI a XV), a prática de exercícios físicos tinha como alvo a preparação militar dos soldados, que durante os séculos XI, XII e XIII lutaram nas Cruzadas empreendidas pela igreja; e a preparação dos nobres (através da prática de esgrima e de equitação) para participar das justas e dos torneios cujo objetivo era enobrecer o homem, fazê-lo forte e apto. Na Idade Média, há reafirmação da beleza feminina como um mal, associada à queda e à satã, à arma do diabo. À mulher era vedada, também, qualquer prática de atividade física, mas, diferentemente do que ocorria na Grécia

Antiga, era facultado o direito de ser espectadora das justas e dos torneios.

No Renascimento²⁰⁵, movimento cultural que expressou a mentalidade burguesa e que foi marcado pela valorização da cultura greco-romana, permanece o discurso em que a beleza feminina é associada à malignidade. Mas, sob a influência da escultura grega, os artistas da renascença redescobrem a graça de Vênus²⁰⁶, das deusas, invertem a lógica grega e exaltam mais o corpo feminino do que o corpo masculino. Diferentemente da Grécia, a personificação da beleza liga-se ao corpo feminino, que é exaltado por filósofos, poetas e pintores. Nesse período, entretanto, a beleza física é elevada à condição divina, é espiritualizada, é reflexo de beleza interior. A partir desse período, ser bela passa ser uma obrigação das mulheres de classe alta.

A partir da Idade Clássica (Século XVII), a beleza feminina é dissociada do valor moral e passa ter valor físico e sexual. Continua, entretanto, sendo um dom, natural e divino. Com os desenvolvimentos científicos, o ato de pintar os lábios tornou-se moda desde o século XVII, quando as pomadas coloridas tornaram-se mais acessíveis e seguras, apesar de o discurso religioso condenar tal prática. As mulheres nobres praticavam equitação e assistiam aos exercícios físicos que os homens praticavam.

No século XVII, assiste-se, ainda, ao desenvolvimento da pedagogia da ginástica²⁰⁷. Nessa pedagogia, a expressão corporal passa a se chamar “ginástica olímpica” e é separada dos exercícios de

²⁰⁵ Período que marca o início da transição do feudalismo para o capitalismo.

²⁰⁶ As primeiras representações femininas, conhecidas por “Vênus paleolíticas”, datam aproximadamente de 30000 a.C. Encontradas em cavernas e em abrigos de caçadores-coletores, elas possuem formas bastante opulentas, que valorizam os seios, as nádegas e o ventre

²⁰⁷ Tal desenvolvimento tem como responsáveis o sociólogo inglês sir John Locke e o pedagogo suíço Jean-Henri Pestalozzi

treinamento de guerreiros da Antigüidade. No século XVIII, surgem os primeiros sistemas regulares de educação física elaborados com certa ordenação e obedecendo a princípios pedagógicos. Destes sistemas surgiram, na Europa Ocidental, os movimentos de educação física e o exercício físico passou a ser valorizado como agente de educação. (cf. Langlade e Langlade; 1970; Ramos, 1982).

Dessa forma, podemos dizer que, com diferentes fins, as atividades físicas são práticas já encontradas na Pré-história, mas que são afirmadas na Antigüidade, estacionadas na Idade Média, fundamentadas no século XVII e sistematizadas no século XVIII. A partir desse período, nasce uma incitação a falar sobre o cuidado com o corpo, sob interesses políticos, econômicos e técnicos.

No século XIX, embora a prática de exercícios físicos ainda esteja pautada por questões militares, aparece associada a interesse de cientistas, médicos higienistas e laboratórios de pesquisa, que visavam à produção de verdades sobre o cuidado com o corpo e ao controle dos indivíduos. Nesse período, os exercícios físicos passam a desempenhar importantes funções na sociedade industrial, como observa Soares (1994). Busca-se, principalmente, a estética da retidão. Assim, para além das lições de boas maneiras, defendiam-se para a mulher exercícios de ginástica, executados sem espartilhos, com auxílio de máquinas e aparelhos ao ar livre. No final do século XIX, o cuidado com o corpo feminino está aliado às preocupações higiênicas como regime de saúde sobre o prisma medicinal e as experiências de embelezamentos são segredos vividos entre amigas, longe da vigilância familiar e médica.

É somente no século XX, com os avanços da indústria química, que os cosméticos se tornam produtos de uso geral. No início da segunda metade do século XX, instaura-se uma nova ordem de poder-saber sobre o corpo, espaço de inscrição de acontecimentos em que

beleza e saúde estão associados. Nessa ordem a beleza deixa de ser um dom e passa a ser construção, atributo que se conquista através do governo do corpo que passa a funcionar a serviço da indústria tecnocientífica empresarial do corpo saudável.

Nesse contexto, o desenvolvimento tecnocientífico empresarial e midiática²⁰⁸ contribui para que o culto do corpo belo e saudável entre na era das massas e as revistas femininas e masculinas, a exemplo de *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, funcionam como meios de difusão social das práticas estéticas, aliando valorização do cuidado corporal ao consumo, ou seja, reforçando que a sociedade capitalista constrói os sentidos de seus corpos sobre os conceitos de produção, economia, mercado e consumo, como veremos a seguir.

7.2.1 DISCURSOS DO CUIDADO DE SI: PRÁTICAS DE EMBELEZAMENTO DO CORPO NAS REVISTAS

7.2.1.1 DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX

Nas capas da revista *Claudia* das décadas de 60 e 70, nas capas da revista *Nova* da década de 70, e nas capas da revista *Playboy* da década de 70, as formulações que materializam os discursos do *cuidado de si* podem ser tomadas nos *trajeto de formulação-reformulações parafrásticas* da formulação “corpo e práticas de embelezamento”, abaixo:

²⁰⁸ Conforme Sant’Anna (2000:239), “as redescobertas do corpo na década de 60 também favoreceram à criação de revistas especializadas na análise das técnicas corporais, ligadas, por exemplo, à educação física”

(Quadro 1)

Claudia	
1	"Cirurgia estética" (Claudia, abril de 1963).
2	"Beleza para seus cabelos" (Claudia, fevereiro de 1965).
3	"Uma dieta sensacional: sanduíches" (Claudia, setembro de 1972)
4	"A gostosa dieta do queijo e do vinho" (Claudia, 1972).
5	"Maquiagem. Truques básicos que transformam o seu rosto" (Claudia, julho de 1975).
6	Dieta e ginástica" (Claudia, 1972
7	"A depilação perfeita para você vestir bem um maiô" (Claudia, 1976).
8	Uma verdadeira ação de maquiagem " (Claudia, 1979).

(Quadro 2)

Nova	
9	"A cirurgia acaba com o complexo do busto pequeno" (Nova, outubro de 1973).
10	"Vitamina E: será que ela faz milagres mesmo? (Nova, outubro de 1973).
11	"As 6 cirurgias plásticas que as pessoas mais querem fazer" (Nova, abril de 1975).
12	"Peeling vegetal. Solução ideal para acnes, manchas e sardas" (Nova, setembro de 1977).
13	"Uma ginástica para você ficar em forma na hora do amor" (Nova, junho de 1978).

Nessas *formulações-reformulações* apresentadas nos quadros 1 e 2, as denominações referenciais sublinhadas funcionam como efeito de encadeamento intradiscursivo, apontando diferentes posições de sujeito que configuram o saber da formação discursiva que determina o que *Claudia*, nas décadas de 60 e 70, pode e deve dizer sobre as técnicas de si, através das quais a mulher de classe média, casada, mãe, dona do lar se constitui como sujeito de si e do seu corpo, e o que *Nova* pode e deve dizer sobre as práticas de embelezamento mediante as quais a mulher, solteira ou descasada, livre e independente financeiramente se constitui como sujeito de seu corpo na década de 70.

No jogo interdiscursivo, podemos assinalar nas *formulações-reformulações* a **posição de sujeito da cirurgia estética**²⁰⁹, em que o corpo feminino, nesse período, pode ser controlado, disciplinado e transformado pelas técnicas da otoplastia (correção de orelha de abano), da ritidoplastia²¹⁰ (rejuvenescimento do rosto), da mamoplastia de aumento (aumento de mama); **da nutrologia**, em que o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado através de dietas para manter a forma; **da dermatologia**, em que o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado pelo uso de vitaminas (rejuvenescimento do rosto) e pela realização de *peelings* (eliminação de imperfeições da pele); **da estética e cosmetologia**²¹¹ **capilar**²¹²,

²⁰⁹ Cirurgia plástica é uma prática médica antiga. Foi utilizada pelos hindus e por toda a Idade Média com a finalidade básica de reconstituir partes do organismo lesado. As pessoas da antiguidade, independentemente dos seus credos ou condições, sempre almejaram alcançar o rejuvenescimento corporal como um todo, como também reparar deformidades das mais variadas causas, a fim de preservar e melhorar anatômica e funcionalmente o contorno corporal. A cirurgia plástica está localizada em dois ramos da medicina: o reconstrutivo e o estético.

²¹⁰ As primeiras cirurgias plásticas conhecidas foram realizadas na Índia, há 2 mil anos. Nessa época, o adultério era proibido no país e punido com o corte do nariz dos traidores. Para ocultar a punição, os cirurgiões indianos reconstituíam o nariz do paciente com um pedaço de pele da face ou da testa, que era costurada sobre o orifício.

²¹¹ No Egito Antigo, considerado como o berço da farmácia e da perfumaria, praticava-se, há mais de 4 mil anos, a terapia dos aromas. É nessa civilização que podemos encontrar os primeiros testemunhos do uso de cosméticos: pomadas e óleos aromáticos eram usados por todas as classes. O cuidado de si incluía uso de cosméticos que faziam parte da higiene geral e da proteção do calor do verão. Os antigos egípcios coloriam os lábios e as faces com ocre vermelho. A maquiagem dos olhos era ponto de destaque fundamental para evitar olhar diretamente para Rá, o deus-sol: as pálpebras superiores eram pintadas de preto com galena (sulfeto de chumbo) e as inferiores de verde com uma substância que continha basicamente carbonato de cobre (malaquita). Cleópatra representou o ideal de beleza feminina daqueles tempos. Além dos antigos egípcios, os assírios, os babilônios, os sumérios, os hebreus e os sírios fizeram, também, grande uso de cosméticos e perfumes. O uso destes tinha fim religioso, ou seja, eram usados para purificação e rituais de limpeza.

²¹² O cuidado com a saúde e beleza dos cabelos é uma das práticas através das quais homens e mulheres se constituem como sujeitos que governam o seu corpo desde a Antiguidade. No Egito, embora a partir de 3.000 a.C., cabeças raspadas e lisas e corpos sem pêlos indicassem sinais de nobreza, os egípcios (homens e mulheres) usavam perucas de cabelo humano ou de lã de carneiro. Os estilos mais populares de cabelo eram os cortes retos, cujo comprimento variava desde a altura do queixo até abaixo dos ombros, sendo usados geralmente com franja. Os cabelos sempre se constituíram como adorno do rosto sendo considerados historicamente como símbolo da sedução para mulher e demonstração de força para o homem. Na Grécia Antiga, surgiram os salões de barbeiro, onde os gregos eram barbeados, faziam ondas nos cabelos, manicure, pedicure. Os cabelos eram principalmente espessos e escuros e eram usados longos e ondulados. As mulheres usavam preparados cosméticos, óleos, pomadas, graxas e loções para dar brilho e perfumar os cabelos. Os cabelos loiros eram raros e admirados pelos gregos (homens e mulheres) que tentavam descolorir os cabelos com infusões de flores amarelas. Na Roma Antiga, o estilo de cabelo mais popular

facial²¹³ e corporal, em que o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado pelo uso de produtos de maquiagem no rosto, pelo uso de produtos cosméticos para os cabelos e as pernas; e a da educação física, em que o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado por ginásticas para deixar o corpo em forma.

No discurso do cuidado de si materializado nas *formulações-reformulações* que aparecem na revista *Claudia*, as práticas de embelezamento se referem à plástica corretiva para tirar orelhas de abano; aos usos de produtos de maquiagem para corrigir as imperfeições e deixar o rosto jovem, de cabelo, de depilação; e às dietas para emagrecer, etc. A beleza é fruto de um trabalho da mulher sobre seu corpo, principalmente, no que se refere ao rosto. Ser bela é

entre os homens era curto, escovado para a frente e com ondas. As mulheres usavam os cabelos ondulados, repartidos no centro e caindo sobre as orelhas. A aristocracia grega, além das perucas feitas de cabelos naturais, fazia uso do trabalho feito a ferro para ornamentar, anelar, encaracolar, ondular e alisar os cabelos. No século XVII, as técnicas de estilo e perfumação do corpo e dos cabelos são disputadas por Veneza, Firenze e Salerno. Em Veneza, a estética capilar exige horas de tratamento nos terraços, expondo os cabelos ao sol, borrifados com um preparado clareador chamado "a loira", e de resultado castanho amarelado chamado "loiro veneziano". No século XVIII, Paris conta com mais ou menos 600 cabeleireiros. No século XIX, o francês *Luis Thénard* cria a fórmula que facilita a transformação dos cabelos escuros em loiros e o milanês *Franco Gandolfi* introduz o primeiro secador mecânico, precursor do secador profissional de capacete. No início de século XX, a moda dos cabelos aliou-se à tecnologia. Em 1904, Karl Nessler (cabeleireiro alemão conhecido como Charles Nestlé em Londres) foi o pioneiro da utilização de uma máquina elétrica que fazia ondas permanentes nos cabelos das mulheres. O permanente somente se tornou popular na década de 20. Em 1905, a francesa *Eugene Schuller* fundou a empresa *L'Oreal*, criando uma tintura para cobrir os cabelos grisalhos com cores naturais e usando um processo permanente. Com o fim da I Guerra Mundial, o corte de cabelo no estilo "Joãozinho" foi considerado escandaloso, mas ganhou popularidade devido à sua praticidade. O advento do cinema na década de 20 trouxe novos padrões de moda para os cabelos. As mulheres de todo o mundo rapidamente adotaram os estilos e cores das atrizes de Hollywood. A moda masculina de cabelos não mudou radicalmente na primeira metade do século XX, prevalecendo o "look clean" que tinha a influência militar das duas guerras mundiais. Na década de 60 também houve mudanças no estilo dos cabelos das mulheres, com o retorno dos cabelos lisos e de corte simétrico. A partir da década de 70, surgem estilos variados tanto para homens quanto para mulheres.

²¹³ Aproximadamente em 150 a.C., o físico Galeno criou o primeiro creme facial do mundo, adicionando água à cera de abelha e óleo de oliva. Mais tarde o óleo de amêndoas substituiu o azeite e a incorporação de bórax contribuiu para a formação da emulsão, minimizando o tempo de processo. Estava aí a primeira base para sustentar os pigmentos de dióxido de titânio e facilitar a aplicação na face; nascia a base cremosa facial.

ter um corpo esbelto, um rosto sem marcas de envelhecimento, cabelos tratados, pernas sem pêlos, etc.

No discurso do cuidado de si materializado nas *formulações-reformulações* que aparecem em *Nova*, por sua vez, as práticas de embelezamento não se restringem às plásticas corretivas de “imperfeições” no rosto, às dietas, ao uso de maquiagens e de produtos cosméticos para pernas e cabelos. Na formulação (9) “*A cirurgia acaba com o complexo do busto pequeno*”, que aparece na primeira edição da revista, por exemplo, a intervenção cirúrgica é apresentada como uma prática legítima de embelezamento para aumentar os seios, parte do corpo cultuada, explorada, fetichizada, erotizada e sexualizada nas capas da revista desde a década de 70.

Nesse discurso, a beleza é um trabalho de autocriação e instrumento de sedução. Ser bela é ter um corpo jovem, magro, bem tratado, e ter seios “fartos”, ou seja, sexy.

Podemos observar que nas *formulações-reformulações* de (1) a (13) há, ao mesmo tempo, estabilização e desestabilização referencial dos elementos de saber ou, no sentido de Pêcheux (1975), da *forma-sujeito*, que dividida e dispersa nas várias posições de sujeito assinaladas, regula o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser dito sobre práticas de embelezamento no âmbito da formação discursiva considerada.

A desestabilização referencial observada aponta para o que Courtine e Marandin (1981) chama de inconsistência de uma formação discursiva. Essa inconsistência é decorrente, de um lado, da heterogeneidade constitutiva que funciona como efeito do interdiscurso no interior das séries de formulações constituindo o saber das formações discursivas; e, de outro lado, da descontinuidade referencial que provoca nova formulação como nova forma de repetição da formulação “corpo e práticas de embelezamento”.

(Quadro 3)

<i>Playboy</i>	
14	“Aprenda a ficar em forma com Júlio Mazzei, o preparador de Pelé” (Homem-Playboy, junho de 1976).
15	“Fique em forma (quase sem suar)” (Homem-Playboy, dezembro de 1977).
16	“Um serviço para você se manter em forma ” (Playboy, novembro de 1979).

Com relação à revista *Playboy*, as *reformulações parafrásticas*, que aparecem nas capas das edições da década de 70 e que são apresentadas no quadro 3, materializam o discurso do cuidado de si em que o corpo masculino é também objeto de preocupação estética, ou sejam, em que há o retorno da promoção social da beleza do corpo masculino.

As denominações referenciais assinaladas nas *formulações-reformulações* apontam para a **posição de sujeito da educação física** em que o corpo pode ser controlado e transformado através da prática de exercícios físicos (emagrecimento e manutenção da forma)

Além dos exercícios físicos, as técnicas de si, através das quais o homem se constitui como sujeito do seu corpo nesse período, são identificadas também nos anúncios publicitários sobre produtos de barba e perfumes que são apresentados no interior das edições da revista.

No jogo interdiscursivo das *formulações-reformulações* de (14) a (16), ocorre o que Foucault chama de estabilização referencial da formação discursiva, ou seja, os elementos referenciais do domínio de saber que regula o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser dito sobre o cuidado de si do homem-*Playboy* no âmbito da formação discursiva em que originam o discurso materializado nas formulações sobre o embelezamento masculino. Nesse discurso, a

beleza masculina está associada ao corpo em forma e perfumado e à barba cuidada. A beleza também é autocriação que exige autogoverno e vigilância do peso e da alimentação, através de exercícios físicos e dietas. Os homens também querem emagrecer, vigiam o peso e alimentação, e fazem exercícios físicos para manter a linha e a forma.

A partir dos referenciais das *formulações-reformulações* apresentadas nos quadros 1, 2 e 3, podemos dizer que há um domínio de saber funcionando como princípio de inclusão e exclusão do que pode e do que não pode ser formulável sobre o cuidado com o corpo feminino, de um lado, e sobre o cuidado do corpo masculino, de outro, no âmbito de uma mesma formação discursiva.

7.2.1.2 DÉCADA DE 80 DO SÉCULO XX

A partir das capas das revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy* da década de 80, seguimos novos trajetos de *reformulações parafrásticas*, ou seja, formulações que repetem, mas também transformam outras formulações que fazem parte do domínio de memória da formação discursiva em que originam os discursos do cuidado de si sobre o corpo feminino e masculino.

Nos discursos do cuidados de si materializados nas capas das três revistas, o embelezamento do corpo é significado com novas exigências.

(Quadro 4)

<i>Claudia</i>	
17	“Emagreça com todo o prazer. Dança aeróbica, a mania do momento” (Claudia, março de 1983).
18	“Valorize o seu estilo e seu corpo. (...) A ginástica que modela sua silhueta, os novos tons de maquilagem, os novos cortes de cabelo e a dieta das estrelas” (Claudia, abril de 1986).
19	“Lipoaspiração. Novas técnicas já permitem modelar todo o corpo”

(Claudia, julho de 1986).

- 20 **Dieta, exercícios, lipoaspiração, injeções:** as mais novas técnicas contra gordura localizadas e estrias" (Claudia, junho de 1987).
- 21 "5 exercícios que acabam com a celulite" (Claudia, 1986).
- 22 **"Injeções de colágeno, elastina e enzimas, mais ginástica e dietas. Armas fulminantes contra a celulite"** (Claudia, novembro de 1987).
- 23 **"Maquilagem. Belos para a noite Gloriosa"** (Claudia, dezembro de 1988).

(Quadro 5)

<i>Nova</i>	
24	"O jeito mais saudável de perder 5 kg rapidamente" (Nova, novembro de 1980).
25	" Cortes de cabelos, limpeza de pele, tintura, ginástica (...) " (Nova, setembro de 1984).
26	" Cirurgia plástica no seio. Ela pode fazer aquela diferença" (Nova, setembro de 1984).
27	"A dieta para quem só quer emagrecer em determinados lugares" (Nova, janeiro, 1985).
28	" Um corpo todo novo com a plástica de barriga " (Nova, agosto de 1985).
29	"Guia para seios firmes e sensuais. Todos os recursos da ginástica, cosmética, massagem, plástica, maquilagem, lingerie, e muito mais! Seus seios vão ficar mais bonitos!" (Nova, setembro de 1986).
30	" Corpo modelado, seios sem cicatrizes, rosto muito mais jovem. As últimas novidades da cirurgia plástica" (Nova, agosto de 1989).
31	" Dieta de 15 dias. Para você emagrecer rápido, sem sofrer até 5 kg em 15 dias " (Nova, agosto de 1989).
32	" Como ter uma barriga incrivelmente lisa e sensual " (Nova, outubro de 1989).
33	" " Silicone na cirurgia plástica. A enorme diferença que pode fazer" (Nova, dezembro de 1989).

As denominações referenciais sublinhadas nas *reformulações parafrásticas* apresentadas nos quadros 4 e 5 indicam reconfiguração do saber que regula o que deve e não deve, e o pode e o que não pode ser dito sobre o cuidado do corpo feminino. Podemos assinalar o reaparecimento das posições de sujeito assinaladas nas décadas de 60 e 70 e o aparecimento de novas posições de sujeito, que apontam, no interdiscurso, tanto a heterogeneidade constitutiva quanto a descontinuidade dos discursos.

A partir das denominações referenciais sublinhadas, no jogo interdiscurso, podemos assinalar a **posição de sujeito da cirurgia estética** em que o corpo feminino pode ser controlado e transformado

pelas técnicas cirúrgicas da ritidoplastia, mamoplastia, abdominoplastia e lipoaspiração, que, respectivamente, rejuvenescem o rosto, modelam e firmam os seios, acabam com o abdômen globoso ou “em avental”, acabam com gorduras localizadas e estrias; **da nutrologia** em que o corpo feminino pode ser controlado e transformado pelas dietas para emagrecer; **da dermatologia**, em que o corpo feminino pode ser controlado e transformado através de microinjeções de substâncias de colágeno e elastina que mantêm a firmeza e elasticidade da pele, combatem o envelhecimento do rosto, acabam com a celulite, e através de injeções que eliminam estrias e gorduras localizadas; **da estética e cosmetologia facial e corporal**, em que o corpo feminino pode ser controlado e transformado através de produtos cosméticos que embelezam o rosto, os cabelos e mantêm os seios firmes; **da educação física**, em que o corpo feminino pode ser controlado e transformado através das ginásticas aeróbicas e anaeróbicas que modelam o corpo, emagrecem, acabam com a celulite e gorduras localizadas, mantêm os seios firmes, etc²¹⁴, a **da massoterapia**, em que as massagens deixam os seios firmes.

No discurso do cuidado de si materializado nas *formulações-reformulações* apresentadas nos quadros 4 e 5, o corpo está na moda e funciona como lugar de criação e autocriação pelas novas técnicas embelezamento mediante as quais a mulher-*Claudia* e a mulher-*Nova* devem se constituir como sujeito que governa seu corpo.

Nesse discurso, a beleza faz parte de um trabalho diário e infinito, é constituída de novas exigências e está associada à juventude, ao corpo esbelto, modelado, aos seios firmes. Só é feio quem quer e quem não pode investir no corpo, cuja juventude e magreza tornam a velhice e a obesidade vergonhosas.

²¹⁴ O aprimoramento físico e a aeróbica disputam a supremacia das técnicas para se obter um corpo firme, enxuto e tonificado.

Salientamos que apesar de identificarmos nas formulações das duas revistas posições de sujeito que indicam as mesmas técnicas de embelezamento, no domínio de memória ou interdiscurso, o corpo submetido aos diversos tratamentos de beleza da mulher-Nova é liberado, sensual e sedutor, como podemos demonstrar nas formulações (26) “*Cirurgia plástica no seio. Ela pode fazer aquela diferença*” (Nova, setembro de 1984); (32) “*Como ter uma barriga incrivelmente lisa e sensual*” (Nova, outubro de 1989).

(Quadro 6)

Playboy	
34	Jogging. Veja o que você tem a ganhar correndo (Playboy, outubro de 1980).
35	“Como é a plástica que está tirando a barriga dos homens” (Playboy, abril de 1985).
36	“ Spas ²¹⁵ : o ranking das clínicas para ficar em forma ” (Playboy, agosto de 1988).
37	“Receitas para você entrar em forma sem mudar sua vida” (Playboy, dezembro de 1988).
38	“O Homem no Espelho. Os segredos da ginástica aeróbica e os cuidados do dono do Canecão (...) com o corpo” (Playboy, agosto de 1988).
39	“A vaidade por um fio. Os cuidados com o corpo sobem à cabeça: os xampus, os cremes... tudo para tratar e deixar seus cabelos em cima ” (Playboy, agosto de 1989).

Em se tratando das *formulações-reformulações* que aparecem em *Playboy*, na década de 80, as denominações referenciais sublinhadas apontam as posições de sujeito: **da educação física**, em que o corpo pode ser controlado e transformado através da prática de ginásticas aeróbicas; **da cirurgia estética**, em que o corpo masculino pode ser controlado e transformado através das técnicas da abdominoplastia

²¹⁵ Na antiguidade, soldados romanos costumavam frequentar complexos em que havia áreas de massagens, alimentação equilibrada e exercícios para preparo e recuperação das guerras. Essa prática também era observada pelos atletas gregos em treinamento para os jogos olímpicos. No entanto, foi na Bélgica, no século XVII, que surgiu o primeiro *spa* com o conceito pelo qual esses locais são conhecidos hoje. Era um balneário termal cujo nome, Spa Francorchamps, originou o termo *spa*. No século XX, os *spas* espalharam-se pelo mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, sendo a Alemanha e a França os primeiros países a adotarem esse tipo de conceito.

(eliminação de abdômen globoso ou “em avental”); e **da estética e cosmetologia**, em que o corpo masculino pode ser controlado e transformado pelo uso de produtos cosméticos para os cabelos.

No jogo interdiscursivo das *formulações-reformulações* presentificadas no quadro 6, a posição de sujeito **da cirurgia estética**, passa a produzir saber, também, sobre o cuidado do corpo masculino. O referencial assinalado nas reformulações que aparecem nas capas da revista, na década de 80, faz parte do domínio de memória do discurso do cuidado de si em *Playboy*.

Nesse discurso, cuidar da barba e dos cabelos, fazer ginástica para manter o corpo em forma, fazer cirurgia plástica para tirar a barriga são práticas e técnicas de embelezamento legítimas através das quais o homem deve se constituir e se reconhecer como sujeito que governa seu corpo.

7.2.1.3 DÉCADA DE 90 E INÍCIO DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Os trajetos de *formulações-reformulações* sobre o cuidado de si que aparecem nas capas das revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy* da década de 90 indicam nova reconfiguração no domínio de saber das formações discursivas que determinam o que as revistas podem e devem dizer sobre as técnicas de si mediante as quais homem e mulher se constituem como sujeito que governa o seu corpo. Se na década de 80, o corpo está na moda, na década de 90, como veremos a seguir, a moda é o próprio corpo.

(Quadro 7)

Claudia

- 40 **"Retin-A. Aprenda a usar esse novíssimo tratamento de beleza"** (Claudia, abril de 1991).
- 41 **"Cirurgias plásticas: as mais respeitadas técnicas para embelezar o rosto, seios e eliminar gorduras localizadas"** (Claudia, julho de 1991).
- 42 **"Mais livre, sensual, e com o corpo em forma. Dançar faz tudo isso por você!"** (Claudia, julho de 1993).
- 43 **"Ácidos anti-rugas. A nova arma contra o envelhecimento"** (Claudia, julho de 1993).
- 44 **"Injeções de beleza: Uma arma para você ficar jovem e adiar a plástica"** (Claudia, março de 1994).
- 45 **"As massagens estéticas que relaxam e, melhor ainda!, combatem celulite, gordura localizada e acne"** (Claudia, março de 1995).
- 46 **"Um lazer de última geração acaba, sem dor, com rugas, cicatrizes, manchas e estrias"** (Claudia, novembro de 1995).
- 47 **"Aparelhos de ginástica: na academia ou em sua casa, eles ajudam (mesmo!) a esculpir o seu corpo"** (Claudia, abril de 1996).
- 48 **"Vitamina C na pele. A mais nova descoberta contra manchas e rugas"** (Claudia, setembro de 1996).
- 49 **"Ácido retinóico, ácido glicólico ou vitamina C. Afinal qual o melhor para sua pele"** (Claudia, março de 1997).
- 50 **"Lazer: uma arma imbatível que acaba com rugas, pêlos, manchas e microcravos"** (Claudia, maio de 1997).
- 51 **"Beleza, tratamentos, exercícios e cirurgias para você conseguir ter um bumbum que pediu a Deus"** (Claudia, setembro de 1997).
- 52 **"6 exercícios fundamentais que atacam nossos pontos fracos: parte interna da coxa, do braço e do bumbum"** (Claudia, janeiro de 1998).
- 53 **"7 mulheres mudaram o corpo em 3 meses. Milagre? Não! Ginástica com Personal Trainer"** (Claudia, março de 1998).
- 54 **"Lipo: bumbum, coxa, joelho, culote, barriga, pneuzinhos. Um guia completo sobre essa cirurgia cada vez mais segura"** (Claudia, setembro de 1998).
- 55 **"Peelings: técnicas menos agressivas e muito eficientes eliminam acne, rugas finas e manchas"** (Claudia, abril de 1999).
- 56 **"Caminhar faz muito bem! Você pode emagrecer, diminuir o estresse fortalecer o coração e os músculos"** (Claudia, junho de 1999).
- 57 **"Alimentos que combinam com a vida que você leva, cuidam da sua saúde e ainda por cima deixam você mais bonita"** (Claudia, novembro de 1999).
- 58 **"Beleza. Base de cara nova: hidrata, protege e cria efeitos especiais. Você vai adorar usá-la!"** (Claudia, abril de 2000).
- 59 **"Cremes com ácido: funcionam. Mas tem jeito certo de usar"** (Claudia, novembro de 2000).
- 60 **"Máscaras faciais contra estresse, oleosidade, envelhecimento e desidratação"** (Claudia, fevereiro de 2001).
- 61 **"Dietas para você emagrecer, ganhar pique, prevenir o câncer, baixar o colesterol"** (Claudia, abril de 2001).
- 62 **"As ginásticas e as técnicas mais recentes de lipo e meso que afinam a cintura"** (Claudia, julho de 2001).
- 63 **"Sem preguiça! Demaquilante toda noite deixa sua pele linda e jovem por muito mais tempo"** (Claudia, setembro de 2001).
- 64 **"Os alimentos e os novos cosméticos que deixam a pele linda durante todo o verão"** (Claudia, janeiro de 2002).
- 65 **"Cremes para o rosto. São tantos! Um guia definitivo das combinações que funcionam"** (Claudia, março de 2002).
- 66 **"As melhores técnicas para fazer escova e ficar com os cabelos mais lisos por mais tempo"** (Claudia, abril de 2002).
- 67 **"Sorriso poderoso: métodos para clarear os dentes a partir de 400**

reais”; (Claudia, maio de 2002).

68 “Salve seu pescoço! Cremes, lipo, botox: tudo para deixá-lo sempre jovem” (Claudia, agosto, 2002).

69 “Emagreça caminhando. 2 programas superpoderosos para manter a forma” (Claudia, fevereiro de 2003).

(Quadro 8)

Nova

- 70 “Corpo bonito! Mitos e verdades do combate a celulite. A ginástica para ficar mais flexível, endurecer a barriga, modelar as pernas e firmar o bumbum. Os exercícios que Luiza Brunet faz na praia” (Nova, novembro de 1991).
- 71 “Autocolágeno, ácidos, máscaras. Verdade e mentiras sobre o rejuvenescimento (Nova, junho de 1994)”.
- 72 “Guia de cabelos. 51 cortes e penteados. Técnicas para ter mais cor, volume e brilho. Como domar o crespinho e dar um jeito no lisão” (Nova, fevereiro de 1995).
- 73 “Cremes e pílulas contra a celulite” (Nova, junho de 1995).
- 74 “Barriga, bumbum, celulite, flacidez, dieta, lipoaspiração, depilação, yoga, relaxamento, máscaras. 24 páginas para você ficar nua e linda neste verão! (Nova, outubro de 1995).
- 75 “Lazer, anti-rugas, implantes revolucionários, injeções de toxinas, novas técnicas para um rosto mais jovem” (Nova, maio de 1996).
- 76 “Novidades para lábios mais sensuais. Sem cirurgia” (Nova, setembro de 1996).
- 77 “Cirurgia plástica: o que há de mais novo, mais seguro, mais eficiente para levantar o bumbum, empinar o seio, diminuir o nariz, tirar dez anos do rosto, acabar com a barriga, fazer um a reforma geral” (Nova, março de 1999).
- 78 “Fique com o bumbum perfeito nesse verão: lipoaspiração, implante de silicone, tratamento para a pele, estrias...” (Nova, setembro de 1999).
- 79 “Gostosa, cheia de curvas, sexy e alto-astral: é assim a musa de 2000. A ginástica que arredonda os músculos do jeito que os homens gostam. Emagreça até 3 quilos por mês com um jeito novo e saudável de comer bem. 12 truques para ficar com a pele dourada a partir de hoje. Tratamentos e pequenas cirurgias para resolver seu problema de culote, gordura localizada e flacidez no bumbum...” (Nova, outubro de 1999).
- 80 “Com a odontologia descomplicada, você faz o tratamento de uma só vez” (Nova, abril de 2000).
- 81 “Os exercícios que vão deixar seus braços firmes e fortes” (Nova, maio de 2001).
- 82 “Guia de cabelos. Cortes e penteados na medida certa das suas emoções para... virar a cabeça dos homens, matar as amigas de inveja, apimentar um jantar romântico, provocar terremotos na paquera, ser uma noiva supermoderna, brilhar em um almoço de negócios” (Nova, junho de 2002).
- 83 “80 truques de fitness para modelar, firmar e turbinar os seus músculos” (Nova, julho de 2002).
- 84 “A injeção que garante o bumbum dos seus sonhos, recheado e redondinho. É mais rápida, barata e eficiente que as outras técnicas” (Nova, março de 2003).
- 85 “Beleza é poder. Os tratamentos que estão retardando pra valer, por muito tempo, a plástica” (Nova, abril de 2003).
- 86 “Beleza inteligente. Aumente seu poder de fogo, acabe com a concorrência. Nós ensinamos a valorizar o que você tem de melhor: um

cabelo matador, uma boca apetitosa, uma barriga sexy” (Nova, maio de 2003).

87 “Deus ouviu as nossas preces! Chegaram as revolucionárias pílulas da beleza. Esticam, alisam, renovam e rejuvenescem a pele” (Nova, junho de 2003).

Nas *formulações-reformulações* apresentadas nos quadros 7 e 8, as denominações referencias destacadas apontam para as mesmas posições de sujeito identificadas nas *formulações-reformulações* que aparecem nos quadros 4 e 5 e para a posição de sujeito da estética odontológica.

Nessas posições de sujeito, há atualização (pela repetição ou transformação) das práticas de embelezamento através das quais a mulher-*Claudia* e a mulher-*Nova* devem se constituir como sujeito que governa o seu corpo.

Na **posição de sujeito da cirurgia estética**, o corpo feminino pode ser controlado, transformado e modelado através das técnicas cirúrgicas da *ritidoplastia* (rejuvenescimento do rosto), da *rinoplastia* (diminuição do nariz), da *mamoplastia de aumento* (implante de prótese de silicone), da *mamoplastia de ptose* (suspensão de seios caídos), *mamoplastia redutora* (diminuição dos seios); *abdominoplastia e dermolipectomia* (retirada de abdômen globoso ou “em avental”); *lipoaspiração* (eliminação de gorduras localizadas no pescoço, braços, abdômen, culote, glúteos), *lipoescultura* (esculpe o corpo retirando e colocando gorduras em determinadas regiões); *mesoterapia* (liberação de gorduras do tecido provocadas por microinjeções com medicação); *outras cirurgias* (aumento ou suspensão dos glúteos através de prótese de silicone).

Na **posição de sujeito da nutrologia**, o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado pelas dietas (emagrecimento, energização e prevenção de doenças).

Na **posição de sujeito da dermatologia**, o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado pelo uso de *microinjeções de toxinas e colágeno* (rejuvenescimento do rosto, pescoço, aumento dos lábios, etc), pelo uso de *vitaminas e cremes* (eliminação e prevenção de rugas, estrias, gorduras localizadas, etc.), pelo uso de ácidos (eliminação de rugas e manchas), por *peelings* (eliminação de rugas finas, acne e manchas do rosto, etc), por *lazer* (eliminação de rugas, cicatrizes, manchas, estrias, pêlos, microcravos, etc), pelo uso de pílulas.

Na **posição de sujeito da estética e cosmetologia facial e corporal**, o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado e transformado pelo uso de *cremes com ácido* (eliminação e prevenção de rugas do rosto e do pescoço, de celulites, etc.), pelo uso de *máscaras* (eliminação de oleosidade, prevenção de rugas, hidratação da pele, etc.) pelo uso de *produtos cosméticos para cabelos*.

Na **posição de sujeito da educação física**, o corpo pode ser controlado, disciplinado, transformado, esculpido pelas práticas de ginásticas aeróbicas e anaeróbicas (perda de peso; eliminação de gorduras localizadas; enrijecimento dos músculos dos braços, do abdômen, das coxas, das pernas, dos glúteos, etc)

Na **posição de sujeito da massoterapia**, o corpo feminino pode ser controlado, disciplinado, transformado e moldado pelas massagens (eliminação de celulite, gordura localizada, acne, etc.).

Na **posição de sujeito da odontologia estética**, a boca pode ser transformada pelas técnicas que envolvem a dentística restauradora, próteses dentárias, ortodontia, periodontia e endodontia.

As diversas posições de sujeito assinaladas nas *formulações-reformulações* aparecem como efeito da heterogeneidade constitutiva, ou seja, como efeito do interdiscurso no interior do trajeto de formulações indicando o saber próprio da formação discursiva em que

originam os discursos do cuidado de si materializados em textos das edições de *Claudia e Nova*, nesse período.

Nos discursos do cuidado de si materializados nas *formulações-reformulações* dos quadros 7 e 8, o corpo não está mais na moda. A moda é o próprio corpo, material para ser moldado, transformado, esculpido, recriado através de variadas técnicas de embelezamento. É através dessas práticas que a mulher-*Claudia* e a mulher-*Nova* devem se constituir como sujeito que governa seu corpo. Nesses discursos, a beleza está associada à juventude; ao corpo esbelto, modelado e enrijecido; aos seios e glúteos exuberantes e enrijecidos. Há reafirmação de que a beleza feminina faz parte de um trabalho diário, de que é feio quem não quer e quem não pode investir no corpo. Da cabeça aos pés, a beleza se prolonga e emerge de todas as partes do corpo que podem ser transformadas.

(Quadro 9)

Playboy	
88	"Energia: o prazer de comer sem medo do colesterol" (Playboy, fevereiro de 1990).
89	"Guia para um rosto mais jovem, atraente (sempre másculo)" (Playboy, junho 1990).
90	"Boas notícias. Está mais fácil manter a forma. Equipamentos inteligentes. Como perder calorias com prazer" (Playboy, julho de 1990).
91	"O homem no Espelho. Hospede-se num spa e perca peso em ritmo de férias" (Playboy, agosto de 1991).
92	"Sensacional. Faça amor e perca peso" (Playboy, maio de 1992).
93	"Com menos de meia hora por dia é possível entrar em forma" (dezembro, 1999)
94	"Alongamento. Para ficar numa boa, estique" (Playboy, julho de 2000).
95	"Fitness no escritório" (Playboy, agosto de 2000).
96	"Nosso repórter perdeu aquela barriga indecente. Você também pode!" (Playboy, novembro de 2000).
97	"Corpo: testamos 6 produtos para a barba" (Playboy, dezembro de 2000).
98	"Quantas horas de malhação custa um peru de Natal" (Playboy, dezembro de 2000).
99	"Fitness. Esconda sua academia dentro de casa" (Playboy, fevereiro de 2001).
100	"Ioga. Relaxa, companheiro" (Playboy, abril de 2001).
101	"Malhação inteligente: a nova técnica de musculação total" (Playboy, julho de 2001).
102	"Boxe. A malhação porrada" (Playboy, agosto de 2001).

- 103 “**Plástica sem bisturi. Desenruegue essa cara**” (Playboy, setembro de 2001).
- 104 “**Dieta. Quer comer porcaria e não engordar?**” (Playboy, dezembro de 2001).
- 105 “**Barriga, pneu, celulite. Esmague tudo isso com Halteres**” (Playboy, fevereiro, 2002).
- 106 “**Vai, tigrão! Vire bicho com a ginástica animal**” (Playboy, maio de 2002).
- 107 “**Confira dicas de novos produtos para marmanjos**” (Playboy, maio de 2002).
- 108 “**Os homens estão cada vez mais cuidando do corpo. Olhe a sua volta e conte cinco caras, pelo menos um deles usa algum creme de tratamento. Nos salões de beleza, um quarto da freguesia tem barba e fala grosso. Indústrias de cosméticos já percebeu essa mudança de hábito e lança, todos os dias, novos produtos no mercado. Veja nestas páginas algumas novidades**” (maio, 2002).
- 109 “**Vaidade. Nosso repórter-macho passou sete horas em um salão de beleza masculino**” (Playboy, junho de 2002).
- 110 “**Corpo. Posições alternativas para perder a barriga**” (Playboy, outubro de 2002).
- 111 “**Fitness. Testamos 8 esteiras ergométricas... cansamos rapidinho**” (Playboy, março de 2003).

Com relação às *formulações-reformulações* que aparecem no quadro 9, as denominações referenciais sublinhadas nos remetem às seguintes posições de sujeito: **da educação física**, na qual o corpo masculino pode ser controlado e transformado através das ginásticas aeróbicas e anaeróbicas; **da cirurgia estética**, na qual o corpo masculino pode ser controlado e transformado através das práticas da *ritidoplastia* (rejuvenescimento do rosto), *abdominoplastia* e *dermolipectomia* (retirada de abdômen globoso ou “em avental”); e **da estética e cosmetologia**, na qual o corpo masculino pode ser controlado e transformado através dos produtos cosméticos para tratamentos do corpo; **da dermatologia**, na qual o corpo masculino pode ser controlado e transformado pelo uso de *microinjeções de toxinas* e pelo uso de *outras técnicas* para rejuvenescimento do rosto.

Nos discursos do cuidado de si materializados nas *formulações-reformulações* apresentadas no quadro 9, o corpo masculino também é material para ser moldado, transformado, esculpido, recriado por variadas técnicas de embelezamento.

As posições de sujeito assinaladas indicam reconfiguração no domínio de saber que regula o que deve e não deve ser dito sobre o cuidado do corpo masculino no âmbito da formação discursiva. Nos discursos do cuidado de si, surgem novas práticas de embelezamento através das quais o homem-*Playboy* deve se constituir como sujeito que governa seu corpo. E a beleza do corpo está associada à juventude, ao corpo viril, modelado e enrijecido, ao ideal do corpo perfeito de Adônis²¹⁶; a beleza é construída e, também, faz parte de um trabalho diário.

7.2.2 DISPOSITIVO DE CONTROLE-ESTIMULAÇÃO DE EMBELEZAMENTO DO CORPO: POSIÇÕES DE SUJEITO, PODERES E SABERES

A partir dos referenciais assinalados nos trajetos de *formulações-reformulações* da formulação “corpo e práticas de embelezamento”, apresentadas nos quadros de 1 a 9, tentamos mostrar que, nas revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, os discursos do cuidado de si são sustentados por diferentes posições de sujeito que configuram o domínio de saber que regula o que deve e o que não deve, o que pode e o que não pode ser formulável sobre o cuidado do corpo feminino e masculino no âmbito de uma mesma de uma mesma formação discursiva.

Vimos no capítulo 2 que, para Foucault (1975, 1976a; 1976b, 1976c), o poder não se localiza em uma única instância, mas em vários pontos que funcionam como micropoderes, móveis e transitórios, a que nada e a ninguém escapa, o que não exclui os inúmeros pontos de resistência.

²¹⁶ Na mitologia grega, Adônis é meio homem meio Deus e representa o máximo de beleza masculina.

Segundo o autor, não há relação de poder sem constituição de saber e nem relação de saber sem constituição de poder. E todo ponto de exercício de poder é um lugar de formação de saber. Daí a positividade do poder.

Partindo de Foucault, podemos postular que as posições de sujeito identificadas nas *formulações-reformulações* apresentadas nos quadros de 1 a 9, ou seja, as posições *de sujeito da cirurgia estética, da nutrologia, da dermatologia, da estética e cosmetologia capilar, facial e corporal, da educação física, da massoterapia, da odontologia estética, etc*, funcionam como micropoderes, como lugares de formação de saberes sobre o cuidado de si que se distribuem numa rede de dispositivos que atualizam a antiga necessidade de controlar o corpo.

Dessa forma, as posições, enquanto lugares de produção de saber, (e as práticas de embelezamento que produzem) não produzem saberes somente para o corpo feminino, pois são móveis e transitórios.

Essa rede heterogênea de poderes constitui incessantemente o domínio de saber da formação discursiva em questão. O que significa dizer que esse domínio de saber ou *forma-sujeito* é dividida e dispersa, ou seja, constitui-se na relação interdiscursiva ou heterogênea de micropoderes que produzem, respectivamente, saberes sobre o cuidado do corpo feminino e do corpo masculino.

Partindo da noção de dispositivo²¹⁷ da sexualidade postulada por Foucault (1976a), denominamos essa rede heterogênea de poderes de *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo*.

²¹⁷ Ao discutir a noção de dispositivo em seu trabalho, Foucault (1977d) afirma que o dispositivo “está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, ligado a uma ou mais configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (p.246)

7.2.3 CONTROLE-ESTIMULAÇÃO DOS CORPOS “DÓCEIS”: BELEZA, SAÚDE, PRAZER E BEM ESTAR

A cultura do consumo e a cultura de massa coincidem com a ascensão do poder-saber das estéticas do corpo. Esse fenômeno pode ser interpretado como tecnologias do poder disciplinador do corpo.

Com base em Foucault, podemos afirmar que os discursos do cuidado de si, enquanto práticas discursivas, são elementos teóricos que integram o poder disciplinar²¹⁸ do corpo e que as práticas e técnicas de controle do corpo feminino e masculino constituem os elementos não discursivos desse poder.

O objetivo das disciplinas é a construção de corpos “dóceis”, como salienta Foucault: .

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)." (Foucault, 1975: 127).

As análises das *formulações-reformulações* indicam que a partir da década de 60 do século XX, o corpo feminino e o corpo masculino

²¹⁸“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ (...) Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo,. (...) Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (...) têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo (...) O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de um relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (Foucault, 1975a:126-7).

são submetidos a novos controle-dominação-estimulação capitalista, através dos quais os indivíduos se transformam historicamente em sujeitos que governam seus corpos “dóceis”. Nos discursos do cuidado de si, cuidar do corpo significa cuidar de si mesmo, afirmar-se e se sentir bem²¹⁹.

É no funcionamento da relação poder-saber, ou seja, na relação das posições de sujeito identificadas e o saber sobre o cuidado de si por elas produzidas que é produzida a verdade do sujeito sujeitado pelas práticas disciplinares de embelezamento do corpo, nesse período.

Podemos perceber que, a partir da década de 60 do século XX, a dominação capitalista em relação ao *corpo e a vida* passa da ordem político-jurídica para a ordem tecnocientífica empresarial que controla e estimula o governo de si através da autocriação e autoapropriação do corpo, que significa que através do governo de si, a beleza é construída.

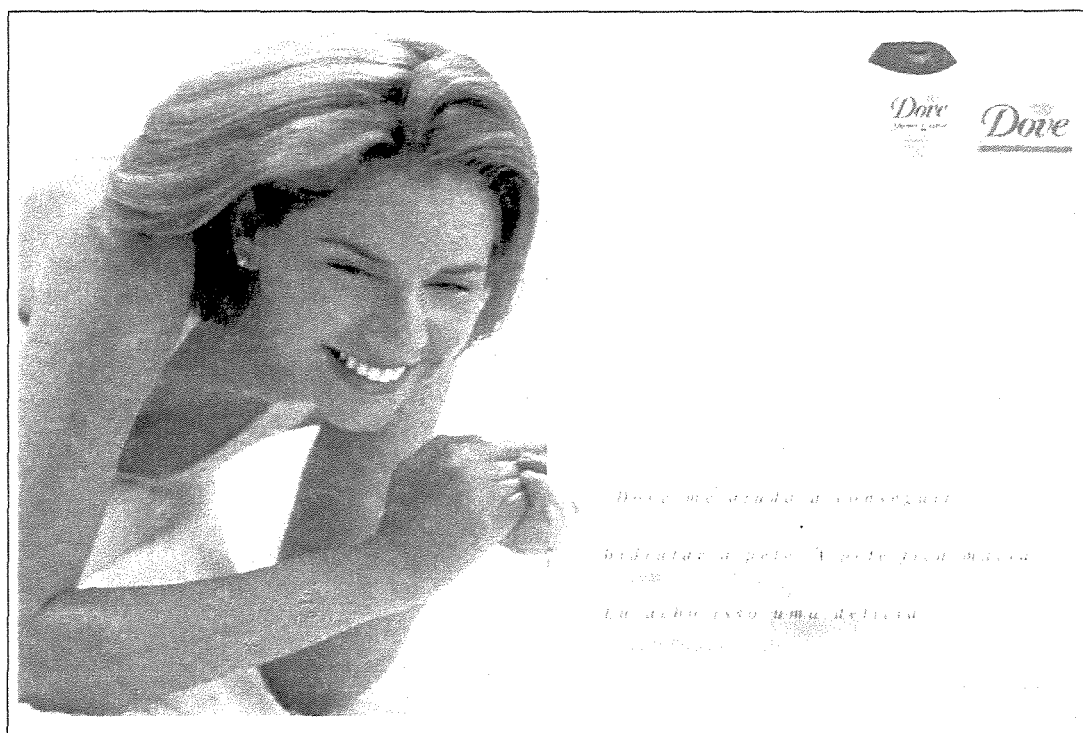
Na ordem tecnocientífica empresarial, o corpo é objeto de explorações comerciais, de diferentes manipulações científicas e industriais e deve ser controlado diariamente para prolongar a vida. Nesse exercício do *biopoder*, legitima-se a importância corpo, apagando-se as fronteiras entre beleza, saúde, prazer e bem estar, como podemos ver em (17) “**Emagreça com todo o prazer (..)**” (Claudia, março de 1983); (31) “**Dieta de 15 dias. Para você emagrecer rápido, sem sofrer até 5 kg em 15 dias**” (Nova, agosto de 1989), (88) “**Energia: o prazer de comer sem medo do colesterol**” (Playboy, fevereiro de 1990).; (56) “**Caminhar faz muito bem! Você pode emagrecer, diminuir o estresse fortalecer o coração e os músculos**” (Claudia, junho de 1999); (57) “**Alimentos que combinam com a vida que você leva, cuidam da sua saúde e ainda por cima deixam você mais bonita**” (Claudia, novembro de 1999);

²¹⁹ Dados recentes da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica confirmam que vaidade não tem sexo nem idade. O total de cirurgias realizadas no país em 2001 ultrapassou 300 mil, sendo 70% em pacientes mulheres e 30% em homens - desse total 13% eram adolescentes.

(61) “*Dietas para você emagrecer, ganhar pique, prevenir o câncer, baixar o colesterol*” (*Claudia*, abril de 2001).

Nos discursos do cuidado de si materializados nessas formulações, a beleza é associada à saúde, ao prazer e ao bem estar emocional. Há uma relação direta entre aparência e auto-estima, ou seja, a beleza liga-se ao aspecto moral e psicológico.

Nos discursos do cuidado do corpo feminino materializados nos anúncios publicitários de produtos de beleza, a mulher que faz uso dos produtos torna-se mais bela e satisfeita com ela mesma, como podemos ver nas peças publicitárias veiculadas em *Claudia* e *Nova*, a seguir:



(fig.1)²²⁰

No anúncio publicitário da figura 1, há um jogo entre a linguagem verbal e a linguagem não-verbal. Do lado esquerdo, aparece

²²⁰ *Nova*, março de 1999.

uma fotografia de uma modelo sorrindo e feliz; do lado direito, a formulação “*Dove me ajuda a conseguir hidratar a pele. A pele fica macia... Eu acho isso uma delícia*”.



(fig.2)²²¹

No anúncio publicitário da figura 2, há, também, um jogo entre a linguagem verbal e a linguagem não-verbal. Na parte superior, é apresentada a seguinte formulação “*Como agradar a você mesma*”; no centro da página, a foto de uma modelo seminua, sentada num sofá e passando a mão na pele; no lado direito, a fotografia do produto cosmético para a pele; na parte inferior, a formulação lingüística “*Sinta-se bem com a sua pele*”.

²²¹ *Claudia*, março de 1998.

Na materialidade verbal e não-verbal dos dois anúncios publicitários, o discurso do cuidado de si está associado ao prazer de si, prazer do próprio corpo. Há legitimação da sedução, do gosto pela juventude e das paixões narcísicas: a mulher é a primeira a se ver, a se tocar e se comprazer com a própria imagem, com o próprio corpo.

No discurso do cuidado de si do corpo feminino, o amor próprio ganha positividade, mas a busca dos ideais de perfeição corporal tem, também, como finalidade a sedução do *outro*, como podemos ver no anúncio abaixo:



(fig.3)²²²

Na peça publicitária da figura 3, no centro, é apresentada uma fotografia em que aparece uma mulher agarrando um homem pelas costas e com os cabelos caídos em volta da cabeça do homem; na parte inferior do lado direito, fotografias de embalagens de produtos para os cabelos; na parte superior do lado direito, a formulação “Agarre seu

²²² Nova, junho de 1999.

homem pelos cabelos". No discurso do cuidado de si materializado no jogo intersemiótico desse anúncio, os cabelos tratados da mulher funcionam como instrumentos de sedução.

Não só os cabelos da mulher funcionam como instrumento simbólico de sedução do *outro*, como podemos ver em (76) *"Novidades para lábios mais sensuais. Sem cirurgia"* (Nova, setembro de 1996); (79) *"Gostosa, cheia de curvas, sexy e alto-astral: é assim a musa de 2000 (...)"* *"A ginástica que arredonda os músculos do jeito que os homens gostam"* (Nova, outubro de 1999); (82) *"Guia de cabelos. Cortes e penteados na medida certa das suas emoções para... virar a cabeça dos homens (...)"* (Nova, junho de 2002); (86) *"Beleza inteligente. Aumente seu poder de fogo, acabe com a concorrência. Nós ensinamos a valorizar o que você tem de melhor: um cabelo matador, uma boca apetitosa, uma barriga sexy"* (Nova, maio de 2003).

Nos discursos do cuidado de si materializados nas formulações acima, a sedução se apóia na aparência e na estratégia de valorização estética de todas as partes do corpo feminino, cujo valor simbólico é físico e sexual. Na significação erótica de beleza-saúde da ordem tecnocientífica empresarial, amar a si mesmo, cuidar de si e agradar aos outros se tornaram atitudes legítimas.

Enfim, na positividade atribuída ao cuidar de si aliado ao prazer de si, o **corpo fragmentado** em cabelos, rosto, olhos, nariz, boca, seios, coxas, músculos, glúteos, quadris funciona como um investimento e beleza e saúde funcionam como capital que inclui ginástica, regimes alimentares, usos de produtos estéticos, técnicas, como a da cirurgia plástica, da lipoaspiração, dos tratamentos de saúde, etc.

Se na Antiguidade Grega e, depois, no Renascimento, o corpo se impõe como fonte de inspiração artística, a partir da década de 60 do século XX, na ordem do poder tecnocientífico empresarial, o corpo é o material sob o qual a arte se impõe e se expressa.

7.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, vimos que o corpo como lugar complexo de inscrição de acontecimentos heterogêneos, dispersos e descontínuos é marcado por práticas históricas e sociais que o constroem e o reconstroem, ou seja, é marcado por sistemas de submissão que produzem efeitos de poder-saber, no sentido de Foucault (1975a, 1976a, 1976b, 1976c).

Na tentativa de responder à questão “De que saberes e de que poderes tratam os discursos do *cuidado de si* nas revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, identificamos nas *reformulações* da formulação “corpo e práticas de embelezamento”, apresentadas nos quadros de 1 a 9, as posições de sujeito *da cirurgia estética, da nutrologia, da dermatologia, da estética e cosmetologia capilar, facial e corporal, da educação física, da massoterapia, da odontologia estética, etc.*, assinaladas nas *forumulações-reformulações*. Postulamos que essas posições funcionam como micropoderes, ou seja, como lugares de formação de saberes sobre o cuidado de si. No exercício desse *biopoder*, como vimos, não há fronteiras entre beleza, saúde, prazer e bem estar.

Vimos que os discursos do cuidado de si nas três revistas originam-se em uma formação discursiva cujo domínio de saber ou *forma-sujeito* constituídos pela rede heterogênea desses micropoderes que produzem, respectivamente, saberes sobre o cuidado do corpo feminino e do corpo masculino. A essa rede denominamos de *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo*. Esse dispositivo, como vimos, é tecnocientífico empresarial. Nele, o cuidado do corpo feminino e masculino é industrializado e mercantilizado.

Se a beleza até a primeira metade do século XX era um dom, a partir da segunda metade do século XX até o início do século XXI, nos discursos do cuidado de si, a beleza é construção conquistada através do governo de si que se estende ao governo do corpo diário de *si* sobre *si*.

No *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo*, a beleza, que foi personificada no corpo masculino na Grécia Antiga e no corpo feminino desde o Renascimento, passa a ser atributo tanto de feminilidade quanto de masculinidade, a partir da década de 60, ganhando força na década de 70 do século XX.

Apesar de nos discursos de cuidado de si a beleza ser atributo tanto de feminilidade e de masculinidade a partir da segunda metade do século XX, podemos postular que, a partir da rede heterogênea de poder-saber em que se inscreve o *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo*, a significação da beleza permanece assimétrica, ou seja, a beleza não tem o mesmo sentido social no masculino e no feminino.

A partir dos discursos do cuidado de si em *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, podemos afirmar que a mulher se constitui como sujeito que governa o seu corpo através de mais práticas de embelezamento do que o homem.

Se as práticas de embelezamento através das quais o homem se constitui como sujeito que governa o seu corpo circunscrevem aos cabelos, à calvície, às rugas do rosto, à barriga, ao fortalecimento dos músculos, as práticas estéticas através das quais a mulher se constitui como sujeito que governa o seu corpo dizem respeito ao corpo como um todo.

Nesse sentido, podemos postular que *Claudia*, *Nova* e *Playboy* não estão na origem do *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo*, mas o acompanha, dando legitimidade social

e propagando as práticas de embelezamento por intermédio das instâncias especializadas, mantendo a divisão tradicional dos universos feminino e masculino.

As *reformulações-paráfrases* da formulação “corpo e práticas de embelezamento”, apresentadas nos quadros de 1 a 9, e os anúncios publicitários das figuras 1, 2 e 3 apontam que é pela repetição que se fortalece a cultura do espaço íntimo no qual o corpo feminino e o corpo masculino ganham lugar de destaque nas revistas.

Em Silva (1998), afirmamos que as experiências de embelezamento e de cuidado com o corpo que outrora eram segredos vividos por amigas longe da vigilância masculina e médica²²³ passam a ser fruto de um trabalho individual e cotidiano da mulher sobre o seu corpo, trabalho que não cessa de ser lembrado pela revista *Claudia*. Acrescentamos, que as práticas de embelezamento do corpo feminino não cessam de ser lembradas, também, pela revista *Nova*, e que as práticas de embelezamento do corpo masculino não cessam de ser lembradas por *Playboy*. Nos discursos do cuidado de si nas três revistas, tudo depende do governo do corpo através de técnicas que são acessíveis à mulher e ao homem, principalmente, da classe média. Nesses discursos, o corpo é apresentado como materialidade simbólica de significação para *si* e para o *outro*.

Considerando o sujeito em sua relação com o poder-saber-ética, e que um tempo não origina o outro, apesar de lhe criar condições de aparecimento, defendemos a hipótese de que a mídia não cria verdades e nem padrões de beleza, mas contribui para o controle-estimulação das práticas de embelezamento do corpo feminino e masculino, produzindo o desejo da apropriação da estética de si.

Apesar de o discurso sobre o “governo de si”, ter aparecido na cultura grega, não desapareceu nem no século XVII e nem nos dias

²²³ A esse respeito ver, também, Sant’Anna (1995).

atuais. Ao contrário, como podemos verificar nas formulações de *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, parece ter acontecido algumas modificações no que se refere aos modos de sujeição, aos tipos de técnicas e procedimentos e aos objetivos, mas “a ‘tecnologia de si’, como sugere Foucault, constitui um domínio cuja história é preciso fazer.

8

CORPO E EROTISMO ENCENADO:

FEMINILIDADE E MASCULINIDADE COMO ESPETÁCULO

La seducción es aquello que no tiene representación posible, porque la distancia entre lo real y su doble, la distorsión entre el Mismo y el Otro está abolida

(Jean Baudrillard, *De la séduction*)

8.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No capítulo 7, afirmamos que nas revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy* o corpo feminino e o corpo masculino são apresentados como materialidade simbólica de significação para *si* e para o *outro*.

Defendemos, também, que há um *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo* feminino e masculino e que nesse dispositivo o corpo é objeto de explorações comerciais, de diferentes manipulações científicas e industriais responsáveis pela construção da beleza que exige disciplina e governo diário através de práticas de embelezamento.

Considerando que o corpo submetido a diferentes modos de sujeição, técnicas e procedimentos de embelezamento funciona como materialidade simbólica de significação na construção social da feminilidade e da masculinidade e de significação para *si* e para o *outro*, discutiremos, neste capítulo, o funcionamento discursivo da feminilidade e da masculinidade como espetáculo nas três revistas.

No capítulo 3, argumentamos que assim como o discurso é uma das formas de materializar a ideologia, a língua é apenas uma das

formas de materializar o discurso e não a única. A partir de postulados teóricos que discutimos nos capítulos 2 e 3, defendemos que a análise de discurso, enquanto disciplina de interpretação, deve construir procedimentos para expor o olhar-leitor a opacidade tanto da língua quanto de outros domínios semióticos, pois consideramos que as materialidades discursivas não se restringem ao verbal e que, assim como a língua, os diversos domínios semióticos não são transparentes.

Desta forma, se, no capítulo, anterior trabalhamos a opacidade da materialidade verbal, neste capítulo trabalharemos a opacidade da materialidade pictórica, a partir do que denominaremos de rede de *formulações-reformulações parafrásticas* de imagens sobre o corpo como espetáculo.

8.2 A FEMINILIDADE COMO ESPETÁCULO EM *CLAUDIA* E *NOVA*

A revista *Claudia*, no final da última década do século XX, acentua a discursividade da feminilidade como espetáculo, aproximando-se da revista *Nova* que, desde a década de 70, é marcada pela discursividade do erotismo tanto nas materialidades pictóricas quanto nas materialidades lingüísticas.

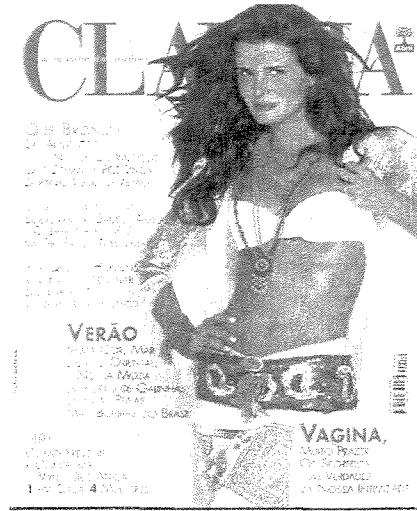
A feminilidade nas duas revistas funciona como um espetáculo para o *outro* e para *si* e está ligada ao discurso do erotismo do corpo que visa tanto ao olhar masculino quanto ao olhar feminino.

No discurso do erotismo do corpo, a referência ao olhar feminino heterossexual encontra-se presentificada nas capas dos periódicos onde modelos sorridentes e sensuais disputam a atenção das leitoras. É um espetáculo destinado a seduzir mulheres consumidoras, criando um simulacro da mulher fatal.

No conjunto de materialidades simbólicas (lingüísticas e pictóricas) das capas, os discursos presentificados resumem-se em: “Você pode ser como eu”.



(fig.1)²²⁴



(fig.2)²²⁵



(fig.3)²²⁶



(fig.4)²²⁷

²²⁴ Claudia, agosto de 2001.

²²⁵ Claudia, janeiro de 2002.

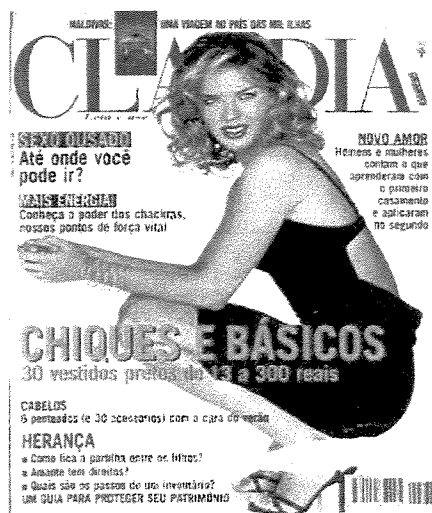
²²⁶ Nova, abril de 1995.

²²⁷ Nova, julho de 2002.

Nesse discurso do erotismo, o olhar feminino heterossexual está relacionado ao voyeurismo, ou seja, ao prazer de as mulheres olharem outras mulheres, desde fotografias de modelos (ou personalidades famosas, no caso da revista *Nova*) que aparecem nas capas a fotografias de modelos que aparecem no interior das revistas. É o erotismo ligado ao consumo simbólico das imagens.

Para cada estação ou situação uma imagem opaca apropriada, associando sempre prazer do olhar e consumo (com relação à moda de vestuário, à moda da estética do corpo e ao comportamento sexual).

Salientamos que, apesar de a feminilidade funcionar como espetáculo nas duas revistas, geralmente, as fotografias de mulheres que aparecem nas capas e no interior da revista *Claudia* materializam o discurso do erotismo *soft*, o que é determinado pela moral sexual que sustenta a revista, como podemos ver no jogo de *formulações-reformulações* das imagens a seguir:

(fig.5)²²⁸(fig.6)²²⁹

²²⁸ *Claudia*, fevereiro de 1998.

²²⁹ *Claudia*, abril de 2001.



(fig.7)²³⁰



(fig.8)²³¹



(fig.8)²³²



(fig.9)²³³



(fig.10)²³⁴

Em *Nova*, ao contrário de *Claudia*, podemos assinalar na atualidade das materialidades pictóricas o discurso do erotismo *hard*. Como vimos no capítulo 5, esse discurso é determinado pelo *ethos* da revista que desde o seu surgimento sustenta a moral sexual em que a

²³⁰ *Claudia*, agosto de 2002.

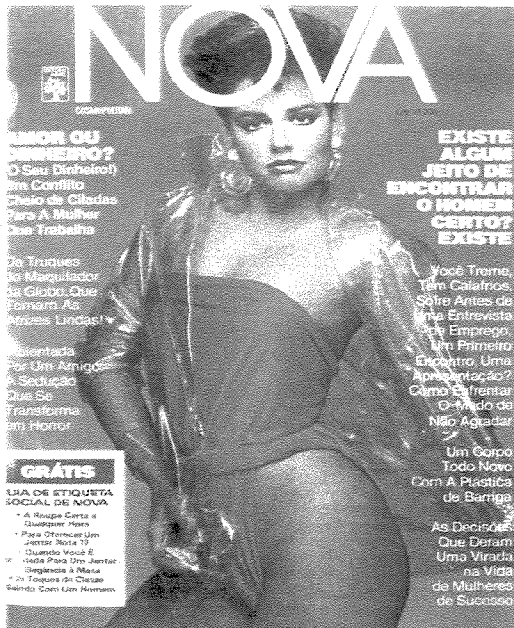
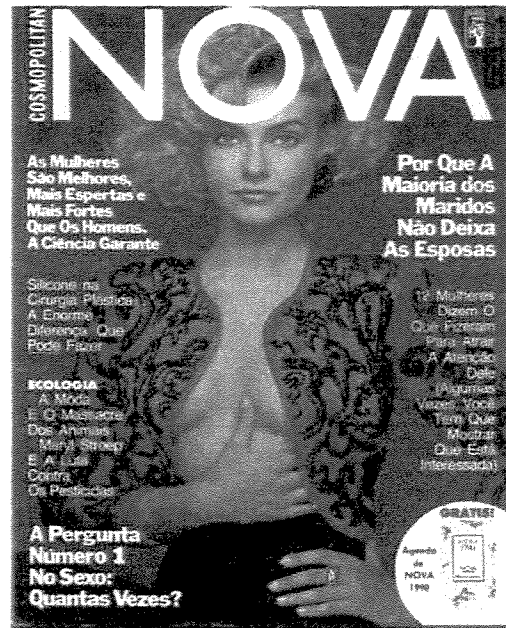
²³¹ *Claudia*, outubro de 2002.

²³² *Claudia*, maio de 2000.

²³³ *Claudia*, fevereiro de 2002

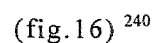
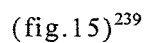
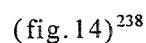
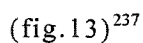
²³⁴ *Claudia*, outubro de 2002

mulher toma iniciativa, vive com liberdade a sua sexualidade, governa e cuida de si, busca o prazer e o erótico. Assim, a feminilidade como espetáculo está materializada nas imagens dos corpos femininos erotizados, insinuantes, sedutores, que aparecem vestidos, seminus ou nus nas edições da revista, como podemos ver na rede de *formulações-reformulações* abaixo:

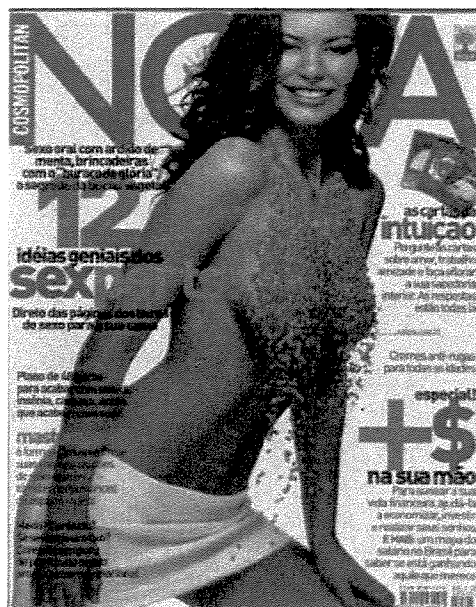
(fig.11)²³⁵(fig.12)²³⁶

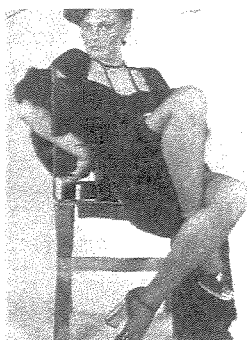
²³⁵ Nova, agosto de 1985.

²³⁶ Nova, dezembro de 1989.

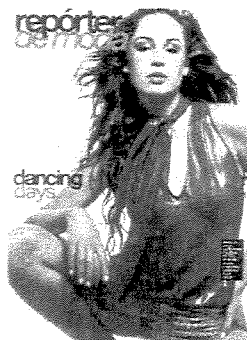


²⁴⁰ Nova, novembro de 1999.

(fig. 17)²⁴¹(fig. 18)²⁴²(fig. 19)²⁴³(fig. 20)²⁴⁴²⁴¹ Nova, julho de 2000.²⁴² Nova, abril de 2001.²⁴³ Nova, agosto de 2001.²⁴⁴ Nova, março de 2002.



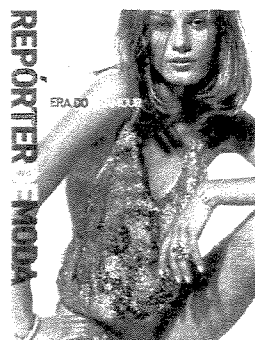
(fig.21)²⁴⁵



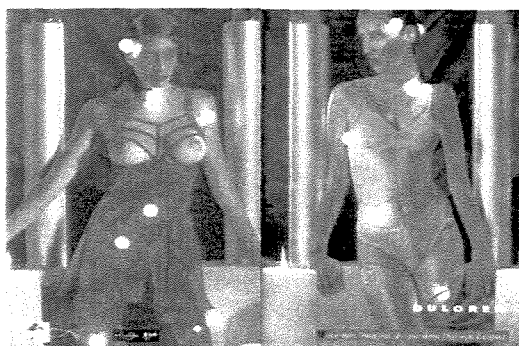
(fig.22)²⁴⁶



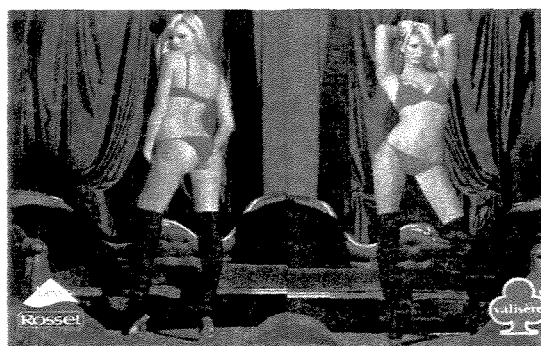
(fig.23)²⁴⁷



(fig.24)²⁴⁸



(fig.25)²⁴⁹



(fig.26)²⁵⁰



(fig.27)²⁵¹



(fig.28)²⁵²

²⁴⁵ Nova, maio de 1974.

²⁴⁶ Nova, março de 1999.

²⁴⁷ Nova, dezembro de 2000.

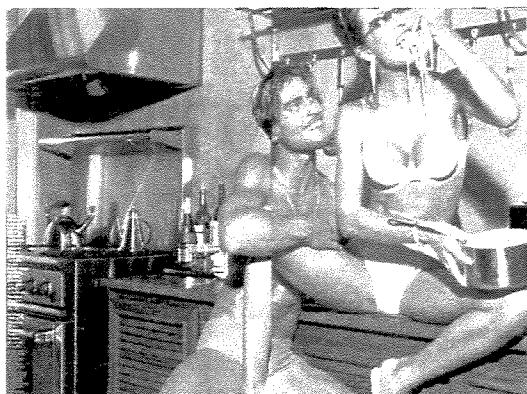
²⁴⁸ Nova, dezembro de 2002.

²⁴⁹ Nova, fevereiro de 2001.

²⁵⁰ Nova, dezembro de 2002.

²⁵¹ Nova, dezembro de 2002.

²⁵² Nova, março de 2003.

(fig.29) ²⁵³(fig. 30) ²⁵⁴

No discurso do erotismo materializado nas *formulações-reformulações pictóricas* acima, a mulher é antes de tudo a que admira sua própria imagem. Ela se olha e se dá para ser olhada pelos homens.

O corpo feminino positivado, fetichizado e encenado em *Nova* funciona como um espetáculo contemplado nascisicamente pela mulher e pelo homem. Podemos afirmar, com Baudrillard (1976), que o privilégio erótico do corpo feminino opera para as mulheres tanto quanto para os homens.

Com relação ao olhar feminino heterossexual nas revistas, concordamos com Morin (1967) que afirma:

Essas imagens que provocam o desejo masculino ditam à mulher suas condutas sedutoras. Constituem os modelos junto aos quais ela irá buscar seus poderes... É para submeter que a mulher se submete ao ideal de sedução e aos figurinos modelos do erotismo padronizado (p.7).

²⁵³ *Nova*, março de 2003.

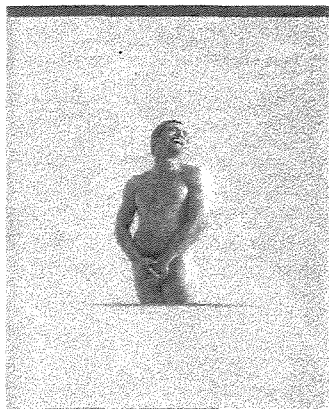
²⁵⁴ *Nova*, março de 2003.

8.3 A MASCULINIDADE COMO ESPETÁCULO EM *CLAUDIA* E *NOVA*

Vimos que a feminilidade como espetáculo está ligada ao discurso do erotismo do corpo que visa tanto ao olhar masculino quanto ao olhar feminino e que a referência ao prazer voyerista feminino está associado ao erotismo ligado ao consumo simbólico das imagens que materializam a moda de vestuário, a moda estética do corpo e o comportamento sexual.

O prazer voyerista feminino nas revistas não pode, entretanto, ser reduzido ao prazer de as mulheres olharem imagens de outras mulheres. Além do discurso da feminilidade como espetáculo, podemos identificar nas revistas o discurso da masculinidade como espetáculo que visa somente ao olhar feminino. É o prazer de as mulheres olharem imagens de homens vestidos, nus ou seminus.

Em *Claudia*, no discurso da masculinidade como espetáculo, o olhar feminino está ligado ao prazer de ver fotografias de homens elegantes, famosos, vestidos, etc. Raramente são apresentados corpos seminus ou nus, como nas *formulações-reformulações* abaixo.



(fig.31)²⁵⁵



(fig.32)²⁵⁶

²⁵⁵ *Claudia*, novembro de 2000.

²⁵⁶ *Claudia*, novembro de 2001.

Segundo Mira (2001),

às mulheres raramente interessa ver apenas o corpo nu dos homens. Ao que parece, elas preferem vê-lo vestido, uma vez que o entorno fala mais sobre o seu interior, sua maneira de ser, sobre aquilo de que ele raramente fala: seus sentimentos (p.120).

Em outras palavras, conforme a autora, não há prazer do olhar feminino pelo corpo nu masculino.

Em uma reportagem da revista *Claudia*, veiculada em junho de 1999, de um lado, podemos assinalar em algumas formulações lingüísticas uma posição de sujeito que reforça a observação de Mira (2001):

- “Por mais que sejam visualmente picantes, elas dificilmente nos deixarão prontas para o sexo. Nossa excitação depende de algo mais sofisticado do que um simples folhear de revistas picantes” (*Claudia*, junho de 1999).
- “Para ter vontade de transar com o ator ou modelo da revista, preciso mais do que o estímulo visual. Preciso também ser olhada, ser tocada” (*Claudia*, junho de 1999).

Mas, por outro lado, na mesma reportagem, podemos assinalar em outras formulações lingüísticas a posição de sujeito que aponta uma moral sexual modificada em que as mulheres se interessam pela nudez masculina, contrariando a observação de Mira (2001).

- “Se antes não dávamos muita bola (pelo menos aparentemente) para isso, agora achamos divertido comparar certas partes da

anatomia masculina e admitimos com naturalidade o quanto elas nos atraem – como fazem há décadas nossos pais, irmãos, maridos e namorados com as imagens das mulheres nuas” (Claudia, junho de 1999).

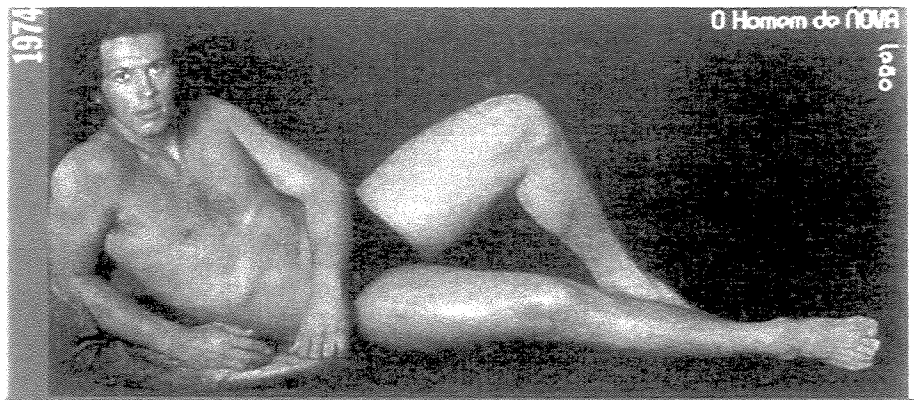
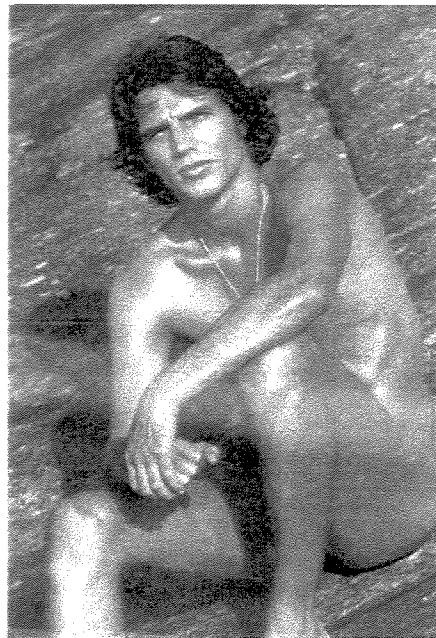
- “Gosto de ver, Crio fantasias com o homem da foto e tenho vontade de ter relações sexuais com meu marido” (Claudia, junho de 1999).
- “Assim como as mulheres, os homens deveriam mostrar tudo e não apenas o trivial. Esconder o pênis prova que ainda são machistas e morrem de vergonha de tirar a roupa” (Claudia, junho de 1999).

No jogo da rede heterogênea do poder-saber presentificado nas formulações lingüísticas da reportagem veiculada em *Claudia*, o discurso da masculinidade como espetáculo está ligado ao prazer de a mulher olhar fotografias de homens famosos e vestidos, mas também de homens *seminus* e *nus*, a exemplo da figuras 31 e 31.

Na moral sexual de *Nova*, por sua vez, o discurso da masculinidade como espetáculo está ligado ao prazer voyerista feminino de ver homens *nus*, *seminus*, sensuais e provocantes²⁵⁷, como veremos a seguir

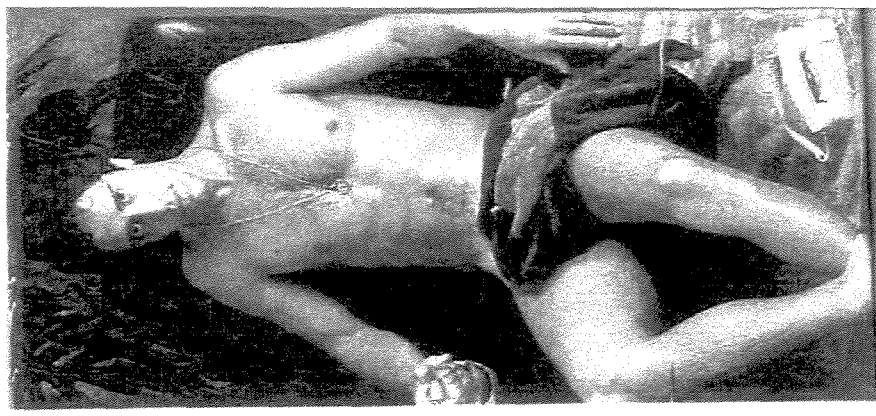
Em *Nova*, o discurso da masculinidade como espetáculo associado ao prazer de a mulher olhar imagens de homens pode ser assinalada em várias materialidades pictóricas da revista que desde 1974 presenteia, não raramente, à leitora com um encarte do “Homem ou gato de Nova”, que pode ser tirado da revista, assim como o encarte da *Playmate* do mês da revista *Playboy*, como podemos ver a seguir:

²⁵⁷ Comum em revistas como *Intima*²⁵⁷ (revista para mulheres heterossexuais) e *G Magazine* (revista para homens homossexuais), o discurso da masculinidade como espetáculo é materializado em *Nova* desde o seu surgimento, mas sem a nudez frontal.

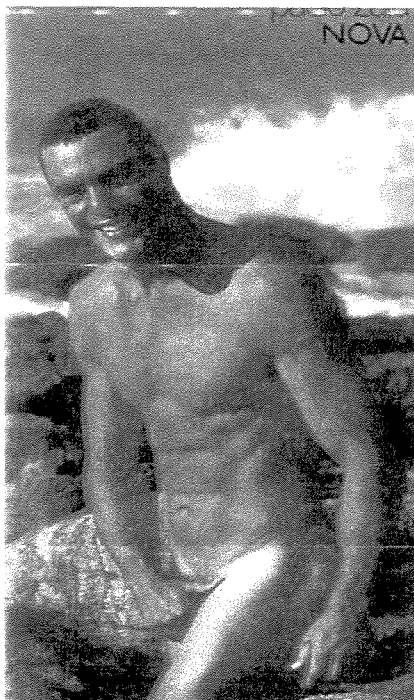
(fig. 33)²⁵⁸(fig. 34)²⁵⁹

²⁵⁸ Nova, setembro de 1974.

²⁵⁹ Nova, setembro de 1975.



(fig.35)²⁶⁰



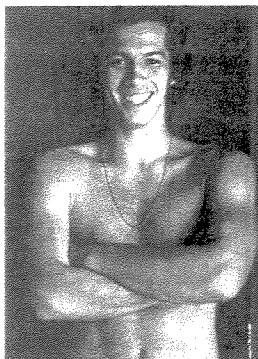
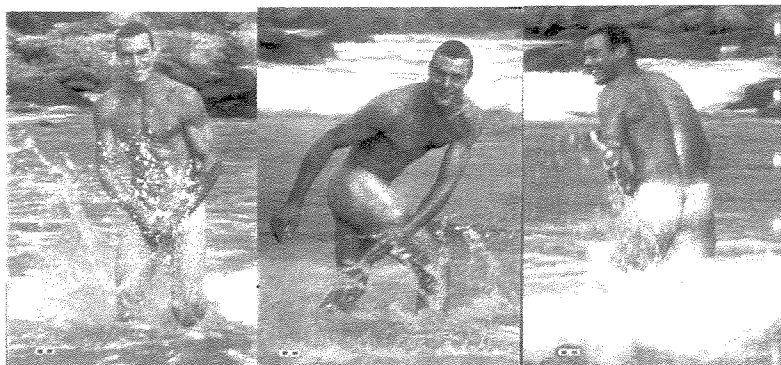
(fig.36)²⁶¹

²⁶⁰ *Nova*, setembro de 1975.

²⁶¹ *Nova*, setembro de 1999.

(fig.38)²⁶²

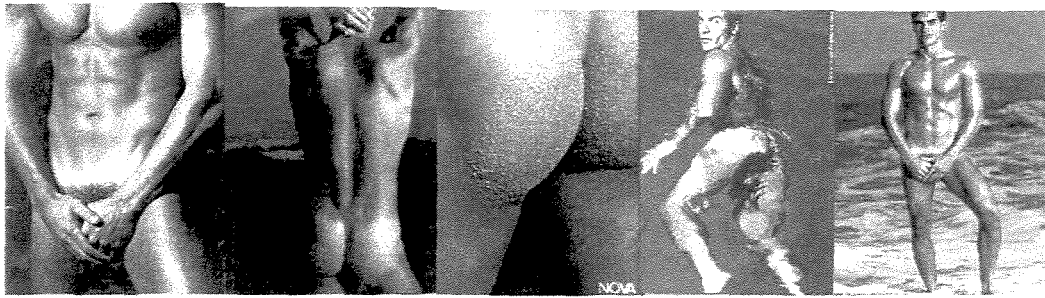
Além dos encartes, é comum em edições de aniversário a revista presentear a leitora na qual investe com ensaios fotográficos de modelos que são oferecidos nus como objetos de prazer, em diferentes ângulos, posições e situações, como as que mostramos na rede a seguir:

(fig.39)²⁶³(fig.40)²⁶⁴

²⁶² *Nova*, setembro de 2002.

²⁶³ *Nova*, setembro de 1974.

²⁶⁴ *Nova*, setembro de 1999.



(fig.41)²⁶⁵



(fig.42)²⁶⁶



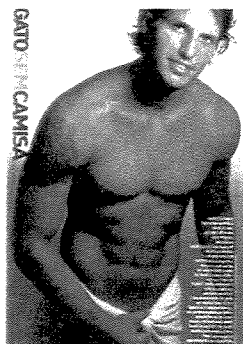
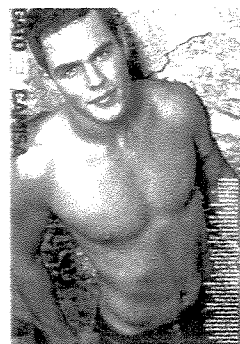
(fig.43)²⁶⁷

Além de a masculinidade como espetáculo aparecer no discurso do erotismo materializado nos ensaios fotográficos de homens nus nas edições de aniversário de *Nova*, aparece também no discurso do erotismo materializado em anúncios publicitários, como o da figura 44, e nas páginas da seção “Gato sem camisa”, como os das figuras 45, 36 e 47.

²⁶⁵ *Nova*, setembro de 2002.

²⁶⁶ *Nova*, setembro de 2002.

²⁶⁷ *Nova*, setembro de 2002.

(fig. 44)²⁶⁸(fig. 45)²⁶⁹(fig. 46)²⁷⁰(fig. 47)²⁷¹

Os corpos seminus e nus masculinos apresentados em *Nova* são fetichizados em desejos, são ofertados como objetos de prazer visual para serem consumidos à distância pela mulher investida no *ethos* da revista.

Se na discursividade da feminilidade como espetáculo o olhar feminino está associado ao prazer de a mulher olhar a estética do corpo, a moda do vestuário e o comportamento sexual de outras mulheres, na discursividade da masculinidade como espetáculo o olhar feminino está associado ao prazer de a mulher olhar a estética do corpo nu (*braços, pernas e abdomens firmes, talhados e esculpidos*), viril, sensual e erotizado de homens bonitos, ofertados como símbolos sexuais²⁷².

Nessa discursividade de *Nova*, a nudez masculina faz parte do consumo da sexualidade como mercadoria e o imaginário e a fantasia cumprem papel fundamental no jogo da representação erótico-

²⁶⁸ *Nova*, dezembro de 2002.

²⁶⁹ *Nova*, março de 2003.

²⁷⁰ *Nova*, abril de 2003.

²⁷¹ *Nova*, maio de 2003.

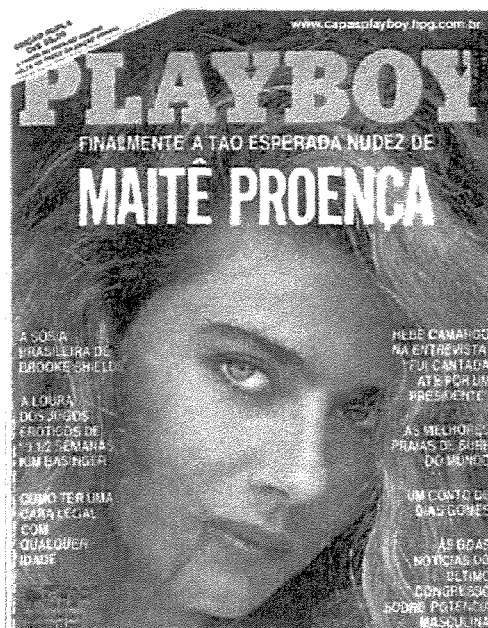
²⁷² Se em edições de aniversário até 2002 *Nova* trazia ensaio fotográfico de um homem nu, na edição de setembro de 2003, apresenta ensaio de sete homens nus. Nessa edição, a revista dirige-se à leitora através da seguinte formulação: “Desta vez, *Nova* foi mais longe e escolheu não um, mas sete homens para um ensaio fotográfico com sensualidade máxima. Os bonitões também falam de fantasias sexuais, da mulher ideal e de como curtem ser tocados. Mas as melhores revelações, claro, são a barriga de tanquinho, o bumbum esculpido, o tórax generoso”.

pornográfica, à semelhança da discursividade de *Playboy* no que tange à nudez feminina, como veremos a seguir.

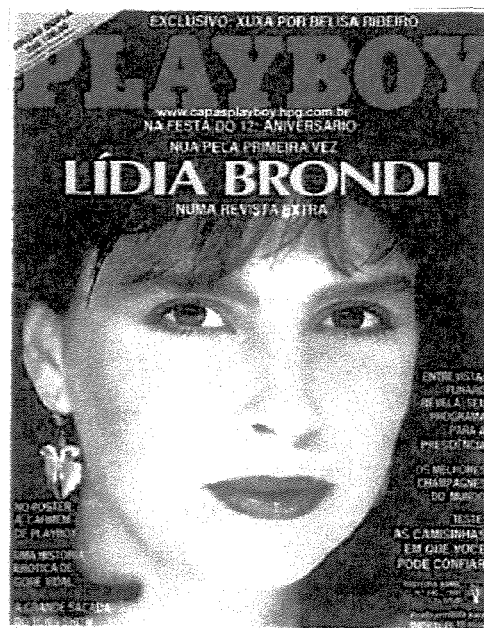
8.4 A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE COMO ESPETÁCULO EM *PLAYBOY*

A discursividade da feminilidade como espetáculo está presentificada nas edições da revista masculina *Playboy*, mas é diferente da forma como aparece nas revistas femininas *Cláudia* e *Nova*.

Playboy se aproxima de *Claudia*, quando apresenta na capa fotografia do rosto de uma mulher,



(fig.48)²⁷³



(fig.49)²⁷⁴

²⁷³ *Playboy*, fevereiro de 1987

²⁷⁴ *Playboy*, agosto de 1987.

e de *Nova*, quando apresenta na capa a fotografia de uma mulher seminua.

(fig.50)²⁷⁵(fig.51)²⁷⁶

Mas, diferentemente, de *Claudia* e de *Nova*, na revista *Playboy* a discursividade da feminilidade como espetáculo se restringe ao discurso do erotismo do corpo feminino que visa a um único olhar: o olhar masculino, ou seja, o prazer voyerista de o homem olhar o corpo nu ou seminua de mulheres que são materializados na maioria das capas e nos ensaios fotográficos apresentados no interior das edições, a exemplo das materialidades discursivas a seguir:

²⁷⁵ *Playboy*, dezembro de 1988.

²⁷⁶ *Playboy*, novembro de 2000.



(fig.52)²⁷⁷



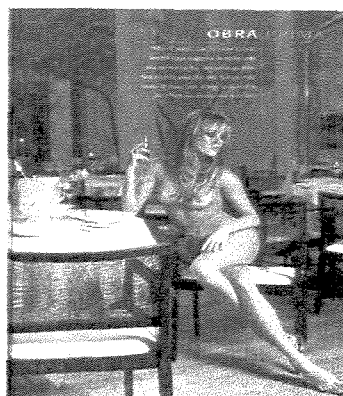
(fig.53)²⁷⁸



(fig.54)²⁷⁹



(fig.55)²⁸⁰



(fig.56)²⁸¹



(fig.57)²⁸²



(fig.58)²⁸³

(fig.59)²⁸⁴

²⁷⁷ Playboy, março de 1992.

²⁷⁸ Playboy, fevereiro de 1999.

²⁷⁹ Playboy, setembro de 2001.

²⁸⁰ Playboy, agosto de 2002.

²⁸¹ Playboy, agosto de 2002.

²⁸² Playboy, agosto de 2003.

²⁸³ Playboy, julho de 2002.

²⁸⁴ Playboy, dezembro de 2002.

Vale ressaltar que, ao contrário da discursividade da feminilidade como espetáculo, materializada nas revistas masculinas do gênero pornô *hard*, em que o sexo ginecológico é mais apreciado e em que o nu é considerado obsceno, na discursividade da feminilidade como espetáculo de *Playboy*, a nudez é materializada em ensaios fotográficos, considerados trabalhos artísticos: as fotografias das mulheres são “registradas, têm autor, direitos autorais e as modelos ou atrizes, dependendo do tipo de contrato com a empresa, têm direito a receber por cada utilização de sua imagem” (cf. Mira, 2001:). Os corpos que aparecem em cena tanto na capa quanto nas páginas e no encarte (*playmate* do mês) funcionam como capital, fazem parte do consumo da sexualidade como mercadoria.

Conforme Abreu (1996), a pornografia e o erotismo transitam num espaço marcado por contradições e pela indeterminação. A primeira origina-se da palavra grega *pornographos* que significa *escritos sobre prostitutas*, ou seja, descrição dos costumes ou comércio sexual destas e de seus clientes. O segundo termo, por sua vez, a partir do adjetivo erótico, derivado de *Eros* (deus do amor e do desejo), surge no século XX. Ambos os termos referem-se à sexualidade e se instalam como transgressão de interdições sociais. Os dois termos fazem parte do intolerável.

Ao tratar dos dois conceitos no campo da linguagem, Rouillé (1988) postula que a figura retórica do erotismo é a metonímia, que designa o todo por um de seus elementos. Dessa forma, podemos observar que na opacidade da materialidade simbólica dos ensaios fotográficos apresentados nas capas e, principalmente, no interior da revista *Playboy*, o corpo feminino é focalizado pelas partes, tais como: rosto, pernas, seios e, fundamentalmente, nádegas e genitália.

Colocando o erotismo como metonímico, Rouillé afirma que com a metonímia o sexo não é objeto visual, mas mental. Diferentemente da

discursividade do erotismo, na discursividade da pornografia “tudo é ofertado, sem dificuldades, sem retorno, sem véu nem mistério; somente uma mecânica de prazer plena de incerteza e de perturbação” (1988:3-4), como acontece nas revistas pornô *hard*.

Historicamente, entretanto, como aponta Abreu (1996), as tentativas de separar os dois termos têm sido inúteis. Mas, segundo o autor, pornografia pode ser entendida com vinculadora do discurso do obsceno. Isso se justifica pelo fato de a pornografia colocar em cena o que deveria estar oculto, proibido, interdito, ou seja, a sexualidade fora do lugar. É neste espaço da contradição entre o estar *dentro* da cena e *fora* da cena que se funda o discurso do obsceno que se assenta na fantasia e, por isso, é remetido ao imaginário.

Nesse sentido, podemos dizer que na discursividade do corpo feminino, *Playboy* joga com a representação erótico-pornográfica, através da qual a pornografia se põe como um simulacro do erotismo para enunciá-lo.

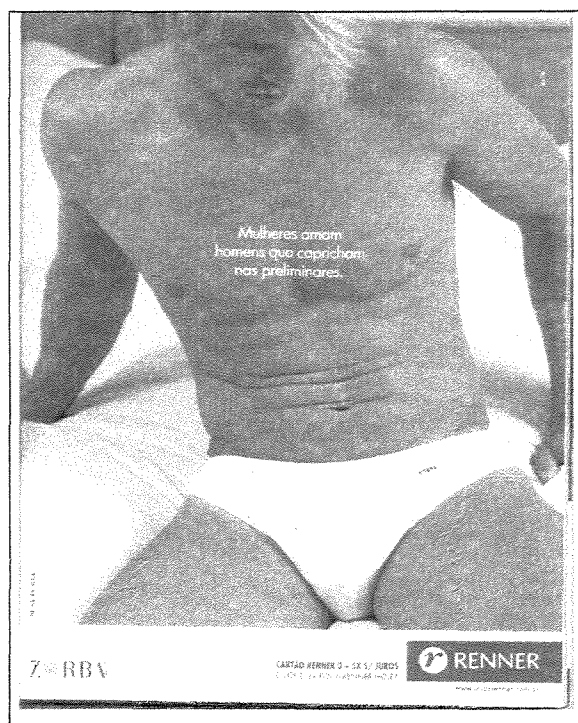
Nessa discursividade da feminilidade como espetáculo do erótico-pornográfico, a sexualidade é consumida como mercadoria. Os corpos nus apresentados estabelecem uma relação simbólica com o consumidor, possibilitando-lhe liberação das fantasias. Os corpos nus e seminus, fetichizados em desejos, são ofertados como objetos de prazer visual para quem pode consumi-los à distância.

Ao mesmo tempo em que há o prazer pela captação das performances, há o olhar como fonte de prazer do corpo como espetáculo. É o olhar masculino como fonte de prazer, como ato voyerista que se materializa a cada edição da revista através da qual o leitor pode expressar seu desejo heterossexual pelos corpos de mulheres em exibição. Esse olhar capta os corpos apresentados na revista, na sua multiplicidade de ângulos e de posições.

Segundo Freud (1972:157), “todos conhecem a fonte de prazer, de um lado, e o influxo de nova excitação, de outro que são proporcionadas pelas sensações táteis da pele do objeto visual”. Mais adiante, continua o autor: “o mesmo se aplica à visão. (...). As impressões visuais continuam a ser o caminho mais freqüente ao longo do qual a excitação libidinosa é despertada”. O corpo olhado materializa o desejo e prazer.

Assim, na discursividade da feminilidade como espetáculo da revista *Playboy*, esse olhar erótico-pornográfico pode ser tomado como o olhar de uma “perversão normal”, ou seja, de uma prática legítima, através da qual, o homem na qual a revista investe é convidado a se constituir como sujeito de desejo, passando por dois processos: por um lado, exclui-se da cena da qual deve participar, pois está vendo o que não está presente, está vendo um corpo opaco que funciona para compensar a ausência e para produzir a ilusão compensatória de uma promessa, de uma fantasia evocada, de seu próprio prazer: a ilusão de surpreender e ver o corpo nu de qualquer ângulo e proximidade sem ser visto; por outro lado, inclui-se na cena e participa, masturbando-se.

Para além da feminilidade como espetáculo, *Playboy*, na última edição analisada (agosto de 2003), veicula o seguinte anúncio publicitário:



(60)²⁸⁵

Nessa peça publicitária, é apresentada uma fotografia de um homem seminu, vestido de cueca, sentado numa cama e se admirando. No centro do anúncio, aparece a seguinte formulação lingüística: “Mulheres amam homens que capricham nas preliminares”.

Podemos assinalar nesse jogo interdiscursivo da materialidade lingüística e pictórica o discurso da masculinidade como espetáculo que está relacionado ao discurso do erotismo que visa ao olhar masculino heterossexual e ao olhar feminino heterossexual.

Enfim, nesse anúncio, o corpo masculino é fetichizado e encenado em *Playboy*. No discurso da masculinidade como espetáculo presentificado na peça publicitária, o homem é o primeiro a ver a sua imagem. Ele se olha e se dá para ser olhado pelas mulheres, assim como as mulheres se olham e se dão para serem olhadas pelos homens.

²⁸⁵ *Playboy*, agosto de 2003.

Esse discurso materializado nessa peça publicitária, veiculada pela revista masculina *Playboy*, indica novas formas de subjetivação pelas quais o homem está se constituindo como sujeito.

8.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tentamos mostrar o funcionamento discursivo da feminilidade e masculinidade nas três revistas em análise.

Vimos que os discursos tanto da feminilidade quanto da masculinidade como espetáculo estão presentificados em *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, funcionando para *si* e para o *outro*, conforme o *ethos* de cada revista.

Em *Claudia* e *Nova*, o discurso da feminilidade está ligado ao erotismo que visa tanto ao olhar feminino quanto ao olhar masculino e o discurso da masculinidade está ligado ao discurso do erotismo que visa ao olhar feminino.

Em *Playboy*, por sua vez, o discurso da feminilidade está ligado ao erotismo que visa ao olhar masculino e o discurso da masculinidade ligado ao erotismo que visa ao olhar tanto masculino quanto ao olhar feminino.

Enfim, muitas questões podem ser levantadas com relação às análises da opacidade da materialidade pictórica que aqui fizemos e com relação aos conceitos operacionais utilizados. Esse é um dos problemas que pretendemos discutir em trabalhos futuros.

9

CORPO: SEXO INCITADO

Através de que hipótese conseguimos chegar a afirmar que o sexo é negado, a mostrar ostensivamente que o escondemos, a dizer que calamos – e isso formulando-o através de palavras explícitas, procurando mostrá-la em sua realidade crua, afirmando-o na positividade de seu poder e de seus efeitos?

(Michel Foucault, *História da Sexualidade I: a vontade de saber*)

(...) a partir do cristianismo, o ocidente não parou de dizer "Para saber quem és, conheças teu sexo". O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano.

(Michel Foucault, *Não ao sexo rei.*)

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No capítulo 7, defendemos que os discursos do cuidado de si nas três revistas em análise são efeitos *do dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo* feminino e masculino, ligado à ordem tecnocientífica industrial, que atualiza a antiga necessidade de transformar o corpo.

No capítulo 8, defendemos que o discurso da feminilidade como espetáculo, em *Claudia* e *Nova*, está ligado ao discurso do erotismo que visa tanto ao olhar heterossexual feminino quanto ao olhar heterossexual masculino e, em *Playboy*, está ligado ao discurso do erotismo-pornográfico que visa ao olhar heterossexual masculino, e que o discurso da masculinidade como espetáculo, em *Claudia* e *Nova*, está ligado ao erotismo que visa ao olhar feminino, e, em *Playboy*, visa ao olhar masculino e feminino.

Neste capítulo, considerando o corpo como materialidade simbólica de significação e, em consequência, o corpo sob o signo do sexo-história, sexo-significação, sexo-discurso, no sentido de

Foucault, tentamos responder à questão de que poderes-saberes-ética tratam os discursos da sexualidade nas revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*.

Para responder a essa questão, partiremos, também, da noção de arquivo de Foucault (1969b), explicitada no capítulo 2 e no capítulo 7, e da noção de trajeto temático enquanto dispositivo de leitura de arquivo, postulada por Guilhamou e Mالدidier (1986). Tomaremos a formulação “corpo e sexo” em trajetos temáticos de *formulação-reformulações parafrásticas* para identificar a rede interdiscursiva de poder-saber que atualiza a obrigação de confissão da verdade sobre o sexo e sobre as práticas através das quais o homem e a mulher podem se constituir como sujeito de desejo.

9.2 CORPO E SUJEITO DE DESEJO

Segundo Foucault, para que possamos compreender como o indivíduo moderno pode experimentar-se como sujeito de uma sexualidade, é necessário determinar como o homem ocidental foi levado a se reconhecer como sujeito de desejo, durante séculos.

Vimos, no capítulo 2, que, ao problematizar a atualidade na questão de saber o que se passa, o que somos, o que fazemos e o que estamos nos tornando, o autor busca estudar, na Antigüidade Clássica até os primeiros séculos do cristianismo, as formas e modalidades de relação consigo, pelas quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito ético por meio de diversas práticas de si.

Postula que a sexualidade como dispositivo não existia nem nos clássicos nem nos cristãos, mas que os clássicos e os cristãos se constituíram como sujeito de desejo e tiveram experiências sexuais denominadas os *aphrodisia*. Mostra que o sexo, tanto na Antigüidade

Clássica quanto nos primeiros séculos do cristianismo, não era um mal a ser evitado e vigiado.

O autor observa que as proibições, castigo, temores e renúncia ao sexo como condição para a vida moral inicia-se no final do século II da era cristã, quando começa a se constituir um novo sujeito moral e uma nova ética de si: a cristã²⁸⁵. Na moral da pastoral cristã, um sistema de regras passa a ditar o que se deve fazer, pensar e sentir, e as práticas de si visam à carne tida como impura. A partir dessa moral, o sexo é colocado em discurso pelo bom cristão, o que significa que o problema da verdade sexual passa a se manifestar pela confissão e pelo testemunho.

Desde então, como salienta Foucault (1976:59), tornamo-nos “uma sociedade singularmente confessanda. (...) O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”.

Assim, na modernidade, a sexualidade é considerada por Foucault como um modo de vida ligado às técnicas de si. Segundo o autor, a sexualidade é uma figura histórica real que suscitou como elemento especulativo, necessário a seu funcionamento, a noção de sexo, ponto imaginário fixado pelo *dispositivo da sexualidade* que é definido como estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por elas.

O autor argumenta que a proliferação dos discursos sobre o sexo, a partir do século XVIII, está ligada a quatro estratégias de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade, como vimos no capítulo 2: *a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer “perverso”*.

²⁸⁵ “O que conta, para Foucault, é que a subjetivação se distingue de toda moral, por oposição à moral que participa do saber e do poder. Por isso há uma moral cristã, mas também uma ética-estética cristã, e entre as duas todo tipo de lutas ou compromissos” (Deleuze, 1986:142).

Como vimos no capítulo 2, a partir do século XVIII, a região da sexualidade e do sexo, atada às práticas da ciência, da medicina, da pedagogia, da psicologia, da psicanálise, da demografia, da sociologia, da justiça penal, da sexologia, etc., sofre a injunção de ter que ser dita, ser decifrada, ser confessada, ser analisada.

O que Foucault nos mostra em seu trabalho é que os processos de subjetivação, os modos de existência são diversos, variam conforme épocas e não cessam de ser recriados. Partindo dessa consideração, podemos nos perguntar: Quais são os processos de subjetivação, os modos de existência ou possibilidades de vida hoje?

Analisando as revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, postulamos que as estratégias de dominação constituintes do dispositivo da sexualidade foram transformadas ou recriadas e que a obrigação de falar sobre o sexo permanece de forma transformada: a regra é confessar tudo sobre o sexo e expor os prazeres através de diversificadas formas.

Novos modos de sujeição ou subjetivação foram criados e os indivíduos são incitados a se constituírem e se reconhecerem como sujeito entre o sexo e o *si*, através dessas novas formas.

Nesse sentido, a mídia contribui para que o problema da verdade sexual manifestada por uma nova forma de confissão entre na era das massas. Passa a funcionar como um espaço de confissão pública dessa verdade pela qual mulheres e homens são incitados a se constituírem e se reconhecerem como sujeito de desejo.

As revistas femininas e masculinas e, especificamente, no que interessa de perto a este trabalho, *Claudia*, *Nova* e *Playboy* funcionam, também, como espaços de confissão pública dessa verdade, participando do processo de *controle-incitação* ao sexo e articulando o prazer sexual na lógica do mercado, como veremos a seguir.

9.2.1 O SUJEITO DE DESEJO EM *CLAUDIA*, *NOVA* E *PLAYBOY*

As práticas de si através das quais a mulher na qual *Claudia* investe deve se constituir e se reconhecer como sujeito de desejo aparecem na revista desde a década de 60 do século XX. Ressaltamos, no capítulo 4, que, apesar de as mudanças sobre a sexualidade da mulher terem se acentuado e fortalecido a partir da década de 70, em consequência da revolução sexual, somente a partir do final da década de 80, quando a mulher na qual a revista investe passa a se constituir como sujeito livre e independente financeiramente, é que podemos assinalar, na revista, posições de sujeito que indicam práticas de si mediante as quais essa mesma mulher pode se constituir e se reconhecer como sujeito que administra seu corpo e busca prazer sexual.

Observamos que, a partir desse período, ocorre reconfiguração no domínio de saber ou na *forma-sujeito*, que, dividida e dispersa nas várias posições de sujeito, regula, no âmbito de determinada formação discursiva, o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser formulável sobre as práticas de si através das quais a mulher para a qual *Claudia* se dirige pode se constituir como sujeito de desejo.

No discurso presentificado na formulação apresentada no quadro 1, a mulher deve estimular a libido através de afrodisíacos para poder se constituir e se reconhecer como sujeito de desejo.

(Quadro 1)

1. “Sexo, Afrodisíacos, a alquimia da sedução” (*Claudia*, novembro de 1989).

No início da década de 90, nas formulações dos textos sobre a prática da sexualidade socializada na família materializam discursos em que o sexo está sendo “despervetido”, como podemos ver abaixo:

- *“Não leve o sexo tão a sério. (...) Agora que você e seu marido se conhecem melhor, confiam um no outro, vocês podem experimentar, juntos, todo o tipo de brincadeira sexual, ao contrário de quando o relacionamento recente e a timidez talvez impedisse de fazer alguma sugestão. Tudo o que você precisa é de um certo espírito de aventura, senso de humor e um saudável amor pela brincadeira.*
- *“Seduza: Usar uma fantasia pode ser uma maneira fantástica de variar a vida sexual. (...). Procure um sex shop, muna-se de toda coragem e entre. Com certeza vocês vão encontrar todo tipo de brinquedo e acessórios sexuais que jamais pensaram em existir. (...) Se você anda levando sexo muito a sério, provavelmente acha que deve ser solene e silenciosa na cama. Bobagem. Essa não é uma ocasião formal, mas divertida. (...) Você já tentou falar algo sexy? Eis um novo mundo de aventuras eróticas a ser explorado. Até hoje muitos casais ainda não pensam em fazer amor em outra posição que não seja papai-e-mamãe, o sexo face a face, com o homem sobre a mulher. Eu costumo encorajar homens e mulheres a darem livre curso à sua imaginação, a serem mais brincalhões e experimentais. Em quantas posições você consegue pensar? (...) Compre um exemplar “De mais prazeres do sexo...” (Claudia, junho, 1991).*

No imaginário que está investido nessas representações sobre a sexualidade, a mulher para a qual a revista se dirige está começando a se constituir como sujeito, não levando o “*sexo a sério*”.

Nas formulações do texto acima, podemos assinalar um jogo interdiscursivo entre o discurso em que a mulher, para se constituir e se reconhecer como sujeito de desejo, deve tomar a iniciativa no casamento, aprender o funcionamento dos jogos eróticos, buscar prazer sexual como componente básico de sua vida e de seu relacionamento; e o discurso em que o homem, na função de esposo, constitui-se como sujeito de desejo mesmo levando o “*sexo a sério*”. Esse jogo interdiscursivo assinala uma dupla moral sexual e campos assimétricos de normatização.

No início da década de 90, acentua-se, nas capas de *Claudia*, o processo de incitação verbal sobre *corpo e sexo*:

(Quadro 2)

2. “O que você não sabe sobre o orgasmo pode fazê-la estremecer” (*Claudia*, março de 1991).
3. “Sexo: o melhor vem com a idade” (*Claudia*, janeiro de 1992).
4. “Orgasmo sem mistério. Conheça o mapa do prazer” (*Claudia*, março de 1994).
5. “Um curto-circuito no orgasmo? É paixão!” (*Claudia*, setembro de 1994).

No discurso da sexualidade materializado na rede de *formulações-reformulações* do quadro 2, a mulher busca prazer, e ter prazer é ter orgasmos, e para ter orgasmos é preciso conhecer o corpo e sua sexualidade, algo que ainda não é comum para a mulher na qual a revista investe.

No período que compreende a segunda metade da década de 90 do século XX a fevereiro de 2003, além da incitação visual, intensifica-se a incitação verbal do sexo nas capas de *Claudia*.

(Quadro 3)

6. **"Etiqueta sexual. De A a Z, um guia divertido para você desfrutar do prazer sem perder a pose"** (Claudia, agosto de 1996).
7. **"Mulheres que fizeram cirurgias para aumentar o prazer sexual. Você tem coragem?"** (Claudia, julho de 1997).
8. **"Os vídeos eróticos que mais atraem as mulheres"** (Claudia, agosto de 1997).
9. **"Sexo: onde tocar, como beijar, o que mostrar: as maneiras mais quentes de enlouquecer um homem na cama"** (Claudia, setembro de 1997).
10. **"Sexo: as lições de casa recomendada por um terapeuta sexual"** (Claudia, março de 1998).
11. **"Sexo: as mulheres descobrem os homens de 20 anos e APROVAM"** (Claudia, abril de 1998).
12. **"Sex shop: entre, o prazer é todo seu"** (Claudia, novembro de 1998);
13. **"Orgasmo. Você quer ter mais? Pare de idealizar. Deixe a vergonha de lado. Descubra onde é importante tocar. Não aposte tudo na penetração"** (Claudia, dezembro de 1998).
14. **"Sexo oral: esse toque muito íntimo pode ficar mais gostoso"** (Claudia, junho de 1999).
15. **"Sexo: não deixe a inibição e a culpa atropelar o prazer da masturbação"** (Claudia, setembro de 1999).
16. **Pompoarismo. A ginástica que fortalece os músculos da vagina, aumenta seu prazer e deixa os homens loucos"** (Claudia, abril de 2000).
17. **Sexo: 25 respostas para as dúvidas mais frequentes sobre penetração, orgasmo e masturbação"** (Claudia, junho de 2000).
18. **"As mulheres deveriam pensar mais em sexo. Entrevista com um dos sexólogos mais respeitados da atualidade"** (Claudia, agosto de 2001).
19. **"Entenda seus sonhos eróticos e viva melhor sua sexualidade"** (Claudia, agosto de 2001).
20. **"Terapeutas dão aulas de sexo em vídeos eróticos (indicamos 5 deles)"** (Claudia, setembro de 2001).
21. **"Tremedeira, loucura, explosão. Mulheres contam o que sentem na hora do orgasmo"** (Claudia, novembro de 2001).
22. **"Adeus, papai-e-mamãe. Um ida à sex-shop. Pode mudar a sua vida (e a dele)"** (Claudia, março de 2002).
23. **"Sexo: o que a gente gosta de ouvir e falar na cama (e no carro, no elevador)"** (Claudia, junho de 2002).
24. **"A nova posição do Kama Sutra"** (Claudia, agosto de 2002).
25. **"Faça o melhor sexo da sua vida. Aos 20, aos 30 e aos 40"** (Claudia, setembro de 2002).
26. **"Junte as amigas e chame a sex shop: um jeito novo e divertido de conhecer os produtos eróticos"** (Claudia, outubro de 2002).

Podemos observar que, no imaginário investido nas representações sobre sexualidade presentificadas nas *formulações-reformulações* de 6 a 26, apresentadas no quadro 3, a mulher está mais erotizada, mais liberada, governa seu corpo e seu prazer.

Nos discursos da sexualidade materializados nessas *formulações-reformulações*, a mulher adulta heterossexual na qual a revista investe

pode se constituir e se reconhecer como sujeito do desejo entre o sexo e o *si* mediante diversificadas práticas em qualquer idade. Nesses discursos, o corpo é (re)significado; a mulher deixa de levar o “sexo a sério”, livrando-se dos tabus e preconceitos; os segredos sobre as práticas sexuais são segredos abertos; o sexo é desperverso e desconfinado, e o que era considerado tabu e *prazer-perverso* passa a ser normal.

Essas *formulações-reformulações* sobre corpo e sexo, apresentadas no quadro 3, assemelham-se às *formulações-reformulações* que aparecem como chamadas nas capas da revista *Nova* desde a sua primeira edição, em 1973, quando a revista começa definir o seu *ethos* e investir na mulher brasileira que, em consequência da revolução feminina, tanto no campo sexual quanto em outros campos, recusa a constituição tradicional de feminilidade e passa a se constituir como sujeito, livre e independente financeiramente, liberada, erotizada, dona do seu corpo e de sua sexualidade.

Assim, incorporando e reproduzindo as discussões em torno da desconstrução da dupla moral sexual, *Nova* começa a contribuir com o processo de controle-incitação verbal ao sexo, através de *formulações-reformulações* como as que são apresentadas como chamadas na capa da sua primeira edição, como podemos ver abaixo:

(Quadro 4)

- | |
|---|
| 27. Toda mulher pode sentir prazer no amor. Você também” (Nova, outubro de 1973).
28. “101 maneiras de um homem agradar você. É só sugerir a ele” (Nova, outubro de 1973). |
|---|

Nas *formulações-reformulações* 27 e 28, apresentadas no quadro 4, podemos identificar o discurso em que o prazer sexual não é um direito somente do homem: é, também, direito de toda mulher e toda mulher pode senti-lo; e o discurso em que a mulher heterossexual deve

conhecer o seu corpo e a sexualidade feminina e deve ensinar ao homem como proceder para que ela tenha prazer. Nesses discursos, toda mulher pode ter orgasmo e este é, sobretudo, clitoriano e não apenas vaginal; enfim, toda mulher pode se constituir como sujeito de desejo, governando seu corpo e buscando prazer.

Assim, num contexto de mudanças sobre a sexualidade da mulher, mesmo sofrendo interdições da censura na década de 70 do século XX, *Nova* contribui para o processo de controle-incitação ao sexo.

(Quadro 5)

29. **"Toda mulher (até a mais comportada) tem fantasias sexuais. Você sabia?"** (Nova, janeiro de 1974).
30. **"Aprenda a explorar o seu ponto forte: pernas, busto, boca, olhos, etc. etc..."** (Nova, janeiro de 1975).
31. **"Tudo sobre os órgãos sexuais femininos. As funções, os problemas, o prazer, etc."** (Nova, agosto de 1977).
32. **"Você se sente à vontade com ele quando está nua? Como vencer suas inibições e ser uma mulher mais vibrante"** (Nova, abril de 1978).
33. **"Sexo oral. Uma prática muito comum. É errado?"** (Nova, novembro de 1979).

A revista, desde o seu surgimento, como vimos, funciona como um dos espaços de confissão pública da verdade sobre o sexo. Nos discursos materializados nas *formulações-reformulações* de 29 a 33, apresentadas no quadro 5, a mulher vive um processo de descobertas e auto-conhecimento do próprio corpo e das práticas através das quais pode se tornar sujeito de desejo.

A partir da década de 80 do século XX, o rito da confissão detalhada dos prazeres sexuais se consolida na revista que se apresenta como "uma forma de guia", e a verdade sobre o sexo é cada vez mais popularizada para a "nova" mulher brasileira, como podemos ver no quadro 6:

(Quadro 6)

34. "3 exercícios para flexionar o músculo do amor e dar a você mais "força" junto aos homens" (Nova, setembro de 1984).
35. "Sexo mais gostoso? Guarde um certo mistério, vá devagar, meio à antiga. Dê trabalho a ele!" (Nova, janeiro de 1985)
36. "O que as mulheres se recusam a fazer na cama com um homem ... e por que?" (Nova, agosto de 1986).
37. "Masturbação: tudo sobre o mais proibido dos prazeres" (Nova, julho de 1992).
38. "100 idéias para apimentar a sua vida sexual" (Nova, junho de 1994).
39. "Os 8 hábitos da mulher que adora sexo" (Nova, novembro de 1994).
40. "Se você pensa que já sabe tudo sobre SEXO é porque ainda não leu nosso dossiê sem censura. 62 perguntas, corajosas, francas, ousadas... diretas!" (Nova, julho de 1996).
41. "Algemas, strip-tease, pompoarismo (apostamos que você não sabe o que é!) e outras armas que as mulheres estão usando para um sexo sem a menor vergonha" (Nova, fevereiro de 1997).
42. "Orgasmo. Como atrasar o dele e apressar o seu" (Nova, outubro de 1997).
43. "Uma aula de strip-tease profissional com fotos, passo a passo, para você apimentar sua vida sexual"(Nova, novembro de 1997).
44. Sexo. Sexo, sexo! 94 idéias para aumentar seu orgasmo, realizar suas fantasias, ir à loucura. Prove hoje" (Nova, dezembro de 1998).
45. Sexcreto. A respiração que garante mais orgasmo, o jeito de usar o travesseiro, truques explosivos de gente especializadíssima" (Nova, fevereiro de 1999).
46. "O nosso Kama Sutra. Escolhemos as 5 melhores posições para você tentar hoje, tudo explicado tintim por tintim (inclui versão de bolsa para ter sempre à mão)" (Nova, abril de 1999).
47. "Ele em suas mãos. 6 maneiras deliciosamente pecaminosas de acariciar a parte mais sensível do seu amor: o pênis. É infalível" (Nova, outubro de 1999).
48. "Orgasmo múltiplo. Você já teve? Surpresa: muitas mulheres ainda não. Use a técnica certa, prove nosso exercício e levante vôo" (Nova, dezembro, 1999).
49. "Sexo oral. O que os homens mais gostam; as respostas às suas maiores dúvidas; as técnicas que vão levar o amado a loucura" (Nova, fevereiro de 2000).
50. "Sexo. Especial lacrado. Só para mulheres experientes! (ou para aquelas que querem ser experts): um divertido jogo de aquecimento, uma verdadeira aula de física, biologia e história que vai mudar a sua vida sexual; os truques do cinema para um cenário perfeito; o mapa para tocar o corpo de um homem nu; o manual da especialista em pênis com fatos didáticos e realistas; as superposições para quem é craque no assunto" (Nova, julho 2000).
51. "A hora de propor acessórios eróticos, o impasse do sexo anal. Etiqueta sexual para mulheres a frente do seu tempo" (Nova, setembro de 2000).
52. "Sexo tântrico. A arte exótica de prolongar as preliminares e controlar as vibrações eróticas pelo maior tempo possível. Passo a passo!" (Nova, outubro de 2000).
53. "O outro sexo oral que ele quer (espera!) que você faça ainda hoje" (Nova, outubro de 2000).
54. "Sexo. Preliminares explosivas. Para mostrar como é o beijo profundo que você adora; o jeito que quer ser despida; os segredos da massagem tailandesa com óleo morno; as artes da masturbação a dois e ... tudo passo a passo, com o tempo ideal de duração. Para recortar e colocar embaixo do travesseiro dele" (Nova, dezembro de 2000).
55. "Guia de sexo lacrado. A revolução feminina chega aos acessórios

- sexuais (minivibradores, calcinhas “movidas” à distância por controle remoto...). O Kama Sutra 2001 com 3 novas posições quantíssimas (para os superdotados, as gordinhas, os rapidinhos). Cardápio especial para noites tórridas (com cenário, sugestões afrodisíacas, roteiro para chegar ao ápice). Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso). Você é o melhor presente erótico!” (Nova, janeiro de 2001).
56. **“Sexo. Massagens derrete-homem.** O toque ideal, o beliscão ousado, a carícia certa nas orelhas, nas costas, no bumbum, no pênis... 11 movimentos eróticos para fazer fogo no seu amor” (Nova, abril de 2001).
 57. **“Sexo. Depoimentos lacrados. Homens e mulheres que vão às últimas conseqüências:** orgias pelo computador, sexo entre sogra e genro, orgasmos somente com vibrador, transas a três com vale tudo. Histórias saborosas, excitantes, ultrajantes. Só para adultos” (Nova, setembro de 2001).
 58. **“7 tipos de orgasmos.** O Turbilhão, o tântrico crescente, o calma sutra... Uma semana de prazer total na medida do seu humor. Variações e variações sobre o sétimo céu” (Nova, novembro de 2001).
 59. **Provocação! 365 acessórios eróticos.** Guia divertido com idéias muito loucas. Que tal experimentar o periscópio, a calcinha comestível, o colar de mamilos, a borboletinha vibratória, o cordão de bolinhas, o pufe da sala, o capô do carro... Será um ano inesquecível” (Nova, dezembro de 2001).
 60. **“200% mais sexo. Guia lacrado.** Beijo na boca de tirar o fôlego, o passo-a-passo de uma stripper profissional, os dez mandamentos do sexo oral, os segredos da massagem tailandesa e os truques de quem faz no cinema o que ele vive pedindo para você. Tudo explicado por quem é craque na prática” (Nova, janeiro de 2002).
 61. **“Pacotão de verão. Sexo sem limites!** Momentos perigosos na garagem do edifício, ação total em pleno show... Casais felizes revelam qual foi a melhor noite da vida deles. Os 5 segredos do toque sensual. Você dormiria com (a) chefe se isso garantisse sua promoção? Homens e mulheres confessam. Leia a sua sorte amorosa e sexual nas cartas quentes, ousadas, explícitas do nosso tarô erótico” (Nova, fevereiro de 2002).
 62. **“Sexo. Sabe qual é a posição mais íntima que um casal pode experimentar?** Você tem 69 chances de acertar, seguindo o nosso delicioso passo-a-passo” (Nova, fevereiro de 2002).
 63. **“Sexo. O jogo da espuma, o cardápio de clones massagistas, a esponja vibratória, o batom que não é batom e faz loucuras... 75 presentes eróticos para o dia dos namorados”** (Nova, junho de 2002).
 64. **“Guia lacrado. Sexy! Caixa de surpresas.** 5 cestas eróticas para montar uma festa íntima inesquecível. O jogo das fantasias: vocês escolhem e a nossa planilha diz como realiza-las. Sexo oral: a coisa certa a dizer para incendiar a transa. Monólogos do Pênis. Nosso repórter conseguiu arrancar dos homens o que eles não falam nem para a própria sombra. Mais: o que o formato do pênis revela sobre a personalidade do dono” (Nova, julho de 2002).
 65. **“Sexo. Mulheres que resolveram realizar o desejo nº 1 dos homens.** O que elas (e o seu namorado) já sabem e você ainda não descobriu” (Nova, outubro de 2002).
 66. **“Guia lacrado. Sexo. Bem-vinda à brinquedoteca de Nova.** O espelho mágico, o jogo do chuveirinho... Diversão (garantida) só para adultos. O diário de uma masturbadora. Um texto pessoal que vai mexer com você. Mais: o que ele pensa na hora do sexo...” (Nova, fevereiro de 2003).
 67. **Sexo lacrado. Perguntas ultra-audaciosas que toda mulher gostaria de fazer!** Piercing no pênis multiplica o prazer? Qual o melhor jeito de usar o vibrador? Me ensina a pôr a camisinha com a boca? O orgasmo

anal é mesmo muito mais prazeroso? Juramos dizer a verdade, nada mais que a verdade!” Nova, junho de 2003).

68. “Guia lacrado. Sexo com pimenta! A espada luminosa? A capa mágica? A abertura de morango? Testamos 11 camisinha eróticas e descobrimos a que vai por fogo em sua transa. Pilar celestial, alegria de viver, encontro íntimo... pontos secretos do corpo para massagear, beijar, acariciar, lambe e explodir de prazer! (Nova, julho de 2003).
69. Sexo lacrado. 1001 noites. Idéias sexy pra testar hoje, amanhã, depois.... O encaixe à cubana, o futebol erótico, a sedução animal. Sugestões de gente famosa, que você conhece. Você um modelo lindo no elevador. Ele tasca um beijo e... Não perca o jogo das fantasias. São centenas! (Nova, agosto de 2003).

As *formulações-reformulações* de 34 a 69 indicam os saberes ou a verdade sobre o sexo colocada em discurso nesse período na revista. Nos discursos materializados nessas *formulações-reformulações*, o prazer sexual é um elemento de ajustamento emocional e de alegria de viver. É uma sensação necessária para que a mulher possa se constituir como sujeito de desejo.

Nesses discursos, não cabe o papel da censura nem a distinção entre o erótico e o pornográfico nas práticas sexuais mediante as quais a mulher na qual a revista investe pode se constituir como sujeito e objeto de desejo. Não há “limites” para as fantasias sexuais.

Se, durante séculos, nas discursividades sobre sexualidade feminina, o sexo era algo sujo e pecaminoso, somente admissível dentro dos sagrados laços do matrimônio e exercido como um dever conjugal, sem nenhum prazer; orgasmo e masturbação eram palavras para não serem publicadas e pronunciadas; os prazeres sexuais eram para serem vividos pelos homens com as prostitutas; o ato sexual era para ser feito às pressas e às escuras, sem preliminares nem preocupação em satisfazer a mulher, nos discursos materializados nas *formulações-reformulações* de Nova, a mulher passa a ter total liberdade sexual, a tomar iniciativa, e o sexo deixa de ser associado à função de gerar filhos e pode ser feito livremente, sem limites, *por prazer e para ter prazer*.

No capítulo 5, afirmamos que a mulher na qual *Nova* investe se parece com a mulher que o homem de *Playboy* deseja. Nas *formulações-reformulações* que são apresentadas nas capas dessa revista, desde o seu surgimento, podemos assinalar, também, posições de sujeito que indicam que a mulher que o homem de *Playboy* deseja é a mulher que pode se constituir como sujeito e objeto de desejo, como podemos ver no quadro abaixo:

(Quadro 7)

70. "Os lugares diferentes onde a brasileira gosta de amar: banheiras, jardins, escadas, etc" (Playboy, julho, 1978).
71. "Deixe as mulheres loucas por você dando o que elas mais querem hoje: muito prazer na cama" (Playboy, novembro de 1979).
72. "Como perceber se ela atingiu o orgasmo" (Playboy, setembro de 1982).
73. "O tipo de amante que as mulheres querem agora..." (Playboy, novembro de 1982).
74. "As mulheres revelam o segredo do orgasmo feminino" (Playboy, abril de 1986).
75. "Como elas gostam de ser beijadas" (Playboy, maio de 1986).
76. "As carícias que elas gostam mais" (Playboy, janeiro de 1989).
77. "Sexo: as últimas descobertas sobre o prazer da mulher" (Playboy, maio de 1989).
78. "As loucas fantasias que as mulheres querem realizar já" (Playboy, outubro de 1989).
79. "Orgasmo feminino: o que elas vêem e sentem na hora do prazer" (Playboy, setembro de 1991).
80. "9 estrelas revelam como preferem transar" (Playboy, setembro de 1991).
81. "As estrelas contam os seus sonhos eróticos" (Playboy, outubro de 1991).
82. "Elas são capazes de loucuras no sexofone" (Playboy, maio de 1994).
83. "Sexo: 45 dicas para agradar as mulheres" (Playboy, setembro de 1997).
84. "As meias que elas usam para levar os homens à loucura" (Playboy, novembro de 1997).
85. "Pornô cor-de-rosa. Butiques do sexo feitas para elas" (Playboy, janeiro de 2003).
86. "Clitóris: acerte no alvo do prazer delas" (Playboy, junho de 1995).

Nos discursos materializados nas *formulações-reformulações* de 70 a 86, apresentadas no quadro 7, a mulher é erotizada, liberada, governa o corpo e o prazer.

A revista *Playboy*, nesse sentido, funciona como um dos espaços de confissão e publicização da verdade da sexualidade feminina. Nos discursos da sexualidade materializados nessas *formulações-reformulações*, a mulher se constitui como sujeito de desejo e o homem deve conhecer o corpo e a sexualidade feminina para ajudá-la a obter prazer.

Playboy funciona, ao mesmo tempo, como um dos espaços de confissão da verdade da sexualidade masculina. No processo de incitação verbal ao sexo, podemos assinalar posições de sujeito que indicam as formas e práticas através das quais o homem se constitui como sujeito de desejo.

(Quadro 8)

87. "Exclusivo: **sexo é o melhor exercício**" (Homem/*Playboy*, maio de 1976).
88. "A ciência prova: **a excitação sexual é a chave secreta da criatividade**" (Homem/*Playboy*, fevereiro de 1978).
89. "Mordidas, sexo oral, loucuras mil... **até onde você deve se soltar na cama**" (*Playboy*, junho, 1979).
90. "**Orgasmo, sexo oral e grupal, impotência e os tabus da relação amorosa...**" (*Playboy*, outubro de 1979).
91. "**Todos os segredos do sexo em São Paulo: da troca de casais às transas em bares de solteiro, escritórios, universidades, casas de massagem, motéis, pontos de paquera e as jogadas mais enrustidas da paulicéia, finalmente desvairada**" (*Playboy*, dezembro de 1979).
92. "**Todos os segredos do sexo no Rio, onde nunca se transou tanto como agora!**" (*Playboy*, janeiro de 1980).
93. "**O novo Kama Sutra. Um olhar diferente sobre o mais famoso texto erótico de todos os tempos**" (*Playboy*, junho de 1983).
94. "**Tudo o que acontece num motel (além do que você já sabe)**" (*Playboy*, fevereiro de 1985).
95. "**Um guia de massagem erótica a dois (com fotos)**" (*Playboy*, dezembro de 1988).
96. "**13 motéis para curtir a dois**" (*Playboy*, julho de 1990).
97. "**Quinze dicas para melhorar o seu desempenho sexual**" (*Playboy*, abril de 1991).
98. "**Sexo: o prazer e as vantagens da rapidinha**" (*Playboy*, agosto de 1991).
99. "**Sexo: a magia que as mãos dela, e as suas, podem fazer**" (*Playboy*, junho de 1992).
100. "**Sexo no elevador: as loucas aventuras entre um andar e outro**" (*Playboy*, março de 1992).
101. "**Nosso repórter fez sexo por telefone**" (*Playboy*, março de 1993).
102. "**Que disposição! Loucuras eróticas numa cama elástica**" (*Playboy*, março de 1995).

103. **"Orgasmo: dicas e truque para você aumentar o seu prazer"** (Playboy, agosto de 1994).
104. **"Sexo tantra. Tudo o que você sabe fazer, só que muito mais gostoso"** (Playboy, junho de 1997).
105. **"Guia do sexo: aprenda a dar mais prazer a ela"** (Playboy, agosto de 2000).
106. **"Aprenda a fazer direito. Um guia supercompleto para melhorar sua performance e fazer sua garota ver estrelas"** (Playboy, agosto de 2000).

Nos discursos materializados nas *formulações-reformulações* de 87 a 106, sexo é fundamental, e o homem no qual a revista investe se constitui como sujeito de desejo através de variadas e diversas práticas sexuais.

Na discursividade da sexualidade masculina, a disfunção erétil, ou seja, a incapacidade de obter e manter uma ereção suficientemente intensa e duradoura para iniciar o coito, mantendo-o e terminando-o com êxito, é um grande problema para o homem, como podemos ver no quadro 9:

(Quadro 9)

107. **"As dicas de um especialista para evitar a ejaculação precoce"** (Playboy, janeiro de 1982).
108. **"Sexo: um médico brasileiro tem boas notícias para quem é rápido demais"** (Playboy, março de 1985).
109. **"Sexo: as 5 causas da impotência já têm cura! (E mais, a primeira medicação científica do órgão masculino no Brasil)** (Playboy, março de 1986).
110. **"As boas notícias do último congresso sobre potência masculina"** (Playboy, fevereiro de 1987).
111. **"Sexo: boas notícias para sua potência"** (Playboy, janeiro de 1988).
112. **"As últimas e (boas) notícias sobre a sua potência"** (Playboy, novembro de 1988).
113. **"As últimas novidades da ciência para prolongar o seu prazer"** (Playboy, setembro de 1989).
114. **"Ótimas notícias. A impotência vai virar coisa do passado"** (Playboy, abril de 1993).
115. **"As novas armas do nosso prazer. Do viagra às cirurgias"** (Playboy, agosto de 1999).
116. **"Depois do viagra. O que a ciência inventa para melhorar a vida do homem"** (Playboy, dezembro de 1999).
117. **"A segunda onda do viagra. O relato de quem está tomando para turbinar a balada"** (Playboy, outubro de 2002).

As *formulações-reformulações* de 107 a 117 indicam a produção de saberes ou verdades sobre a solução do problema da disfunção erétil ou impotência sexual masculina (primária, secundária e situacional), fantasma que persegue o homem há séculos, e sobre as drogas que surgem para ajudar a solucionar o problema. Nos discursos materializados nessas *formulações-reformulações*, a disfunção erétil compromete a vida sexual do homem; o homem busca incessantemente a solução para o problema da impotência sexual; o problema da impotência sexual pode ser resolvido através de drogas (tipo Viagra²⁸⁶ e outras) e cirurgias; e homens que não apresentam problemas de disfunção erétil também estão experimentando drogas para aumentar a potência sexual.

Sabemos que a sexualidade não envolve somente os órgãos genitais, mas todas as zonas erógenas do corpo, assim como vontades, desejos, fantasias associados a sexo. Como o prazer sexual masculino se concentra nos genitais, a impotência sexual significa o fim da sua sexualidade e de sua virilidade.

Os discursos da sexualidade masculina são materializados também nas edições de *Claudia*, na década de 90, e de *Nova* desde a década de 70:

(Quadro 10)

- | | |
|------|---|
| 118. | "Ajude o seu homem a resolver os problemas sexuais (Dele!). Saia ganhando com isso" (Nova, janeiro de 1975). |
| 119. | "O que os homens mais querem fazer na cama" (Claudia, outubro de 1989). |
| 120. | "Você tem idéia das fantasias sexuais que passam na cabeça dele enquanto fazem amor?" (Nova, maio de 1991). |
| 121. | "24 páginas para entender melhor o ego, as emoções escondidas, as zonas erógenas e o que realmente abala a confiança sexual de um homem" (Nova, julho de 1993). |
| 122. | "Homens e sexo. O mapa do desejo deles: zonas erógenas, |

²⁸⁶ Viagra é o nome da primeira pílula para tratar impotência. Em 1998, quando foi aprovada nos Estados Unidos para tratamento da impotência masculina, causou "estrondo", principalmente, no mundo ocidental. Além de Viagra, em 2003 outras drogas surgiram no mercado, tais como Cialise e Levitra.

carícias preferidas, fantasias” (Claudia, novembro, 1997).

123. “Para conhecer os homens. As 8 dúvidas mais comuns sobre sexo. Como funciona o desejo deles” (Claudia, dezembro de 1997).
124. “Por que os homens se masturbam mesmo quando têm uma vida sexual feliz” (Nova, março de 1998).
125. “Prazer: o antes e depois do Viagra. Eles tomaram e elas contaram tudo” (Claudia, agosto 1998.)
126. “3 sexólogos revelam sua vida na cama. Também para eles o que dá certo é dizer o que se quer” (Claudia, novembro de 1998).
127. “Homens jovens, saudáveis e bons de cama estão tomando Viagra para melhorar ainda mais a performance” (Nova, maio de 2000).
128. “No que eles pensam quando se masturbam? 50 homens respondem a essa e a outra perguntas sobre sexo” (Claudia, dezembro de 2000).
129. “Sexo: novos viagras, exercícios eróticos e terapias que resolvem 99% dos casos de impotência” (Claudia, abril de 2001).

No jogo interdiscursivo das *formulações-reformulações* de 118 a 129, o homem enquanto objeto e sujeito de desejo tem sido preocupação da mulher na qual *Claudia* investe e na da mulher na qual *Nova* investe.

Nos discursos presentificados nessas *formulações-reformulações*, a mulher, na busca do prazer, além de ter que conhecer seu corpo e sua sexualidade, deve conhecer o corpo e a sexualidade do homem e ajudá-lo a se constituir como sujeito de desejo e a resolver os problemas de impotência sexual; o homem, na busca de prazer, usa drogas (tipo Viagra) para resolver o problema da impotência sexual; o homem sem problemas sexuais usa drogas para aumentar a potência sexual.

Nos discursos da sexualidade materializados nas *formulações-reformulações* de *Claudia* e de *Nova*, o *outro* com o qual a mulher se constitui como sujeito de desejo aparece dividido, como podemos ver no quadro 11:

(Quadro 11)

130. “O segredo dos garotos de programa. O que eles fazem para valer o que cobram” (Nova, julho de 1995).
131. “Eu e meu marido fazemos troca de casais” (Nova, outubro de 1995).
132. “Sexo pago: mulheres revelam os prazeres e os conflitos de contratar um garoto de programa” (Claudia, janeiro de 1999).

133. “Na hora do sexo com seu **novo parceiro**, não deixe a relação anterior virar um fantasma” (Claudia, abril de 1999).
134. **Troca de casais**. Entramos nas casas de *suinger*?? e contamos como acontece esse jogo perigoso do sexo” (Claudia, novembro de 2000).
135. “**Tem um casal lá fora querendo transar com você**. Duvida? Nossa repórter mergulha no explosivo novo **mundo dos swingers**” (Nova, maio de 2002).
136. “Sexo: dormindo com o **amigo**” (Claudia, agosto de 2002).

No jogo interdiscursivo das *formulações-reformulações* de 130 a 136, tanto a mulher na qual *Claudia* investe quanto a mulher na qual *Nova* investe pode buscar prazer nos relacionamento com garotos de programa (homens que praticam o ato sexual por dinheiro); no relacionamento com um parceiro estável (namorado, esposo, etc); no relacionamento com o parceiro estável e ocasionalmente com um parceiro instável; através da prática da troca de casais ou *swing*²⁸⁷; no relacionamento com um amigo. Nesses discursos, amor e sexo são impulsos independentes, e o prazer sexual pode ser alcançado sem aspirações românticas.

Nos discursos da sexualidade masculina materializados em *formulações-reformulações* que aparecem como chamadas nas capas de *Playboy*, o *outro* da relação em que o homem se constitui como sujeito de desejo também aparece dividido, como podemos ver no quadro 12:

(Quadro 12)

137. “Um novo jogo erótico. **Você, duas garotas e uma banheira**” (Playboy, maio de 1979).
138. “O que pode acontecer no **sexo a três**” (Playboy, fevereiro de 1980).
139. “**Troca de casais**: uma noite no melhor Clube Brasileiro de *suinger*” (Playboy, abril de 1984).
140. **Sexo em grupo**: uma é bom, duas ou mais é melhor” (Playboy, novembro de 1991).
141. “Conferimos a farra dos clubes de *swing*”; “As peripécias da

²⁸⁷ O *swing*, uma das mais complexas fantasias sexuais, é, geralmente, confundida com *ménage-à-trois* ou com sexo grupal. No *swing*, casais que têm um relacionamento afetivo estável troca ocasionalmente seus parceiros. Não se sabe exatamente quando essa prática começou no Brasil. A partir do início da década de 80, começaram a surgir casas especializadas.

troca de casais nas casa swing) (Playboy, junho de 1999).

142. “Na sua webcan ou na nossa? **Suinger virtual de casais plugados**” (Playboy, janeiro de 2000).
143. “Nossa repórter entra numa sociedade secreta sadomasoquista” (Playboy, julho de 2000).
144. “Os libertinos saem do armário. O primeiro mundo exhibe suas **algemas, correntes e casais trocados**. Com muita classe é claro” (Playboy, agosto de 2002).
145. “**Troca de casais**. Nossos repórteres no encontro nacional de swingers” (Playboy, julho de 2003).

Além de o homem poder se constituir como sujeito de desejo no relacionamento a dois (homem e mulher), os discursos presentificados nas reformulações de 137 a 145 indicam que o homem no qual a revista investe pode se constituir como sujeito de desejo na relação a três: ele e duas mulheres (prática conhecida como *ménage-à-trois*); na relação real ou virtual que envolve troca de casais ou troca de parceiros (prática conhecida como *Swing*²⁸⁸); na relação em que envolve vários parceiros (sexo grupal); na relação que envolve parceiros que sentem prazer em causar dor e parceiros que sentem prazer em sentir dor, ou seja, práticas sadomasoquistas²⁸⁹.

Em *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, identificamos discursos em que o homem e a mulher podem se constituir e se reconhecer como sujeito de uma sexualidade em que é permitida a prática de *swing* ou troca de casais, a prática *ménage-à-trois*, a prática de sexo em grupo e a prática do sadomasoquismo. Ressaltamos que essas práticas problematizam a relação heterossexual e a relação monogâmica.

Vimos, nos capítulos 4, 5 e 6, que as três revistas constroem discursivamente sua identidade como segmentos de mercado dirigidos à mulher heterossexual (*Claudia* e *Nova*) e ao homem heterossexual

²⁸⁸ que inclui de voyeurismo a troca de parceiros

²⁸⁹ Práticas envolvendo preferências pelo sadismo (baseado nos escritos do Marquês de Sade que no século XVIII teria sido o primeiro libertino impregnando seus textos de vida, morte, violência, desejo, enfim de prazer em causar dor e sofrimento) e pelo masoquismo (baseado na obra de Leopold von Sacher-Masoch “Vênus em Peles”: prazer em sentir dor e sofrimento). As práticas sadomasoquistas envolvem pelo menos um sádico e um masoquista.

(*Playboy*). Mas isso não significa, como vimos, que não se possa identificar nas edições das revistas posições de sujeito que apontem para a constituição da mulher e do homem como sujeito de desejo através de práticas sexuais fora da relação heterossexual. Vejamos, ainda, o quadro 13:

(Quadro 13)

146. “Tudo o que você queria saber sobre **homossexualismo** e nunca e teve coragem de perguntar” (Nova, abril de 1975).
147. Por que os homens estão fascinados pelos **travestis**. Depoimentos bem abertos de homens que transam com eles” (Nova, novembro de 1984).
148. “Mundo da **mulher lésbica** na visão especialista de como é viver com um homem” (Nova, agosto de 1989).
149. “Quando a mulher descobre que seu marido é **bissexual**” (Nova, setembro de 1990).
150. “**Bissexualidade**. Será que somos mais versáteis do que imaginamos” (Nova, setembro de 1994).
151. “**Mulheres que gostam de homens e mulheres**” (Nova, fevereiro de 1996).
152. “Depoimentos de **mulheres bissexuais**” (Claudia, março de 2002).
153. “A onda BI. Você, a gata e ... a gata dela” (*Playboy*, agosto de 2003).

Conforme Pêcheux (1983b:55), toda descrição de um enunciado ou de uma seqüência coloca em jogo o *discurso-outro* que, enquanto espaço virtual de leitura ou presença virtual na materialidade descritível, marca, no interior desta materialidade, a insistência do *outro* como lei do espaço e de memória histórica, como o próprio princípio do *real sócio- histórico*. Nas *formulações-reformulações* de 146 a 153, podemos assinalar a posição de sujeito que indica o *discurso-outro* em que a mulher e o homem podem se constituir, também, como sujeito de desejo na relação homossexual e na relação bissexual.

Nos discursos da sexualidade materializados nas *formulações-reformulações* apresentadas no quadro 13, o sujeito de desejo aparece

dividido em: *homem heterossexual* (que busca prazer na relação com duas mulheres com ou sem bissexualismo); *homem homossexual* (que busca prazer na relação com outro homem); *homem bissexual* (que busca prazer na relação com mulheres e com homens); *mulher homossexual* (que busca prazer na relação com mulheres); *mulher bissexual* (que busca prazer na relação com homens e mulheres).

Nessa discursividade, a heterossexualidade não é a única forma de sexualidade normal. A homossexualidade e a bissexualidade não são consideradas nem perversão nem patologia que se deve compreender e tratar. São consideradas como formas de sexualidade normal²⁹⁰.

Se, através das *formulações-reformulações* de 146 a 153, podemos mostrar que *Claudia*, *Nova* e *Playboy* não ficam indiferentes ao fato de a mulher e o homem poderem se constituir como sujeitos de desejo fora da relação heterossexual, não podemos deixar de ressaltar, entretanto, que, no processo de incitação verbal ao sexo (nas três revistas em análise), o que predomina são as práticas de relacionamento heterossexual.

Na discursividade da sexualidade, as práticas de *swing* e *ménage-a-trois* e sexo grupal, como vimos, problematizam a relação monogâmica. Ao se constituírem como sujeito de desejo através dessas práticas, o homem e a mulher experimentam uma forma de “poligamia ou bigamia consentida”. Dessa forma, podemos dizer que essas *formulações-reformulações* atualizam o discurso da poligamia ou

290 Na Grécia Clássica, os termos homossexual e heterossexual eram desconhecidos. Para os gregos, como vimos no capítulo 2, todo indivíduo poderia ter preferência por rapazes e por moças, dependendo da idade e das circunstâncias. A homossexualidade era uma prática necessária dos ritos de passagem da juventude cívica. Com o cristianismo a homossexualidade foi considerada perversão e, por isso, passível de pena de morte. O termo homossexualismo foi criado em 1869 e foi incorporada ao discurso da medicina, mais precisamente, ao discurso da psiquiatria, deixando de ser considerada uma perversidade que era preciso condenar e passando a ser considerada uma doença que se devia compreender e tratar.

bigamia, que, apesar da desaprovação social e religiosa, é um fenômeno que sempre esteve presente na sociedade humana.

Salientamos, entretanto, que nos discursos da sexualidade masculina e feminina materializados nas *formulações-reformulações*, a poligamia ou bigamia nem sempre é consentida, como podemos ver no quadro 14:

(Quadro 14)

154.	"Nunca seja fiel a um homem casado" (Nova, maio de 1974).
155.	"Como saber se um homem casado deixaria a mulher por você" (Nova, abril de 1975).
156.	"O que dizer a ela quando você se atrasa por causa da outra" (Homem/Playboy, maio de 1978).
157.	"Amor com colega de trabalho. As chances, os riscos, as emoções" (Nova, novembro de 1980).
158.	"Sexo: A arte de viver entre duas camas" (Playboy, dezembro de 1983).
159.	"Por que a maioria dos maridos não deixa as esposas" (Nova, dezembro de 1989).
160.	"Até que ponto você pode ir com outros homens sem ser infiel?" (Nova, janeiro de 1990).
161.	"Casada com um, fazendo sexo com outro. O campo minado de muitos casamentos" (Nova, novembro de 1994).
162.	"Você tem um caso e foi apanhada em flagrante! Guia de sobrevivência no olho do furacão" (Nova, novembro de 1995).
163.	"Por que um caso de amor e de sexo, sem futuro, faz bem" (Nova, fevereiro de 1996).
164.	"Perigos e delícias de pular a cerca" (Playboy, agosto, 1996).
165.	"Mulheres que traem (sem culpa!) para salvar a relação" (Nova, outubro de 1996).
166.	"Histórias de infidelidade e flagrante" (Nova, junho de 1997).
167.	"Pulou a cerca? Calma. A gente tem as desculpas perfeitas" (Playboy, novembro de 2000).
168.	"Pesquisa exclusiva sobre sexo no escritório. Você já pulou a divisória?" (Playboy, fevereiro de 2003).

Nos discursos materializados nas *formulações-reformulações* de 154 a 168, a mulher na qual *Nova* investe e o homem no qual *Playboy* investe podem se constituir como sujeito de desejo em relação poligâmica ou bigâmica não-consentida. Nesse discurso, o acordo de exclusividade sexual dentro de um relacionamento monogâmico é quebrado, ou seja, a dupla moral sexual e o mito do relacionamento monogâmico por imposição cultural, religiosa ou familiar que persistem em nossa sociedade são desconstruídos.

O discurso em que a mulher pode se constituir como sujeito de desejo na relação não-monogâmica também aparece materializado em *Claudia*. Mas, nas edições de março a agosto de 2003, podemos identificar uma reconfiguração no domínio de saber que regula, no âmbito de determinada formação discursiva, o que pode ser formulável sobre as práticas através das quais a mulher-*Claudia* pode se constituir como sujeito de desejo, como podemos demonstrar no quadro 15:

(Quadro 15)

- | | |
|------|--|
| 169. | “A tentação de trair. Personal trainer, colegas de trabalho... O que a mulher comprometida está fazendo hoje para continuar fiel em um mundo cheio de atrações” (Claudia, março de 2003). |
| 170. | “Nada de problemas embaixo do travesseiro. O jeito ideal de falar de sexo com quem a gente ama sem terremoto na relação” (Claudia, abril de 2003).” |
| 171. | 50% + 50% = amor. Aposte na fórmula dos relacionamentos que dão certo: a parceria entre iguais” (Claudia, abril de 2003). |
| 172. | “As lições que o casamento me ensinou sobre o amor. Confissões emocionadas de um marido pra lá de sensível” (Claudia, junho de 2003). |
| 173. | “Não basta amar, tem que dizer “eu te amo”. Reflexões sábias de uma cronista de relacionamentos” (Claudia, julho de 2003). |
| 174. | “Amor: casais que namoram, namoram e fazem a relação mais forte” (Claudia, agosto de 2003). |

No discurso materializado na *formulação-reformulação* 169, a mulher comprometida ou casada tentada a se constituir como sujeito de desejo na relação poligâmica ou bigâmica não-consentida pode e deve optar por se manter fiel, constituindo-se como sujeito de desejo sem quebrar o contrato de exclusividade sexual no casamento.

Esse discurso na *formulação-reformulação* 169 indica reconfiguração no âmbito da formação discursiva que determina o que pode e o que não pode ser formulável sobre as práticas de si mediante as quais a mulher para a qual *Claudia* se dirige pode se constituir como sujeito de desejo entre o *sexo* e o *si*.

Nos discursos materializados nas formulações de 170 a 174, amor e sexo estão relacionados, o que implica sexo em relacionamentos

heterossexuais estáveis. Dessa forma, há uma reconstrução dos significados simbólicos investidos na construção da sexualidade da mulher na qual a revista investe. A incitação ao sexo permanece na revista, mas relacionando sexo à afetividade, ao amor e ao relacionamento estável.

O efeito de sentido dessa verdade formulável do sexo dentro dos relacionamentos estáveis é a valorização do casamento, e, conseqüentemente, de um modelo de família. *Claudia*, nesse sentido, reafirma sua identidade, seu *ethos*, e, como vimos no capítulo 4, distancia-se discursivamente de *Nova*.

Podemos dizer que os discursos materializados nas *formulações-reformulações* de 1 a 174 são sustentados por posições de sujeito que configuram o domínio de saber ou da *forma-sujeito* que, dividida nessa dispersão de posições numa heterogeneidade em relação a ela mesma, regula, no âmbito de uma formação discursiva, o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser formulável sobre as formas e as práticas de si através das quais a mulher-*Claudia*, a mulher-*Nova* e o homem-*Playboy* podem se constituir como sujeito de desejo.

Enfim, os discursos materializados nas *formulações-reformulações* de 1 a 174 são efeitos do “dispositivo da sexualidade”, ou seja, da rede heterogênea de poderes que produzem saberes sobre o sexo e atualiza a obrigação de confissão (completa) dessa verdade. Podemos dizer que, no dispositivo da sexualidade, as *estratégias de controle-dominação* mudaram para *estratégias de controle-incitação ao sexo*.

9.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Foucault (1976a), “o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar sempre dele, valorizando-o como o segredo” (p.36).

A partir das *formulações-reformulações* analisadas neste capítulo, podemos dizer que nessa prática discursiva de falar sobre o sexo, através de um vocabulário autorizado, reconstroem-se nele e a seu redor os pensamentos, as imagens, os desejos, as fantasias, o prazer e os detalhes desse prazer, e o segredo deixa de ser segredo dentro do dispositivo da sexualidade.

No jogo interdiscursivo de poder-saber em que esse dispositivo da sexualidade está inscrito, a mulher e o homem se constituem como sujeito de desejo mediante múltiplas sexualidades e essas sexualidades constituem, no sentido de Foucault (1976a) o correlato de mecanismo preciso de poder.

A partir da análise das edições das três revistas, podemos dizer que, desde a década de 70 do século XX, a mulher-*Nova* e o homem-*Playboy* podem se constituir como sujeito de desejo através de formas e práticas de si semelhantes: ambos podem viver com liberdade a própria sexualidade, governar e cuidar de si; podem se constituir como sujeito de desejo na relação monogâmica ou na relação poligâmica não-consentida que, apesar da desaprovação social e religiosa, nunca deixou de ser praticada.

A mulher-*Claudia*, por sua vez, começa a se constituir como sujeito de desejo no final da década de 80 do século XX. Nos discursos materializados nas edições da segunda metade da década de 90 do século XX até fevereiro de 2003, a mulher-*Claudia* passa a se constituir como sujeito de desejo através de formas e práticas

semelhantes às da mulher-*Nova*. Mas, nos discursos presentificados nas edições a partir de março de 2003, a mulher-*Claudia* distancia-se da mulher-*Nova*, passando a se constituir, preferencialmente, como sujeito de desejo na relação monogâmica, sem quebrar o contrato de exclusividade sexual no casamento, no relacionamento estável, onde sexo está relacionado à afetividade, ao amor.

O que se observa é que, neste sentido, as revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, assim como não criam verdades sobre as práticas de embelezamento do corpo, também não criam verdades sobre o sexo, mas contribuem para o *controle-incitação* das práticas e das variadas sexualidades e prazeres específicos através dos quais os indivíduos devem se constituir e se reconhecer como sujeito de desejo, mantendo e reproduzindo o que existe nas relações sociais.

Ao contribuírem para o controle-incitação ao sexo, as revistas colocam o sexo no circuito da mercadoria, articulando prazer na lógica do mercado, onde o corpo é investimento, a sexualidade é capital e corpo e sexo ou verdade do sexo são mercadorias.

PARTE V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

10

Pausa ...

(...) a repetição é sempre possível, a repetição com aplicação, transformação.

(Michel Foucault, Estruturalismo e pós-estruturalismo)

No início deste trabalho, afirmamos que as revistas femininas e masculinas funcionam como um campo discursivo construído por discursos heterogêneos sobre como mulheres e homens se constituem como sujeito moral na nossa sociedade, sobre os modos de ocupar de si mesmo e de revelar a verdade dos indivíduos.

Isso nos levou a problematizar e a discutir o processo de constituição e discursivização das revistas femininas *Claudia* e *Nova* e da revista masculina *Playboy* como lugares de dizer sobre as práticas de si através das quais homens e mulheres se constituem como sujeito moral; os poderes-saberes-ética de que tratam os discursos do cuidado de si e os discursos do sujeito de desejo nas três revistas.

Essa problematização nos fez retomar discussões de postulados do quadro teórico construído por Michel Foucault, no tocante à constituição do sujeito em sua relação com o saber-poder-ética, e de postulados do quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux.

Mobilizando esses quadros teóricos e pensando o discurso na opacidade da linguagem verbal, na opacidade da linguagem não-verbal, e na opacidade interdependente da linguagem verbal e não-verbal das três revistas, chegamos a algumas conclusões que aqui retomamos:

As revistas se constituem como práticas discursivas institucionais, reguladas por um complexo de formações discursivas que determinam não só o que pode e o que deve ser dito, mas também por que se diz desse modo e não de outro sobre as diversas práticas de si através das quais a mulher na qual *Claudia* investe, a mulher na qual *Nova* investe e o homem no qual *Playboy* investe se constituem como sujeitos morais.

As três revistas constituem-se seguindo diferentes critérios de existência ligada a um *ethos* que as individualiza como diferentes segmentos de mercado que organizam filiações de sentido sobre as diferentes formas e práticas de si mediante as quais mulher e homem se constituem como sujeito.

Claudia, a revista feminina de maior abrangência de assuntos (“atualidades”, moda, corpo, sexo, economia doméstica, trabalho, casa, cozinha e filhos) investe, desde o seu surgimento em 1961, na mulher-mãe, branca, entre 30 e 40 anos, consumidora da classe média.

Observamos que da década de 60 do século XX até agosto de 2003 do século XXI, ocorrem várias reconfigurações nos domínios de saber ou *formas-sujeito* que organizam os saberes das formações discursivas que determinam o que a revista, na construção discursiva de sua identidade, pode e deve dizer e o que não pode e o que não deve dizer sobre as *formas e as práticas de si* através da qual a mulher-*Claudia* se constitui como sujeito moral.

Se no início da década de 60 e 70, a mulher se constitui mediante práticas no domínio privado, a partir do final da década de 80, passa a se constituir como sujeito através de práticas de si tanto no domínio privado quanto no domínio público, ou seja, *no* e *fora do* lar, como sujeito independente financeiramente, sujeito que governa o corpo e o prazer, sujeito de desejo que busca prazer em relacionamentos estáveis e relacionamentos instáveis, aproximando-se da mulher-*Nova*. Nos

discursos materializados nas edições de março a agosto de 2003, por sua vez, há reatualização de códigos morais que reafirmam a identidade da revista, cujo eixo é a família, diferenciando-se de *Nova*.

Nova, versão brasileira da revista feminina mais vendida no mundo, investe, desde o seu surgimento em 1973, na mulher branca, entre 20 a 35 anos, consumidora da classe média que recusa a constituição tradicional de feminilidade, como casamento, maternidade e família; é independente financeiramente, livre, liberada, erotizada, conquistadora; busca prazer sexual e todo o universo ligado ao corpo e a sua sexualidade. Nessa revista, sexo, relacionamentos homem e mulher, trabalho, moda, beleza e saúde, culinária e decoração são discursivizados no eixo da sexualidade e da independência financeira.

Playboy, versão brasileira da revista masculina mais vendida no mundo, por sua vez, investe desde o seu surgimento, em 1975, no homem, maior de 18 anos, com bom poder aquisitivo para poder consumir mulheres bonitas, viagens, esportes, aventuras, carros, “beleza plástica”, gastronomia, bebida, sexo, cultura e entretenimento. Diferencia-se das revistas femininas e, principalmente, das revistas masculinas do gênero popular e do gênero pornô *hard*.

Os discursos do cuidado de si nas três revistas originam-se em uma formação discursiva cujo domínio de saber é constituído pela rede heterogênea de poderes que produzem, respectivamente, saberes sobre o cuidado do corpo feminino e do corpo masculino. A essa rede denominamos de *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo*. Nesse dispositivo tecnocientífico empresarial, a beleza é atributo tanto de feminilidade quanto de masculinidade, mas não tem, ainda, o mesmo significado social no feminino e no masculino; é construção conquistada através do governo de si que se estende ao governo do corpo diário de *si* sobre *si*; não há fronteiras entre beleza, saúde, prazer e bem estar.

Os discursos da feminilidade e da masculinidade funcionam como espetáculo para *si* e para o *outro*, nas três revistas.

Os discursos da feminilidade estão ligados ao discurso do erotismo que visa tanto ao olhar heterossexual feminino quanto ao olhar heterossexual masculino, em *Claudia* e *Nova*; e estão ligados ao olhar heterossexual masculino, em *Playboy*.

Os discursos da masculinidade, por sua vez, estão ligados ao discurso do erotismo que visa ao olhar heterossexual feminino, em *Claudia* e *Nova*, e ao olhar heterossexual masculino, em *Playboy*.

Os discursos da sexualidade materializados nas edições das revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy* são efeitos do *dispositivo da sexualidade* inscrito num jogo interdiscursivo de poder-saber em que a mulher e o homem se constituem como sujeito de desejo através de múltiplas sexualidades. Ressaltamos, entretanto, que a mulher-*Claudia* começa a se constituir como sujeito de desejo entre o sexo e o si somente no final da década de 80 do século XX, aproximando-se da mulher-*Nova*, para em seguida, começar a se diferenciar buscando prazer sexual no relacionamento estável em que sexo está associado à afetividade e ao amor.

Considerando as observações acima, reafirmamos que as revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy* não estão na origem do *dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo* nem na origem do *dispositivo da sexualidade*. Isso significa que as revistas não criam verdades sobre as práticas de embelezamento do corpo feminino e masculino e nem verdades sobre a sexualidade feminina e masculina. Ao contrário, como indústria cultural cuja lógica é a do mercado, percebem o corpo como um investimento e a triade beleza/saúde/sexualidade como capital, e, por isso, funcionam como espaços de confissão, publicização e legitimação do *controle-estimulação* das práticas de embelezamento e do *controle-incitação* das

práticas das variadas sexualidades através das quais mulheres e homens devem se constituir e se reconhecer como sujeito.

Dessa forma, podemos postular que, como lugar privilegiado de circulação de discursos produzidos na rede heterogênea de poderes em que se insere esses dispositivos, as revistas funcionam como porta-voz tanto de instâncias especializadas quanto do senso comum. O porta-voz, no sentido de Pêcheux, funciona como testemunha visível e testemunha ocular do acontecimento e

o efeito que ele exerce falando “em nome de ...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta voz se expõe ao olhar do poder²⁹¹ que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, num centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior (Pêcheux, 1982c:17) (grifo nosso)

Depois do exposto, resta-nos dizer que, neste trabalho, buscamos problematizar e correr riscos, inquietando-nos e enveredando pelo caminho da dúvida, do erro, da curiosidade. Muitas outras análises poderão ser feitas. Muitas outras questões poderão ser levantadas, outras hipóteses poderão ser construídas. O caminho fica aberto. E ... depois da pausa... pretendemos voltar e continuar. Por ora, pedimos licença e os deixamos com as palavras de Galeano:

²⁹¹ Consideramos interessante fazer uma discussão retomando o texto de Foucault (1977b): “O olho do poder”. Trataremos dessa questão em um outro trabalho.

(...) Quando o menino e o pai alcançaram aquelas alturas da areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, N. C. (1996). *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras. 200 p.
- ALTHUSSER, L. (1970). *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e M^a Laura V. de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 128 p.
- A REVISTA NO BRASIL. (2000). São Paulo: Editora Abril. 250 p.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1978). "Les formes du discours rapporté; remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés". In: **DRLAV**, 17, Paris. p. 1-81.
- _____. (1982) "Hétérogénéité montré et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". In: **DRLAV**, 26, Paris. p. 91-151.
- _____. (1990) "Heterogeneidades enunciativas". Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (19): Campinas, IEL/UNICAMP, jul/dez. p.25-40.
- _____. (1992). **Le Non-Coincidentes du Dire et Leur Représentation Méta-énonciative**. Universidade de Paris VIII.
- _____. (1998). **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Tradução de Cláudia R. C. Pfeiffer [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP. 200 p.
- BARTHES, R. (1973). "Saussure, le signe, la démocratie". In: **Le discours social**, n. 3-2.
- BASSANEZI, C. B. (1996). **Virando as Páginas, Revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher - 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 449 p.
- BAUDRILLARD, J. (1979). **De la séduction**. Paris: Galilée. 248 p.

- _____. (1976). **L' échange sybolique et la mort**. Paris: Gallimard. 347 p.
- BENVENISTE, E. (1966). "Saussure após meio século". In: **Problemas de Lingüística I**. Tradução de M^a da Glória Novak e M^a Luiza Néri. Campinas: Pontes Editores, 1988. p. 34-49.
- BOURDIEU, P. (1979). **La Distincion: critique sociale du jugement**. Paris: Editions Minuit. 670 p.
- _____. (1985). "The gênesis of the concepts of habitus and field". In: **Theories and Perspectives II** (2): 11-24.
- BRAITHWAITE, R. B. (1995). **Women's magazines. The first 300 years**. Londres: Peter Owen. 192 p.
- CASTRO, A. L. de. (1994). **Revistas femininas: aspectos históricos, produção e usos sociais**. 1994, 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- COURTINE, J. (1981). "Quelques problèmes théoriques et méthodologique en analyse du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens". In: **Langage**, 62, jun. Paris, Larousse. p. 9-127.
- _____; MARANDIN, J. N. (1981). "Quel objet pour l'analyse du discours?". In: **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille. p.19-33.
- _____. (1992) "Entre la vie et la mort". In: GIARD, L. (org.). **Michel Foucault: Lire l'oeuvre**. Grenoble: Jérôme Millon.
- DELEUZE, G. (1986a). "Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir)". In: **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.33-53.
- _____. (1986b). "Um retrato de Foucault". In: **Conversações**. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 127-147.

- _____. (1994). "Désir et plaisir". In: **Magazine Littéraire**. Paris, n. 325, oct, p. 57-65.
- DERRIDA, J. (1967). **L'écriture et la différence**. Paris: Ed. du Seuil. 435 p.
- DOSSE, F. (1991). **História do Estruturalismo, v 2: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 518 p.
- DREYFUS, H. L. e RABINOW, P. (1982). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 244 p.
- DUCROT, O. (1984). **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães [et al.]. Campinas, SP: Pontes, 1987. 222 p.
- ERIBON, D. (1994). **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 244 p.
- EVANGELISTA, W. J. (1984). "Introdução: Althusser e a Psicanálise". In: **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Graal. p.9-38.
- FOUCAULT. (1961). **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris, Gallimard. 550 p.
- _____. (1963). **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 241 p.
- _____. (1966). **Les mots et les choses**. Paris, Gallimard. 400 p.
- _____. (1967). "Nietzsche, Freud e Marx". In: **Nietzsche, Cahiers de Royaumont**, Minuit.
- _____. (1969a). **O que é um autor?** Tradução de Antonio Cascais. Lisboa: Veja Passagens. 160 p.
- _____. (1969b). **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1987. 240 p.

- _____. (1969c). "Michel Foucault explica seu último livro". In: **Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Organização de Manoel Barro de Mota; tradução de Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p.145-152.
- _____. (1971a). **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 69 p.
- _____. (1971b). "Nietzsche, a genealogia e história". Tradução de Marcelo Catan. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal. P. 15-37.
- _____. (1972a). "Sobre a justiça popular". Tradução de Ângela L. de Souza e Roberto Machado. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.39-78.
- _____. (1972b). "Os Intelectuais e o poder". Tradução de Roberto Machado. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.69-78.
- _____. (1974a). **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999. 158 p.
- _____. (1974b). "O nascimento da medicina social". Tradução de Roberto Machado. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.79-98.
- _____. (1974c). "O nascimento do hospital". Tradução de Roberto Machado. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 99-111.
- _____. (1975a). **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. P. Vassalo. Petrópolis: Editora Vozes, 1977. 277 p.
- _____. (1975b) "A casa dos loucos". In: **Microfísica do poder**. Tradução de Lígia M. P. Vassalo Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 11-128.

- _____. (1975c) “Sobre a prisão”. Tradução de Marcelo Marques Damião. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.129-143.
- _____. (1975d). “Poder-corpo”. Tradução de José Thomaz Brum Duarte e Débora Danowski. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.145-152.
- _____. (1976a). **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de M^a Thereza da C. Albuquerque [et al.]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 152 p.
- _____. (1976b). “Genealogia e poder”. Tradução de Ângela L. de Souza e Roberto Machado. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.167-177.
- _____. (1976c). “Soberania e disciplina”. Tradução M^a Thereza de Oliveira e de Roberto Machado. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.179-191.
- _____. (1976d). “Sobre a geografia”. Tradução de Roberto Machado e Ângela L. de Souza. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.153-155.
- _____. (1976e). “A política da saúde no século XVIII”. Tradução de José Thomaz Brum Duarte. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.193-207.
- _____. (1977a). “Verdade e poder”. Tradução de Lilian Holzmeister. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.1-14.
- _____. (1977b). “O olho do poder”. Tradução de Ângela L. de Souza. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.209-227.
- _____. (1977c). “Não ao sexo rei”. Tradução de Ângela L. de Souza. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.229-242.

- _____. (1977d). "Sobre a história da sexualidade". Tradução de Ângela L. de Souza. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.243-276.
- _____. (1982) "O sujeito e o poder". In: RABINOW, P; DREYFUSD, H. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-149.
- _____. (1983) "Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho". In: Rabinow, Paul; Dreyfus, Hubert. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-249.
- _____. (1984a). **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Thereza da C. de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 232 p.
- _____. (1984b). **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Tradução de Thereza da C. de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246 p.
- _____. (1984c). "Une esthétique de l'existence". In: **Dits et écrits**, v. IV. Paris: Gallimard, 1994. p. 730-735.
- _____. (1984d). "Entrevista com Michel Foucault". In: **Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organização de Manoel Barros da Mota; tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 300-312.
- _____. (1989). **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Doher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 134 p.
- _____. (1992). "Les Techniques de soi". In: **Dits et Écrits**, v. IV. Paris: Gallimard, 1994. p. 783-813.

- FREUD, Sigmund. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Ramiro da Fonseca. Rio de Janeiro: Imago, 1972. 143 p.
- GADET, F. (1989). "Le signe et le sens". In: **DRLAV**, Revue de linguistique, n. 49.
- _____; PÊCHEUX. (1981). **La langue introvable**. Paris: Maspero.
- GUILHAUMOU, J. ; MALDIDIER, D. (1986). "Effets de l'archive: l'analyse de discours du cote de l'histoire". In: **Langages**. Paris: Mardaga. p. 43-55.
- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. (1971). "La sémantique et la coupure saussurienne". **Langages** (24), p. 93- 06
- HENRY, P. (1969). "Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso" de Michel Pêcheux". Tradução de Lourenço C. Filho e Manoel Gonçalves. In: GADET, F e HAK, T (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.13-38.
- HOBSBAWN, E. (1994). **Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.
- IANNI, Octavio. (1995). **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 225 p.
- KRISTEVA, J. (1979). "Le temps des femmes". **Cahiers de Recherche en Sciences des Textes et Documents**. Paris, n. 5. p. 33-4.
- LACAN, J. (1949). "O estágio do Espelho como formador da função do eu (1949)". In: ZIZEK, Slavoy. (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. p. 97-103.
- _____. (1964) **O seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zanthar, 1995. 270 p.

- _____. (1966). **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1978. 937 p.
- _____. (1973). **Seminário VII (1959-1960): a ética da psicanálise**. Tradução de Antonio Quinet de Almeida. Rio de Janeiro Zahar, 1991. 400 p.
- _____. (1975a). **Seminário I (1953-1954): os escritos técnicos de Freud**. Tradução Bety Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 336 p.
- _____. (1975b). **Seminário II (1954-1955): o eu na teoria de Freud e na Técnica da psicanálise**. Tradução de Marie Chistine Lazniki Penot. Rio de Janeiro: Zahar.
- LANGLADE, A; LANGLADE, N. R. (1970) **Teoria general de la Gimnasia**. Buenos Aires: Editora Stadium, 1986. 526 p.
- LIPOVETSKY, Gilles. (1989). **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas**. Tradução de M^a Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 294 p.
- _____. (1997). **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Tradução de M^a Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 339 p.
- MACHADO, R. (1979). "Introdução: por uma genealogia do poder". In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal. p.7-28.
- _____. (1982). **Ciência e saber: trajetória da arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 218 p.
- MAINGUEANEAU. Dominique. (1984). **Genèses du discours**. Bruxelles: P. Mardaga. 209 p.
- _____. (1995). "Les analyses du discours en França. Presentation". In: **Langages**, Paris, Larousse. p. 5-11.
- MALDIDIER, D. (1988). "Éléments pour une histoire de l'analyse de discours em France". In: GUILHAUMOU, J. [et al.] (orgs).

- Philosophie et Langage. Discours et archive: expérimentations en analyse du discours**, Mardaga, 1994. p. 173-183.
- _____. (1990). **L' Inquietude du Discours**. Paris: Editions des Cedres.
- MARANDIN, J-M. (1979). "Problèmes d'analyse du discours essai de description du discours français sur China". In: **Langages**, 55, Paris. p. 17-88.
- MILNER, J-C. (1978). **O amor da língua**. Tradução de Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 82 p.
- MIRA, M. C. (2001). **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/ FAPESP. 217 p.
- MORAES, M. Q. de. (1980). "Aí a porca torce o rabo". In: ROSEMBERG, F.; BRUSCHINI, M. C. (Orgs.) **Vivência: história, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo: Brasiliense.
- MORIN, E. (1967). **Cultura de massas no século XX. O Espírito do tempo**. Tradução de C. N. Coutinho. Rio de Janeiro: Universitária. 166 p.
- NORMAND, C. (1990). "Le CLG: une théorie de la signification?" In: NORMAND, C. (org.) **La quadrature du sens**. Paris: Presse Universitaires de France. p.23-40.
- ORTIZ, R. (1998). **Los artífic de una cultura mundializada**. Santa fé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Fundación Social.
- PÊCHEUX, M. (1969). "Análise automática do discurso (AAD-69)". Tradução de Bethânia Mariani [et al.]. In: GADET, F e HAK, T (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.61-161
- _____. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. 317 p.

- _____. (1977). "Remontons de Foucault à Spinoza". In: MALDIDIER, D. **L'Inquietude du Discours**. Paris: Editions des Cedres, 1990. p. 181-197.
- _____. (1978). "Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação". In: (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p. 281 - 307.
- _____. (1982a). "Sur la (dé)construction des théories linguistiques". **D.R.L.A.V.** n. 27, p.1-24.
- _____. (1982b). "Ler o arquivo hoje". Tradução de M^a das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p.55-67.
- _____. (1982c) "Delimitações, Inversões, Destacamentos". Tradução de José Horta Nunes. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (19): Campinas, IEL/UNICAMP, jul/dez. p.7-24.
- _____. (1983a). "A Análise do Discurso: três épocas". Tradução de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F e HAK, T (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 311-318.
- _____. (1983b). **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990. 68 p.
- _____. (1983c). "Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso". Tradução de Eni. P. Orlandi. In: **Escritos: contextos epistemológicos da análise de discurso**, n.4, Labeurb, 1999. p. 7-16.
- _____. (1983d). "Papel da memória". Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.p. 49-57.

- _____. [et. al.]. (1981) "La frontiere absente (un bilan)". In: **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- _____.; FUCHS, C. (1975). "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas". Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F e HAK, T (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 163 - 252
- PROST, A.; VICENT, G. (Orgs.). (1992). **História da vida privada 5. Da primeira guerra aos nossos dias**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. 633 p.
- RAMOS, J. J. (1982). **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa. 348 p.
- REVEL, J. (1992). "Sur l'introduction à Binswanger" (1954). In: GIARD, L. (Org.). **Michel Foucault: Lire l'oeuvre**. Grenoble: Jérôme Millon.
- ROUILLE, A. (1988). "Nu, erotisme e pornographie". In: **La recherche photographique**, nº 5, novembro.
- SANT'ANNA, D. B. de (1995). "Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil". In: SANT'ANNA, D. B. de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação da Liberdade.p.121-139.
- _____. (2000). "As infinitas descobertas do corpo". In: PISCITELLI, A. GREGORI, F. (Orgs.). **Cadernos Pagu** (14): corporificando gênero, 2000. p.235-249.
- SAUSSURE, F. de. (1916). **Curso de Lingüística Geral**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. 392 p.
- SILVA, M^a. da C. F. (1999). **Discurso de gênero em revistas femininas: o caso CLAUDIA**. 1999, 154 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- _____. (2000). "A relação do materialismo histórico com a psicanálise e suas implicações para a AD". In: **Revista Letras**. Curitiba: Editora da UFPR, v 54, p.235-234.
- SOARES, C. L. (1994) **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados. 167 p.
- WOLSELEY, R. E. (1969). **Understanding magazines**. Ames: The Iowa Statte University Press. 458 p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA²⁹²

- ALTHUSSER, L. (1964). "Freud e Lacan". Tradução de Walter José Evangelista. In: **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.47-71.
- _____. (1974). **Eléments d'auto-critique**. Paris: Hachette. 126 p.
- _____. (1976). "Marx e Freud". Tradução de Walter José Evangelista. In: **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.75-94.
- BAILLEUX, N.; REMAURY, B. (1995). **Modes et vêtements**. Paris: Gallimard.
- BAUDRILLARD, J. (1976). **L' échange sybolique et la mort**. Paris: Gallimard. 347 p.
- _____. (1977). **Oublier Foucault**. Paris: Galilée. 99 p.
- _____. (1981). **Pour une critique de l' economie politique du signe**. Paris: Gallimard. 268 p.
- BALBIER, E. [et.al.] (orgs). (1989). **Michel Foucault filhosophe**. Paris: Editions du Seuil. 342 p.
- BLANCHOT, M. (1986). **Michel Foucault tel que je l' imagine**. Paris: Fata Morgana. 66 p.
- CASTELLANI FILHO, L. (1988). **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus. 225 p.
- COURTINE, J. (1993). "Os Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo". Tradução de Marluce Moura. In: SANT'ANNA, D. B. de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1995. p. 81-114.

²⁹² Lista da bibliografia consultada incompleta.

- EAGLETON, T. (1996). "A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental". In: ZIZEK, Slavoy. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. P. 179-226.
- ERIBON, D. (1989). **Michel Foucault, 1926-1984**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 357 p.
- HENRY, P. (1983). **A ferramenta imperfeita: língua sujeito e discurso**. Tradução de M^a Fausta Pereira de Castro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. 241 p.
- LACAN, J. (s/d). **Séminaire (1958-1959). Le désir et son interprétation. Paris XI: I.SI**
- MAINGUEANEAU, D. (1987). **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1989. 198 p.
- MILLER, J. A. (1995). "Contextos e conceitos". In: FELDSTEIN, R. et alii (orgs.). **Para Ler o Seminário 11 de Lacan**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 15-28.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de Discurso de linha francesa, 32, 46, 51, 57, 63, 91, 94, 101, 327
 análises arqueológicas, 41, 65
 analíticas da finitude, 38, 44
 Antiguidade Clássica, 82, 85
 Antiguidade Grega, 266
 anúncios publicitários, 141, 167, 176, 200, 204, 217, 224, 247, 263, 265, 269, 287
 Aparelhos ideológicos do Estado, 72, 118
aphrodisia, 87, 298
apropriação social dos discursos, 70
apropriações sociais, 66
 arqueogenealogia do sujeito, 37, 38, 88, 89
arquivo, 46, 57, 58, 236, 298, 340
ars erotica, 75
 artefatos de cultura, 23
As palavras e as coisas, 39, 42, 45, 53, 64, 73
 assujeitamento ideológico, 108
 Authier-Revuz, 120, 121, 125

B

Bachelard, 37, 39
 Baixa Idade Média, 239
 Bakhtin, 116
 beleza, 27, 28, 30, 149, 150, 152, 155, 162, 163, 170, 171, 182, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 223, 224, 231, 235, 238, 239, 240, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 253, 254, 257, 259, 261, 262, 263, 266, 267, 268, 269, 271, 329, 330, 332
 Benveniste, 48, 91, 92, 105, 132
biopoder, 80, 262, 267
 bissexualidade, 318
 Bourdieu, 94, 226, 230

Ch

chrèsis aphrodision, 82

C

Canguilhem, 37, 38, 69, 73
 carne, 75, 87, 299
 Cavaillès, 37
 cirurgia estética, 244, 249, 251, 252, 255, 258, 260, 267
 clássicos, 43, 86, 228, 298
Claudia, 29, 30, 31, 33, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 204, 207, 208, 213, 215, 221, 224, 231, 235, 236, 242, 243, 245, 248, 250, 252, 253, 255, 257, 259, 262, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 281, 282, 283, 289, 290, 296, 297, 298, 300, 301, 302, 303, 304, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 327, 328, 330
 códigos morais, 88, 179, 329
condição de possibilidade, 37, 50, 54, 70
 condições de possibilidade, 42, 45, 71, 72
 confidências, 144, 175, 203, 204, 217
 confissão, 32, 75, 78, 87, 221, 298, 299, 300, 306, 310, 311, 321, 331
 Confissões da Carne, 86
constituição do sentido, 106, 111
constituição do sujeito, 80, 84, 106, 137, 154

contradições, 60, 61, 80, 124, 147, 150, 292

Contra-Reforma, 75

controle familiar, 79

corpo, 30, 69, 72, 73, 80, 83, 84, 85, 139, 149, 152, 155, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 171, 174, 177, 178, 179, 180, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 199, 200, 201, 205, 207, 217, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 274, 280, 281, 282, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 297, 298, 299, 301, 303, 304, 305, 306, 307, 310, 311, 313, 314, 323, 328, 329, 330, 336, 342, 343

corpo e o prazer, 155

corpo feminino, 164, 238, 240, 241, 244, 250, 259, 261, 267, 268, 269, 280, 330

corpo masculino, 224, 239, 240, 247, 248, 251, 258, 260, 261, 267, 268, 269, 271, 329

corpos nus e seminus, 293

Cosmopolitan, 182, 183

Courtine, 37, 51, 101, 120, 122, 123, 140, 169, 237, 246

cristãos, 86, 298

cuidado moral, 83, 177, 178

cultura de si, 84, 85

D

Deleuze, 37, 73, 74, 75, 80, 86, 88, 119, 299

demografia, 77, 78, 87, 300

dermatologia, 244, 250, 256, 258, 260, 267

Derrida, 93, 94, 97

descontinuidade referencial, 246

descrição e interpretação, 103

desejo da apropriação da estética de si, 269

dialogismo, 117

direito de falar, 66

discursividade, 25, 78, 110, 120, 129, 133, 138, 144, 163, 167, 168, 172, 174, 176, 182, 190, 193, 194, 196, 199, 202, 211, 221, 222, 231, 272, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 312, 318

discursividade da feminilidade como espetáculo, 167, 272, 288, 289, 290, 292, 293, 294

discursividades, 26, 119, 125, 141, 143, 146, 148, 149, 169, 183, 198, 223, 224, 309

discurso, 23, 32, 37, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 75, 78, 87, 89, 91, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 140, 143, 144, 146, 158, 160, 167, 168, 171, 174, 178, 191, 194, 195, 200, 204, 215, 221, 223, 237, 239, 240, 245, 246, 247, 250, 252, 265, 266, 269, 271, 272, 274, 275, 280, 281, 283, 287, 290, 293, 295, 296, 297, 299, 301, 303, 305, 309, 316, 317, 318, 319, 320, 327, 330, 335, 338, 340, 341, 344

discurso da feminilidade como espetáculo, 281, 297

discurso da masculinidade como espetáculo, 281, 283, 295, 297

discurso da poligamia ou bigamia, 318

discurso do erotismo, 32, 191, 272, 274, 275, 280, 281, 287, 290, 295, 296, 297, 330

discursos da sexualidade, 33, 179, 190, 298, 304, 311, 314, 315, 317, 318, 330

discursos da sexualidade masculina, 313

discursos do cuidado de si, 31, 33, 236, 242, 248, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 266, 267, 268, 269, 297, 327, 329

discursos sobre a mulher, 144, 160, 169, 181
 discursos sobre sexo, 75, 77, 78, 165
 dispersão material, 70
dispositivo da sexualidade, 86, 299, 321
dispositivo de controle-estimulação do embelezamento do corpo, 32, 267, 329
 dispositivos do poder disciplinar, 73
 domínio de saber, 45, 155, 157, 158, 160, 178, 179, 230, 247, 248, 252, 259, 260, 267, 301, 319, 321, 329
 domínio de si, 83, 84, 85, 87, 238
 domínio dos outros, 87, 238
 domínios semióticos, 131, 132, 133, 134, 272
doutrina, 70
 Dubois, 94, 95, 96
 Ducrot, 48

E

educação física, 238, 241, 242, 245, 247, 250, 251, 256, 258, 260, 267
 efeito-sentido, 111, 113
 ensaios fotográficos de homens nus, 287
enunciado, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 63, 95, 105, 106, 117, 122, 123, 126, 128, 236, 317
episteme, 39, 43, 45, 64, 102
 epistemologia, 37, 39, 59, 94
 Era Cristã, 239
 espaços discursivos "logicamente estáveis", 126
 esquecimento nº 1, 109, 111
 esquecimento nº 2, 109
 estética da existência, 80, 81, 82, 83, 85, 137
 estética de existência, 85
 estética e cosmetologia, 244, 250, 252, 256, 258, 260, 267
 estratégias de controle-dominação, 321
 estratégias de controle-incitação ao sexo, 321

estrutura e acontecimento, 129
 estruturalismo, 91, 92, 95, 327, 335, 337
ethos, 31, 83, 137, 138, 180, 181, 187, 205, 207, 210, 211, 215, 230, 231, 275, 288, 296, 305, 321, 328
 ética, 31, 32, 38, 39, 40, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 172, 173, 178, 179, 215, 269, 299, 327, 337
 exame médico, 79
 existência material, 51, 123
exterioridade, 55, 93, 101, 103, 132

F

fidelidade no casamento, 85, 173, 179
 filosofia analítica de Oxford, 92
 filosofia *antropológica*, 44
 filosofia transcendental, 44
fio do discurso, 120
formação discursiva, 46, 52, 53, 54, 56, 58, 60, 62, 63, 104, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 122, 123, 132, 140, 143, 147, 158, 167, 168, 230, 243, 246, 247, 248, 256, 259, 260, 267, 301, 319, 320, 321, 329
 formação ideológica, 104, 111, 115
 formações discursivas, 31, 54, 59, 63, 64, 74, 103, 104, 108, 112, 115, 123, 138, 167, 177, 179, 181, 207, 237, 246, 252, 328
 formações ideológicas, 104, 108, 111, 119
 formações imaginárias, 101
 formações não-discursivas, 74
 formas de subjetivação, 82, 296
 forma-sujeito, 106, 110, 112, 113, 114, 119, 122, 321
 formulações lingüísticas, 41, 142, 144, 148, 149, 150, 155, 158, 161, 163, 170, 171, 173, 183, 187, 211, 212, 213, 217, 218, 219, 224, 282, 283
 Foucault, 23, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57,

58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65,
67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74,
75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82,
83, 84, 86, 87, 88, 89, 93, 94,
97, 103, 104, 112, 117, 118,
119, 122, 123, 129, 132, 133,
137, 140, 169, 190, 221, 235,
236, 237, 247, 259, 260, 261,
267, 270, 297, 298, 299, 300,
321, 322, 327, 331, 334, 335,
337, 339, 340, 341, 343
Freud, 93, 106, 107, 109, 137, 294,
335, 338, 339, 343
Fuchs, 105, 109, 110, 237
função de existência, 49, 50, 52,
122

G

genealogia do poder, 71, 339
gênero pornô *hard*, 208, 209, 231,
292, 329
gêneros textuais, 133, 138, 141,
154, 207, 217, 219, 222
gerativismo chomskiano, 92
governabilidade, 81
governo de si, 81, 191, 262, 268,
269, 330
Gramática Filosófica ou Geral, 43
Grécia Antiga, 238, 240, 244, 268
Grécia Clássica, 83, 84, 85, 86, 87,
237, 318
grupos doutrinários, 66
guias, 82, 174, 202, 217
Guilhamou, 236, 298

H

Harris, 95, 96, 102
Hegel, 44
heterogeneidade, 91, 115, 117, 120,
121, 122, 124, 125, 167, 246,
249, 256, 321
heterogeneidade discursiva, 121
heterogeneidades, 61
heterossexualidade, 318
histerização do corpo da mulher, 77
história, 23, 37, 38, 39, 42, 56, 57,
60, 61, 62, 63, 66, 72, 73, 75,
86, 91, 93, 94, 97, 99, 100, 103,
106, 120, 130, 137, 175, 189,

228, 229, 235, 238, 241, 270,
297, 307, 335, 337, 340, 341,
342, 343
História da sexualidade I, 39, 66,
71, 74, 80, 81, 336
História da sexualidade II, 39, 81,
82, 86, 337
História da sexualidade III, 39, 81,
84, 86, 337
história das idéias, 60, 61, 62, 63,
93
História Natural, 43
historicidade, 37, 43, 64, 101, 160,
169, 181, 205, 207, 231, 235
Hobsbawm, 210
Homem, 33, 195, 207, 208, 211,
212, 213, 214, 222, 223, 227,
231, 247, 251, 283, 311, 319
homens seminus e nus, 283
homogeneidades, 61
homossexualidade, 150, 318
homossexualismo, 85, 317, 318

I

Idade Clássica, 39, 40, 41, 42, 43,
92, 240
idade da representação, 43
Idade Média, 67, 69, 75, 239, 241,
244
ideologia, 59, 60, 74, 94, 96, 101,
102, 105, 106, 107, 108, 109,
112, 114, 116, 119, 131, 147,
271, 338, 343
ilusão da transparência, 109
ilusões de transparência ou
evidência do sentido, 106
imprensa feminina, 30, 138
inconsciente, 94, 106, 108, 109,
110, 119, 120, 130
independência financeira, 150, 158,
160, 183, 187, 204, 329
indústria cultural, 28, 190, 330
interdição, 66, 75, 76
interdiscursividade, 63, 115
interdiscurso, 46, 63, 112, 113, 114,
120, 123, 129, 237, 246, 249,
251, 256
interpelação, 106, 107, 108, 112,
114, 118, 121
intradiscurso, 120

investigação psiquiátrica, 79

J

Jakobson, 101, 105, 128

jogo interdiscursivo, 244, 247, 252, 295, 303, 314, 315, 322, 330

jogo intersemiótico, 140, 154, 183, 266

jornalismo de serviço, 176, 204

K

Kant, 44

L

Lacan, 94, 97, 107, 108, 114, 118, 119, 121, 124, 128, 137, 335, 343, 344

langue/parole, 92

língua, 47, 48, 53, 54, 76, 92, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 108, 110, 111, 116, 117, 120, 121, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 133, 134, 236, 271, 339, 344

linguagem, 27, 33, 42, 43, 48, 49, 69, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 103, 104, 108, 111, 116, 117, 121, 127, 128, 134, 230, 235, 263, 292, 327

linguagem verbal, 134, 264, 327

lingüística, 56, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 109, 111, 112, 116, 117, 120, 150, 160, 167, 193, 264, 295

Lingüística, 91, 92, 93, 98, 111, 118, 120, 334, 342

lingüística da enunciação, 91, 92, 116

lingüística textual, 92

Lipovetsky, 162, 191

literatura de auto-ajuda, 174, 200, 202

logicismo, 116

M

Maingueneau, 91, 132, 134, 140

Maldidier, 91, 94, 95, 96, 97, 101, 103, 116, 120, 236, 237, 298

maquinaria-discursivo-estrutural, 102, 103

Marx, 40, 73, 93, 94, 230, 335, 343

marxismo, 38, 73, 94, 101, 117, 118, 120, 343

Marxismo, 116, 118

massoterapia, 250, 256, 260, 267

materialidade lingüística, 131

materialidade pictórica, 131, 152, 183, 272, 296

materialidades discursivas, 120, 127, 128, 130, 131, 133, 134, 167, 272, 290

materialidades não-verbais, 131, 140

materialidades simbólicas, 33, 273

medicina, 25, 41, 42, 69, 72, 73, 77, 79, 83, 87, 164, 237, 244, 300, 318, 336

memória histórica, 129, 131, 169, 236, 317

microfísica do poder, 74

micropoderes, 259, 260, 267

mídia, 23, 211, 230, 269, 300

Mira, 29, 148, 182, 188, 204, 282, 292

moda de vestuário, 152, 162, 163, 192, 194, 224, 226, 274, 281

Modernidade, 39, 41, 42, 43, 44, 73, 87, 146, 162, 230, 299

modo de subjetivação, 82

modos de existência, 207, 300

modos de subjetivação, 38, 93

modos de sujeição, 270, 271, 300

modos de vida, 30

moral cristã, 82, 239, 299

moral grega, 82

moral sexual, 149, 165, 167, 173, 187, 190, 198, 204, 209, 210, 215, 222, 226, 274, 275, 282, 283, 303, 305, 319

mulher esposa-mãe, 177

N

Nascimento da clínica, 41

Nova, 29, 30, 31, 33, 138, 149, 153, 166, 171, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188,

189, 190, 191, 192, 193, 194,
195, 196, 197, 198, 199, 200,
201, 202, 203, 204, 205, 207,
208, 213, 215, 221, 222, 224,
231, 235, 236, 242, 243, 246,
248, 249, 250, 251, 252, 254,
255, 257, 259, 262, 263, 265,
266, 267, 268, 269, 270, 271,
272, 273, 274, 275, 276, 277,
278, 279, 280, 281, 283, 284,
285, 286, 287, 288, 289, 290,
296, 297, 298, 300, 301, 305,
306, 307, 309, 310, 313, 314,
315, 316, 317, 318, 319, 321,
322, 327, 328, 329, 330
nutrologia, 244, 250, 255, 260,
267

O

o *outro* e o *mesmo*, 137, 142
o sexo e o *si*, 154, 179, 300, 305,
320, 330
obrigação da confissão, 79
olhar heterossexual feminino, 32,
297, 330
olhar heterossexual masculino, 32,
297, 330
olhar-leitor, 129, 131, 272
ontológica estética, 256, 260, 267

P

panopticom, 74
Panopticon, 73
panoptismo, 74
paráfrase, 109, 111, 237
pastoral cristã, 87, 299
Pêcheux, 32, 46, 57, 93, 94, 95, 96,
97, 98, 99, 100, 101, 102, 104,
105, 106, 107, 108, 109, 110,
111, 112, 113, 114, 115, 116,
117, 118, 119, 120, 121, 122,
124, 125, 126, 127, 128, 129,
130, 131, 132, 133, 169, 236,
237, 246, 317, 327, 331, 338,
340, 341
pedagogização do corpo da criança,
77, 299

Playboy, 28, 29, 30, 31, 33, 138,
180, 181, 184, 196, 207, 208,
209, 210, 211, 212, 213, 214,
215, 216, 217, 218, 219, 220,
221, 222, 223, 224, 225, 226,
227, 228, 229, 230, 231, 235,
236, 242, 247, 248, 251, 252,
257, 259, 262, 267, 268, 269,
270, 271, 283, 289, 290, 291,
292, 293, 294, 295, 296, 297,
298, 300, 301, 310, 311, 312,
315, 316, 317, 318, 319, 321,
322, 327, 328, 329, 330
poderes, 31, 32, 41, 65, 67, 70, 73,
75, 77, 79, 168, 190, 236, 259,
260, 267, 280, 298, 321, 327,
329, 331
poderes-saberes-ética, 31, 298, 327
pornografia, 28, 208, 210, 211, 292,
293
porta-voz, 331
posição de sujeito, 51, 122, 139,
142, 147, 155, 157, 158, 255
posições de sujeito, 122, 168, 169,
207, 246, 249, 260, 301
possibilidades de vida, 300
prática confessional, 87
prática discursiva, 46, 56, 57, 58,
60, 61, 62, 132, 133, 143, 177,
204, 207, 217, 219, 221, 231,
236, 321
prática do ritual da palavra, 70
práticas de assujeitamento, 88
práticas de embelezamento do
corpo, 269, 322, 330
práticas de *si*, 31, 80, 81, 82, 86,
87, 138, 155, 177, 178, 179,
180, 181, 207, 235, 298, 299,
301, 320, 321, 322, 327, 328
práticas e das variadas sexualidades
e prazeres específicos, 323
práticas sexuais, 305, 309, 312, 317
prazer sexual, 150, 152, 178, 187,
205, 300, 301, 303, 304, 305,
309, 313, 315, 329, 330
prazer visual, 288, 293
prazer voyerista, 281, 283, 290
prazeres sexuais, 81, 306, 309
pré-construído, 108, 112, 113
princípio da disciplina, 66, 69
princípio do autor, 68

princípio do comentário, 66, 68
 processo de incitação verbal ao
 sexo, 311, 318
 processos de subjetivação, 300
 produção, 38, 39, 43, 46, 65, 69, 70,
 73, 75, 78, 100, 101, 102, 103,
 105, 108, 144, 221, 237, 241,
 242, 260, 312, 334
 proliferação de diferentes discursos,
 77
 psicanálise, 66, 77, 87, 91, 94, 120,
 300, 338, 339, 342
 Psicanálise, 93, 118, 121, 335, 337
 psicologia, 77, 87, 96, 117, 130,
 300
psiquiatrização do prazer
"perverso", 77, 299

R

real da língua, 124, 130, 133
 rede de formulações, 123, 157, 158,
 164, 166, 188, 190, 272, 276,
 303
referencial, 49, 122, 237, 246, 247,
 252
 relação bissexual, 317
 relação entre sexo e a procura da
 verdade, 86
 relação heterossexual, 316, 317, 318
 relação monogâmica, 316, 318, 322
 relação poligâmica não-consentida,
 322
 relação poligâmica ou bigâmica
 não-consentida, 319, 320
 relacionamentos estáveis, 179, 321,
 328
relações de poder, 72
 relações de saber e poder, 74
 relatório pedagógico, 79
 relatos pessoais, 175
 Renascença, 41, 42, 240
 Renascimento, 41, 240, 266, 268
 repetição, 48, 63, 68, 120, 123, 164,
 169, 246, 255, 269, 327
 representação erótico-pornográfica,
 219, 289, 293
 resistência, 74, 81, 118, 119, 238,
 259
 resistências, 80

revista feminina, 30, 137, 138, 147,
 180, 182, 205, 328, 329
 revistas brasileiras, 23, 24
 revistas femininas, 23, 25, 27, 29,
 30, 31, 137, 147, 207, 215, 224,
 231, 242, 289, 300, 327, 329,
 333, 342
 revistas masculinas, 27, 29, 196,
 207, 231, 292, 329
 revolução feminina, 189, 305, 307
 revolução sexual, 28, 169, 301
rituais da palavra, 66
 ritual da circunstância, 66
 Rouillé, 292

S

saberes, 31, 32, 37, 39, 41, 42, 43,
 45, 58, 59, 70, 72, 73, 74, 75,
 77, 79, 119, 152, 168, 179, 236,
 259, 260, 267, 298, 309, 312,
 321, 327, 328, 329
 Saussure, 92, 93, 98, 99, 101, 118,
 124, 333, 334
scientia sexualis, 75, 221
 segmento de mercado, 29, 31, 137,
 138, 139, 180, 181, 205, 215,
 231
segregação da loucura, 66, 67
 semiótica imanentista, 92
sexo e si, 81
 sexologia, 77, 87, 300
 sexualidade, 27, 30, 32, 39, 40, 66,
 71, 72, 74, 75, 77, 78, 80, 81,
 82, 84, 86, 87, 149, 150, 152,
 162, 165, 166, 174, 178, 183,
 187, 188, 190, 191, 194, 198,
 200, 204, 205, 219, 221, 260,
 276, 288, 292, 293, 298, 299,
 300, 301, 302, 303, 304, 305,
 306, 309, 310, 311, 312, 313,
 314, 316, 318, 320, 321, 322,
 323, 329, 330, 336, 337, 340
 sexualidade feminina, 166, 311, 330
 sexualidades periféricas, 79
 Silva, 23, 25, 107, 108, 114, 119,
 141, 142, 144, 149, 150, 167,
 269
 sistemas simbólicos, 86
 Soares, 241

socialização das condutas de procriação, 77, 299
 sociedade capitalista, 242
 sociedade de consumo, 30, 138, 231
sociedades de discursos, 70
sociedades do discurso, 66
 sociolinguística laboviana, 92
 sociologia, 77, 87, 300
sociologismo, 116, 117
 subjetividade, 55, 80, 81, 95, 96, 99, 105, 109, 119
 sufrágio às mulheres, 169
sujeito, 23, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 46, 50, 51, 54, 55, 58, 71, 74, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 130, 137, 138, 143, 147, 149, 150, 152, 154, 155, 157, 158, 160, 162, 165, 167, 168, 171, 173, 177, 178, 179, 181, 187, 190, 198, 207, 221, 222, 223, 226, 230, 235, 237, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 267, 268, 269, 282, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 305, 306, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 327, 328, 330, 331, 337, 343
sujeito de desejo, 31, 32, 85, 86, 154, 173, 178, 179, 187, 294, 298, 300, 301, 303, 306, 309, 311, 312, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 327, 328, 330
sujeito de si, 243
sujeito do discurso, 101, 110, 114
sujeito falante, 55, 99, 112
sujeito idealista, 93
sujeito moral, 23, 30, 31, 82, 83, 84, 86, 137, 138, 155, 179, 181, 207, 235, 299, 327, 328
sujeito psicológico, 117
sujeito transcendental ou antropológico, 50

T

tabu do objeto, 66
 técnicas de si, 81, 243, 247, 252, 299
 tecnologia de si, 270
 tecnologias de si, 81
 teorias da enunciação, 105
 tese althusseriana, 106
 tese lacaniana, 108
 trajeto temático, 236, 298

U

universos discursivos estabilizados, 124
 universos dos campos discursivos estabilizados logicamente, 130
 universos dos campos discursivos não estabilizados logicamente, 130

V

verdade sobre o sexo, 171, 179, 298, 306, 309
 vida, 29, 37, 43, 75, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 126, 139, 140, 150, 156, 158, 159, 160, 162, 164, 166, 168, 169, 171, 174, 175, 178, 182, 183, 188, 189, 190, 200, 201, 202, 203, 210, 211, 215, 217, 221, 224, 226, 227, 237, 251, 253, 262, 299, 302, 303, 304, 307, 312, 313, 316, 341
Vigiar e Punir, 71, 72, 73, 74, 235, 334
 vontade de saber, 39, 66, 67, 72, 74, 76, 81, 118, 221, 297, 336
vontade de verdade, 67, 68

W

Wolseley, 210